

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 7 DE ABRIL DE 1974 N.º 18421 — ANO 54.º — PREÇO 2550



ESPÍRITO DE CIDADE



FAZ hoje cinquenta e três anos que o «Diário de Lisboa» nasceu nesta cidade de Lisboa em que continua a ser feito, mas a que já não pode chamar a sua cidade, por ter ultrapassado, desde há muito, os estreitos limites naturais de um jornal local.

Não pode dizer-se que este aniversário tenha lugar numa época fácil para a Imprensa. Antes pelo contrário: todos sabem que a subida vertiginosa do custo de vida e a escassez de matérias-primas estão a afectar cada

vez mais a vida dos jornais, dificultando e onerando a informação, tal como sabem que ainda não foram removidos todos os obstáculos que se opõem à livre difusão tanto da notícia como da sua interpretação.

Nem uma nem outra das circunstâncias citadas, porém, tira inteiramente o carácter festivo ao aniversário que o «Diário de Lisboa» hoje celebra. Com cinquenta e três anos de vida, com este jornal orgulhar-se de continuar a cumprir a missão que lhe foi atribuída pelos seus fundado-

res e de manter vivo o **espírito de cidade** que presidiu à sua fundação.

Mais interessado nos problemas da colectividade do que nos problemas de cada um, mais interessado em ver o todo do que o particular, mais empenhado em difundir pontos de vista do interesse geral do que em tornar-se eco de interesses particulares, nunca o «Diário de Lisboa» se deixou dominar por questões pessoais, e nunca o «Diário de Lisboa» difundiu, ou contribuiu, para a difusão do espírito de intriga tacanho e mes-

quinho que caracteriza tantos sectores da vida portuguesa.

Este desejo de ultrapassar as fronteiras da mesquinhez a que se deu o nome de **espírito de cidade** é, talvez, o que melhor caracteriza a actuação do «Diário de Lisboa» ao longo dos anos e, certamente, a sua maior contribuição para a vida portuguesa.

Desejo, dissemos, porque é possível que nem sempre se tenha conseguido manter a linha imposta e que tenha havido uma ou outra falha

Continua na pág. 11

Duas fotografias do «Diário de Lisboa» tema de redacções dos alunos da Escola Luís António Vernay

Duas fotografias publicadas no nosso jornal, no número especial de Natal, foram utilizadas como tema inspirador de composições escritas por alunos de uma turma do segundo ano da Escola Preparatória de Luís António Verney.

Ocupavam a capa e a contracapa do nosso suplemento de Natal. Na primeira fotografia, quase uma composição de bilhete postal, uma rapariga luxuosamente vestida, bem «maquillada», olhos cerrados e mãos-postas a fingir unção, rezava ou simulava rezar frente a um presépio.

Na outra, uma mulher, uma mãe etíope, coberta de andrajos, o rosto lacerado pela doença e pela fome. Um filho seminimorto de fome ao colo. Com o indicador a servir de colher, a mãe metia-lhe na boca umas papas. Ao fundo, outras crianças esfomeadas, vítimas também da seca que esteriliza grande parte da África. Contraste agressivo, provocatório.

A nossa mensagem foi entendida pelos alunos da Escola Preparatória de Luís António Verney. O contraste entre as duas imagens despertou a sua imaginação e a sua sensibilidade para as injustiças e contradições do mundo contemporâneo. Mais eficazmente do que um longo discurso. As suas composições escritas evidenciam, também, a influência da imprensa, da rádio e da televisão na formação intelectual e na definição dos valores morais das crianças e dos adolescentes. Admi-

raquerapazeseraparigas de doze, treze anos, se comovam e indignem com a miséria em que vivem os povos do Terceiro Mundo, se interessem pelas causas da poluição, verberem a indiferença dos ricos, conheçam os projectos de valorização económica da bacia do Amazonas, tudo assuntos que não fazem parte dos programas escolares. Permanecerá esta curiosidade pelo mundo, esta solidariedade com os deserdados? Ou irá fornecendo à medida que avancem na carreira escolar e que se vão tornando homens e mulheres? Talvez assim não aconteça. Muitos dos prédios vizinhos da Escola Preparatória de Luís António Verney foram construídos pelo Município para realojar famílias que habitavam em bairros da lata. São raras as famílias que alcançam a mediania, raríssimas as que vivem com desafio.

A importância da Imprensa no ensino

A iniciativa de utilizar fotografias do nosso jornal como tema para as composições escritas de alunos do segundo ano da Escola Preparatória de Luís António Verney partiu do professor estagiário sr. padre Artur Monteiro do Couto. A professora metódica sra. dr. Margarida Areias logo deu o seu acordo, por considerar útil e necessário despertar nos alunos o interesse pela leitura dos jornais e pelos noticiários da rádio e da televisão.

Logo que vi as fotografias no vosso jornal, apercebi-me da razão da sua publicação no número de Natal. E um dia em que os homens estão mais dispostos a pensar nos problemas uns dos outros. Resolvi comprar dez exemplares para fazer uma experiência na aula, para verificar o que os alunos eram capazes de fazer, em trabalho escrito, a partir delas.

Como foi orientado o trabalho?

Formámos seis grupos de trabalho, dois com cinco alunos, os restantes com quatro. Foi distribuído um exemplar do «Diário de Lisboa» a cada grupo. Pediu-se aos membros de cada grupo que observassem com muita atenção as duas fotografias e que dissessem os que elas lhes sugeriam. Cada grupo tinha um relator, que registou as opiniões de todos os colegas. Posteriormente, as composições escritas foram comentadas com a participação activa de toda a turma. Os textos que lhe forneci são os textos redigidos pelos alunos. Corrigi apenas alguns erros ortográficos e alguns sinais de pontuação.

Que conclusões retirou desta experiência?

Parece-me que resultou plenamente. Embora tenham apenas doze anos, os alunos aprenderam inteiramente a mensagem que o «Diário de Lisboa» pretendia transmitir, demonstraram estar a par de alguns dos principais problemas do mundo contemporâneo. E ainda interessante sublinhar as

diferenças entre as composições escritas dos grupos de rapazes e dos grupos de raparigas. Aos doze anos, as concepções das raparigas, a sua interpretação do mundo, já assentam predominantemente na sensibilidade, enquanto os rapazes têm uma atitude mais intelectual, mais virada para a transformação do mundo.

Trabalho de grupo

Quando estivemos na turma J do segundo ano da Escola Preparatória de Luís António Verney, os alunos, distribuídos em grupos, estavam a concluir uma composição escrita. Assistimos, depois, à representação de uma das redacções. O relator caracterizou os personagens, situou a acção. Três personagens: o avô, o neto e o seu cão. O avô, rabujento e colérico, mais próximo da realidade do que é hábito nas histórias para crianças, expulsa o cão de casa, apesar das súplicas do neto. Mas, no final, tudo acaba bem, o avô acaba por consentir no regresso do cão.

O trabalho em grupo, diz-nos o sr. padre Artur Monteiro do Couto, é de grande valor formativo, tanto no aspecto humano como na aquisição de novos conhecimentos relacionados com a matéria que se está a tratar. A criança vai-se socializando progressivamente, vai-se habituando a exprimir a sua opinião, a aceitar a dos colegas, em ordem à realização de um trabalho comum. Este tipo de trabalho vai preparando os

O sr. dr. Artur Monteiro do Couto e alguns dos alunos que fizeram composições escritas a partir de fotografias publicadas no nosso jornal

rapazes e as raparigas para a vida que os espera quando forem homens, para a colaboração com os elementos do grupo social em que virão a inserir-se. Ao nível da aprendizagem escolar, poderemos fazer uma ideia da sua utilidade lendo as conclusões dos grupos que procuraram descobrir a mensagem contida nas fotografias publicadas no «Diário de Lisboa».

Uma escola diferente

A Escola Preparatória de Luís António Verney é frequentada por mil e quinhentos alunos, distribuídos por cerca de sessenta turmas. Funciona de manhã, à tarde e à noite. Além dos dois anos do ciclo preparatório, também há turmas-piloto dos dois novos anos do tronco comum do ensino secundário.

E alberga ainda, à noite, um desdobramento de outro estabelecimento escolar.

«E uma escola idêntica a quase todas as outras escolas preparatórias», diz-nos o seu director, o sr. dr. Oscar de Carvalho. Não é verdade. Raras serão em todo o país as escolas em que se procure tão afinadamente despertar a sensibilidade e a inteligência dos alunos, em que se apliquem com igual discernimento os modernos métodos pedagógicos, em que as instalações estejam tão bem cuidadas, em que o azeite seja tão evidente.

O que logo chama a atenção quando se entra na Escola de Luís António Verney é a limpeza, a atmosfera de ordem, a decoração garrida, a contraste com a precoce degradação das fachadas de muitos

Continua na pag. 11



Espírito de cidade

Continuação da pag. 1

ao longo do caminho. A ter havido falhas desta natureza, porém, elas foram ocasionais e involuntárias, porque a fidelidade deste jornal ao espírito de cidade que se orgulha de ter por seu é essa, sim, voluntária e consciente. Tão voluntária e consciente que aproveita esta data em que celebra cinquenta e três anos de idade para se reafirmar fiel ao espírito de cidade claramente definido por Joaquim Manso no artigo que escreveu para apresentar o «Diário de Lisboa» ao público no dia do seu nascimento:

O «Diário de Lisboa», portanto, será um jornal moderado para todos os que na pressa de avançar para o porvir tomam como estrela os vagos fulgores de uma utopia. A muitos, porém, parecerá revolucionário, porque, no seu afã de sacrificar todos os interesses mes-

quinhos às supremas ambições da nacionalidade, algumas vezes, para falar a pura verdade, terá de ser violento, duro mesmo.

A nossa situação actual, cheia de perigos e dificuldades, tantos problemas a estudar e tantas ameaças a remover, demanda uma política de realizações capaz de nos desafogar da atmosfera espessa de cuidados em que vivemos...

...As esperanças desfazem-se, os apetites exasperam-se, as paixões vomitam ódio, as crenças definham. Sempre ao povo se deve a verdade. Não o enganem, não o alucinem, não o explorem.

Decorreram cinquenta e três anos desde que estas palavras de Joaquim Manso vieram publicadas na primeira página do «Diário de Lisboa» e não se vê que haja razões para as alterar ou, sequer, para as rever.

Alimentação Racional um impulso novo na sua vida



Dar ao organismo o que ele precisa, respeitar exactamente as suas necessidades específicas, em quantidade e qualidade; adaptar a satisfação dessas necessidades às exigências da vida moderna, promovendo o acordo entre os alimentos e as verdades que a ciência da nutrição nos fornece, dia a dia, isso constitui, em toda a sua extensão, a prática da alimentação racional.

Através do Gabinete de Estudos de Nutrição facultam-se o estudo, planificação e organização de Esquemas Alimentares, adaptados ao seu caso particular, quer para profilaxia, quer para normalização dos seus problemas de saúde.

GABINETE DE ESTUDOS DE NUTRIÇÃO
AVENIDA DA REPÚBLICA, 46 R/C - TELEFONE 76 7141 - LISBOA 1

prédios próximos, com a sujidade e o desalinho das ruas e dos terrenos vizinhos. Apesar da imensidão da sua população escolar, de funcionar em três turnos, da crescente dificuldade do recrutamento de continuos, de jardineiros e de pessoal de limpeza — quem é que aceita salários de 2500\$00? — não se vê um papel, uma ponta de cigarro no chão, são raríssimos os riscos nas paredes, os relvados e os canteiros de flores estão cuidados com esmero.

Os alunos colaboram activamente na manutenção do asseio e na decoração da escola. No jardim fronteiriço à entrada, estão a erguer uma escultura, construída com pedaço de carroçaria e peças de automóveis. Grande parte das paredes exteriores estão cobertas de pinturas murais dos próprios alunos. Motivos do bairro, como a vida do porto ou as instalações da Sacor, florestas com borboletas gigantes, composições não figurativas, cenas de rua, flores, muitas flores, patos, galinhas, ovelhas, todo o mundo dos animais domésticos. As pinturas murais têm uma dupla função. Embelezam a escola e evitam os riscos e as inscrições nas paredes, já que os próprios alunos são os primeiros a defender a preservação do seu trabalho. No átrio, nos corredores, nas salas de aula, desenhos, pinturas, baixos-relevos marioneteiros e robóticos, metais martelados, tudo salido das mãos dos próprios alunos. No átrio, painéis, um por cada turma, onde são expostos permanentemente, os seus trabalhos escritos e os seus trabalhos manuais.

Alguns problemas do ensino

O sr. dr. Oscar de Carvalho acompanhou-nos numa visita à escola. Licenciado em Biológicas pela Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, antigo internacional de basquetebol, camisolão de gola alta, fala-nos do seu trabalho com um entusiasmo e uma convicção raras neste país. Mas também não esconde, talvez por isso mesmo, os problemas com que se debate. Falamos da dificuldade de recrutamento dos continuos e da dificuldade de recrutamento dos professores, por os salários serem muito baixos.

Modernizaram-se as instalações, actualizaram-se os programas, renovaram-se os livros escolares, adoptaram-se novos métodos pedagógicos, mas não se melhorou, ou melhorou-se muito insuficientemente, a qualidade dos corpos docentes. Os baixos salários pagos aos professores, a degradação da imagem do professor, reflectem-se na escolha dos cursos universitários, na preferência por direito, económicas ou engenharia, agravam a insuficiência do número de professores em face da crescente multidão dos alunos.

O sr. dr. Oscar de Carvalho refere também, a inadaptabilidade dos edifícios escolares às necessidades do ensino. Construídos por arquitectos e engenheiros que não conhecem os problemas de funcionamento dos estabelecimentos escolares, sem qualquer participação dos professores, dos pedagogos, têm de sofrer sucessivas adaptações, muitas vezes através de obras clandestinas. É uma crítica que se poderá generalizar a quase toda a actividade do Ministério das Obras Públicas, desde os edifícios escolares às obras de irrigação. Os primeiros interessados, aqueles que as vão utilizar, nunca são ouvidos.

Fala-nos, também, do progressivo empobrecimento do vocabulário das crianças e dos jovens. Será uma consequência do empobrecimento da vida familiar e da vida social, resulta-

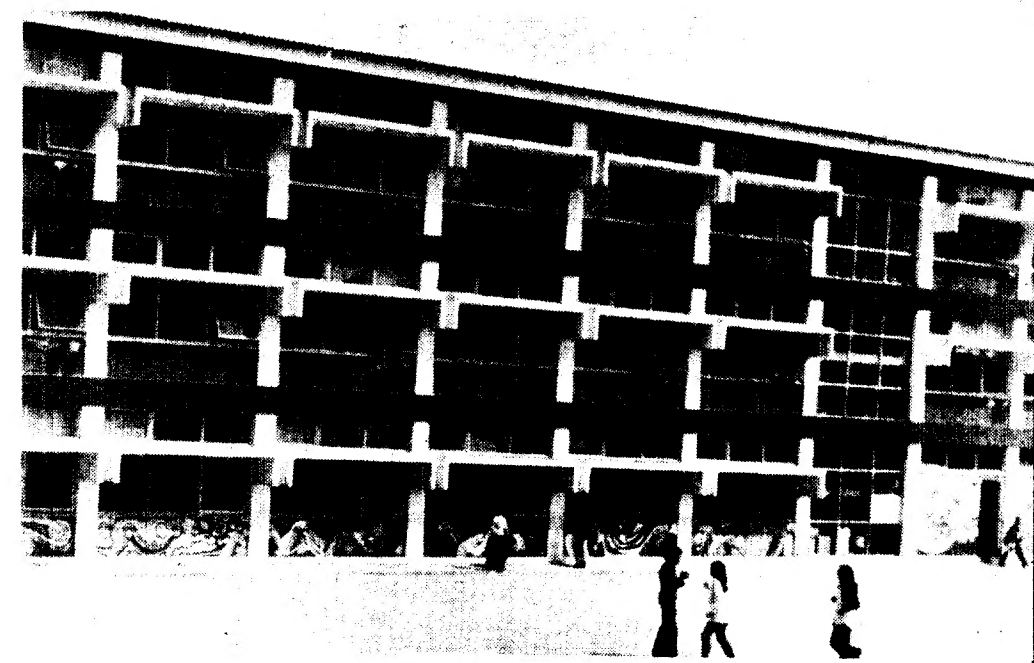
rá da redução do hábito de ler, do crescente tempo dedicado pelas gerações mais novas à rádio e à televisão. Tudo agravado, no caso da Escola de Luís António Verney, pelo baixo nível cultural da maioria das famílias dos alunos. O sr. dr. Oscar de Carvalho afirmou-nos que o enriquecimento do vocabulário, o desenvolvimento da capacidade de expressão oral, é uma das preocupações dominantes do ensino ministrado naquele estabelecimento escolar.

Ensino para a participação

Num dos extremos do parque da escola, talhões cultivados pelos próprios alunos. Cada talhão tem uma tabuleta com a indicação do ano e da turma. Os alunos acompanham todo o ciclo vegetativo das plantas, completam com a prática os ensinamentos aprendidos nos manuais escolares. Mais adiante, capoeiras com galinhas, patos e coelhos, algumas cobais, carneiros pastando em liberdade, são utilizados no ensino, levados frequentemente para as salas de aula. Passamos pela creche para os filhos dos professores e dos

empregados da escola. Foi construída por iniciativa dos próprios professores, à sua custa, sem qualquer ajuda exterior. Muito recentemente, passou a beneficiar de um subsídio da Obra Social do Ministério da Educação Nacional. Torneamos um campo de basquetebol. Alguns alunos treinam. O sr. dr. Oscar de Carvalho não resiste à tentação, pega na bola, marca dois pontos, recorda-nos o tempo em que foi internacional de basquetebol. O desporto, os exercícios físicos, ocupam lugar revelante na actividade escolar. Há três finápios bem apetrechados, um deles construído graças a uma das muitas adaptações que encontramos em toda a escola. Visitamos a sala da cantina, luminosa, asseada, acolhedora, onde são servidos almoços, a preço reduzido a grande número de alunos dos turnos da manhã e da tarde. Entramos em salas de aula, verificamos a constante preocupação de incentivar a participação dos alunos, o trabalho de grupo, de estimular o diálogo, o hábito de tomar em consideração as opiniões dos outros, de promover a integração social.

Tanto bastará dizer para se



Uma perspectiva da Escola Luís António Verney

compreender que a utilização de duas fotografias do nosso jornal como tema inspirador de composições escritas não é iniciativa isolada, divorciada do contexto geral do ensino minis-

trado na Escola Preparatória de Luís António Verney. Antes se integra na preocupação de despertar o interesse dos alunos pelo mundo contemporâneo, de promover uma atitude

de crítica, de preparar a sua participação activa na resolução dos problemas da sociedade portuguesa.

VEIGA PEREIRA

TEXTOS DAS COMPOSIÇÕES ESCRITAS INSPIRADAS NO «DIÁRIO DE LISBOA»

Primeiro grupo:

Vamos falar de duas fotografias que estão representando dois Natais muito diferentes.

A primeira fotografia representa um Natal rico em relação à última.

A primeira figura mostra-nos uma rapariga que pode estar pensando num outro Natal muito diferente do seu. Estas duas fotografias podem ter alguma coisa em comum: um desastroso Natal em muitas pessoas ricas e pobres.

Por um lado, o Natal rico pode não ser o verdadeiro Natal, porque todos os dias em que nos sentimos felizes é Natal.

Este povo da Etiópia, em relação aos povos ocidentais, quase nunca tem Natal; só quando arranjam uma pequena migalha de pão é que para eles é um grande Natal.

Conclusão: Nem sempre o dia 25 de Dezembro é o verdadeiro Natal para todos os povos.

Componentes do grupo: Fernando, José Vitor, Carlos Manuel, Manuel Augusto

SEGUNDO GRUPO:

Segundo as duas figuras que nos foram apresentadas, podemos tirar as seguintes conclusões:

Ambas representam o Natal mas muito diferente um do outro. Numa delas, um Natal rico, cheio de amor, paz e alegria. A outra cheia de miséria, guerra, fome, etc.

Ao vermos estas figuras até nos surge uma pergunta:

— Será que a fome se prolonga por muito tempo? Decerto que enquanto houver guerras, ódio, ambição e inveja, haverá sempre desordem e esta implica que haja fome.

Pensamos que as figuras foram postas no Diário de Lisboa para que todas as pessoas, ao verem, pudessem comparar dois tipos de Natal e que isso lhes ficasse no pensamento a fim de contribuírem para melhorar — a situação dos pobres, que são nossos irmãos.

Participantes deste grupo: Helena Vasconcelos, Maria Salomé, Aldina Dias, Olívia Martins, Ana Maria Santos

Terceiro grupo:

«Interpretação de duas fotografias publicadas no Diário de Lisboa.»

Sugestão das fotografias: o Natal dos ricos e o Natal dos Pobres.

Os ricos podiam ajudar os

pobres dando-lhes roupas, ou dinheiro para poderem comprar agasalhos, alimentos e até casas para habitar. Assim, quando chegasse a quadra do Natal, talvez todos tivessem um Natal equilibrado.

Reparando nas duas figuras, que o «Diário de Lisboa» nos mostra, podemos ver: na da direita, uma rapariga celebrando o Natal, muito bem vestida e com todas as comodidades, enquanto na da esquerda vemos uma pobre mulher a dar papas com o dedo ao filho, que as come sofregamente. Pela figura se vê que há pobreza, pois tanto a mãe como o filho e as outras crianças, que estão atrás, são muito magras.

Conclusão: Em certos lugares do mundo, há pessoas que passam um Natal, luxuosamente, recebendo prendas de alto valor. Os pobres passam um Natal pedindo esmola e vagueando pelas ruas.

Participaram neste grupo: António Agostinho (Alex), António Manuel Matias Dias, Maria Cristina Macedo Alves e Maria Helena Barata.

Quarto grupo

REDACÇÃO

O Natal de famílias ricas:

Bem vestida, bem penteada e com um lindo presépio, sem que nada lhe falte. Enfim, tudo o que é preciso para um Natal feliz e com harmonia. Como é bom o Natal para as famílias ricas! O que lhes falta para um Natal completamente feliz é pensar nos pobres.

O Natal de famílias pobres:

O menino, magro, triste, mal vestido, sentado ao colo da mãe, come pelo dedo desta, que está tão triste como ele, pensativa e mal vestida. Que Natal! Sem alegria, com fome, talvez pensando como seria bom se nada lhes faltasse.

Conclusão: Para que todos tivessem Natal era preciso que os homens não se odiassem e não houvesse guerra. Então haveria paz e todos teriam um Natal feliz, sem fome e cheio de felicidade.

Tomaram parte neste grupo: Ana Paula da Silva Tavares, Ana Maria César Martins, Maria João Manuel Campos, Maria João Fernandes.

Quinto grupo:

O jornal que nos foi distribuído mostra-nos duas imagens que representam diferentes formas de passar o Natal. Uma delas sugere-nos fome e miséria. As pessoas não passam o Natal com harmonia,

mas sim tristes e abandonadas. Estes povos quando têm alguma coisa pra comer é um dia de festa.

A outra imagem representa uma jovem que celebra o Natal sem dificuldades e com todas as comodidades que lhe permitem passar um Natal feliz, com amor e harmonia.

Conclusão: Para que os pobres passem um Natal tão feliz como os ricos é preciso que os ricos contribuam para a felicidade dos pobres.

Colaboraram neste trabalho: Maria do Pilar, Margarida, Lurdes e Preciosa.

Sexto Grupo:

O que as fotografias do «Diário de Lisboa» nos sugeriram:

Nos nossos dias a fome é cada vez mais frequente. E no Oriente que a fome afecta mais as populações. Muitos milhões de pessoas têm morrido devido à fome.

Há pessoas que passam o Natal nas mais confortáveis condições enquanto outras passam fome.

A Cruz Vermelha de todos os países manda cobertores, comida, roupa e brinquedos para os mais novos. Aviãos e aviões partem carregados.

A Guerra do Vietname obriga as pessoas a fugirem e a deixarem tudo. As vezes até deixam bebés e essas crianças inocentes morrem.

Esses povos do Oriente que têm fome, vão ter dificuldade em alimentar-se porque se-

meiam, mas não têm água para regar as colheitas e, não tendo água, estas secam. Isto vem tudo do homem, por ter destruído grandes florestas, pouco a pouco parecem querer tornar o Mundo num deserto. Mas nem sempre a destruição das árvores significa mal para os homens. Por exemplo, no Brasil estão a destruir muitos quilómetros de florestas para construir uma auto-estrada na Amazônia. Esta auto-estrada vai trazer muito progresso ao Brasil.

Deste grupo fazem parte: João Manuel Alves Simões, José Eduardo Brás Paiva - (chefe), José Joaquim Lopes Pereira, Victor Manuel Rodrigues Pinto, Jorge Quater Dias da Costa Ferreira.

As mulheres dizem que ele cultiva o "charme"



Com desenvoltura e presença - é bem o tipo de homem que olha de frente - valoriza os melhores ambientes. É nítido o cuidado que põe no tratamento do seu cabelo. Naturalmente, as mulheres dizem que cultiva o «charme». Certo, é que, ele afirma-se tão catagórico ao gostar de Tchaikowsky como na escolha da loção capilar. Prefere Pantene vitaminado.

Em dois tamanhos, Pantene elimina a caspa, fortalece os cabelos e impede a sua queda. E há sempre um Pantene exacto para o seu tipo de cabelo.

MAIOR EMBALAGEM MAIOR ECONOMIA

PANTENE agora é mais PANTENE

O filme que não deve ser visto

EM CADA SESSÃO DE «O EXORCISTA» SEIS HOMENS DESMAIAM E SEIS MULHERES VOMITAM

Ao fim de uma longa meia hora ainda estavam umas trinta pessoas, à minha frente. Foi nessa altura que fiquei surpreendido quando vi um rapaz trazer chávenas em que ia servindo café a quantos esperavam, naquele velho cinema de Toronto, a sua vez de comprar bilhetes para ver «O Exorcista». Dias antes, num voo entre St. Louis e Filadélfia, a hospedeira de bordo suspendeu o trabalho para discutir o livro que um passageiro lia apaixonadamente. Perguntei discretamente do que se tratava e a hospedeira respondeu:

Não leu ainda «O Exorcista»? Nem viu o filme que faz desmaiar a América?

Compreendi, então, que estava perante mais um desses fenómenos americanos muito correntes nos dias de hoje e muito típicos de uma imparável sociedade de consumo na qual os êxitos se contam pelo número de pessoas que os discutem. Dias depois, li alguma coisa sobre esse filme e programei a minha viagem de modo a ver essa manifestação de horrores que tanto apaixonava a opinião pública americana. Só quando cheguei a Toronto tive oportunidade de me dispor a esperar mais de uma hora numa bicha ao longo do passeio sob um frio correspondente a três graus abaixo de zero (e por isso, o proprietário do cinema decidira humanamente dar café quente a quem esperava o momento de chegar à bilheteira) no intuito de comprar uma entrada. Não era muito agradável o que me esperava e não fosse a excitação de saber que podia arranjar material para um artigo e eu não teria ido ver o filme. Não tenho, efectivamente, o menor interesse pelos filmes ou espectáculos que arrastam multidões, pela simples razão de que as multidões não me inspiram confiança. Nunca me esqueci de ter lido uma vez que, na véspera da entrada de Fidel Castro em Cuba, os mesmos 100 000 cubanos que o aclamaram até ao delírio, haviam aplaudido Fulgêncio Baptista numa praça da cidade. Sei bem como as multidões são comandadas e como se deixam impressionar facilmente. Mas em relação ao «Exorcista», o que me interessava era

recolher elementos para escrever uma reportagem, pois o facto é que havia bichas contínuas à porta dos cinemas, em Nova York como em Filadélfia e em dezenas de outras cidades da União e o que é facto também, é que o livro constituía um «best-seller» e que a Imprensa lhe dedicava longos artigos sem esquecer o circumspecto «New York Times»

Enquanto esperava a minha vez de adquirir o bilhete e via os torontianos a beber café para assim resistirem melhor ao frio, lembrava-me do que ia ver e chegava a interrogar-me se teria coragem para assistir à projecção completa do filme.

Eu havia verificado que cada noite, como num ritual, entre as notícias do Watergate e a informação sobre as peregrinações do sr. Kissinger, as cadeias americanas de Televisão davam as últimas notícias do «Exorcista». Assimagens mostravam os espectadores a deixar a sala em correria, uma mão colocada sobre a boca, enquanto os empregados do cinema davam a outros, apressadamente, saís a cheirar para evitarem o seu desmaio. Um jornal dizia: «o filme não é muito bom mas representa um fenómeno social que inquieta toda a América». A verdade é que havia na altura vinte e quatro salas de cinema projectando o filme ininterruptamente, das dez horas da manhã à noite e que havia pessoas que estavam oito horas nas bichas para conseguirem um bilhete e que já funcionava o «mercado negro» onde se vendiam bilhetes a cinquenta dólares. Havia respostas como esta: «espere um mês ou dois se quer comprar um bilhete sem ter que esperar numa bicha». Numa semana, o filme havia rendido à Warner Bros 1 871 649 dólares, o que significava o maior sucesso financeiro da sua história (o filme custara 14 milhões de dólares ou seja o dobro do seu orçamento inicial). Os «records» de «E tudo o Vento Levou» e de «O Padrinho» estavam a um passo de ser pulverizados.

A história é banal

Quando me sentei no «fauteuil» não evitei um nó na gar-

ganta. Era como se estivesse para ser sujeito a uma tortura. Ocorreu-me o desejo de sair e de passear através das longas avenidas de Toronto mas decidi bater-me pela ideia de uma reportagem. A sala estava cheia quando as luzes se apagaram. Eu havia entretanto adquirido num aeroporto o livro de William Peter Blatty que deu origem ao filme. Lá estavam, na capa, essas mensagens violentas que fazem vender «best-sellers». A Nightmare of Demonic Possession. See the movie — it's the most shocking thing that will ever happen to you! — que queria dizer principalmente: «Veja o filme — é a coisa mais chocante que jamais lhe aconteceu!»

O livro que eu não tivera tempo de ler completamente contava uma história banal: uma actriz convence-se de que o Diabo entra no corpo de sua filha de 12 anos. O que o filme apresenta são as cenas horripilantes dos momentos em que o Diabo toma posse da pobre criança. Tudo começa por uma noite quando a criança se queixa de ter ouvido ruídos no tecto como se fossem ratos. A mãe tenta tranquilizá-la. Mas, depois, as imagens sucedem-se em catadupas, aparecem pa-

Por NUNO ROCHA

trizes e de purulências, precisamente por influência do maldito Diabo que lhe havia entrado no corpo. Retive um frémito de náusea, deitei a mão à frente para limpar gotas de suor, mas decidi manter-me no meu lugar.

Em plena loucura

O mais grave estava para acontecer. Mas eu decido recorrer neste momento ao livro para transcrever um dos mais estúpidos e patéticos momentos dessa fita de horror que faz desmaiar a América e a aturde, num coro de discussões. O livro diz assim:

«Sexta-feira, 29 de Abril. Enquanto Chris esperava no corredor do lado de fora do quarto, o dr. Klein e um famoso neuropsiquiatra examinavam Regan.

Os médicos observaram-na durante uma hora. Saltava. Rodopiava. Puxava os cabelos. De vez em quando, fazia caretas e tapava as orelhas com



Lijda Blair a protagonista, com sua mãe, no Connecticut

to, quando os médicos se aproximaram da cama, Regan pareceu sentir a presença deles e voltou-se rapidamente; quando o neuropsiquiatra tentou segurá-la, começou a gritar, numa fúria malévola. Mordeu-lhe. Lutou com ele. Manteve-o à distância. E foi só no momento em que chamaram Karl para os ajudar que os médicos conseguiram mantê-la suficientemente quieta para que Klein pudesse dar-lhe a injeção.

Como a dose fosse inadequada, injectaram-lhe mais cinquenta miligramas e esperaram.

Regan começou a mostrar-se tratável. Em seguida, ficou sonolenta. Depois, olhou para os médicos com um espanto repentino.

— Onde está a mamã? Eu quero a minha mãezinha! — disse ela a chorar.

A um aceno do psiquiatra, Klein saiu do quarto para ir à procura de Chris.

— A tua mãe não demora um minuto, querida — disse o psiquiatra, sentando-se na cama e afagando a cabeça de Regan.

— Vamos, vamos, querida, não tenhas medo, eu sou médico.

— Quero a minha mãezinha!

— Oh, Mãezinha, ele magoou-me — fungou Regan. — Faz com que deixe de me magoar! Por favor!

Chris ficou intrigada durante uns momentos e em seguida fitou os médicos com uma súplica no olhar.

— Ela tomou uma grande dose de tranquilizante — disse o psiquiatra em voz muito baixa.

— Que significa?

— Veremos — disse ele, interrompendo-a. Depois, voltou-se para Regan. — Podes dizer-me o que sentes, querida?

— Eu não sei, voltou ela.

— Não sei porque é que ele me faz isto. — As lágrimas rolavam-lhe dos olhos. — Dantes foi sempre meu amigo!

— Quem?

— O Capitão Howdy! Agora é como se fosse outra pessoa dentro de mim, que me obriga a fazer coisas!

— O Capitão Howdy?

— Não sei!

— E uma pessoa?

Ela respondeu afirmativamente com um aceno.

— Quem?

— Não sei!

Bem, não importa; vamos experimentar uma coisa, Regan. E um jogo. — Procurou na algibeira um berloque brilhante preso a uma corrente prateada. — Já viste filmes em que alguém tenha sido hipnotizado?

— Já.

— Bom, sou um hipnotizador. Sou sim! Isto é, no caso de consentirem, posso hipnotizar pessoas. Creio que se te hipnotizar, Regan, isso ajudará a curar-te. Sim, essa pessoa que está dentro de ti vem logo cá para fora. Gostarias de ser hipnotizada? Vê, a tua mãe está aqui, mesmo ao pé de ti.

Regan fitou Chris interrogativamente.

— Vá, querida, faz isso — insistiu Chris. — Experimenta.

Regan voltou-se para o psiquiatra e fez um aceno com a cabeça.

— Está bem — disse ela, baixo. — Mas só durante um bocadinho.

O psiquiatra sorriu e olhou de repente para trás ao ouvir um barulho de loiça a partir-se. Um vaso frágil tinha caído do alto de uma cómoda onde o dr. Klein descansava agora o braço. O médico fixou o braço e, em seguida, com ar intrigado, os cacos dispersos no chão. Depois, baixou-se para os apanhar.

— Não faz ma, doutor, a Willie apanha-os — declarou Chris.

— Pode fazer-me o favor de fechar as persianas, Sam? — disse o psiquiatra. — E de correr os cortinados?

Quando o quarto ficou imerso na obscuridade o psiquiatra pegou na corrente com as pontas dos dedos e começou a balouçar o berloque para trás e para a frente, com um movimento leve. Fez incidir a luz de uma lapiseira luminosa sobre o objecto, e iniciou o ritual hipnótico.

— Agora olha para isto, Regan, continua a olhar e depressa sentirás as pálpebras pesarem cada vez mais...

Num curto espaço de tempo a pequena estava em transe.

— E extremamente sugestivo — murmurou o psiquiatra.



A pequena actriz tal como aparece no filme «quando está possuída pelo diabo»

dres envolvidos na história e os inevitáveis psiquiatras. O que entretanto poderia ser um filme científico, descrevendo o tratamento de uma psicose grave, transformou-se, devido à imaginação doentia do realizador, num espectáculo deprimente e grotesco. Não me admirei quando a meu lado um homem de meia idade se levantou de um salto e nos atropelou para sair do seu lugar: o rosto de Regan, a pequena de catorze anos que, na vida real, se chama Linda Blair, apareceu no «écran», em grande plano, coberto de sangue, de cic-

as mãos, como se não quisesse ouvir um ruído repentino e ensurdecedor. Proferia obscenidades. Gritava com dores. Depois, por fim, atirou-se para cima da cama, de cara para baixo, encolhendo as pernas sob o estômago. Soltava queixumes incoerentes.

O psiquiatra fez um sinal a Klein para se afastar da cama.

— Vamos dar-lhe um tranquilizante — segredou ele. — Talvez eu consiga falar com ela.

Klein assentiu e preparou uma injeção de cinquenta miligramas de Thorazine. No entan-

ha! — tornou Regan.

— Ela vem já. Tens dores, querida?

Ela fez um gesto afirmativo com as lágrimas a correrem-lhe pela cara abaixo.

— Onde?

— Em toda a parte! — disse Regan a soluçar. — Sinto-me toda dorida!

— Oh, minha filha! — Mãezinha!

Chris correu para a cama e abraçou-a. Depois beijando-a, acalmou-a. A própria Chris começou então a chorar. — Oh, Rags, tu voltaste! És realmente tu!

tra. Em seguida dirigiu-se à pequena. — Sentes-te bem, Regan?

— Sim — respondeu ela com voz suave e sussurrante.

— Que idade tens, Regan?

— Doze anos.

— Tens alguém dentro de ti?

— As vezes.

— Quando?

— Uma vez por outra.

— E uma pessoa?

— Sim.

— Quem é.

— Não sei.

— E o Capitão Howdy?

— Não sei.

— E um homem?

— Não sei.

— Mas está dentro de ti?

— Sim, às vezes.

— Agora?

— Não sei.

— Se eu lhe pedir para falar comigo tu deixa-lo responder?

— Não!

— Porquê?

— Tenho medo!

— D quê?

— Não sei.

— Se ele falar comigo, Regan, penso que se irá embora. Queres que vá?

— Sim.

— Então permite que ele fale. Sim?

— Uma pausa.

— Sim — respondeu Regan.

— Agora falo com a pessoa na que está dentro de Regan — disse o psiquiatra com firmeza.

— Se está aí, também está hipnotizado e deve responder a

todas as minhas perguntas. — O psiquiatra deteve-se para permitir a entrada da sugestão na corrente sanguínea. Depois repetiu: «Se está aí também está hipnotizado e deve responder a todas as minhas perguntas. Agora, apareça e responda: — está aí?»

Silêncio. Sucedeu então uma coisa curiosa: o hálito de Regan tornou-se de repente nauseabundo, espesso, como um fluxo. O psiquiatra cheirava-o a meio metro de distância. A luz da lapiseira luminosa incidia sobre a cara de Regan.

Chris sufocou um grito. As feições estavam contorcidas numa máscara maléfica: os lábios esticavam-se em direcções opostas, a língua tumefacta pendia-lhe da boca, como a de um lobo.

— Oh, meu Deus! — exclamou Chris com um suspiro.

— Você é a pessoa que está dentro de Regan? — perguntou o psiquiatra.

— Sim.

— Quem é você?

— Nauonmai — respondeu ela numa voz gutural.

— E esse o seu nome?

— Regan assentiu com a cabeça.

— E um homem?

— Diga — voltou ela.

— Respondeu?

— Diga — tornou a pequena.

— Se é «sim» responda com a cabeça.

— Ela inclinou a cabeça num gesto afirmativo.



Uma bicha de espectadores num dos cinemas dos Estados Unidos

— Está a falar numa língua estrangeira?

— Diga.

— De onde vem?

— Cão.

— Afirma que vem de um cão?

— Cãomorfomoção — respondeu Regan.

O psiquiatra reflectiu durante um momento, depois tentou outro caminho.

— Quando lhe fizer perguntas responderá mexendo a cabeça: um aceno para «sim» e uma sacudidela para «não». Compreende?

— Regan acenou.

— As suas respostas tinham sentido? Perguntou ele.

— Sim.

— Você é alguém que a Regan tenha conhecido?

— Não.

— De quem ela tenha ouvido falar?

— Não.

— Você é alguém que ela inventou?

— Não.

— Você é real?

— Sim.

— Faz parte de Regan?

— Não.

— Já alguma vez fez parte de Regan?

— Não.

— Gosta dela?

— Não.

— Tem-lhe aversão?

— Sim.

— Odeia-a?

— Sim.

— Por causa de alguma coisa que ela fez?

— Sim.

— Responsabiliza-a pelo divórcio dos pais?

— Não.

— E alguma coisa que tenha que ver com os pais?

— Não.

— Com uma pessoa amiga?

— Não.

— Mas odeia-a.

— Sim.

— Está a castigar a Regan?

— Sim.

— Deseja fazer-lhe mal?

— Sim.

— Matá-la?

— Sim.

— Se ela morrer, você morrerá também?

— Não.

A resposta pareceu inquietá-lo; baixou os olhos e ficou a pensar. Ao mudar de posição, as molas da cama gemeam. No silêncio asfixiante, a respiração de Regan sibila, como se saísse de um fole carcomido e pútrido. Aqui, E, no entanto, distante. Sinistramente lonaíngua.

O psiquiatra levantou novamente os olhos para aquela cara, horrivelmente contorcida. O seu olhar agudo brilhava, com as suposições.

— Há alguma coisa que ela possa fazer que o obrigue a deixá-la?

— Sim.

— Pode dizer-me o que é?

— Sim.

— Vai dizer-me?

— Não.

— Mas...

Abruptamente, o psiquiatra gritou com a surpresa provocada pela dor súbita; compreendeu com uma arripiante incredulidade que Regan lhe estava a apertar o sexo com uma mão, que o prendia como uma garra de ferro. De olhos esbugalhados, esforçou-se por se libertar, mas não conseguiu. — Sam! Sam! Acuda-me — exclamou numa voz aflita.

Confusão.

Chris levantou a vista e deu um salto, para ir acender a luz. Klein aproximou-se a correr.

Regan, com a cabeça virada para trás, cacarejou diabolicamente, depois uivou como um lobo.

Várias pessoas abandonam a sala

Neste momento do filme a sala estava sob o peso de alguma coisa de terrível. Por mais indiferentes que as pessoas quisessem estar sentiam-se tendentes a uma forte credibilidade e dir-se-ia que o Diabo campeava entre todos nós. A transpiração inundava-nos as fontes e eu sentia que estava prestes o momento em que ia retirar-me como já haviam feito dezenas de pessoas. Lembra-me de ter visto em Bruxelas «O Último Tango em Paris». Desta vez não tinha apenas náusea mas receava ser tomado pelo pavor e de não poder controlar-me. O mesmo sucedia com os espectadores que resistiam. Eram realmente dolorosas as cenas em que a criança aparecia tomada pelo Diabo. Às vezes fazia gestos obscenos perante os padres que iam vê-la, chamados pela mãe que exibiu um sofrimento atroz; outras, cuspiu bilis que caía de chofre sobre o «écran» como se nos dessem na face; e quando estava no leito em transe e gelada os seus gritos «ajudem-me!» (help me) apareciam no «écran» desenhados a letras enormes.

Outras vezes mostrava uma língua de serpente, outras voltava a sua cabeça num ângulo de 90 graus e os seus olhos apareciam horrivelmente fosforescentes. Era demais: os espectadores, em pânico, fugiam pelos corredores como se de uma câmara mortal, muitos deles avassalados por vômitos irremovíveis.

Psiquiatras preocupados

Esta situação não surpreende e o caso foi entretanto explicado através de um artigo publicado no «American Medical News» no qual se esclarecia que dois psiquiatras da Universidade de Georgetown em Washington, estavam preocupados com os efeitos da película sobre as pessoas sugestionáveis. Naquele artigo diz-se que o conceito de «o mundo contra mim» ou «o destino está contra mim» ou ainda pior, «será que tenho o Diabo no corpo» é bastante comum o que leva as pessoas a pensar que os seus problemas mentais derivam de problemas sobrenaturais.

Vale a pena produzir este filme?

A última parte do filme, os seus últimos minutos, são verdadeiramente terríveis. Não se

blicado no «American Medical News» no qual se esclarecia que dois psiquiatras da Universidade de Georgetown em Washington, estavam preocupados com os efeitos da película sobre as pessoas sugestionáveis. Naquele artigo diz-se que o conceito de «o mundo contra mim» ou «o destino está contra mim» ou ainda pior, «será que tenho o Diabo no corpo» é bastante comum o que leva as pessoas a pensar que os seus problemas mentais derivam de problemas sobrenaturais.

«Mas isso pode elevar-se a uma perigosa obsessão entre os doentes mentais», afirmam os psiquiatras de Georgetown.

A publicação semanal cita Foy, que declara: «De repente parece uma ironia o facto de que a profissão lutou durante 400 anos para convencer as pessoas de que a hipótese do Diabo é somente fantasia».

«A crescente epidemia de casos de «possessos» encerra as suas explicações lógicas nos desarranjos mentais, fenómenos de histeria, estados mentais dissociados, e puras psicoses. Freud e Jung onde estão vocês, quando são realmente precisos?»

O «News» afirma que a onda de publicidade na altura da primeira exibição de «O Exorcista» foi recebida na Universidade com um certo prazer.

«Mas quando viram o filme, este deixou de ser o suave «suspense» que tinham previsto».

O jornal acrescenta que o problema levantado por «O Exorcista», regressou a Georgetown quando apareceu no Hospital Psiquiátrico da Universidade um homem que afirmava estar possesso do demónio.

«O dr. Steibach relatou o caso de um jovem que já não dormia há duas semanas, depois de ter visto o filme. E acrescentou que tem encontrado casos, nos hospitais de Washington, de pessoas que se queixam de profunda ansiedade», informa o jornal.

«O Exorcista» — prossegue — é bastante chocante, sem dúvida o mais chocante filme de todos os tempos. Um inquérito revelou que em cada sessão seis homens desmaiaram e seis mulheres vomitaram».

Finaliza a crónica dizendo que, segundo os psiquiatras de Georgetown, as pessoas desmaiadas jovens, sugestionáveis ou delicadas não devem de maneira nenhuma ver o filme.

Continua na pág. VI

#1 BESTSELLER
A NIGHTMARE NOVEL OF
DEMONIC POSSESSION
THE EXORCIST
WILLIAM PETER BLATTY

See the movie—it's
the most shocking thing that
will ever happen to you!

sabe como é possível resistir a tanto desafio à nossa capacidade de assistir ao horror e ao sofrimento, mesmo vistos através do cinema. Regan está no leito. A seu lado um médico e um padre. O médico pergunta:

— Padre, que diabo se está a passar ali dentro?
— O jesuíta desviou o rosto.
— Não posso dizer — exclamou baixinho.
— Muito bem.
— Que se passa?

A atitude do especialista era sombria.

— Ela tem de suspender aquela actividade... dormir... adormecer antes da tensão baixar...

— Bill, há alguma coisa que eu possa fazer?

O especialista olhou de frente para Karras (o padre) e disse:

— Rezar.
Deu as boas noites e saiu. Karras seguiu-o com o olhar, com todas as artérias e nervos a pedirem repouso, a pedirem esperança, a pedirem milagres, embora ele soubesse que nada podia acontecer.

— Não lhe devias ter dado

o librium!

Regressou ao quarto e abriu a porta, empurrando-a com a mão, tão pesada como a sua própria alma.

Merrin, o exorcista, vigiava à cabeceira da cama, enquanto Regan relinchava como um cavalo.

Nesta altura já o número de espectadores estaria reduzido a metade. Quando o padre Karras entrou no quarto Regan olhou-o interrogativamente. Karras abanou a cabeça. Merrin fez um sinal de assentimento. Havia tristeza no seu rosto; depois aceitação; e, ao voltar-se para Regan havia uma determinação austera.

Merrin ajoelhou-se ao lado da cama.

— Pai nosso... — começou ele.

Regan salpicou-o de bilis negra em seguida grasnou:

— «Hás-de perder! Ela vai morrer! Vai morrer!

Karras pegou no seu exemplar do ritual. Abriu-o. Levantou os olhos e olhou para Regan.

— Salva a tua serva — rezava Merrin.

— Na face do inimigo...

Havia um tormento desesperado no coração de Karras. Adormece! Adormece! Rugia a sua vontade em frenesim.

O filme subia de angústia.

O médico via a tensão da criança. Karras torturava-se. Oh! Meu Deus, não a deixes morrer! Deixai-a dormir! Deixai-a dormir! Regan gritava. E eu interrogava-me, se valia a pena ter-se produzido um tal filme. Quando saí do cinema, não muito longe de um desejo de gritar contra qualquer coisa e de abominar a sociedade de consumo, tive de pedir que não se usasse mais o cinema para uma tal manifestação de horror sem sentido, feita apenas com o intuito de vender muitos bilhetes e de fazer circular milhões de dólares. Lembrei-me de Nicole, suave figura romena, actriz protagonista de um lindo e saudável documentário sobre Maramures e recordei as suas palavras:

— O mundo do cinema? Não me interessa. Não quero ser vedeta. Desejo colaborar apenas em filmes de arte.

Enquanto caminhava, ao longo da maior avenida de Toronto, já sob o manto da noite,

colado às vitrinas regurgitando de luzes, pensava se devia escrever esta reportagem. Se ao escrevê-la, não iria também contribuir para a alienação da sociedade em que vivo e eventualmente chamar a atenção para um filme que não recomendo, que não é mais do que uma miserável especulação levada a cabo por gente sedenta de dinheiro e que considera os indivíduos como joguetes sem vontade — afinal como eu, que também esperei longamente numa bicha para comprar um bilhete que me permitisse entrar no cinema. Reflecti e pensei que o meu papel na sociedade é o de a informar e não de esconder seja o que for. É preciso que os homens raciocinem por si próprios e estejam aptos a decidir sobre o que lhes convém. O filme «O Exorcista» não será exibido em Portugal. Ao falar dele, falo de alguma coisa longínqua, que não vai pertencer-nos. E eu diria: desta vez, ainda bem.



SOCIEDADE TURÍSTICA DA PENÍNSULA S. A. R. L.

Sede: Rua de S. Sebastião da Pedreira, 122
L I S B O A

Aumento de Capital Social de 50.000 para 130.000 Contos EMIÇÃO DE 80.000 ACÇÕES DE VALOR NOMINAL DE ESCUDOS 1.000\$00

1. — SUBSCRIÇÃO RESERVADA AOS ACCIONISTAS

- 30.000 acções para distribuir pelos actuais accionistas, na proporção de 3 acções para cada 5 que possuam, relativas à incorporação de reservas livres no capital social, sendo por conta dos accionistas o imposto de mais valias de Esc. 50\$00 por cada acção.
- 30.000 acções destinadas aos actuais accionistas, na proporção de 3 acções por cada 5 que possuam, ao preço da emissão de 2.500\$00 cada, acrescido do imposto de mais valias de Esc. 343\$15 por cada acção.

2. — SUBSCRIÇÃO DESTINADA AO PÚBLICO EM GERAL

20.000 acções para serem oferecidas à subscrição do público em geral, ao preço da emissão de 3.300\$00 por acção.

3. — PAGAMENTO

Todas as acções a emitir referidas na alínea b) do n.º 1, e no n.º 2 serão integralmente liberadas em numerário no acto da subscrição.

4. — DEVOLUÇÃO DE NUMERÁRIO

Em caso de rateio, as importâncias sobranter serão devolvidas aos subscritores no prazo de 30 dias a contar do último dia de subscrição.

5. — TÍTULOS A EMITIR

As acções são nominativas ou ao portador reciprocamente convertíveis e representadas por títulos de 1, 5 e 10 acções.

6. — DIREITOS

Todas as novas acções têm os mesmos direitos que as acções já existentes, salvo quanto ao dividendo que vier a ser distribuído, relativamente ao exercício de 1974, que será proporcional ao número de meses decorridos por inteiro, desde o termo da subscrição.

7. — ENTREGA DE TÍTULOS DEFINITIVOS

Prevê-se que a entrega dos títulos definitivos seja efectuada dentro do prazo de seis meses a contar do termo da subscrição.

8. — ADMISSÃO A COTAÇÃO DA BOLSA

Logo que sejam emitidos os títulos definitivos, será requerida a admissão à cotação da Bolsa.

9. — IDENTIFICAÇÃO

Chama-se a atenção dos subscritores para o que se encontra oficialmente estabelecido quanto à respectiva identificação.

10. — LOCAIS DE SUBSCRIÇÃO E TOMADA FIRME DA EMISSÃO

A subscrição das 20.000 acções oferecidas ao público será tomada firme pelas seguintes instituições de crédito.

BANCO BORGES & IRMÃO
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO FONSECAS & BURNAY
BANK OF LONDON AND SOUTH AMERICA, LIMITED

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
BANCO PINTO & SOTTO-MAYOR
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
BANCO TOTTA & AÇORES
PANCADA, MORAES & Cia.

servindo ainda de locais de subscrição mais as seguintes instituições de crédito:

BANCO AGRÍCOLA INDUSTRIAL VISEENSE
BANCO DA AGRICULTURA
BANCO DO ALENTEJO
BANCO DO ALGARVE
BANCO DE ANGOLA
BANCO FERNANDES DE MAGALHÃES

BANCO DE FOMENTO NACIONAL
BANCO INTERCONTINENTAL PORTUGUÊS
BANCO PINTO DE MAGALHÃES
CRÉDIT FRANCO PORTUGAIS
MONTEPIO GERAL

onde poderá ser obtido prospecto elucidativo sobre este aumento de capital. A subscrição reservada aos actuais accionistas poderá igualmente ser efectuada nos referidos bancos ou na sede da sociedade.

11. — PERÍODO DA SUBSCRIÇÃO

A subscrição das acções decorrerá nos próximos dias 8, 9 e 10 de Abril de 1974.

Lisboa, 5 de Abril de 1974.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO



TRAVASSOS

TEM A VENDA
OS

18 MILHÕES DA LOTARIA DA PÁSCOA

RUA DA PALMA, 43 ROSSIO, 42
L I S B O A



HÁ MAIS DE 300 ANOS

AGENTES NO NORTE:

MALISA REPRESENTAÇÕES, LDA.

RUA DE SANTO ISIDRO, 111 — Telef. 494777 e 497992 — PORTO

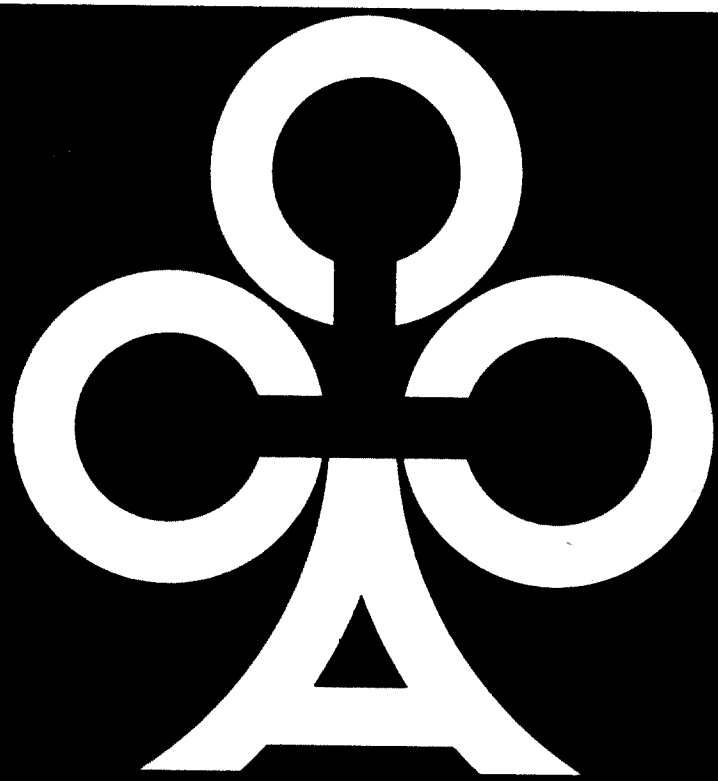
AGENTES NO SUL:

OLIVEIRA & TORROAES, LDA.

RUA DO SALITRE, 123 — Telef. 557851 e 54814 — LISBOA - 2

AGENTE TÉCNICO ELECTROMECHANICO

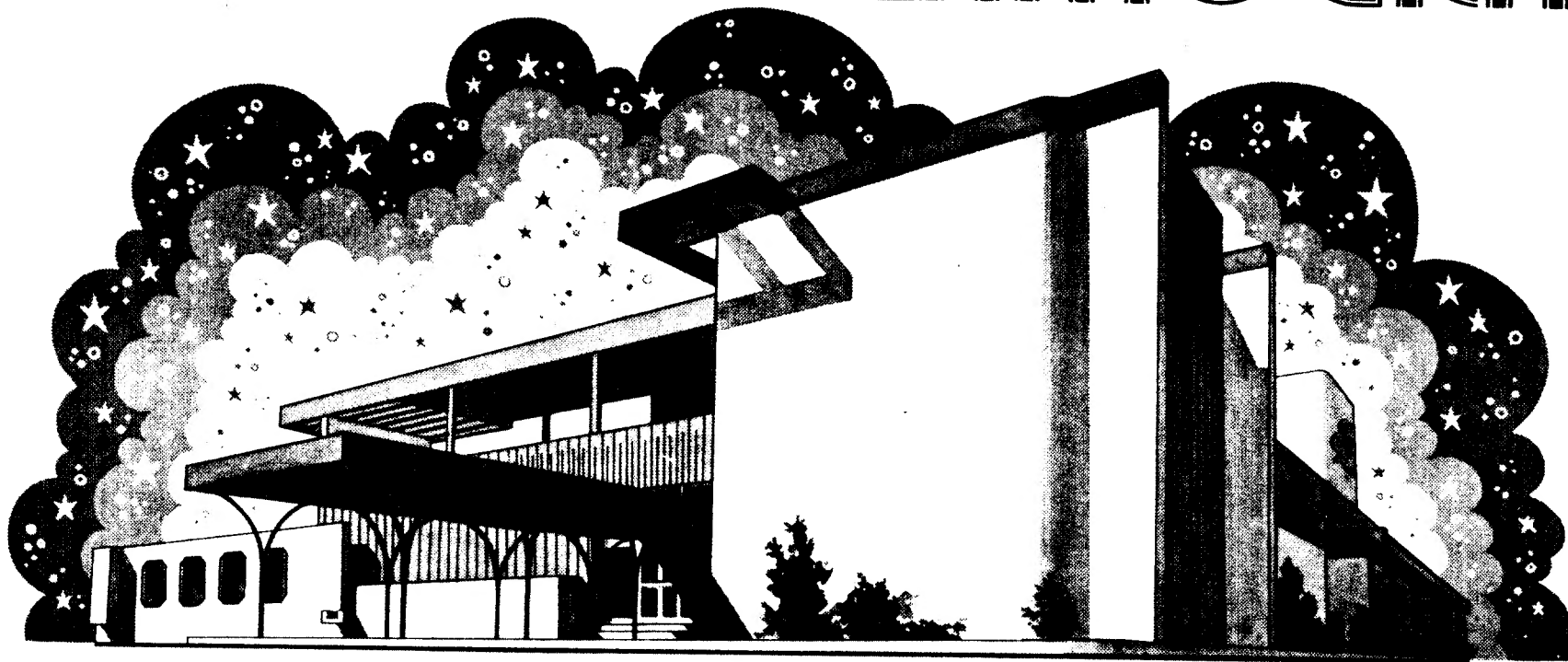
com estágios, para actividade dinâmica no campo das instalações mecânicas e de fluídos, em organismo oficial em Lisboa. Vencimento mensal 9000\$00. Resposta indicando idade e «curriculum» para o n.º 1064.



Faça o "pleno" do divertimento

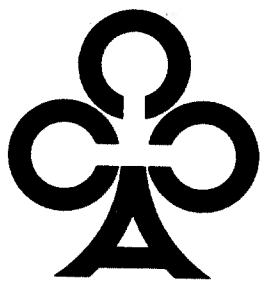
agora abre para si
mais um dos Casinos do Algarve

CASINO de VILAMOURA



Alegria! Diversão! bem no coração do Algarve, entre Faro e Albufeira! Venha ao Casino de Vilamoura, e no bar ou no restaurante, aprecie as variedades, saboreando os trunfos da arte de bem servir. Os "barmen" do Casino de Vilamoura conhecem todos os

segredos do "cocktail". A cozinha é dominada por chefes-peritos. Em todos os pontos Você faz "jack-pot". Até na sala das máquinas! As salas de jogo, os espetáculos, o restaurante e o bar - tudo espera por si! Casino de Vilamoura - um convite à alegria!



CASINOS DO ALGARVE

TEAM



A CORRIDA PARA O ELISEU

A edição de 31 de Março último do «Sunday Times», de Londres, com o qual o «Diário de Lisboa» tem um acordo de exclusivos, ficará na história da Imprensa mundial: escrevendo um artigo intitulado «A Corrida para o Elyseu» os jornalistas Stephen Fay e Antony Terry anunciaram a morte do presidente Georges Pompidou a qual viria a ocorrer quatro dias depois. É esse artigo que publicamos a seguir

Uma pequena multidão, em frente do Palácio do Eliseu, assistia na quarta-feira, 27 de Março à parada dos grandes Citroën negros que transportavam os ministros franceses para a sua reunião de gabinete. As pessoas paravam algum tempo, ao sol, e murmuravam de satisfação ao reconhecer os políticos que iam chegando. Não havia sensação de drama, nenhuma apreensão, absolutamente nenhuma indicação, por parte das pessoas que se encontravam na Rua Faubourg Saint-Honoré, de que dentro do palácio Georges Pompidou, o presidente da França, estava a morrer. Mas andava qualquer coisa no ar que levava as pessoas a interrogarem-se.

Alguns dos homens que desejam suceder a Pompidou encontravam-se sentados em redor da mesa ministerial nessa tarde de quarta-feira; há outros candidatos fora do círculo mágico, um dos quais já figurou nos

cartazes de propaganda eleitoral. De acordo com um apuramento efectuado e publicado há poucos dias, apenas um francês em cada três não estará presente na eleição presidencial deste ano. De facto, é difícil encon-

trar alguém que não acreditasse que Pompidou desaparecerá em breve: a sua doença — embora a sua exacta natureza não tivesse sido revelada publicamente — levou, na passada semana, ao cancelamento de todos

os compromissos para os meses futuros.

Porém, não há a sensação de que o país possa ser seriamente prejudicado na sua estabilidade e prosperidade por um novo regime da direita ou da esquerda. A perspectiva de um novo presidente não causa qualquer ansiedade. E, diz um sindicalista, como se Pompidou tivesse finalmente conseguido despolitizar a política francesa.

Esta estranha complacência segue-se a 18 anos de Governo «gaullista», primeiro sob a

orientação do próprio general e, depois, sob a de Pompidou. Durante o período de Pompidou, o controlo presidencial tornou-se, senão outra coisa, pelo menos mais penetrante. O poder da presidência era já grande, porém, Pompidou alargou-o a sectores como o da política económica que o general contemplava um tanto enfastiado. Um tal poder criou uma sensação de fatalismo: a sensação de que, uma vez desaparecido Pompidou, as coisas continuariam iguais a si mesmas. Na semana de 24 a 30 de Março, 49 por cento dos votantes socialistas disseram, num apuramento de opinião, acreditarem que os seus opositores ganhariam uma eleição presidencial. Esta sensação é expressa

por um trocadilho muito conhecido: **Les cabinets changent, mais la merde reste.** Ou, dito por outras palavras menos cruéis: **Plus ça change, plus c'est la même chose.**

Se o público em geral não se preocupa, os políticos, esses, cuidam apaixonadamente da sucessão. A presidência francesa é, ao fim e ao cabo, o lugar de maior destaque na Europa. Haverá, pois, uma pequena batalha, amarga por certo, para a conquista do Eliseu. O chefe socialista, François Mitterand, não desistiu, por certo, dessa esperança, porém, sem dúvida alguma, o favorito será um homem entre os candidatos da ala direita — ou o actual primeiro-ministro, Pierre Messmer, o seu antecessor Jacques Chaban-Del-



mas ou o actual ministro das Finanças, Valéry Giscard d'Estaing.

O trabalho da École

Seja qual for destes três candidatos, o que venha a suceder na presidência, o vencedor herdará o fundo político dominado por uma nova estirpe de administradores designada por Pompidou. Uma nova classe dirigente está a formar-se em França — homens educados já depois da guerra, não muito interessados em políticas democráticas, mas fascinados pela satisfação de conseguir que as coisas se façam. São confiantes, arrogantes e já conseguiram um considerável êxito na administração do país. Uma das coisas menos conhecidas mas mais significativas acerca do gabinete de Pompidou é que sete dos seus

não será, portanto, de admirar se se tornar primeiro-ministro com um novo presidente.

Michel Jobert é uma figura arquetípica da nova classe e, seja qual for o sucessor de Pompidou, importam muito os novos homens. Compreender Jobert é aprender algo acerca da França de hoje. Pode não vir a ser o próximo presidente, porém, homens como ele terão um considerável efeito sobre o futuro de todos nós.

As características destes novos governantes da França podem ser resumidas a cinco: são meritocráticos, bem educados, eficientes, arrogantes e apolíticos. Já não é condição **de rigueur** para um gaullista importante ter sido membro da Resistência.

Chaban-Delmas, é verdade, é do velho estilo clássico, lembrado como

Por STEPHEN FAY e ANTONY TERRY

Exclusivo «Sunday Times»/«Diário de Lisboa»

dezasseis membros frequentaram um curso exclusivo pós-universitário, na chamada École Nationale d'Administration, em Paris, e que é hoje para os gaullistas o que Eton costumava ser para o Partido Conservador.

A massa gaullista alimentava-se na École Nationale d'Administration — esta escola foi fundada em 1947 a instâncias de de Gaulle, e foi estruturada por Michel Debré, um dos seus mais leais lugares-tenentes. Os homens que a frequentaram durante os primeiros anos depois da guerra, estão agora a ocupar os mais altos cargos na máquina de governação gaullista. Trata-se de uma geração de tecnocratas, que apareceu de repente, e que não parece ter necessidade de autoconfiança: homens como Michel Jobert, o ministro dos negócios estrangeiros, que conseguiu irritar Kissinger e continuar vivo para nos contar a história.

Um inquérito à opinião pública levado a efeito durante a última semana de Março, em França, confirmou que o resto da Europa e a América já tinham percebido: 19 por cento dos votantes concluíram que Michel Jobert será uma força com que se tem de contar na política francesa. Um mês antes, ninguém o considerava desta maneira. Agora, encontra-se à frente do primeiro-ministro, Pierre Messmer, e apenas atrás de Giscard d'Estaing e Chaban-Delmas, nos apuramentos de opinião efectuados;

o homem que correu para Paris em bicicleta, em 1944, anunciando a libertação da cidade. Foi o seu passado na Resistência, tanto como a sua inteligência e encantadora imagem como desportista, que o projectaram para um importante posto ministerial com a idade de 30 anos (tem agora 59 anos). Se vier a ocupar o Eliseu, será um dos últimos elos sobreviventes do velho gaullismo, mas será, também, o novo homem que continuará a manter o tom de governação.

Giscard d'Estaing, mais novo, o outro principal candidato eleitoral, situa-se nitidamente entre as duas vagas de governantes franceses. Como Jobert, frequentou a École Nationale d'Administration, porém, as suas vantagens de nascimento levaram-no a uma escola política mais ortodoxa: com 30 anos de idade, seu avô deu-lhe um lugar na Assembleia Nacional. Jobert não teve essas vantagens. É pequeno, quase anão; foi criado à beira do deserto do Sara por seus pais, **colonos** (seu pai dirigia uma pequena fábrica). Jobert não frequentou a escola senão quando já tinha 11 anos; só aos 18 anos foi para Paris; não se juntou ao exército antes dos americanos terem libertado Marrocos; não tinha uma folha de serviços, durante a guerra, especialmente distinta.

Porém, Jobert leu um artigo em **Le Monde** sobre o estabelecimento

Continua na pág. X



Quem sucederá a Pompidou?

Continuação da pág. IX

da École Nationale. Pensou ser uma boa ideia (tinha feito algum serviço de administração na Áustria ocupada). Apresentou-se a exame e passou.

Sem ter havido escolas de eleição em França, porém, de Gaulle afirmou que não havia escolas de eleição para gente que quisesse «fazer coisas», e, da mesma maneira que existia uma escola de altos estudos militares, pensou que poderia haver uma semelhante para assuntos de administração. A sua escola adoptou os padrões das outras «grandes escolas» e tem-se aperfeiçoado constantemente. No último ano, 1483 homens e mulheres apresentaram-se a exame de admissão para entrada na escola; 136 foram admitidos.

«Como um colégio de estado-maior, não é tanto uma escola como um clube. Ali se está para encontrar pessoas, e para se tornar conhecido, bem como para aprender a arte de governar», diz um diplomado. Naturalmente, a escola trabalha um grupo eficiente de gente adulta. Há uma boa possibilidade de que os seus alunos se sintam bastante satisfeitos consigo próprios pelo simples facto de ali se encontrarem; a possibilidade de não se sentirem satisfeitos consigo próprios quando ali entram deve ser débil, e, daí, a reputação de arrogância.

Jobert não obteve um lugar particularmente bom quando saiu da es-

cola, ao ingressar na Repartição do Relator e Auditor Geral, ao passo que os melhores diplomados, como Giscard d'Estaing, entraram para o Ministério das Finanças. Certamente que não era considerado como uma das «estrelas» da escola. («E assistia às nossas discussões com interesse e indiferença», lembra um contemporâneo. «Era um indivíduo solitário; pintava, gostava de bom

PierreMendèsFrances. Isto não lhe fez mal nenhum. E já conhecia Chaban-Delmas, que havia encontrado em 1954.

Esta história é uma útil advertência de que a meritocracia é um baluarte de privilégio na sociedade mais do que o inimigo dela. O talento que Jobert desenvolveu foi para trabalhar dentro do sistema. À medida que o Governo se torna mais complexo torna-se mais

xos do poder político. Embora todos eles estivessem igualmente a desenvolver uma perícia semelhante, tinham lealdade diferentes: os políticos pensavam em si próprios e nos seus partidos; Jobert continua ainda ligado ao firme princípio da École Nationale d'Administration: que está a trabalhar para o seu país.

Todavia, desenvolveu uma considerável lealdade

frequentemente se comportou como se quisesse recuperar o tempo perdido. Durante a reunião de Washington sobre a crise petrolífera, por exemplo, quando os aliados do Mercado Comum cederam, Jobert apontou Helmut Schmidt, ministro das Finanças da Alemanha Ocidental, por tentar resumir os resultados da reunião. **O senhor não esteve lá**, disse a Schmidt. Quando Sir Alec Douglas Home tentou acalmar a atmosfera, Jobert voltou-se simplesmente para ele e disse mordazmente: **E o senhor também não.**

Um diplomata europeu que observou estas explosões, diz: É um tudo nada demasiado duro para ser um diplomata. A tarefa de Jobert não é, evidentemente, para influenciar pessoas e ganhar amigos. Mas é, isso sim, o estilo dos novos homens. Outro dentre eles, Jacques Chirac, comportou-se de uma maneira igualmente pouco diplomática, durante o último Verão, quando acusou os alemães de serem maus europeus. São homens que não se comportam como se representassem pessoas; não têm tempo para políticas de concessões mútuas.

De facto, Jobert despreza abertamente as etiquetas que lubrificam a

mo, ou conservantismo, ou mesmo em gaullismo; acreditam na França. «Eu sigo os objectivos que são os da França, e isso é que caracteriza tudo o que faço», diz ele. É uma delcação clara, mas que pode conduzir a certas alterações em política. Antes da crise petrolífera do último Inverno, por exemplo, a França estava a tentar ser um bom país europeu; depois da crise, tornou-se um dos mais pobres. Porém, isso não perturbaria Jobert.

«Os assuntos internacionais são um teatro», diz ele, «e toda a espécie de pessoas desempenham papéis perante uma audiência que, na maior parte das vezes, está a dormir e não acordada. Então, o que é que faz os pequenos actores, e até as grandes estrelas, agir? Em primeiro lugar, e peço que me acreditem, é o seu interesse nacional e isto é relativamente fácil de determinar. Eu contesto todas as teorias políticas».

Isto não é tanto uma contestação a uma ideologia como um fim dela. Sugere que ninguém precisa de acreditar naquilo que faz, desde que o faça bem, e, naturalmente, Jobert descreve o seu trabalho como se fosse um jogo. «É necessário saber o que



Giscard d'Estaing

mobiliário, e, acima de tudo, amava as árvores». Porém, em 1951, um professor mencionou-o a um amigo no Ministério das Finanças, que lhe deu um lugar no seu gabinete (aquilo a que se poderia chamar um gabinete privado). A seguir foi para o Ministério do Trabalho e, mais tarde, trabalhou para o mais conhecido primeiro-ministro da IV República,

difficil, e o poder das pessoas que o desempenham aumenta. No caso de Jobert, ele foi suficientemente capaz de rejeitar uma tarefa no gabinete privado de Pompidou, em 1962, porque interferiria com umas férias em Espanha. Juntou-se ao novo primeiro-ministro um ano mais tarde.

Chaban e Giscard estavam ainda a percorrer os caminhos mais ortodo-

de pessoal para com Pompidou. Quando De Gaulle mandou embora o seu primeiro-ministro, Jobert continuou a ser o seu cavaleiro andante no exílio. Quando Pompidou sucedeu a de Gaulle na presidência, em 1969, Jobert tornou-se secretário-geral no Palácio do Eliseu. Mesmo assim, causou surpresa quando o presidente nomeou Michel Jobert para o Quai d'Orsay, o Ministério dos Negócios Estrangeiros francês, em Abril de 1972.

Era a primeira vez que isso se fazia tão naturalmente, que passou a haver uma nova maneira de obter poder político em França. Menos de um ano mais tarde, sete ministros tinham começado na École Nationale d'Administration — Chirac, Peyrefitte, Guena, Poniatowski, Lecat, Giscard d'Estaing e o próprio Jobert — e estavam todos juntos no mesmo gabinete.

Antes de ter chegado às fileiras do gabinete, Jobert era considerado como impertinente para com os subordinados quando estes eram suspeitos de ineficiência. Porém, nunca teve oportunidade de mostrar a sua rudeza à escala internacional até se ter tornado ministro dos Negócios Estrangeiros, após o que



PIERRE MESSMER

máquina das políticas representativas. Um entrevistador perguntou-lhe se ele se considerava a si próprio como um homem da direita ou da esquerda. «Essas classificações irritam-me», respondeu desabridamente. Em que acreditam então, os homens como Jobert?

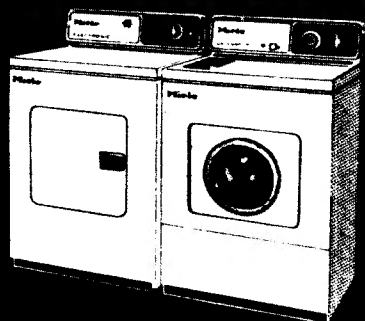
Cinismo dos tecnocratas

Digamos simplesmente: Jobert e os novos homens acreditam não em socialismo, ou liberalis-

adoptar os meios à disposição para os fins que se perseguem e agir com precisão precisamente no momento exacto. Isto é a quinta-essência do homem administrativo. Esta indiferença, e o cinismo dos tecnocratas que acreditam que a sociedade é apenas uma máquina que precisa de ser conduzida é um dos mais fortes argumentos a favor dos políticos, mes-

Continua na pág. XII

Conjunto de máquina de lavar roupa automática e secador electrónico



Uma união perfeita de duas máquinas excepcionais da MIELE. Máquina de lavar roupa automática 421-S e o Secador Electrónico 460.

Miele

AGENTE OFICIAL:

M. L. FERREIRA

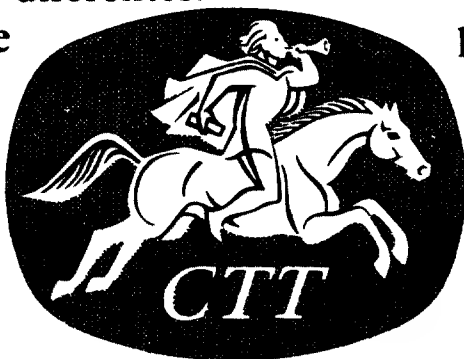
RUA D. ESTEFÂNIA, 48 A — TELEFS.: 560498 - 45019 - 58958
AV. DA REPÚBLICA, 54 — TELEF.: 769430 — LISBOA



...se for menina chama-se Beatriz

Uma carta entre tantas outras. Uma carta entre os dois milhões de correspondências que diariamente são aceites e distribuídas num milhão e meio de destinos diferentes. Uma carta entre todas as que todas as noites são o trabalho de três mil pessoas. Uma carta que percorreu apenas alguns dos

cem mil quilómetros que todos os dias são percorridos por outras cartas. Uma carta que um carteiro entregou. Apenas um carteiro entre nove mil carteiros. Mas valeu a pena. Valeu a pena todo o trabalho feito, todos os quilómetros andados. Valeu a pena porque se for menina chama-se Beatriz.



a sua palavra chegará a tempo

A França em época de eleições

Continuação da pág. X

mo quando não são idu-
cados na École Nationa-
le d'Administration. O
que aconteceu em
França, foi que estes tec-
nocratas estão agora a
desempenhar papéis
políticos importantes.

Se Pompidou conti-
nuasse a viver, a posição
destes homens seria con-
firmada. Uma das gran-
des incertezas da políti-
ca francesa era, ainda há
poucos dias, se Pompi-
dou viveria o tempo sufi-
ciente por forma a con-
trolar a sua sucessão. Na-
da na política francesa
era inteiramente claro,
porém, a tática de Pom-
pidou era, segundo se di-
zia, a seguinte: anuncia-
ria um referendo em que
os votantes seriam convi-

dados a concordar com
duas propostas. A primei-
ra, seria para que o ter-
mo presidencial fosse re-
duzido de sete para cin-
co anos. A segunda seria
para que, no caso de
morte ou indisposição do
presidente em exercício,
o seu lugar fosse preen-
chido pelo vice-presiden-
te. Se esta proposta fos-
se aceite, Pompidou po-
deria, então, nomear o
seu sucessor.

O inmesmérico primeiro-ministro

O homem que mais
provavelmente suceder-
ia, então, a Pompidou,
seria Pierre Messmer, o

decididamente inmes-
mérico primeiro-ministro
da França. E um velho
soldado que tratava Pom-
pidou como se este fosse
o seu oficial comandan-
te. Acredita, como acredi-
tava Pompidou, na rigoro-
sa imposição da lei e da
ordem. Não haveria ne-
nhum disparate quanto
às liberdades civis sob
a presidência de Mess-
mer. Não é senhor de ne-
nhum suspeito radicalis-
mo social de um Giscard
d'Estaing nem de um
Chaban-Delmas.

Porém, visto que Pom-
pidou desapareceu antes
da efectivação desse re-
ferendo, a cena modifi-
ca-se. As capacidades
de Messmer não se coa-
dunam com o processo
eleitoral, e o chefe socia-
lista, François Mitterand,

tornar-se-á de facto, um
candidato muito sério se
tiver que bater apenas
Messmer. É por isso que
os principais candidatos
para a sucessão através
de uma eleição presiden-
cial são Giscard d'Es-
taing e Chaban-Delmas.

Giscard poderá vir a
ser a escolha do público
eleitor, se os apuramen-
tos efectuados estiverem
certos, porém, a escolha
da máquina gaullista é
Chaban-Delmas. Aparen-
temente, já está a traba-
lhar ao «ralenti». Os car-
tazes de propaganda a
Chaban-Delmas já foram
impressos e os seus pre-
parativos custam já cer-
ca de 600 contos por
mês. Giscard não tem
que se preocupar com
publicidade porque apa-
rece regularmente na Te-

levisão, proporcionando
aos franceses brilhantes
prelecções acerca do es-
tado da Economia.

Tem o aspecto e fala
tão honestamente e com

dato. Ele foi, durante o
seu primeiro ministério,
mais aberto às suges-
tões dos sindicalistas do
que qualquer outro, an-
tes ou depois dele. Diz-



Michel Jobert

tanta autoridade, que
nem sequer tem impor-
tância o facto de ser in-
compreensível para mui-
tos telespectadores. Po-
rém, as suas possibili-
dades podem sofrer alte-
ração se a Economia se
modificar. Já teve neces-
sidade de chamar a
atenção para o pagamen-
to antecipado de impos-
tos, o que não é, de for-
ma alguma, uma atitude
muito popular (um mar-
chante de Paris, apresen-
tou há alguns dias os
seus problemas de im-
postos como uma expli-
cação de roubo de algu-
mas peles de abafó), ao
mesmo tempo que a in-
flação está a piorar.

A atracção de Cha-
ban-Delmas, para Partido
Gaullista deve-se ao fac-
to de poder ganhar mais
votos da ala esquerda do
que qualquer outro candi-

se, também, que prende
a atenção dos homens
que governam a máquina
gaullista porque faria o
que eles quisessem se
fosse eleito. Porém, se é
vulnerável à influência,
os homens novos têm es-
sa mesma possibilidade,
tanto como o Partido
Gaullista.

Quanto aos homens no-
vos propriamente ditos,
não traíram a sua edu-
cação fazendo movimen-
tos permaturos. As
eleições não são o seu
forte, e é provável que
conservem uma posição
um tanto apagada duran-
te a campanha eleitoral.
E porque o seu maior
interesse reside no facto
de fazer as coisas bem
feitas, as suas lealdades
permanecerão eventual-
mente num lugar pre-
dizível: no campo do ven-
cedor.

DATSUN CAMPEÃO DA ECONOMIA



1200

pergunte a quem tenha um



2200 D



160 B



180 BHT



240 KGT



240 Z

QUALIDADE • SEGURANÇA • ECONOMIA • PERFORMANCE

E ENTREPOSTO

LISBOA • ALMADA • CASCAIS • FARO • LEIRIA • PORTIMÃO
Rótor, S.A.R.L. (PORTO, BRAGA e VIANA DO CASTELO)
Tecnizado, S.A.R.L. (SETÚBAL)
Concessionários em todo o País

PUBLICIDADE

AGENTES DE PUBLICIDADE

De ambos os sexos para empresa jornalística
em grande expansão

OFERECE-SE:

- Remuneração fixa
- Comissões
- Bom ambiente

PRETENDE-SE:

- Dinamismo
- Boa apresentação
- Facilidade de expressão

Resposta a este jornal, ao n.º 1063

PAREDES-CONFORTO

Lisas, com a frieza pétrea do cimento acabado de pôr em obra, ou chagadas de velhice, do muito tempo já passado. De vidro, como muitas surgem agora, redomas de homens-cobaia. Sem cor, de tonalidade cinza uniforme — ou coloridas, desde o equilíbrio à bizzarria da paleta de pintor louco.

Paredes leves, quase só de marcação de espaços. Pesadas. Simples ou compostas.

Paredes. Para além do que mostram, para além do que são, há pessoas. A viver, a trabalhar — a procurar abrigo das inclemências da meteorologia, por mais caprichosa que seja.

Chove; no ar há aquela poalha de mundo submerso?! A parede deve garantir a impermeabilização suficiente não só para que não haja água aparente no interior, mas também para que todos esses pequenos seres da humidade não se desenvolvam nas manchas feias de gangrenas que tanto apóquentam uma procura de beleza.

Faz frio, é de gelo o mundo exterior?! Lá dentro, dentro das paredes, há lares, locais de trabalho, vivem e trabalham pessoas, que não o poderiam fazer nessas condições extremas. As paredes pede-se que tenham resistência térmica suficiente para que assim seja, sem loucuras de aquecimento. Mas, vem a época calmosa, dos grandes calores diurnos e das noites amenas. E agora pede-se mais à parede: não só que introduza atenuação na transmissão de calor, mas que introduza também uma desfasagem nesta transmissão. Isto é, que o máximo de temperatura no interior seja atingida apenas quando, no exterior, já haja a amenidade que convide à ventilação benfazeja. Tudo isto, permitam a repetição, sem «loucuras» de arrefecimento — aliás bem mais oneroso para conseguir-se que o aquecimento.

De fora, é o inferno da máquina a rugir, o vibrar de aço da atmosfera urbana?! E, lá dentro, ... quer-se um pouco desossego que permita a

Por
**PEDRO MARTINS
DA SILVA**

concentração exigida para refazer dia-a-dia mais especializadas, ou quer-se retemperar os nervos em franja do labutar diário — e às paredes pede-se que proporcionem este sossego. E não só em relação ao exterior. Também as paredes separam pessoas de vidas separadas, que a Vida juntou... de um e outro lados de uma parede. Divisória das suas intimidades, dos seus mundos — fronteira de discricção inviolável ou apenas a tela diáfana através da qual se entrosam vidas a agredir-se, numa luta de

desgaste quotidiano. São diversos os factores que determinam o comportamento neste domínio, mas essencialmente a massa da parede. Não de uma forma directa, a massa, mas o seu logaritmo... para «os da técnica», pois, isso mesmo, o logaritmo; para outros, bruma do passado, ou mesmo nada — mas deixemos ir mesmo assim: o logaritmo.

Massa elevada para conseguir bom isolamento acústico; massa elevada para assegurar boas condições de conforto térmico, essencialmente no que respeita às «condições de verão». Coisas... quantas vezes «esquecidas», no onda do progresso. Lembradas (com saudade — pois que outra palavra escolher?! — saudade espanto, saudade raiva) nas casas (?) gaiolas que se empilham. Coisas esquecidas, como outras, muitas.

AGRAVAMENTO DE PREÇOS E OS FACTOS INFLACIONISTAS

O Gabinete de Divulgação Económica referiu-se recentemente à complexidade crescente dos problemas que se avizam na vida económica internacional e cujos reflexos vão fazendo sentir os seus efeitos na economia portuguesa. As actividades produtoras nacionais não podem deixar de partilhar as apreensões que foram há tempo manifestadas pelo Presidente do Conselho: as economias nacionais estão hoje dependentes umas das outras; os males de outros países repercutem-se necessariamente em Portugal, quer queiramos quer não; a seguir a uma série de anos que, apesar de tudo, podiam ser considerados de «vacas gordas», pode vir aí o tempo das «vacas magras»; e, de qualquer modo, vamos ter graves problemas a resolver. E toda a comunidade económica nacional, concertadamente e solidariamente, que terá de defrontar esses problemas e de lhes dar as respostas adequadas em devido tempo.

quadas em devido tempo.

Na crise que alastra pelo Mundo e que traz até nós as suas multiformes consequências, o aspecto que se manifesta com maior acuidade e generalidade é o do agravamento dos preços. A opinião pública reage justificadamente a esta escalada no custo da vida — mas terá de compreender, em relação às actividades produtoras nacionais, que também estas são vítimas do mesmo processo em que toda a economia está envolvida.

Como foi há tempo assinalado oportunamente na Assembleia Nacional, por muito que se melhorem as tecnologias e que a produtividade das empresas aumente, os produtos acabados, sejam eles quais forem, e os serviços, têm forçosamente de acompanhar este agravamento dos seus custos, com as consequências que estão à vista e todos sentimos.

Muito a propósito, foram então apontados alguns exem-

plos expressivos: o petróleo bruto do golfo Pérsico, que em Junho de 1972 era cotado a pouco mais de dois dólares e meio por barril, já em Janeiro passado atingira perto de doze dólares, ou seja, aumentou cinco vezes em ano e meio; no mesmo intervalo breve, o alumínio elevou-se de 12 para 23 contos por tonelada; a gusa, de um conto para dois contos e cem ou mais; o enxôfre, de 700 escudos para mais de um conto e quinhentos; o amoníaco, de mil e cem escudos para três a cinco contos por tonelada; a matéria-prima com que se fabrica o «nylon», da média de 10 contos para 25, ou 30 ou até 40 contos.

E assim por diante, numa carreira de agravamentos de preços que envolvem todas as actividades da indústria. A evolução da economia no nosso País não pode evitar, infelizmente, os reflexos deste comportamento no mercado internacional, levando a todos os sectores as dificuldades e os sacrifícios que só pelo esforço conjugado de todos poderão ser minorados.

Valorize a sua casa com bons Quadros a Óleo, Molduras. A VENCEDORA Rua de S. Lázaro, 127-A Telef. 52575

COLOMBO

PASTELARIA E RESTAURANTE, SALÕES BANQUETES

Salões privativos para a realização de Casamentos, Baptizados, Banquetes, Aniversários, «Coctails», etc.

(sem aumento de preço)

SERVIÇO DE 1ª QUALIDADE DO RESTAURANTE

PRATOS ESPECIAIS

GRANDE SORTIDO DE AMÊNDOAS

Avenida da República, 10-H, 10-J (Ao Saldanha) Telef.: 4 92 25 - 55 52 28

Abertura às 8 horas da manhã

ESPECIALMENTE PARA ADULTOS

ENCICLOPÉDIA ILUSTRADA DO SEXO

Drs. Willy, Vander e Fisher

Preço: 150\$

Todos os aspectos da sexualidade...

144 ilustrações fora do texto

pedidos à cobrança

LIVROS DO BRASIL R. Caetano, 22-Lisboa

BAIXOU O INTERESSE AMERICANO PELA EUROPA?

Os serviços secretos informaram recentemente que a União Soviética aumentou as despesas com as forças militares na Europa Central.

Torna-se incompreensível que os Estados Unidos da América estejam a reduzir os seus orçamentos militares.

Até que ponto existirá um afrouxamento das tensões políticas entre duas potências?

Ex-Secretário da Defesa, Melvin Laird, é hoje, consultor da Presidência dos Estados Unidos. Leia a sua opinião expressa em «Détenne—Paz Quente ou Guerra Fria?» nas Selecções do Reader's Digest, do mês de Abril:



A desodorização inofensiva. Finalmente!

Inofensiva porquê?

Porque pela primeira vez, o odor corporal pode ser combatido sem perigo.

De facto, o desodorizante Santa Clara tem como base a vitamina E, que investigações recentes descobriram ter uma imediata e efficientíssima acção preventiva do odor corporal. A vitamina E substitui, assim, no desodorizante Santa Clara, os produtos químicos tóxicos, até aqui utilizados, com a significativa vantagem de não provocar qualquer desequilíbrio biológico, devido a reacções nocivas.

Desodorizante Santa Clara — a primeira desodorização inofensivamente eficiente.

SANTA CLARA
essencialmente natural



PLANIGRAMA

Muito cuidado com a sucção de gasolina

As autoridades sanitárias americanas comunicaram um grande número de intoxicações, em pessoas que aspiraram gasolina, por sucção, dos depósitos de automóveis. Lançaram um apelo esclarecedor de que quem chupa gasolina, tentando estabelecer um sifão, corre um grande risco. Pouco mais de cem gramas de gasolina engolida, podem causar a morte. Quantidades mais pequenas têm ainda graves efeitos: dores de cabeça, náuseas, vômitos, prolongadas eructações, perturbações nervosas, vertigens, fenómenos visuais, confusão mental, perda de coordenação motora, convulsões e depressão respiratória. Se, após ingerir a gasolina, a pessoa vomita, inala então alguma o que é causa de graves pneumonias químicas, contra as quais os antibióticos nada podem. Assim, não se deve fazer sifão com a boca, mas usar uma bomba aspirante. Se a sifonagem for imprescindível, o tubo deve ter uma derivação para aplicar a boca, de forma que a pessoa veja a gasolina aproximar-se prevenindo a sua ingestão ocasional.

A «pílula» provocará infecções?

Um relatório publicado no jornal da «Associação Americana de Medicina», conclui que as mulheres que tomam anticoncepcionais desenvolvem com maior frequência infecções urinárias. Foram estudadas 12.000 californianas, de idades compreendidas entre os 18 e os 54 anos, que não tomavam a «pílula», verificando-se que 1,9 por cento sofriam de infecção urinária. A percentagem desta doença encontrada entre as mulheres que tomavam anticoncepcionais foi de 2,4.

Nova vacina contra a cólera, activa por via oral

Um grupo de investigadores acaba de descobrir que o intestino é capaz de formar anticorpos contra a cólera. Este facto indica que uma vacina oral poderá proporcionar melhor protecção contra esta doença do que a vacina injectável utilizada até agora.

A descoberta, feita no Hospital Geral de Massachusetts e comunicada à Academia Americana das Ciências, indica que os anticorpos intestinais evitam que a toxina produzida pelo micróbio da cólera adira à parede da célula intestinal, prevenindo, assim, a gravíssima diarreia que caracteriza a doença e que pode levar à morte por desidratação.

Gaguez — novo tratamento alcança 90 por cento de sucesso

Os serviços especializados da Universidade de Temple, acabam de comunicar um novo tratamento da gaguez, que parece proporcionar mais de 90 por cento de curas, resultado três vezes melhor que a dos processos até agora utilizados. O tratamento fundamenta-se numa nova teoria, que explica a gaguez pelo erróneo envio de uma «mensagem» cerebral inibidora, após as cordas vocais terem recebido uma «mensagem» para falar. Segundo o dr. Martins Schwartz, director do Centro de Estudos da Linguagem, a enfermidade é de natureza física. O novo método terapêutico determina a pressão de ar na laringe e o esforço vocal, após o que procede ao treino do doente na relaxação das cordas vocais, modulando a frequência e adquirindo uma «nova voz». É um processo aparentemente simples mas a gaguez torna-se num hábito profundamente organizado e enraizado, pelo que a cura exige, em geral, um período de 2 a 3 meses.

Vai haver falta de heparina?

Diversos factores, aparentemente sem relação uns com os outros, de importância à escala mundial, ameaçam delapidar os «stocks» de heparina dos Estados Unidos da América e, possivelmente, de todas as nações. Este medicamento indispensável a muitas práticas médicas, como, por exemplo, a cirurgia do coração e o rim artificial, têm a propriedade de tornar o sangue incoagulável e é obtida a partir de intestinos de animais.

As razões desta carência iminente de heparina incluem os acontecimentos políticos na Argentina, uma epidemia de doença nos animais de que se obtém a matéria-prima, a crise de preços dos cereais, os problemas do embargo do petróleo, a crescente venda dos intestinos dos animais para alimentação humana e o declínio do mercado de salsichas. (Se os intestinos são vendidos para salsicharia, há uma parte que não serve e fica reservada para a produção de heparina; se são vendidos como alimento para culinária directa — as chamadas tripas, ou dobrada, o aproveitamento é integral, nada sobejando para a indústria da heparina). Por último, o aumento do consumo mundial de heparina tem sido enorme, dada a crescente popularidade da cirurgia «a coração aberto», que se expandiu às nações em vias de desenvolvimento da África e da Ásia. O consumo actual de heparina dos Estados Unidos é de sete mil libras anuais, o que exige 35 milhões de libras de intestinos, pelo que, neste momento, já se faz sentir a carência de tripas. O director de certa firma produtora do precioso medicamento pensa que medidas de adaptação do mercado que já foram iniciadas poderão resolver a crise, ainda dentro do corrente ano de 1974.

COLABORAÇÃO DOS SERVIÇOS PROFISSIONAIS DE MERCK SHARP E DHOME

NOVAS PERSPECTIVAS NO TRATAMENTO DO PARKINSONISMO

O doutor António Rosa Damásio, neurologista e investigador do Centro de Estudos Egas Moniz (Faculdade de Medicina de Lisboa) fez parte da equipa que iniciou entre nós os novos tratamentos do parkinsonismo e dedica-se há vários anos a pesquisas relacionadas com esta afecção. Muitos dos seus trabalhos nesta matéria estão publicados em revistas neurológicas e livros da especialidade britânicos e norte-americanos.

O parkinsonismo — cuja forma clínica mais conhecida e frequente é a chamada «doença de Parkinson» — é uma perturbação do sistema nervoso de que resulta uma incapacidade motora progressiva. Os sintomas que integram o quadro incluem: o tremor das extremidades (em particular o dos dedos), a rigidez muscular (do troco e dos membros), e a bradicinésia, alteração que consiste num defeito de desempenho do movimento que se torna lento e inábil, comprometendo a realização de tarefas que careçam de maior destreza e finura. É este o defeito que confere à mimíca a feição inexpressiva, imóvel, que logo distingue a afecção. Se é certo que o tremor, pelas atenções que desperta e pelo embaraço que provoca, é tido, no geral, como o sintoma e queixa de maior valor, a verdade é que a causa da incapacidade dos doentes decorre, sobretudo, da bradicinésia e, em parte, da rigidez.

Há diversas causas conhecidas para o parkinsonismo — por exemplo, certas formas de perturbação vascular cerebral, de infecções por vírus, ou, por outro lado, acção acessória de determinados medicamentos, intoxicações por gases, traumatismos crânio-cerebrais e até neoplasias. Não se conhece, todavia, a causa da forma mais frequente de parkinsonismo, aquela que corresponde à descrição feita por James Parkinson, em 1817, e que se designa pelo nome desse autor.

O parkinsonismo pode ocorrer em qualquer idade, mas é muito raro antes da segunda década. Habitualmente surge a partir do fim da quarta. A frequência máxima corresponde aos doentes com mais de cinquenta anos, na sexta e sétima décadas da vida. Calcula-se que o número de novos casos anuais seja de 10 a 20 por 100.000. Não se trata, portanto, evidentemente, de uma doença rara.

Até há pouco tempo, o diagnóstico de parkinsonismo representava uma condenação à incapacidade motora progressiva. Privado da sua agilidade e destreza, o doente torna-se de forma mais ou menos rápida, dependente dos familiares ou da enfermagem para quase todas as tarefas do quotidiano. A alimentação, a higiene, o colocar o vestuário, enfim, o simples acto de se virar e acomodar na cama passavam a requerer ajuda de outrem. A locomoção, primeiro na rua e depois em casa, ia ficando cercada. Por vezes, a breve trecho, o doente confinava-se à cadeira ou ao leito. Numa grande parte dos casos a doença era exclusivamente motora e mantinham-se as capacidades intelectuais do doente — muito embora a face inexpressiva e a quietude do gesto permitissem supor, quase sempre erradamente, que também os sectores mais nobres da personalidade tinham sido comprometidos. Contudo, a limitação radical do movimento, o relativo isolamento social, a presença de movimentos anormais como o tremor, ou de posições anómalas e deformidades dos membros, acabava por condicionar, ao fim e ao cabo, o rendimento intelectual possível. Poucos eram os doentes que escapavam a esse destino.

Pelo Doutor
ANTÓNIO ROSA
DAMÁSIO

tes que escapavam a esse destino.

Os meios terapêuticos de que se dispunha para aliviar o mal eram escassos, até há cerca de cinco anos. E não apenas escassos, mas pouco eficazes também. Um grupo de medicamentos — de acção farmacológica anticolinérgica, aperfeiçoados no post-guerra, conseguia aliviar a rigidez, sem a eliminar, e diminuir o tremor, em grau variável. A bradicinésia, o sintoma incapacitante por excelência, não era sequer influenciada. A marcha da doença prosseguia e em estados muito avançados os medicamentos deixavam de ter qualquer efeito benéfico. Hoje designado de «tratamento clássico», esta maneira de tratar constitui um avanço terapêutico notável. Contribuiu, de modo transitório, para o alívio das queixas e chegava a ter, por vezes, na fase inicial da afecção, uma eficácia considerável. O progresso da neurocirurgia permitiu também delinear uma intervenção capaz de interferir na sintomatologia parkinsoniana. Prém, tal como no que respeita aos referidos medicamentos, apenas uma pequena banda do quadro clínico era afectada — o tremor melhorava grandemente, bem como a rigidez, mas a bradicinésia permanecia inalterada e pronta a agravar-se.

A descoberta, no início dos anos sessenta, de um nexo entre o baixo valor da concentração de dopamina (substância química que actua como «mediador» do influxo nervoso entre neurónios de determinados grupos e regiões do cérebro) e certas formações cerebrais e a ocorrência de sinais de parkinsonismo (em particular da bradicinésia), representou um passo decisivo, tanto no entendimento da fisiologia e da patologia do sistema nervoso como na clínica neurológica. Aí possibilitou uma aplicação directa ao tratamento da afecção que nos ocupa. De facto, para os finais da década

de sessenta, a dopamina passou a usar-se como medicamento, de uma forma tecnicamente acessível — administração de comprimidos ou cápsulas de um seu directo precursor — e com êxito terapêutico incontestável. Sem se operar uma cura, no sentido mais verdadeiro do termo, passou a ser possível realizar, em parte, a suposição de uma substância essencial cuja falta determinava, em parte também, os sintomas da afecção. Em termos muito genéricos, o tratamento assim descoberto, assemelhava-se ao de certas doenças endócrinas equilibradas à custa da substituição diária, medicamentosa, da hormona em falta. Quer entre os profissionais da medicina quer no público, compreende-se o entusiasmo com que foi saudada a aparição de um meio eficaz de combate a uma doença tão dramaticamente incapacitante. Para além da adesão emocional que acompanhou os primeiros ensaios clínicos da droga e os respectivos relatos na literatura científica, houve, desde logo, sem sombra de dúvida, resultados que justificaram o optimismo e a satisfação dessa primeira fase do uso da «dopa» (designação coloquial para o fármaco levodopa, precursor da dopamina). Nos anos que se seguiram assistiu-se, todavia, ao mesmo tempo que se confirmava o êxito

e em rápida sequência, à comunicação de um cortejo de problemas mais ou menos importantes, decorrentes das acções secundárias do novo tratamento. Preencheram essa fase de expectativa, a notícia de perturbações gastrointestinais, cardiovasculares e psiquiátricas — as primeiras e mais frequentemente relacionadas — a descrição do aparecimento de novos sinais extrapiramidais — como os movimentos involuntários coreicos e atetósicos aparentados, na fisiopatologia com os sintomas «parkinsonianos» — e o receio, felizmente infundado, de toxicidade hepática e renal. Longe de provocarem desânimo ou alarme precipitado, essas novas questões actuaram a comunidade científica do modo mais desejável, provocando investigações imediatas dos diversos ângulos desses obstáculos e determinando a procura de medidas capazes de os minimizar ou mesmo anular. Resultou daí um aumento vertiginoso da pesquisa neurofisiológica, neuroquímica, neurofarmacológica e clínica. Os resultados completos incluíram, a breve trecho, a obtenção de novas e mais eficientes formas de administração do produto. A principal, dentre estas, consistiu na conjugação da levodopa com um outro fármaco inibidor da sua descarboxilase no sector extracerebral (presentemente, há no nosso mercado uma associação medicamentosa deste tipo: a combinação levodopa/carbidopa).

Obteve-se também o refinamento do modo de manejo clínico da evolução dos doentes através do planeamento cuidadoso das dosagens dos períodos de indução e manutenção, da determinação das combinações eficazes com outros fármacos, e da tentativa de redução das mais frequentes acções acessórias ligadas directamente à actuação do produto. A integração desses progressos melhorou, como

era de esperar, a forma de tratamento dos novos doentes, e abriu uma nova perspectiva no seu futuro. E em relação aos doentes que já vinham a ser medicados há alguns anos também se registou progresso, embora não tão definitivo (de tal modo assim é que a mudança para as novas formas de administração da «dopa» em doentes tratados com os produtos iniciais deve ser ponderada caso a caso).

Depois de pesadas as dificuldades e limitações da levodopa é necessário reconhecer nela, apesar de tudo, a terapêutica de escolha do parkinsonismo. Os problemas que se têm vindo a levantar não sugerem o abandono desta nova medicação. A experiência dos primeiros anos e o aperfeiçoamento dos preparados farmacológicos conduzirão decerto a um uso mais eficaz destes produtos. Por outro lado, a melhoria das condições diagnósticas dará lugar a um estabelecimento mais correcto da indicação terapêutica que não é, de forma alguma, absoluta. Não se duvida, deste modo, que o tratamento de novos casos com sintomatologia ainda incipiente deverá ter muito êxito, embora não seja possível prever até que ponto a evolução natural da afecção permitirá que o bom resultado se mantenha.

O modo como o doente em reabilitação torna à vida normal, em casa ou no trabalho, deve ser objecto de cuidado extremo. A «dopa» revelou a extensão da incapacidade parkinsoniana — outrora oculta, à medida que o quadro se agravava, na limitação imposta pela imobilidade — expondo os doentes, hoje capazes de se movimentar, a insuficiências difíceis de transportar — perturbações do equilíbrio, coordenação ineficaz do movimento, etc. E necessário moderar o ímpeto que algumas recuperações espectaculares motivam, modelar a acção da família — por vezes muito exigente, no seu entusiasmo — e impedir que se accentue o fosso entre as aspirações e as capacidades reais do doente.

A «dopa» não veio pôr de lado, por completo, a medicação clássica, tal como também não excluiu a cirurgia. Efectivamente a indicação cirúrgica mantém-se num pequeno número de casos — aqueles em que o tremor é incapacitante e a bradicinésia e a rigidez pouco intensas ou mesmo estabilizadas. Acresce que a cirurgia não é, de forma alguma, incompatível com a «dopa» ou com outros medicamentos e que todos estes meios deverão ser utilizados em conjunto, organizadamente, se tal for necessário e eficaz.

A investigação devotada ao parkinsonismo, nos mais diversos sectores, conhece actualmente um período notável. Da fisiologia à clínica, passando pela farmacologia, todos os esforços se concentram para que daí resulte o entendimento da patologia e a descoberta das formas mais convenientes de tratar. Feito o balanço dos progressos dos últimos dez anos, não será exagero prever, para o futuro próximo, a resposta para muitas das interrogações da hoje. Não há justificação para o pessimismo.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Arnaldo Augusto Santos. Rua Antero Quental, 25-2.º Esq. PINHAL NOVO

Um documento literário

A segunda carta de soror Mariana escrita ao marquês de Chamilly

As «Cartas da Religiosa Portuguesa» representadas recentemente em Beja no Convento da Conceição e em Lisboa, no Teatro S. Luiz, por iniciativa do Grémio Literário, constituíram um acontecimento cultural de maior importância pois permitiram o reaparecimento de um documento de grande riqueza literária e humana. As cartas, são a expressão dos sentimentos amorosos de Mariana Alcoforado, freira no Convento da Conceição, perante um oficial francês que passara na cidade durante o agitado período das invasões napoleónicas.

Hoje publicamos a segunda das cinco cartas escritas pela religiosa portuguesa ao marquês de Chamilly a qual, como sucedeu com as restantes, não obteve resposta.

Carta segunda

O teu tenente acaba de dizer-me que foras obrigado a arribar, por força de uma tormenta, no reino do Algarve. Receio que sofresses muito sobre o mar, e esta apreensão se apoderou de mim tão vivamente, que não cuidei mais dos meus males...

Estás tu bem persuadido, que o teu tenente toma mais interesse do que eu, em tudo o que acontece?... Por que razão teve ele esta informação antes de mim?... Finalmente, por que não me escreveste?...

Sou bem desgraçada, se nenhuma ocasião encontraste para o fazer depois da tua partida, e mais desgraçada ainda, se tendo ocasião, me não escreveste!...

A tua injustiça e a tua ingratidão são extremas; mas afligir-me-ia desesperadamente, se te careassem algum infortúnio; pois antes quero que delas não recebas o castigo, do que ver-me vingada.

Resisto a todas as aparências que deveriam persuadir-me de que muito pouco amor me tens e sinto maior propensão abandonar-me cegamente à minha paixão, do que às razões que me ofereces, para queixar-me da tua falta de atenção e cuidado. Quantas inquietações me terias poupado se o teu procedimento fosse tão remisso e lânguido nos primeiros dias que te vi, como me parece agora, e desde algum tempo!...

Mas quem não deixaria enganar-se como eu, por tantos desvelos, e a quem não pareceriam eles sinceros?... Quanto custa resolver-nos a suspeitar longamente da boa-fé daqueles que amamos!...

Vejo muito bem que a menor desculpa te astisfaz e antes que tu atendas a dar-mas o amor que tenho por ti serve-te com tanta fidelidade, que não posso consentir em descobrir-te culpas, se não para gozar do sensível prazer de justificar-te eu mesma!

Consumi-me com as tuas assíduas perseveranças, inflamaste-me com os teus transportes, encantaste-me com as tuas finezas, asseguraste-me com os teus juramentos, a minha inclinação violenta seduziu-me, e as consequências destes começos tão agradáveis e tão venturosos não são mais do que lágrimas, gemidos e uma funesta morte, sem que possa achar-lhe algum remédio!

Verdade é que, amando-te, gozei deleitações maravilhosas, mas custam-me hoje penas extraordinárias!...

Todas as comoveções que me causas são extremas...

Se eu tivesse resistido ao teu amor, se te houvesse dado qualquer motivo de enfado e de ciúme, para mais inflamar-te; se eu, enfim, tivesse querido opor a razão à inclinação natural que para ti sentia, e qual cedo me advertiste, — natural que para ti sentia, e da qual cedo advertiste-te, — posto que os meus esforços sem dúvida teriam sido inúteis; — poderias castigar-me severamente, servindo-te de todo o teu poderio.

Pareceste-me amável; antes de me haveres dito que me amavas, juraste sentir por mim a maior paixão; fiquei de gosto absorta e entreguei-me a amar-te perdidamente...

Tu não estavas como eu, vendado; que sofreste pois que eu caísse no estado em que me acho?... Que querias tu fazer dos meus elevamentos, que não podiam deixar de ser-te muito importunos?...

Tu bem sabias que não havias de ficar sempre em Portugal; e por que a bel-prazer me escolheste aqui para fazer-me tão desgraçada? Neste País terias sem dúvida encontrado outra qualquer mulher mais formosa, com a qual terias desfrutado iguais divertimentos, pois só os grosseiros procuravas; que te teria amado com fidelidade enquanto estivesse presente à sua vista, e que o tempo teria podido consolar facilmente da tua ausência, e que tu terias podido abandonar sem perfídia e sem crueldade...

Semelhante procedimento é mais próprio de um tirano afincado a perseguir do que de um amante que só deve pôr cuidado em agradar. Ai de mim!

Por que tratas com tanto rigor um coração todo teu? Vejo claramente que és tão fácil deixar-te persuadir contra mim, como eu o fui em deixar-me persuadir a favor de ti.

Eu teria resistido, sem o estímulo de todo o meu amor e sem o mais leve pensamento de ter feito alguma façanha, a

razões maiores do que as que puderam obrigar-te a deixar-me...

Todas me teriam parecido muito fracas, e nenhuma teriam tido a força de arrancar-me de teu lado...

Mas tu quiseste aproveitar os pretextos que pudeste achar para voltar a França...

Um navio partia...

Deixá-lo partir!...

A tua família te havia escrito...

Ignoras tu as perseguições que eu sofri da minha?...

A honra obrigava-te a me abandonar... curei eu da minha?...

Tinhas obrigação de ir servir o teu rei...

se tudo que dele dizem é verdade, podia escusar os teus serviços, e saberia desculpar-te.

Teria sido nimamente afortunada se juntos tivéssemos passado a vida; mas já que era forçoso que uma ausência cruel nos separasse, parece-me que devo sentir grande satisfação de não ter sido infiel, e não quisera, por quanto há no mundo, ter cometido uma acção tão feia...

Como!... Conheceste o fundo do meu coração e extremo da minha ternura e pudeste resolver-te a deixar-me para todo o sempre, e a expor-me aos sustos que devem assaltar-me do teu esquecimento, ou ao receio de que me lembres somente de mim para sacrificar-me a uma nova paixão?...

Bem vejo que te amo como uma louca.

Contudo não me queixo de todos os ímpetos violentos do meu coração.

Habitue-me às suas perseguições e mal poderia viver sem particular prazer que descubro e desfruto, amando-te entre mil dores e pesares...

Mas o que me mortifica sem cessar é o nojo e aversão que tenho para tudo...

A minha família, os meus amigos, este convento são-me insupportáveis. Tudo que de obrigação devo ver, tudo que de necessidade devo fazer, me é odioso... Tão zelosa sou da minha paixão que, a meu parecer, todas as minhas acções, todos os meus deveres te dizem respeito...

Sim, faço algum escrúpulo se não emprego por ti todos os momentos da minha vida.

Que faria, ai de mim! Sem tamanho ódio e tamanho amor, quais enchem o meu coração!

Poderia eu sobreviver ao que me ocupa continuamente para levar uma vida tranquila e lânguida?...

Não semelhante vácuo, e tal insensibilidade não me convém. Todos reparam na mudança completa do meu génio, do meu modo e de toda a minha pessoa.

Minha mãe falou-me nisto ao princípio com desabrimento, depois com alguma bondade...

Não sei o que lhe respondi.

Parece-me que tudo lhe confessei...

As mais austeras religiosas compadecem-se do estado em que me vêem e mesmo é causa de mostrarem certa consideração e melindre para comigo.

Todos se comovem do meu insano amor... E tu, só tu, permaneces em profunda indiferença sem secretear-me senão cartas frias, cheias de cansadas repetições, que nem enchem metade do papel, dando a conhecer grosseiramente que morrias da impaciência de findá-las.

D. Brites perseguiu-me há dias, para fazer-me sair do meu aposento, e julgando divertir-me, levou-me à varanda de onde se vê Mértola...

Segui-a, sim; mas ali fui assaltada imediatamente por uma cruel lembrança, que me fez derramar lágrimas todo o resto do dia.

Reconduziu-me; e apenas chegada deitei-me sobre a cama, aonde fiz mil reflexões sobre a pouca aparência que vejo de jamais sarar...

Tudo que fazem, para aliviar-me, exaspera a minha dor, e nos mesmos remédios acho motivos particulares de afligir-me...

Naquele lugar te vi passar muitas vezes com um garbo e gentileza que me encantavam. Achava-me sobre esta varanda no dia fatal em que comecei a sentir os primeiros efeitos da minha desditosa paixão.

Pareceu-me que desejavas agradar-me ainda sem me conheceres.

Persuadi-me que me tinhas distinguido entre todas as minhas companheiras.

Imaginei, quando te demoravas, que tinhas gosto de que eu admirasse a destreza e bizzaria com que arremessavas o teu cavalo. Surpreendeu-me mesmo o susto que experimentei, quando o fizeste passar por um sítio escabroso.

Entim, interessava-me secretamente em todas as tuas acções.

Bem sentia que não me eras indiferente, e tomava para mim tudo o que fazias.

Tu conheces em demasia as consequências destes começos e ainda que não tenha a guardar respeito não devo contudo referir-tas, receando de aumentar os teus crimes e de arguir-me de tantas diligências inúteis para obrigar-te a ser-te fiel...

Não o serás, ingrato!...

Como posso eu esperar das minhas cartas e dos meus queixumes o que o meu amor e inteiro abandono não puderam vencer da tua ingratidão?

Estou mais que certa da minha infelicidade, o teu iníquo procedimento não me deixa a menor razão para duvidar dela; tudo devo apreender, pois me abandonaste!

Os teus atractivos terão porventura só poder sobre mim? Deixarás tu de parecer bem a outros olhos?

Creio que não desestimaria que os sentimentos dos outros justificassem de algum modo os meus, e quisera que todas as damas de França te reputassem amável, que nenhuma te amasse, e que nenhuma te agradasse.

Este projecto fantástico é ridículo e impossível; não obstante

saber assaz de própria existência quão pouco és capaz de uma tenaz afeição, e que para esquecer-me não careces de auxílio algum, nem de ser constrangido por uma nova paixão. Talvez desejava conhecer-te algum pretexto com lume de razão... Verdade é que eu seria mais desgraçada, mas tu menos culpável.

Vejo, ainda mal, que te demorarás em França, sem grande contentamento, com plena liberdade.

As fadigas de uma viagem longa, quaisquer pequeninas obrigações e o pejo de não saber corresponder aos meus transportes que são as causas que te retêm.

Ah! Não me temas...

Contentar-me-ei em ver-te de tempos a tempos e saber unicamente que vivemos no mesmo sítio e respirarmos o mesmo ar.

Mas quicá lisonjeio-me, a severidade e rigores de outra mulher te comoveram mais do que te comoveram os meus favores... Será possível que maus tratos tenham a eficácia de incender-te? Reflecte porém antes de enleiar-te em uma grande paixão e atende o excesso das minhas dolorosas aflições, a incerteza de todos os meus projectos a diversidade das agitações de minha alma, a extravagância das minhas cartas, as minhas confianças, as minhas desesperações os meus anelantes desejos, os meus ciúmes...

Ah! Guarda-te da infelicidade que te espera...

Conjuro-te de tirar proveito do estado em que eu caí, para que ao menos, o que sofro por ti não te seja inútil.

Haverá cinco ou seis meses fizeste-me uma confidência molesta, confessando-me com demasiada sinceridade que tinhas amado uma dama no teu país...

Se é ela quem te impede de voltar aqui, diz-mo sem disfarce, para que cesse de finar-me lentamente.

Algun resto de esperança sustenta-me ainda; mas se este deve ser frustrado, estimaria mais perdê-lo inteiramente, e perder-me com ela...

Manda-me o teu retrato, e algumas das suas cartas.

Escreve-me tudo o que ela te diz.

Talvez descobrirei motivos de consolar-me ou de ainda mais afligir-me.

Não posso aturar por mais tempo este trabalhoso estado em que permaneco: toda a mudança me será favorável...

Quisera possuir o de teu irmão e o de tua cunhada.

Tudo que te pertence me é por extremo caro, e sou perfeitamente devota a tudo que te diz respeito.

Nada reservei para mim, nenhuma disposição de mim mesma...

Há momentos nos quais me parece que seria capaz de submeter-me até a servir aquela que amas...

Tanto os teus maus tratos e desprezos me têm abatido, que não ousa às vezes nem sequer cogitar que poderia, a meu parecer, demandar-te ciúmes sem desagradar-te, e que creio obrar com a maior sem-razão em dirigir-te reproches...

Muitas vezes deixo-me convencer que não devo manifestar-te com insano furor, como faço, sentimentos que tu desdenhas.

Há muito tempo que um oficial espera por esta carta.

Tinha resolvido escrevê-la de modo que pudesses recebê-la sem desgosto, mas é demasiado extravagante... é necessário terminá-la.

Ai de mim! Não me sinto com forças para tomar esta resolução.

Parece-me que te falo quando te escrevo, e que me estás algum tanto mais presente...

A primeira que te escrever não será nem tão extensa nem tão enfadonha. Poderás abri-la e lê-la fiado na minha palavra.

Verdade é que não devo falar-te de uma paixão que te é desagradável e dela mais não te falarei.

Daqui a poucos dias fará um ano que me abandonei toda a ti, sem alguma consideração e comedimento!

O teu amor parecia-me muito fervoroso e jamais teria pensado nem por sombras, que os meus favores te desgostassem, até obrigarem-te a fazer quinhentas léguas e a expor-te a naufrágios só para te alongares de mim.

De ninguém era de esperar semelhante tratamento!...

Podes lembrar-te do meu pudor, da minha confusão, da minha desordem, mas tu não te lembras de coisa alguma que haja de obrigar-me, mau grado teu, a amar-me!

O oficial, que deve levar-te a minha carta, avisa-me pela quarta vez que quer partir.

Que pressa tem!...

Abandona certamente alguma pobre desgraçada neste país.

Adeus.

Custa-me mais acabar esta carta, do que te custou deixar-me, talvez para sempre.

Adeus.

Não me atrevo a dar-te mil ternos nomes, nem abandonar-me, livre de qualquer constrangimento, a todos os meus afectos...

Amo-te mil vezes mais que a própria vida, e mil vezes mais do que imagino. Quanto me és caro, e quanto és cruel para mim!...

Tu não me escreves!...

Não pude coibir-me de repetir-te ainda isto...

Torno a principiar e o oficial partirá...

Que importa?... Parta embora...

Eu escrevo mais para mim do que para ti...

Não procuro senão desabafar; assim também o comprimento da minha carta te há-de meter medo...

Não a lerás...

Que fiz eu para ser tão desditosa?... E por que infecionaste com veneno a minha vida?...

Ah! Por que não nasci noutra terra?...

Adeus; desculpa-me...

Não ousa rogar-te que me ames.

Vêde a que termos me reduziu o meu destino!...

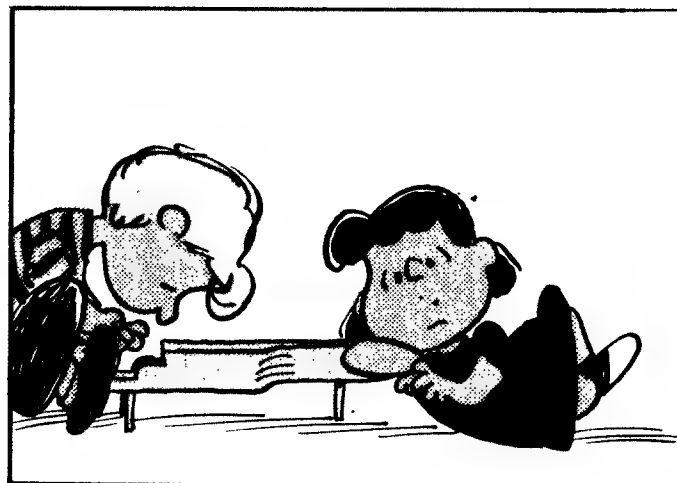
Adeus!

PEANUTS

apresentam

"O velho amigo Charlie Brown"

por SCHULZ



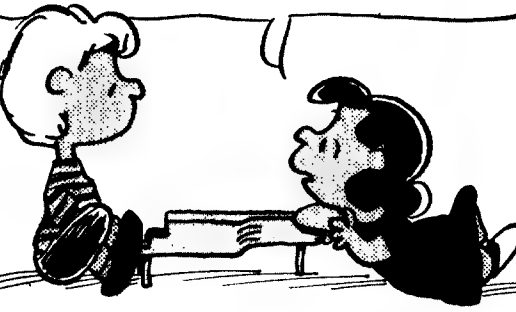
ÀS VEZES, PENSO QUE NÃO SABES QUE PODERÁS PERDER-ME...



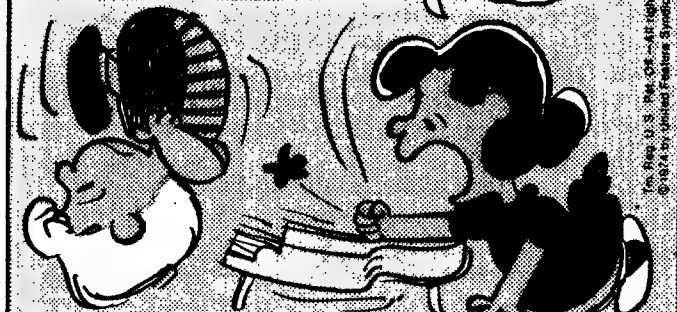
ESTÁS CONVENCIDO DE QUE QUERES SOFRER AS TORTURAS DA MEMÓRIA DUM AMOR PERDIDO?



CONHECES AS TORTURAS DA MEMÓRIA DUM AMOR PERDIDO?



É HORRÍVEL!!!



ATORMENTAR-TE-ÃO NOTE E DIA!!



ACORDARÁS DE NOITE A GRITAR!



NÃO PODERÁS COMER! NÃO PODERÁS DORMIR!! HÁS-DE QUERER PARTIR TUDO!



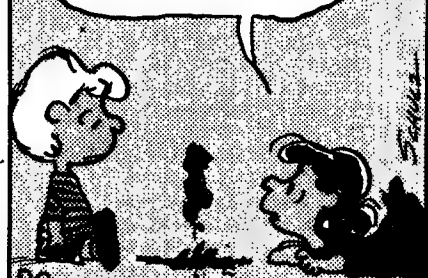
ODIAR-TE-ÁS E AO MUNDO E A TODOS!



OOO OH!!!



TENS A CERTEZA DE QUE QUERES PERDER-ME?



os Kolans

RUMO AO LARGO, PARA MAIS UM DIA DE FAINA, MAS AGORA CONFIANTE NO FUTURO UMA VEZ QUE ENTREI DEFINITIVAMENTE NO MUNDO DO PETRÓLEO!



EU SABIA QUE A RIQUEZA ACABARIA POR VIR DO MAR!



'MORNING, SÓCIO!! TUDO O.K.?

BOM DIA, MISTERS! TUDO O.K.!!



HI, HI, HI! ELES NEM IMAGINAM A FORTUNA QUE AQUI VOU FAZER A APANHAR MEXILHÃO!



DERRADEIRA HOMENAGEM A POMPIDOU

GRANDE SÉRIE DE CONVERSÇÕES APÓS A CERIMÔNIA



Marcello Caetano assistiu à cerimônia ao lado do primeiro-ministro paquistanês Ali Bhutto. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

PARIS, 7 (R) — Reis, presidentes, primeiros-ministros e entidades governamentais de 68 países prestaram ontem as suas derradeiras homenagens ao presidente Pompidou, e logo a seguir o presidente americano Richard Nixon e outros dirigentes ocidentais realizaram uma sessão de conversações.

Quase mal terminou o serviço fúnebre, de 50 minutos, realizado na catedral de Nossa Senhora de Paris, «leaders» ocidentais iniciaram reuniões destinadas a uma sondagem sobre a situação no perturbado campo ocidental.

O presidente Nixon, que desde o escândalo Watergate e a ameaça de impugnação que pesa sobre ele raramente se tem deslocado ao estrangeiro, decidiu permanecer em Paris durante a noite em vez de regressar a Washington imediatamente, de modo a ter mais tempo para dedicar às conversações

com os dirigentes ocidentais.

O presidente Nixon e o presidente soviético Nikolai Podgorny juntaram-se ao duque de Edimburgo, a representar a Inglaterra, ao rei Balduino da Bélgica, à rainha Juliana da Holanda e a outras altas individualidades num brilhante cortejo de dirigentes mundiais, assis-

tindo em atitude piedosa à cerimônia religiosa em memória do falecido presidente Pompidou, realizada sob as altas abóbadas da catedral de Notre Dame, construída no Século XII.

Mais de 5000 polícias ergueram barreiras e controlaram as ruas em volta da soberba catedral, edificada na ilha de La Cité, numa maciça operação de segurança posta em execução sob o nome de código «operação ouriço-cacheiro».

Atiradores especiais da polícia estavam colocados em pontos estratégicos nos telhados próximos, enquanto dentro da catedral, uma brigada da elite, 50 homens, de peritos policiais na protecção de personalidades importantes, se encontrava espalhada por entre as maciças colunas, no coro e noutros pontos de onde podiam dominar toda a catedral.

Todavia, não se registaram incidentes, à parte 10 minutos de grande confusão, na altura

em que monarcas, presidentes e primeiros-ministros saíram para o adro em magote à espera das suas viaturas oficiais.

Não obstante a elevada posição da maior parte dos convidados, o sombrio serviço religioso não conseguiu despertar a mesma sensação do funeral de Estado do general De Gaulle, que se realizou também na Notre Dame há menos de quatro anos.

NIXON E POHER

Uma hora depois, o presidente Nixon dirigiu-se ao palácio do Eliseu a fim de se reunir com Alain Poher, presidente provisório da França, antes de se lançar numa série de reuniões que, principalmente, envolvem o chanceler federal alemão Willy Brandt, o primeiro-ministro britânico Harold Wilson e o primeiro-ministro nipónico Kakuei Tanaka.

Continua na pág. 4

MARCELLO CAETANO EM FRANÇA

Paris — (ANI) — Depois das cerimónias realizadas na catedral de Notre-Dame em memória do falecido presidente Georges Pompidou, o prof. Marcello Caetano, acompanhado pelo embaixador de Portugal em Paris, dr. Lencastre da Veiga, voltou à embaixada portuguesa em Paris, onde ficara alojado, e onde o embaixador ofereceu um almoço, ao qual também estiveram presentes todo o pessoal superior da embaixada, dr. João Affra, representante permanente de Portugal junto da O.C.D.E., o general Câmara Pina, o embaixador Trigueiro de Aragão e o dr. Cabrita Mathias, do Ministério dos Negócios Estrangeiros, os

cônsules de Portugal na região parisiense, drs. Filipe de Albuquerque, e Calda Faria,, bem como o comandante do avião utilizado pelo Presidente do Conselho.

Pouco depois das quinze horas e trinta minutos, de ontem, o prof. Marcello Caetano dirigiu-se para o aeroporto, onde, no salão de honra, os elementos mais destacados dos organismos oficiais portugueses na França lhe apresentaram cumprimentos de despedida.

Minutos depois, o Presidente do Conselho de Ministros embarcou no avião das Forças Armadas que o levou de regresso a Lisboa.

O ATENTADO CONTRA CARRERO BLANCO PEDIDA À BÉLGICA A EXTRADIÇÃO DE DEZ SUSPEITOS

MADRID, 7 (EFE-ANI e R.) — O Governo espanhol solicitou à Bélgica a extradição dos membros da E. T. A., que se supõe estejam implicados no atentado que custou a vida ao antigo primeiro-ministro Carrero Blanco e mais duas pessoas — anunciou ontem o jornal madrileño «Informaciones».

«Segundo parece — acrescenta o vespertino — as autoridades belgas não consideram as provas suficientes para se proceder à sua extradição.»

Por outro lado, apareceu no «Boletim Oficial do Estado» o libelo contra os dez incursores no sumário do assassinio de Carrero Blanco.

Os dez suspeitos são: Pedro Ignacio Perez Beotegui, José Ignacio Abaitua Gomez, José Miguel Benaran Ordenana, Javier Maria Larreategui Cuadra,

José Feliz Azurmendi Badiola, Juan Bautista Izaguirre Santisteban, José Antonio Urruticoechea Bengoechea, Mercedes Algarcorta Arzac e José Miguel Julua Gorostiola.

Comunistas presos

Três alegados membros do Partido Comunista Espanhol — sendo um deles uma mulher — foram presos em Madrid — anunciou a sede da Polícia de Segurança.

Um dos comunistas presos, identificado como Francisco Romero Marin, de 59 anos, segundo se diz é um antigo tenente-coronel do Exército Soviético que entrou em Espanha clandestinamente há vários anos para reorganizar o Partido Comunista Espanhol.

NIXON IRÁ À U.R.S.S.

WASHINGTON, 7 — (EFE-ANI) — O presidente Nixon visitará a União Soviética no próximo Verão, apesar da suposta falta de acordo entre os dois países sobre um tratado nuclear — anuncia-se em círculos próximos da Casa Branca. O presidente terá decidido ir pessoalmente a Moscovo para resolver as suas divergências com os dirigentes do Kremlin e assim romper o actual ponto-morto das conversações.

Embora nenhuma das duas

partes tenha confirmado oficialmente, sabe-se que durante a recente permanência do secretário de Estado Henry Kissinger em Moscovo, se malograram os esforços para chegar a um acordo de desarmamento nuclear, o que terá decidido Nixon auma tentativa pessoal.

Mas a viagem presidencial não se realizará, no entanto, sem uma nova série de preparativos e negociações — diz-se em Washington.

HOJE: 72 PÁGINAS

REVIRAVOLTA NA LÍBIA

Gaddafi exonerado das funções políticas

CAIRO, 7 — (R) — O jovem «leader» da Líbia, coronei Muammar Gaddafi foi «dispensado» dos seus «deveres administrativos, políticos e tradicionais» — segundo anunciou a noite passada a agência egípcia do Médio Oriente (MENA).

De imediato não se sabe se a decisão, tomada pelo comando do Conselho Revolucionário da Líbia, significa que Gaddafi, de 32 anos, foi demitido do seu cargo ou se lhe concederam mais tempo livre para se dedicar à meditação política, embora mantendo as rédeas do Poder.

Muammar Gaddafi governa a Líbia há quatro anos e meio desde que chefiou a revolta que derrubou o rei Idris, e tem

vinho frequentemente a espantar o mundo pelas suas intuições, por vezes intempestivas, sobre altos problemas

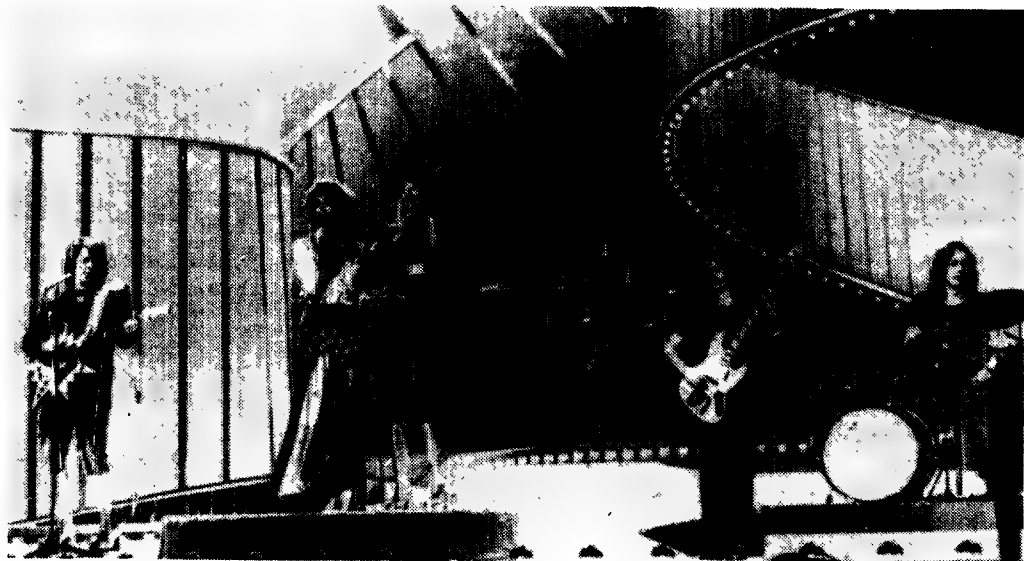
mundiais e pelas suas opiniões individuais sobre tudo, desde política a prostituição, nos outros países árabes.

Em tempos passados, o coronel retirou-se já por várias vezes para o deserto, onde nasceu, como um profeta, aparentemente para congeminar a sua política, regressando à cena política do seu país e mundial ao começar-se a anunciar que ele renunciaria à sua posição.

O facto de Gaddafi ter sido «dispensado» dos seus deve-

Continua na pág. 2

VITÓRIA SUECA NO FESTIVAL



O grupo «Abba» vencedor do Festival da Eurovisão 1974 que se realizou em Brighton veio da Suécia para ganhar com a canção «Waterloo». A telefoto mostra-nos um momento da sua actuação (UPI-Telimprensa-DL)

(Ler na página 16)

Gaddafi «dispensado» para se dedicar à meditação política?

Continuação da pag. 1

A NOTA

res administrativos e tradicionais podem sugerir que ele pretende dedicar mais tempo à sua ideologia, mas a perda de deveres «políticos» é o que mais espanta os observadores, levando-os a pensar numa possível despromoção do dirigente líbio.

JALLOUD SILENCIOSO

PARIS, 7 — (R) — O primeiro-ministro líbio, Abdel Salam Jalloud, recusou-se a confirmar ou desmentir notícias do Cairo a dizerem que o chefe de Estado Muammar Gaddafi tinha sido dispensado dos seus deveres políticos e administrativos — anunciou a televisão francesa.

No entanto, Jalloud disse ter tido conhecimento da notícia.

O major Jalloud, que se encontra em Paris onde assistiu às cerimónias pelo presidente Pompidou, fez a sua declaração em resposta a perguntas de entrevistadores da televisão.

No luxuoso hotel de Paris onde se encontra hospedado, Jalloud sublinhou que não fará comentários posteriores sobre o assunto e recusou-se a receber jornalistas.

TRIPOLI, 7 — (F.P.) — É do seguinte teor a nota que o Ministério dos Negócios Estrangeiros líbio dirigiu às missões diplomáticas acreditadas em Trípoli, e que foi divulgado pela agência noticiosa do Médio Oriente.

Em nome do povo:

Art.º 1 — Convencionou-se que o coronel Muammar Al Gaddafi se consagrará inteiramente às actividades ideológicas e às organizações populares, sem que isso afecte o seu cargo de comandante-chefe das Forças Armadas líbias.

Art.º 2 — O coronel Muammar Al Gaddafi é exonerado das suas funções políticas, administrativas e tradicionais, assim como de todos os cargos protocolares, tais como recepção de chefes de Estado nos aeroportos e nas estações marítimas e cerimoniais de entrega de credenciais.

Art.º 3 — O presidente do Conselho dos Ministros assumirá os cargos citados no Art.º 2.

Art.º 4 — Esta decisão não afecta os poderes e as responsabilidades do Conselho de Comando da Revolução previstos pela Constituição.

Art.º 5 — Esta decisão é aplicável logo que seja adoptada e será publicada no jornal oficial.

2 de Abril de 1974 A) O Comando da Revolução.

De acordo com a informação divulgada pela agência egípcia (MENA), o coronel Muammar Gaddafi continua a ser chefe de Estado, comandante supremo das Forças Armadas e consagra-se-á, de futuro as tarefas ideológicas. As actividades governativas passam para o primeiro-ministro, major Abdel Salam Jalloud.

Tudo parece haver-se passado sem barulho, pois o Governo considerou necessário avisar os diplomatas com uma nota verbal do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

O último aparecimento de Gaddafi em público remonta a 23 de Março passado, quando inaugurou em Bengazi a quarta conferência do Movimento Pan-africano da Juventude.

Pronunciou então um discurso puramente ideológico em que pedia aos africanos que se desviassem do cristianismo e adoptem o alfabeto árabe.

Certas delegações escutaram com frieza esta alocução, mas o presidente Gaddafi não pareceu aperceber-se disso, mostrando-se muito descontente e à vontade.

Nos dias seguintes apareceu de improviso no hotel onde estavam alojadas as delegações e conversou com algumas com muita liberdade e sem nenhum protocolo.

A parte isto, passou os seus dias a discutir com as diversas comissões populares (saídas da revolução cultural do ano

passado) da região de Bengazi, manifestamente muito mais apaixonadas pelas questões ideológicas e culturais do que pela política do dia-a-dia.

Gaddafi deixara aos observadores a impressão de se comprazer muito mais no papel de predicador do que no de chefe.

Portanto, faz parte das coisas possíveis que esta redistribuição do Poder, anunciada assaz curiosamente pela via diplomática, se havia feito de comum acordo.

Salvo imprevisto, não deveria afectar a prodigiosa prosperidade que conhece a Líbia desde há alguns anos e que deve dar, em 1974, fantástico salto em frente devido a quadruplicação do preço do petróleo. Os rendimentos petrolíferos líbios passaram de dois mil milhões de dólares por ano para sete mil milhões.

Esta prosperidade teve como primeiro efeito uma quase completa despolitização do povo líbio que, manifestamente, apenas se interessa pelos negócios e pela «qualidade da vida».

Esta despolitização entristeceu profundamente o coronel Gaddafi que tentou, por várias vezes, dar-lhe remédio, mas sem grande resultado. Talvez as suas novas atribuições lhe permitam remediar uma situação que não parece incomodar os líbios, mas que o coronel Gaddafi sente como um desaire pessoal.

BARROS

a qualidade à sua mesa



PORTO

ROSÉ

BRANDY

Agentes no Porto e Distrito de Aveiro:

CARVALHO, GOMES & BENTO, LDA.

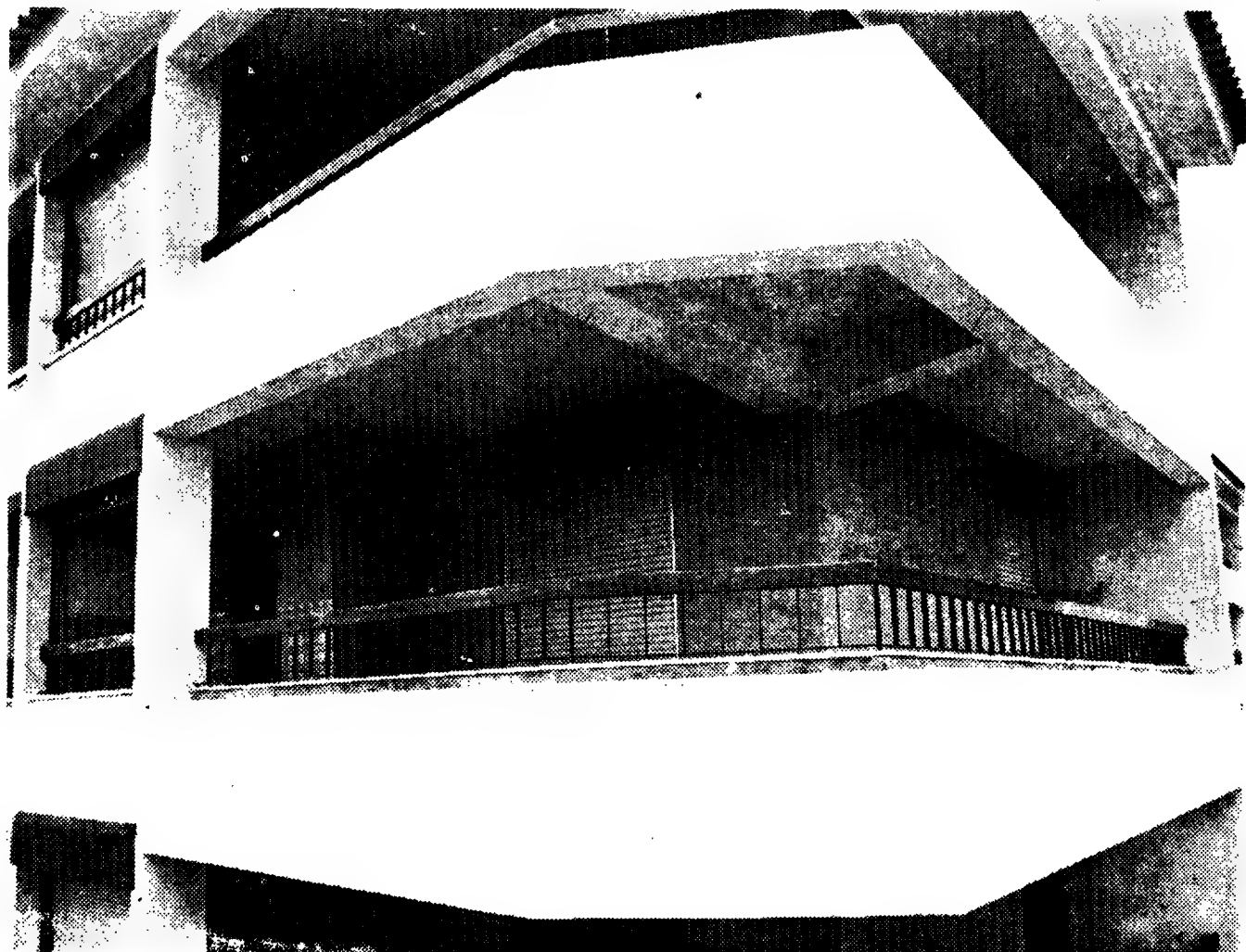
RUA 16, N.º 515/17 — Telefone 921725 — ESPINHO

Agentes no Sul:

FERREIRA & SILVA, LDA.

RUA DE S. JOÃO DA PRAÇA, 91 — Telef. 869549 • 869884
LISBOA-2

SALDOS DE ANDARES — NA PAREDE



BAIRRO JANITA (Alto da Parede)

Devido à feliz pronaganda, inédita em Portugal, de saldos de andares efectuados em Cascais, o construtor Reinaldo Lapinha informa que os referidos andares já se encontram totalmente vendidos.

Comunica que tem novamente em saldo três prédios acabados de construir e prontos a habitar, também para vender por andares, compostos de 3 e 2 assoalhadas, com grandes terraços e marquises e espaçosas arrecadações na cave.

E já se encontra em fase de acabamento a construção de mais 500 fogos.

PARA MAIS INFORMAÇÕES, VISITE A

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES REINALDO LAPINHA & FILHOS, LDA.

NA RUA IRACY DOYLE, N.º 11-D, EM CASCAIS • TELEFOS: 28 40 26, 28 44 25 E 28 31 52

O PRESIDENTE DESMENTIDO PELO SEU ANTIGO ADVOGADO

WASHINGTON, 6 — (R) — Um antigo advogado pessoal do presidente Nixon contradisse as declarações feitas pelo presidente a respeito de uma controversa quantia de 100 000 dólares, como contribuição para a reeleição em 1972, entregue pelo multimilionário Howard Hughes — foi ontem anunciado.

As notícias dizem que o advogado, Herbert Kalmbach, depois sob juramento perante a comissão do Senado que investiga o caso Watergate, dizendo que parte do dinheiro foi entregue à secretária privativa de Nixon «miss» Rose Mary Woods, e ao irmão do presidente Donald Nixon, para utilização pessoal.

O presidente Nixon tinha dito publicamente que depois do seu amigo íntimo «Bebe» Rebozo ter recebido os 100 000 dólares, em dinheiro, os colocara, sem lhes tocar durante três anos, num cofre forte, entregando finalmente a quantia ao seu doador da mesma forma que a recebera.

O jornal «Washington Post»,

citando círculos bem informados, diz que o advogado Kalmbach informou a comissão do Senado e o gabinete do investigador especial sobre o escândalo Watergate que Rebozo, na passada Primavera, o procurava a fim de Kalmbach lhe fornecer um conselho legal a respeito dos 100 000 dólares. De acordo com a descrição dos círculos informativos sobre o depoimento de Kalmbach, o advogado informou que Rebo-

zo lhe dissera que tinha entregue parte do dinheiro à «Miss» Woods e a Donald Nixon para utilização pessoal. Segundo o jornal, a quantia exacta referida no depoimento não foi revelada.

Anteriormente, Las Whitten, um associado do célebre columnista Jack Anderson, anunciou também que o advogado Kalmbach dissera no seu depoimento que parte do dinheiro fora entregue a «Miss» Woods

e a outra pessoa muito íntima do presidente.

«Bebe» Rebozo no seu depoimento tinha dito que colocara o dinheiro num cofre durante três anos antes de o entregar.

«Miss» Woods testemunhou que nunca recebeu qualquer dinheiro das mãos de Rebozo.

Numa conferência de imprensa em Outubro do ano passado, o presidente Nixon garantiu que o seu amigo Rebozo conservara o dinheiro durante três anos sem lhe tocar «dado que a quantia foi entregue ao seu primitivo proprietário exactamente da mesma forma como tinha sido recebida. Julgo que seja uma excelente indicação de que Rebozo é na verdade

um homem totalmente honesto».

A notícia de ontem, mais outra bomba, surgiu numa altura em que Nixon e os seus principais auxiliares se encontravam em Paris para prestar a última homenagem ao presidente Georges Pompidou.

Não há qualquer reacção imediata da Casa Branca e um advogado de Rebozo informou que este desmentiu redondamente a história.

O presidente Nixon atreveu-se a viajar para Paris ao que parece para poder ter alguns momentos de repouso a respeito das complicações do escândalo Watergate e a respeito dos 467 000 dólares que deve ao fisco, por falta nas suas declarações sobre impostos.

Bombas em Londres

LONDRES, 7 — (R) — Explodiram 14 bombas incendiárias em várias lojas do Norte de Londres e precisamente na altura em que as compras de sábado estavam no seu ponto mais culminante.

Todavia, não há notícias de vítimas.

A Polícia informou que os engenhos causaram somente danos de pouca monta, mas

avisou os lojistas para passarem revista cuidadosa às suas instalações, onde se podem encontrar mais bombas.

Quatro dos engenhos deflagraram no distrito de Wembley, quatro nos subúrbios de Welwyn Garden, três em Lxbridge e três em Edmonton.

Pelo menos um dos estabelecimentos atingidos, «Marks and Spencers», em Wembley, é propriedade de judeus.

JÓIAS - PRATAS - RELÓGIOS - OURO
JOALHARIA E OURIVESARIA

JULIETA

DI

EDMUNDO DINIZ

Aven. dos Combatentes da Grande Guerra, 72—ALGÉS
Telefone 21 42 41



ACÁCIO JORGE, LIMITADA

PRODUTOS QUÍMICOS E DROGAS
PARA TODAS AS INDÚSTRIAS

IMPORTAÇÃO — EXPORTAÇÃO
DROGAS E PRODUTOS QUÍMICOS
PARA AS INDÚSTRIAS

BORRACHA CERÂMICA CORTA CUR-
TUMES FONOLOGIA ESPLHAGM ES-
TAMPARIA FOTOGRAFIA GALVANOPLASTIA
METALURGIA PAPEL PLÁSTICOS TÊX-
TEIS TINTAS TINTURARIA VIDREIRA E
CRISTAIS

ESTALEIROS NAVAIS, EMPRESAS DE NAVE-
GAÇÃO, CAMINHOS DE FERRO, HOSPITAIS,
CASAS DE SAÚDE, ETC., ETC.

Av. D. Carlos I, 74, 1.º — Telef. 661333/672017
LISBOA Telegramas: ALVAIADE

Esta manhã, quantas vezes tornou a pôr espuma nos pontos difíceis?

Nem tudo é fácil quando se faz a barba. É verdade que há partes que não apresentam qualquer problema. Nessas uma passagem de lâmina, basta. Mas nas outras? O pescoço, os ossos da mandíbula, a parte de baixo do queixo.



Ai é preciso passar a lâmina... Tornar a passar... Passar mais uma vez. E já pensou que fez todas essas passagens sem espuma? Porque na primeira passagem, a lâmina só tira uma parte dos pelos, mas a espuma, essa tira-a toda.

Para cortar os pelos sem cortar a pele, seria preciso usar espuma 4 ou 5 vezes.

E quando a barba é feita sem espuma, o resultado não se faz esperar. A lâmina desliza mal — muito mal — e é a pele que sofre as consequências.



É certo que há uma solução: tornar a pôr espuma cada vez que se passa a lâmina. Mas você não o faz. Nunca o fará. Procurámos uma outra solução. E encontrámo-la: a lanolina.

A lanolina: um lubrificante

A lanolina é um elemento natural muito empregado nos produtos de beleza. Penetra na pele em profundidade, hidratando-a, alimentando-a e tornando-a macia.

Estudando-a de mais perto, vimos que a lanolina tinha ainda muitas outras qualidades.

Para começar é bem absorvida pela pele que protege, impedindo-a de secar... e os ataques das lâminas, cada vez mais afiadas... Hidrata-a. Faz a lâmina deslizar melhor porque nivela as pequenas asperezas da pele. E este efeito continua enquanto se barbeia porque a lanolina permanece na pele, depois da lâmina ter tirado a camada superficial da espuma.

Finalmente — e é importante — alimenta a pele e prepara-a, dia após dia, para a barba do dia seguinte. Foi por todas estas razões que empregámos a lanolina na espuma para barbear WILLIAMS.

Williams utilizou a lanolina porque você não torna a pôr espuma

Quando usa a espuma de barbear WILLIAMS, é como se a tivesse usado em duas camadas.

Uma superficial que contém um certo número de produtos eficazes (como todas as outras espumas), e uma invisível, à base de lanolina, que pelo seu grande poder lubrificante, continua a fazer deslizar a lâmina quando a primeira camada já desapareceu.

É por isso que com WILLIAMS você não tem necessidade de tornar a pôr espuma nos pontos difíceis. Sem que eles sofram por isso.



Com williams, quando já não há espuma, a lanolina fica.



ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA

COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES RÚSTICAS E URBANAS — ZONAS DE LISBOA E SITUAR

ANDARES EM SETUBAL • MORADIAS NA COSTA DA CAPARICA CABANAS e PALMELA

NÃO COMPRE NEM VENDA PROPRIEDADES SEM CONSULTAR

ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA

RUA DO GARRIDO, 73-A

TELEFONES 72 51 96 72 72 01

CONVERSÇÕES EM FRANÇA: BRANDT-WILSON

Continuação da pag. 1

O presidente Pompidou faleceu numa altura de extrema

tensão no seio da aliança ocidental. Por isso, os dirigentes gover-

namentais, reunidos em Paris para prestarem a derradeira homenagem a Pompidou, aprovei-

taram a oportunidade para debaterem a crise numa série de reuniões privadas arranjadas

apressadamente antes e depois de uma recepção oficial dada em honra dos ilustres visitantes no Quays D'Orsay.

O presidente soviético, Podgorny, que conversou durante alguns minutos com Nixon no adro da catedral de Notre Dame, programou também conversações com Kakuei Tanaka e com o primeiro-ministro francês Pierre Messmer, mas julgase que esses encontros se-

As reuniões entre os dirigentes ocidentais focam-se também na exigência britânica para renegociar os seus termos de ingresso no Mercado Comum — outra causa grave de atrito entre os parceiros do Ocidente.

BRANDT — WILSON

O chanceler Willy Brandt e o primeiro-ministro britânico Harold Wilson reuniram-se já durante 40 minutos num dos primeiros encontros bilaterais, e o chanceler federal alemão disse que consegue agora fazer uma ideia sobre a «maneira como os nossos amigos ingleses encaram a situação europeia».

Brandt e Wilson, dois dirigentes socialistas que não se encontravam desde que o Partido Trabalhista inglês regressou ao Poder, acordaram que a morte do presidente Pompidou

poderá ter um impacto definido na cena política europeia.

Entretanto, nem «madame» Claude Pompidou, nem nenhum dos mais próximos familiares do falecido presidente, estiveram presentes ao serviço religioso memorial.

O celebrante da missa realizada em Notre Dame foi o cardeal François Marty, arcebispo de Paris, que num breve sermão frisou: «esta notabilíssima reunião mostra a simpatia respeitosa que o falecido presidente Pompidou desfrutava em todo o Mundo».

O chanceler Willy Brandt da Alemanha Federal entabulou conversações com três dirigentes europeus, conversações que segundo disse têm como objectivo evitar uma interrupção na cooperação europeia.

O chanceler alemão, que conversou também com o primeiro-ministro nipónico Kakuei Tanaka, num programa que lhe ocupou quase toda a tarde, fez declarações aos jornalistas antes de deixar a recepção no Ministério dos Estrangeiros francês feita a todos os chefes de Estado que se deslocaram a Paris para prestar a última homenagem ao falecido presidente Pompidou.

LIMITES DE VELOCIDADE EM ESPANHA

MADRID, 7 (R.) — Amanhã entram em vigor nas estradas espanholas novos limites de velocidade — anunciou o Ministério da Informação.

Os limites para os automóveis ligeiros serão de 130 quilómetros por hora nas auto-estradas, 90 nas estradas de primeira categoria e 60 em estradas secundárias. O limite para veículos pesados nas auto-estradas será de 100 quilómetros.

Nas cidades e povoações os limites para os veículos serão restringidos a 60 quilómetros por hora.

Nova hora espanhola

MADRID, 7 (R.) — Os relógios em Espanha serão adiantados uma hora no próximo sábado — anunciou ontem o Diário do Governo.

A medida destina-se a poupar energia eléctrica e foi acordada durante uma reunião do gabinete que ontem se realizou e que foi presidida pelo chefe de Estado, generalíssimo Francisco Franco.

O gabinete concordou também em adoptar, em data posterior, limites de velocidades nas estradas e auto-estradas, e examinará noutra reunião a possibilidade de se proceder a um novo arranjo nas horas úteis de trabalho em todo o território espanhol.



SURDOS

CASA SONOTONE

DESEJAMOS PÁSCOA FELIZ A TODOS OS NOSSOS CLIENTES E AMIGOS; E A TODA A IMPRENSA QUE CONNOSCO COLABORA.

É uma tristeza não ouvir bem! Aproveitem esta altura da Páscoa para oferecerem aos seus familiares um aparelho auditivo, a fim de serem felizes voltando à alegria de viver. Os exames são gratuitos. Temos o que há de mais moderno para corrigir a surdez. Aparelhos de bolso, retroauriculares e óculos via aérea e óssea sendo estes últimos de encostar ao mastóide sem fios nem pipetas. Pilhas de todas as voltagens. LARINGS ELECTRONICAS para os operados à laringe. Assistência técnica permanente a todos os aparelhos sejam ou não vendidos por nós de qualquer casa ou marcas. Esperamos a vossa visita com um grande OBRI-

GADO em:

LISBOA — Poço do Borratém, 33 S/L. — Telef.: 868352

PORTO — Praça da Batalha, 92-1.º — Telef.: 02-35602

LUANDA — Largo Luís Lopes Sequeira, 2-2.º A — Telef.: 38381

PLAZA INTERNACIONAL

para quem conhece o mundo e o sabor das melhores coisas do mundo

Um novo cigarro. PLAZA Internacional. O novo sabor Plaza. Um cigarro de nível internacional. Um acto de escolha e de afirmação própria. O seu Plaza. Em qualquer circunstância. Sempre Extra Longo. 3 Filtro Triplo Ventilado. Duas vezes mais eficaz!



PLAZA a sua afirmação pessoal



PANCADA,
MORAES
& C.ª

BANQUEIROS

37, RUA AUGUSTA, LISBOA



UM SERVIÇO BANCÁRIO
COMPLETO, EFICIENTE
E PESSOAL

CHEGOU À FIGUEIRA DA FOZ UMA PLATAFORMA DE PROSPECÇÃO

..FIGUEIRA DA FOZ, 6 — Chegou ao local onde vai ser implantada, 40 graus, 6 minutos e 17 segundos de latitude Norte e 8 graus, 59 minutos e 50 segundos de longitude Oeste, a plataforma de prospecção de petróleo que foi rebocada pelos navios «Oceanic» e «Baltic». Os dois barcos de apoio «Spring Buck» e «Hastebesp», arvorando a bandeira

norte-americana, mas procedentes na Holanda, já se encontram ao largo do porto da Figueira da Foz, tendo estado, este último, durante cerca de duas horas, acostado ao novo cais da Avenida Saraiva de Carvalho, a carregar diverso material, o que despertou a curiosidade da população. A plataforma mede 240 pés, ou sejam 77 metros e 16 centímetros e começará a laborar dentro de dias.

ESTEVE NO FUNCHAL O PAQUETE «FRANCE»

FUNCHAL, 7 (ANI) — Atracou ontem de madrugada no molhe da Pontinha, no Funchal, o paquete «France», que traz 752 milionários europeus e norte-americanos.

Entretanto, o comandante do navio, comodoro Pettre, reve-

lou: «graças a uma decisão do Governo, o pavilhão da França, continuará a flutuar no mastro do paquete, pelo que este não será vendido.

O «France» largou ainda ontem do Funchal, com mais 19 passageiros do que transporta-

INAUGURADO ONTEM O MUSEU MANUEL CABANAS

VILA REAL DE SANTO ANTONIO — (Serviço especial do nosso correspondente) — Esta vila vestiu ontem as suas melhores galas para a inauguração do museu Manuel Cabanas, que há muito se esperava e que passa a valorizar extraordinariamente o nosso património artístico.

A sessão solene organizada para o efeito decorreu no salão nobre dos Paços do Concelho, tendo-lhe presidido o dr. António Manuel Horta, presidente da Câmara, que era ladeado pelo deputado eng.º Leal Oliveira e por Manuel Cabanas. Estiveram também presentes várias individualidades e numerosos amigos do artista.

Durante a cerimónia foi lida a escritura de doação do espólio artístico de Manuel Cabanas, e os numerosos telegramas vindos do Brasil e de diversos pontos do país a associarem-se ao acontecimento. No fim, usaram da palavra o escritor Madeira Santos, o crítico de cinema Vitoriano Rosa e o pintor Pereira Gama (Kira) que

puseram em destaque os predicados de Manuel Cabanas.

NAVIO AFUNDADO

PONTA DELGADA, 7 (L.) — O navio «Dania», de nacionalidade por enquanto desconhecida, afundou-se a 240 milhas a Noroeste da ilha de São Miguel.

Dois navios e o navio patrulha «Limpopo» efectuam buscas na zona do sinistro, não tendo aparecido até agora quaisquer vestígios.

Segundo o Comando Naval dos Açores, através da Estação Rádio Costeira, o navio afundou-se, ontem, cerca das 17 e 30, num ponto situado a cerca de 240 milhas a noroeste da ilha de S. Miguel.

A mensagem não continha o indicativo de chamada. O comandante Naval dos Açores determinou a saída imediata do navio-patrulha «Limpopo», que navega debaixo de mau tempo.

MEENDES FERRÃO NO NORTE

BRAGA, 7 — O secretário de Estado da Agricultura, prof. Mendes Ferrão, que desde sexta-feira se encontra em visita de trabalho a este distrito e ao de Viana do Castelo, deslocou-se hoje ao Centro de Tratamento de Leite do Norte, em Gondivai, tendo em seguida procedido ao descerramento, na União de Cooperativas de

Entre-Douro e Minho, em Vila do Conde, de uma lápida em homenagem à memória do eng.º Pereira Caldas, antigo subsecretário de Estado da Agricultura.

O prof. Mendes Ferrão visita ainda hoje a freguesia de S. Torcato, no concelho de Guimarães, de onde regressará a Lisboa.

Profissionais Indústria Hoteleira

NECESSITA GRANDE EMPRESA, PARA AS SUAS INSTALAÇÕES JUNTO DE SETÚBAL, COM AS SEGUINTE CATEGORIAS:

AJUDANTES DE TURNO
EMPREGADOS DE BALCÃO

OFERECEMOS:

- TRABALHO EM REGIME SAZONAL, NO PERÍODO DE ABRIL A OUTUBRO INCLUSIVE
- ORDENADO COMPATÍVEL,
- ALIMENTAÇÃO;
- TRANSPORTE ENTRE SETÚBAL E LOCAL DE TRABALHO;
- ALOJAMENTO (SE O PREFERIR).

PEDIMOS:

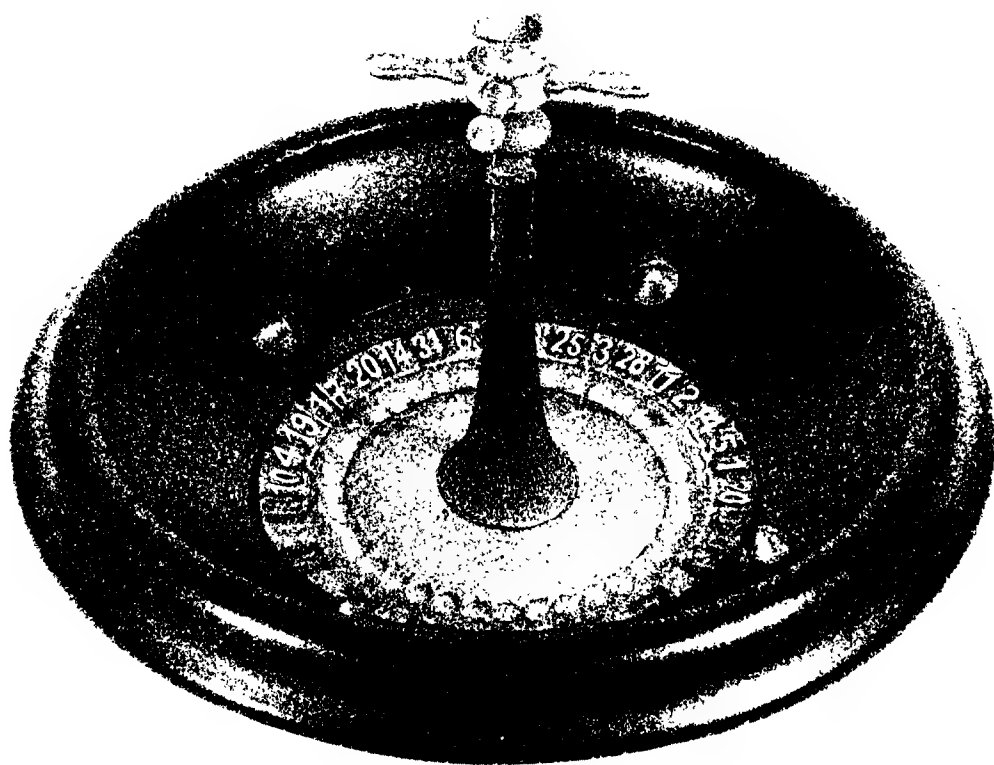
- CARTEIRA PROFISSIONAL;
- EXPERIÊNCIA COMPROVADA
- 4.ª CLASSE COMO HABILITAÇÕES LITERÁRIAS MÍNIMAS

ESCREVA PARA O APARTADO 106
SETÚBAL

PORQUÊ DIFERENTE?

agora o Casino...
amanhã a Marina

e sempre o privilégio de estar em
VILAMOURA



- apartamentos próximos do casino e da marina
- moradias junto ao golfe, entre pinhais maravilhosos
- uma extensa praia com cerca de 3 Km
- magníficos campos de golfe, ténis, centro hipico, piscinas, desportos náuticos...

... e, sobretudo,
um certo estilo de vida
realmente diferente!



VILAMOURA

Sem compromisso queira
enviar-nos informações mais
detalhadas acerca de

Nome _____

Profissão _____ Tel _____

Morada _____

LUSOTUR-Soc. Financeira de Turismo, S.A.R.L.

Rua Tomás Ribeiro, 50-2.º - Tel. 537057

Telex: 12616 Lusef P - Lisboa 1

DL.



ABRIMOS UMA PORTA EM PARIS

Sim, abrimos uma porta em Paris. Para si: uma porta acolhedora
e amiga (é uma tradição nossa) sempre aberta.
Acompanhando o nitido progresso nas relações comerciais entre o nosso País e a França,
de perspectivas cada vez mais animadoras,
vimos ao seu encontro, senhor exportador, estamos consigo,
senhor importador, aptos a prestar
uma franca e valiosa ajuda
nos seus caminhos europeus.



Escritório de Representação:
9, Rue de la Paix 75002 - Paris
Telefs: 073 0041 - 073 0510

BANCO
FONSECAS
& BURNAY

o banco para toda a gente

CAMINHOS DE INVESTIGAÇÃO APLICADA EM FACE DA CRISE DE ENERGIA

O dr. A. Herculano de Carvalho apresentou à Classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa uma comunicação sobre a actual crise de energia afirmando que esta consiste formalmente na considerável elevação dos preços das matérias-primas energéticas, com incidência, por enquanto, sobre o petróleo bruto e, em parte, sobre o gás natural. E acrescentou: «Mas a verdadeira crise que se teme é a da carência destas matérias-primas e, por isso, assiste-se nos nossos dias a um recrudescimento da investigação aplicada (especialmente nos EUA) no campo da energética».

O dr. Herculano de Carvalho disse depois:

«Um dos caminhos desta investigação, visa a transformação do carvão e dos xistos betuminosos em combustíveis líquidos ou, de preferência, gasosos, semelhantes ao gás natural. As técnicas usadas para este fim baseiam-se, em grande parte, em concepções alemãs e inglesas e compreendem operações diversas como gasificação, pirólise, hidrogenação, metanização, etc. Para além destas operações de transformação, desenvolvem-se, agora com maior acele-

ração, as tecnologias referentes aos reactores nucleares, térmicos e reprodutores, e estuda-se com muita intensidade a aplicação à produção de energia do fenómeno de fusão nuclear. As reservas mundiais de urânio conhecidas dão-nos segurança completa quanto à sua suficiente duração para alimentar os reactores nucleares. Uma vez resolvido o problema da «fusão», serão praticamente ilimitadas as respectivas matérias-primas (deutério e lítio).

Paralelamente a estas investigações, citam-se outras visando o uso de novos combustíveis (hidrogénio, metanol), de aproveitamento das energias solar e geotérmica, de aperfeiçoamento na utilização (pilhas de combustíveis) e de desenvolvimento de novas concepções (motor iónico, por exemplo). Quanto ao acumulador de grande capacidade específica, que permitiria resolver cabalmente o problema da circulação automóvel, especialmente da urbana, os progressos não têm sido apreciáveis.

Finalmente faz-se alusão às possibilidades de futuras poupanças de energia e à questão hoje tão debatida do «crescimento zero» preconizado por alguns.

EIS A SOLUÇÃO...

...quaisquer que sejam os seus problemas de transporte, passageiros ou carga



**HANOMAG
HENSCHEL**

Este modelo existe também nas versões utilitárias de 6, 7, 9 lugares e auto-carro.

REPRESENTANTES: IMPÉRIO DA BEIRA, AUTOMÓVEIS, S.A.R.L. • AV. GUERRA JUNQUEIRO, 24-C • TEL. 72 80 81 • LISBOA-1
AGENTE NA ZONA NORTE: — A. M. DA ROCHA BRITO, LDA • RUA SÁ DA BANDEIRA, 112 • PORTO

O GOVERNADOR CIVIL DE FARO ENCONTRA-SE EM MOÇAMBIQUE

LUANDA, 7 (L.) — Segue hoje para Moçambique o chefe do Distrito de Faro, eng. Lopes Serra, que permaneceu também alguns dias em Angola, Estado que visitara recentemente na companhia dos presidentes das Câmaras Municipais do Algarve.

O eng. Lopes Serra deslocou-se ao gabinete de trabalho do governador-geral, eng. Santos e Castro para fazer entrega da medalha alusiva àquela visita, o mesmo acontecendo com o presidente da Câmara Municipal de Luanda.



**Tintas
DUKALINE**

Alcancemos e garantimos a melhor que se fabrica no mundo da pintura.

Receptores Agentes fabulosas condições

E NA VERDADE, A TINTA MAIS BARATA DO MUNDO E DAS MELHORES DE PORTUGAL, PORQUE DURA E RENDE O DOBRO duma tinta normal.

compre HOJE e duplicar-lhe-á o seu capital amanhã.

PEÇAM-NOS AMOSTRAS E CERTIFICADOS DE GARANTIA, a n.º fábrica, -estab. ABILIO DUQUE, LDA - PORTO

TELEF. 20641-42-43 - 963516-963835 — PORTUGAL



CONTACTE-NOS!...

SOMOS UMA JOVEM FIRMA
AO DISPOR DE V. EX.ª

LIMPEZAS

ALFA CINHA

SOLICITE-NOS O SEU ORÇAMENTO
SEM COMPROMISSO

Rua Artilharia 1, 39-r/c-D.
Telefones 654697 654668
LISBOA

CAIXA NACIONAL DE PENSÕES

CAMPO GRANDE, 6
LISBOA-5

AVISO

Redistribuição de fogos do bairro de casas de renda económica de Coimbra

1 — Torna-se público que está aberto concurso pelo prazo de quinze dias a partir de 8.4.74, para redistribuição de 2 fogos vagos que constituem o bairro de casas de renda económica de Coimbra, e dos que venham a vagar no decurso dos dois anos de vigência do mesmo.

2 — As rendas a considerar, actualmente, são as seguintes:

Tipo II	650\$00
Tipo III	750\$00
Tipo IV-a	950\$00
Tipo V-a	1 100\$00

3 — A classificação dos concorrentes far-se-á de harmonia com o «Regulamento da Distribuição das Casas de Renda Económica» em vigor.

Dá-se preferência na classificação, aos concorrentes que sejam beneficiários (ou casados com beneficiárias) de Caixas de Previdência, e trabalhem, há mais de dois anos, nas freguesias que constituem o concelho de Coimbra.

4 — Os requerimentos de habilitação ao concurso por parte dos beneficiários da Previdência devem ser entregues até ao dia 22 de Abril p. f. nas respectivas Instituições de Previdência.

Os requerimentos dos restantes concorrentes devem ser remetidos dentro do mesmo prazo para esta Instituição.

5 — Todos os esclarecimentos podem ser prestados nas Caixas de Previdência ou solicitados a esta Caixa.

Lisboa, 7 de Abril de 1974.

A DIRECÇÃO

ASSEMBLEIA AGITADA NO SINDICATO DOS TRABALHADORES DE CINEMA

Largo sector dos profissionais de cinema desaprova ontem o projecto de regulamento da carteira profissional, apresentado pela direcção do respectivo Sindicato ao Ministério das Corporações.

Os profissionais dos sectores da distribuição (empregados das firmas distribuidoras) e da exi-

bição de filmes (projeccionistas, bilheteiros, porteiros, arrumadores etc.), consideram-se lesados pelo projecto que, a ser aprovado, lhes retiraria a carteira existente e impediria a emissão de novas carteiras para os dois sectores.

A carteira seria passada e mantida apenas para os trabalhadores do sector da produção (realizadores, fotógrafos, actores, técnicos, etc.).

A alteração no sentido proposto poderia trazer graves perturbações nos dois primeiros sectores: possibilidades de despedimentos (dada a «abertura» do acesso aos empregos a trabalhadores não habilitados), despromoções nas mudanças de emprego, desprestígio da função profissional, etc.

A direcção, em que é figura preponderante o cineasta Manuel Ruas, considerando-se suficientemente mandatada pelos sócios por virtude da própria eleição, apresentou o projecto de alteração sem prévia consulta à assembleia geral, num assunto que interessa muitas centenas de profissionais em todo o país. Contra a situação reagiram prontamente os profissionais que se consideram lesados, convocando a assembleia geral extraordinária que teve ontem a sua terceira sessão, em clima de acesa controvérsia.

Veemente protesto

Na primeira sessão da assembleia geral, numeroso grupo de sócios apresentou uma moção em que fundamentalmente se pretende suspender os trabalhos da comissão de revisão do regulamento da carteira, até que nova assembleia, preparada por núcleos de sócios, aprove um projecto coincidente com os interesses dos sectores da distribuição e da exibição, sem prejuízo do sector da produção.

A moção, que abre exprimindo um **veemente protesto** contra a actuação da direcção do sindicato, só ontem ao fim da manhã foi votada, no termo de muitas horas de litígio aberto. A direcção invocando pretensos perigos para a vida do organismo e a necessidade de **esclarecimento dos sócios**, logrou protelar a votação do documento até que uma atitude enérgica dos sócios presentes e da Mesa da Assembleia Geral, que presidia aos trabalhos, pôs finalmente o caso à deliberação da Assembleia, que aprovou a moção por cerca de 80 por cento dos votos.

A assembleia geral foi de-

pois suspensa para data a fixar oportunamente. O estudo do novo projecto de regulamento foi depois entregue a grupos de sócios representativos dos sectores interessados.

Eis o texto da moção: Considerando que a posse da carteira profissional é um direito de todos os sócios efectivos deste sindicato, devidamente consagrado pelos estatutos; considerando que esse mesmo direito é confirmado pelo Decreto-Lei 29 931, de 15 de Setembro de 1939, ao garantir ao portador da carteira profissional o livre exercício em território português da profissão cinematográfica que lhes corresponde nos ramos da produção, distribuição e exibição de filmes cinematográficos; considerando que a direcção, numa atitude lesiva dos interesses da maioria dos sócios, autênticos profissionais, dos núcleos de exibição e distribuição cinematográfica, elaborou um projecto de regulamento da carteira profissional segundo o qual deixam de ter direito à mesma os sócios da quase totalidade das categorias profissionais dos respectivos ramos de exibição e distribuição considerando que, de forma arbitrária, a direcção fez entrega do citado projecto ao Ministério das Corporações onde se encontra em estudo sem que anteriormente, através duma assembleia geral especialmente convocada para o assunto, fizesse a sua apresentação à massa sindical para, em amplo debate, o apreciar, discutir e votar, propomos que a presente assembleia geral aprove:

1 — Um voto de veemente protesto contra a acção da direcção no caso vertente, uma vez que lhe incumbe a defesa dos direitos de todos os associados e não somente a de uns quantos, por sinal bem poucos, em detrimento da maioria;

2 — Que o projecto de regulamento da carteira profissional seja apresentado a uma assembleia geral extraordinária a fim de ser devidamente apreciado, discutido e votado;

3 — Que se envie já um telegrama ao Ministério das Corporações pedindo a imediata suspensão dos trabalhos da comissão de revisão do regulamento da carteira profissional com base nos considerandos da presente proposta.

COMO NASCEU A PROINDÚSTRIA

Foi, na noite do dia 27 de Março de 1949, que teve início a série de reuniões preparatórias, que viriam a culminar com a fundação da Proindústria — Z. Bettencourt da Silva, I.ª, nesta fase, dois homens, tiveram a tarefa de traçar o plano inicial, o fundador, e actual Administrador da empresa Senhor Jorge Baptista da Silva, que adicionou à sua tenacidade, inteligência e invulgares conhecimentos técnicos, a colaboração de um homem que soube deixar o seu nome ligado a esta casa — António Louro.

Iniciando a sua actividade, em pequenas instalações e com 3 empregados (António Louro, Manuel Cunha e Teixeira), conseguiu, através, da direcção certa do seu fundador, neste ano das suas BODAS DE PRATA, contar com a colaboração de 65 empregados, distribuídos pela sua sede, filial de Matosinhos e mais quatro armazéns espalhados por Lisboa e arredores.

25 Anos de sacrifício, de trabalho duro e intenso de verdadeiro espírito de equipa, sempre com o denominador comum de dar à empresa, estruturas sólidas e fortes, que lhes confirmam possibilidades válidas de dar o seu contributo honesto no desenvolvimento da Indústria, da Economia Nacional e do País.

A Família Proindústria — Z. Bettencourt da Silva, I.ª, sente-se orgulhosa de si própria, e com o

espírito de unidade que sempre nos conduziu, não esquecemos todos os que ao longo destes anos deram a sua leal colaboração à firma, figurando neste grupo os nossos estimados amigos clientes, fornecedores, entidades oficiais e particulares que nunca regatearam o seu contributo sempre que necessitámos da sua ajuda.

A Administração, agradece a todos, que tornaram possível a nossa vivência e continuará a conduzir a empresa, nos mesmos caminhos até agora trilhados, continuando a servir a Navegação e a Indústria do nosso País, pondo à disposição do público todos os materiais da vasta linha «Lion» da sua representada James Walker & Co., Ltd. bem como todos os outros artigos de apoio à Indústria, e ainda uma secção técnica de Isolamentos, Fónicos, Isolotérmicos e Vibráticos, e de protecções anticorrosivas pelo sistema «Dupont», na Rua Cais do Tojo, 52-54 em Lisboa e na Rua Brito e Cunha, 209 em Matosinhos — Telefones 669067/8/9 e 930513, possuindo um piquete permanente, para assistir ao fornecimento dos Navios Nacionais e Estrangeiros aos domingos e feriados.

No próximo dia 5, num Restaurante da capital, reúne-se a Família Proindústria num franco almoço de convívio comemorativo das BODAS DE PRATA, que sintetiza a boa e sã amizade que une toda esta boa gente.

LAMAROSA ESPANHA



AMÉRICO ARAÚJO
MARINHO

FALECEU

Sua esposa, filhos e mais família, com muita mágoa, cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações e amizade, o seu falecimento no passado dia 1 de Abril em Lamarosa, Vigo, Espanha.

Perfecta Esteves Prieto
Constantino Araújo Esteves
Noemia Araújo Esteves
José Araújo Esteves

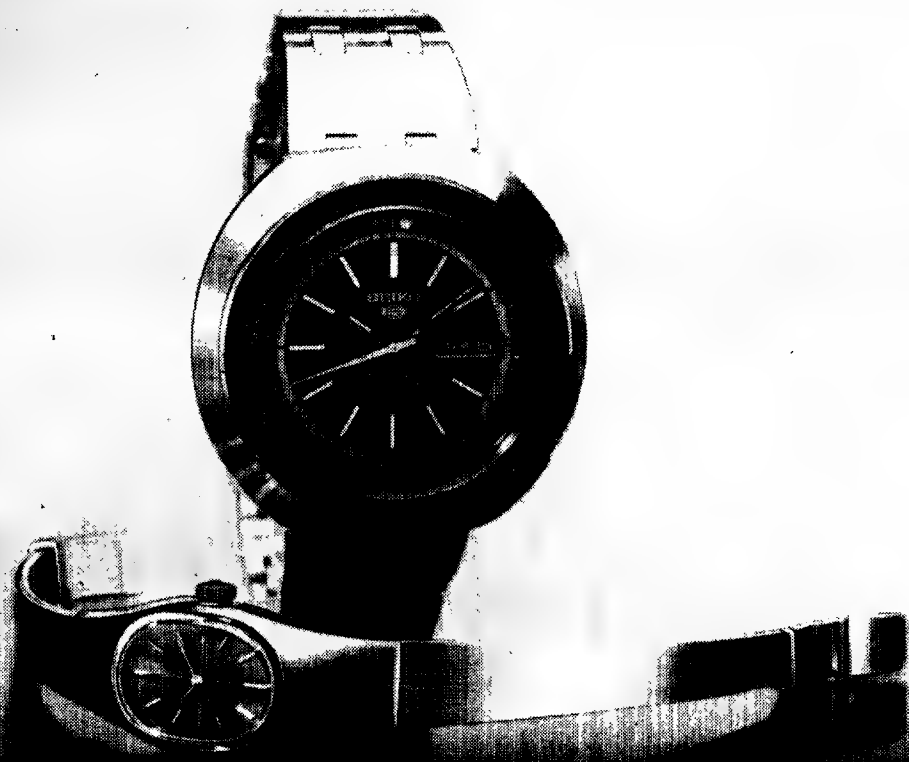
MARTINS & REBELLO

APRESENTA

PRODUTOS LÁCTEOS

«PRIMOR»

Vale de Cambra
Aviz



Tecnologia do futuro.
Tradição do passado.
Seiko, o relógio de alta qualidade de hoje.

Cada um dos relógios SEIKO é uma maravilhosa aliança entre a exclusiva tecnologia microelectrónica da SEIKO e a venerável tradição de artesanato.

Além disso SEIKO insiste em produzir e dar peça de cada relógio SEIKO, controlando assim a qualidade de cada estágio de fabrico.

Desta aliança única de tecnologia do futuro com a tradição do passado resulta o relógio de alta qualidade de hoje SEIKO.

Um dia todos os relógios serão feitos desta maneira.

SEIKO

Esta sempre a garantia internacional.

HOSPITAL

O falecimento do major Infante do Carmo

Recolheu ao Instituto de Medicina Legal, por ter chegado já morto ao Hospital de S. José, o major da Força Aérea, Mário Maíra Infante do Carmo, de 41 anos, morador na Avenida Mouzinho de Albuquerque, 31, 1.º, dt.º, que adoeceu subitamente na residência.

Doença súbita

Recolheu ao Instituto de Medicina Legal, José Sampaio, de 62 anos, hospedado numa pensão na Rua da Atalaia, que adoeceu subitamente naquela pensão, chegando já morto ao Hospital de S. José.

Acidentes de Viação

Recolheram ao Hospital de S. José, muito traumatizados:

Júlio Jacinto Jorge, de 38 anos, operário, morador em Penalva, Barreiro, que caiu da bicicleta que conduzia na Estrada de Coima, Barreiro; António Antunes Dias, de 31 anos, morador na Rua Conselheiro Lopes Vaz, 26,5.º, que chocou a motoreta que conduzia com um automóvel, na Rua dos Fanqueiros; Serafim Lança Santos, de 61 anos, morador no Pátio do Machado, n.º 42, no Bairro do Casalinho da Ajuda, que foi atropelado por um automóvel, em Santarém.

Ontem, de manhã, em Cascais, caíram da motoreta Domingos Lourenço Varandas, de 25 anos, que conduzia e seguia acompanhado de António Venâncio Gonçalves, de 18 anos, moradores na Malveira da Serra, Cascais, por terem atropelado Iria Reis Gonçalves, de 50 anos, moradora na Rua de Nossa Senhora dos Navegantes, 21, r/c., também em Cascais. Do acidente resultou terem ficado os três feridos. Transportados ao Hospital de S. José, ficaram ali todos internados muito traumatizados.

Recolheu ao Hospital de S. José, muito traumatizado, Joaquim Gabriel Grandão Neves, de 24 anos, residente em Terrugem, Sintra, que chocou a motoreta em que seguia com um automóvel, em Queluz.

CURSO DE APERFEIÇOAMENTO EM FISIOLÓGIA VEGETAL

Começa amanhã e termina a 4 de Maio, no Departamento de Botânica da Faculdade de Ciências de Lisboa, um curso sobre «Aplicação de Métodos de Biologia Molecular em Fisiologia do Desenvolvimento Vegetal», regido pela dr.ª Ingrid

Capesius, da Universidade de Heidelberg.

A dr.ª Capesius pertence à equipa de investigação do prof. Martin Bopp, que desde 1965 tem mantido colaboração com docentes do Departamento de Botânica da Universidade de Lisboa.

O curso, que terá a duração de 120 horas, é de índole essencialmente experimental, destina-se a alunos dos últimos anos da Licenciatura em Biologia, a monitores e assistentes e foi totalmente subsidiado pela Direcção Geral do Ensino Superior do Ministério da Educação Nacional.

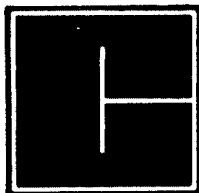
LAVANDARIAS GUANABARA

ROUPA BRANCA — LIMPEZA A SECO

Estrada de Benfica, 464-A — Telef. 706026
LISBOA

CETEL

Centro de Estudos Técnico Económicos
estudos económicos · organização · informática · marketing



rua de ponta delgada ; 80- 1º- lisboa 1

Selecciona para Empresa sua cliente do ramo de bebidas com unidade fabril nos arredores de Lisboa

AGENTE TÉCNICO DE ENGENHARIA-MÁQUINAS

PRETENDE-SE :

- Idade até 40 anos
- Situação militar regularizada

CONDIÇÕES DE PREFERÊNCIA

- Conhecimentos do idioma inglês
- Conhecimentos da indústria de refrigerantes

OFERECE-SE :

- Lugar de responsabilidade
- Vencimento adequado
- Semana inglesa

Resposta com curriculum detalhado para CETEL — Selecção de Pessoal, REF.: 74DSP124.

JOALHARIA MERGULHÃO

A MAIOR VARIEDADE EM PRATAS ARTÍSTICAS

CASA FUNDADA EM 1895

Rua de S. Paulo, 162 Telefone 3 00 13
LISBOA — PORTUGAL

APARTAMENTOS NO ALGARVE

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

Fundada em 1840

LISBOA: Av. da Liberdade, 160 • Telef. 32 00 21
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 3 79 21
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telef. 2 70 11/2

MAIS UMA FÁBRICA DE AÇÚCAR EM MOÇAMBIQUE

BEIRA, 7 (L.) — Foi recentemente autorizada a instalação de uma nova unidade industrial destinada à produção de açúcar a partir da cana sacarina. A referida fábrica tem a localização prevista para o distrito da Beira e laborará 150 000 toneladas por ano.

EXPLODIU UM ENGENHO À PASSAGEM DUM COMBOIO NA MEALHADA

Na última sexta-feira, ao princípio da noite, quando passava um comboio com militares em fim-de-semana, com destino ao Norte, explodiu um engenho não identificado, na Mealhada, na passagem de nível junto ao hospital e ao posto da G.N.R.. Embora tenham sido feitas imediatas diligências por aquela corporação policial, não está determinada

a origem do engenho nem a forma como teria aparecido na via férrea. Não foram causados estragos nem o comboio, que transitava para o Porto (Campanhã) parou. Segundo a G.N.R. admite-se que o engenho tenha sido lançado do comboio, pois não foram encontrados vestígios seus na linha férrea.

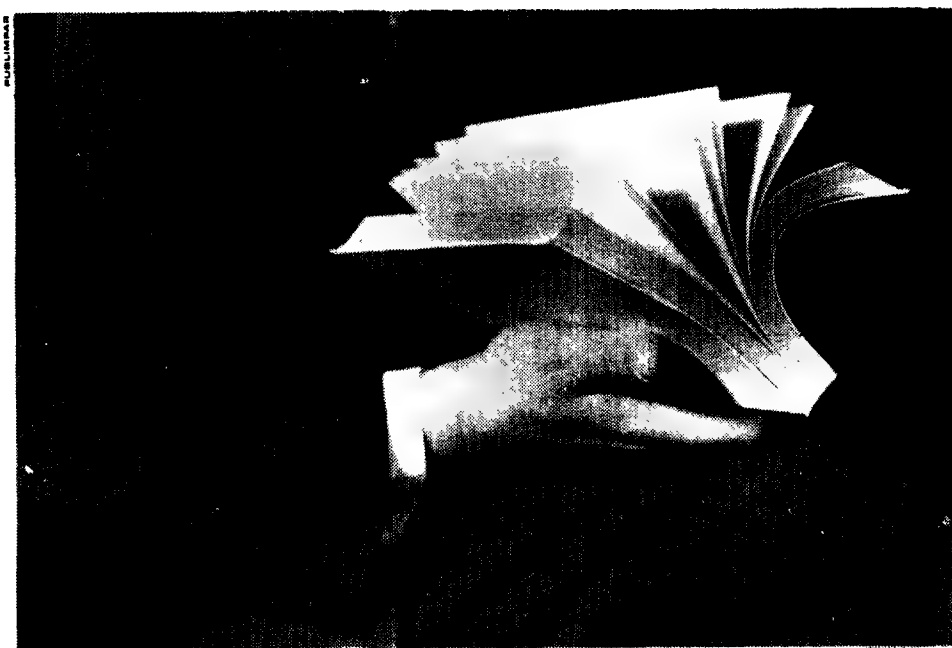


a publicidade é um processo
um estilo
a publicidade é forma



forma, publicidade geral, lda.

AV. DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 100 4.º
TELEFOS 766483 770132 766444 LISBOA



...e depois lá,
estará entre amigos:
o livreiro e os livros

visite as livrarias

VISITA DE AMIZADE A LISBOA

ÊXITO DO GRUPO CORAL E ETNOGRÁFICO

«OS TRABALHADORES» DE FERREIRA DO ALENTEJO

Retribuindo a visita que os membros da T.A.L. (Tertúlia da Amizade de Lisboa) fizeram há tempo, conforme noticiámos, a Ferreira do Alentejo, para homenagear o Grupo Coral e Etnográfico da mesma vila alentejana (o qual foi o vencedor do

Concurso Internacional de Folclore, em Zagreb, na Jugoslávia) — o referido Grupo deslocou-se desta vez a Lisboa, com o objectivo de se exhibir especialmente para os componentes da T.A.L. e seus convidados. O espectáculo teve lu-

gar no anfiteatro da Feira Internacional de Lisboa e revestiu-se de um êxito invulgar sob todas as perspectivas desde o reportório até ao ambiente de confraternização entre os «Trabalhadores» de Ferreira do Alentejo e os assistentes, no

número dos quais se incluíam, também convidados para o efeito, alguns agentes de viagem dinamarqueses, que foram devidamente elucidados em inglês.

Fez a apresentação geral do espectáculo o escritor e jornalista Gentil Marques, actual presidente da Tertúlia da Amizade em Lisboa, falando depois também o eng.º Martins Galvão, antigo presidente da Casa do Alentejo e ele próprio natural de Ferreira e o padre José Alcobia, director e orien-

tador do Grupo Coral e Etnográfico.

Em manifestação de camaradagem artística, exibiram-se ainda em fim de festa, dedicado aos visitantes, António Fonseca, à viola, o jovem acordeonista Fernando Gameiro e, num momento de fado, acompanhados por António Chalhó, à guitarra, e José Maria Nóbrega, à viola, os amadores Germano Martinho, vice-presidente da T.A.L., Victor Santos Pires, dr. José Barroso e, a artista profissional Júlia Barros que se encontrava presente entre a assistência.

A festa terminou com um jantar de confraternização, em que tomaram parte cerca de duas centenas de convivas, exibindo-se no final o Grupo Coral e Etnográfico «Os Trabalhadores» de Ferreira do Alentejo.

LEMBRANÇAS A MILITARES

PORTO, 7 — A exemplo dos anos anteriores, o Comando da Região Militar do Porto distribuirá na quarta-feira lembranças de Páscoa aos militares em tratamento no Hospital Militar e Sanatório Marítimo do Norte, e aos reclusos na Casa de Reclusão da Região Militar do Porto.

Presidirá à entrega das lembranças, em representação do ministro do Exército, o general comandante da Região. As lembranças foram oferecidas pelo titular da pasta do Exército, delegação do Porto da Cruz Vermelha e Manutenção Militar do Porto.

um filme higiénico, sócio-económico e de amor... pela próxima!

YOLA
ARTUR SEMEDO

MALTESES BURGUESES e às vezes...

brevemente
AVIS
GRUPO O 18 ANOS





Hotel do Guincho



Um novo Hotel de luxo...

Acaba de reabrir completamente restaurado o Hotel do Guincho instalado numa antiga fortaleza junto à praia do Guincho e na proximidade do Cabo da Roca (o ponto mais ocidental do continente europeu).

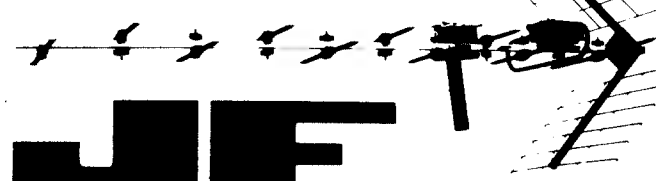
O Hotel do Guincho tem de novo as suas portas abertas para acolher uma clientela exigente desejosa de encontrar um ambiente calmo e servido do maior conforto.

SERVICO DE RESTAURANTE E BAR SAIA DE CHA SAIAO MEDIEVAL PARA BANQUETES E LANCHES DE CASAMENTO

Telefone: 2689431/31
Telex: 12624, Soltel P.

GUINCHO
CASCAIS - PORTUGAL

ANTENAS



JF

J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.ª

TEL. 654165 * LISBOA

INDIVIDUAIS E COLECTIVAS

PARA RÁDIO E TELEVISÃO

colítico?

o seu problema alimentar será facilmente resolvido através dos métodos de ALIMENTAÇÃO RACIONAL *diese*

Através do Gabinete de Estudos de Nutrição, facultam-se o estudo, planificação e organização de Esquemas Alimentares, adaptados ao seu caso particular: quer para profilaxia quer para normalização dos seus problemas de saúde.

contacte o
GABINETE DE ESTUDOS DE NUTRIÇÃO
av. república, 46 - lisboa 1
se mora em Lisboa, utilize o telefone 767141



TINTAS



VERNIZES

marcol
Mário Costa & Ca., Lda

Rua do Almada, 103/107
PORTO

Rua de S. Paulo, 12-3.º
LISBOA

ARCÁDIA

PASTELARIA — SALÕES DE CHA
FABRICO ESPECIAL E BOMBONS

ARCÁDIA

63 — PRAÇA DA LIBERDADE — 65
PORTO

FISIONOMIA HABITUAL

Enquanto o mercado de títulos mantém a fisionomia que tem caracterizado o seu funcionamento ao longo deste primeiro trimestre do ano em curso, as sociedades anónimas vão divulgando os respectivos relatórios e contas relativos ao exercício do ano transacto.

De uma forma geral, todos os relatórios já no domínio público afinam pelo mesmo diapasão, quando salientam os efeitos motivados pela actual conjuntura económica, especialmente quando focam o encarecimento de várias matérias-primas.

Este facto serve para apontar os cuidados postos na administração, ao mesmo tempo que se reitera a necessidade de ajustamento e adaptações aconselhadas pelas circunstâncias.

Todavia, para além daquelas e outras considerações, a expectativa com que esses relatórios eram aguardados sofreu forte abalo, já que se esperava pela oportunidade de conhecer a composição das carteiras de títulos.

A não publicação dessas carteiras foi certamente motivada por factores muito respeitáveis... restam-nos aguardar que em 1975 iremos ter a oportunidade de penetrarmos num segredo tão ciosamente guardado. É que francamente não faz sentido haver accionistas de empresas que não têm direito de conhecerem, publicamente, a composição das carteiras de títulos dessas mesmas empresas. Importa que as pessoas saibam onde investem o seu capital, já que não nos parece suficiente colocar uma verba na rubrica generalizada de «títulos em carteira». Que títulos? De que empresas? A que cotação? Só consciencializando e informando se combate a especulação. Em todos os campos.

E já que começámos com assembleias, vamos referir-nos a algumas cujos relatórios já são do domínio público.

S. C. Cervejas

O relatório e contas da S. C. C., que em 1973 aumentou o capital social de 300 para 550 mil contos, foi já publicado. O resultado do exercício atingiu 92.391.631\$68, sendo para dividendos a importância de 54.296.040\$00, facto que confirma a opinião que aqui deixámos no início de 1974. Ainda em relação ao relatório, dois factos houve que feriram a nossa atenção e que passamos a transcrever: «Pela primeira vez na história da empresa, uma significativa parte des-

te aumento (capital social) foi aberto à subscrição pública, tendo sido, já no decurso de 1974, solicitada a admissão das nossas acções à cotação na Bolsa, admissão esta que esperamos ver concretizada muito proximamente.» Mais à frente: «Outro facto importante a registar, com relação ao exercício de 1973, respeitante à aquisição feita à Skol International Investments Lda. de uma muito importante posição nas Cervejarias Reunidas Skol Caracu, S. A. do Brasil, cedendo, em contrapartida, toda a nossa posição na Skol Internacional. Recordamos ainda a importante posição accionista que a S. C. C. mantém na Sociedade da Água do Luso SARL. Última cotação da S.C.C.: 9.800\$00.

Prestamista Portuguesa

A Companhia Prestamista Portuguesa, com um capital social de 6000 contos, também já publicou o seu relatório e contas referentes ao exercício de 1973, com um resultado de 1.480.527\$10. Esta empresa, cujo papel tem estado a 1.000\$00, sem comprador, é daquelas que mantêm um dos capitais sociais mais baixos com acções cotadas na Bolsa. Segundo se depreende do seu relatório, na rubrica «capital», onde se lê: «Ainda não foi obtida a autorização solicitada em 19 de Dezembro de 1972, à Direcção-Geral da Fazenda Pública para o aumento. Também não mereceu qualquer resposta uma insistência que fizemos em 15 de Maio de 1973.» a Prestamista Portuguesa procura aumentar o mais rapidamente possível o seu capital social. A propósito desta e outras empresas com acções cotadas nas bolsas de valores, transcrevemos, uma vez mais, o parágrafo 1 e alínea a) do artigo 37.º, do Decreto-Lei, n.º 8/74, que deverá vigorar a partir de 15 do corrente mês, e que diz: «As acções emitidas por socie-

dades nacionais serão admitidas à cotação em bolsa desde que: a) O capital da Sociedade não seja inferior a 20.000 contos.»

C. P. E.

Conforme oportunamente divulgamos, realizou-se a assembleia geral extraordinária da Companhia Portuguesa de Electricidade para deliberar sobre o próximo aumento do capital social. Assim, foi decidido emitir 500 mil obrigações, convertíveis em acções. A proposta vai ser presente no Ministério das Finanças para aprovação.

Siderurgia Nacional

O propalado aumento de capital da Siderurgia Nacional ainda vai demorar um pouco. Em segunda convocatória, vai reunir-se a assembleia geral ordinária da Siderurgia Nacional, no próximo dia 26, que inclui na ordem dos trabalhos «deliberar sobre o aumento do capital social e consequente alteração do artigo 5.º dos Estatutos.»

Subscrições

Concluída a subscrição da CUF, cujo o interesse foi limitado, pois não conseguiu despertar o habitual entusiasmo junto do grande público, temos já novas subscrições. Para além da Somotel, cujos elementos já publicámos pormenorizadamente, temos igualmente a TAP, à qual nos temos ultimamente referido. Embora as condições de emissão já tenham sido objecto de aprovação, as datas de subscrição aguardam ainda parecer da Inspeção Geral de Crédito e Seguros.

TAP

O Secretário de Estado do Tesouro já autorizou os Transportes Aéreos Portugueses a elevar o capital social de 800.000 contos para 1.250.000 contos, mediante a emissão de 450.000 acções, nominativas

do valor nominal de 1.000\$00 cada uma, nas seguintes condições: 1 — 320 000 acções a subscrever pelos accionistas, na proporção das que possuírem, ao preço de emissão de 1450\$00 cada uma; 2 — 3000 acções a subscrever pelos empregados da TAP não accionistas, ao preço de emissão de 1.500\$00 cada uma; 3 — 127.000 acções destinadas à subscrição do público em geral, ao preço de 1.600\$00 cada uma.

Em qualquer dos três casos, o pagamento das acções será feito integralmente, em numérico, no acto da subscrição. «Todas as acções a emitir darão direito ao dividendo que vier a ser distribuído relativamente ao exercício de 1974, proporcionalmente aos meses decorridos, por inteiro, desde o termo da subscrição.»

Recordamos, entretanto, que quando pela primeira vez nos referimos ao aumento do capital social da TAP, informando o número de acções destinadas ao público em geral, focámos o facto de a empresa ter programado investimentos de cinco milhões de contos. As acções da TAP têm sido objecto de transacções a 2.000\$00, sendo o valor nominal de 1.000\$00. Antes da administração da empresa divulgar o propósito de aumentar o capital social, as cotações situavam-se entre os 1.800\$00/1.900\$00.

Turística da Penina

Porém, antes da TAP e Somotel, temos a partir de amanhã a subscrição da Sociedade Turística da Penina, que vai elevar o capital social de 50 para 130 mil contos, através da emissão de 80.000 acções do valor nominal de 1.000\$00 cada uma. Trinta mil acções são para distribuir pelos accionistas, na promoção de 3 acções para cada 5 que possuam, relativas à incorporação de reservas no capital social. Haverá, ainda, 30.000 acções a subscrever pelos actuais accionistas na proporção idêntica de 3 para 5, ao preço de 2.500\$00. Para o público em geral, foram reservadas 20.000 acções, ao preço de emissão

de 3.300\$00 por acção. Quanto ao pagamento, as acções serão integralmente liberadas em numérico no acto da subscrição.

Com esta subscrição, que vem logo a seguir ao encerramento de outra da CUF, parece entrar-se num caminho que visa aproveitar a capacidade do mercado, que apresentou 22 milhões de contos na Secil. Por isso, não é de surpreender que uma emissão tenha que aguardar a devolução de numérico da anterior para ser aberta. Aliás, essa política estava

a revelar-se francamente negativa, na medida em que só os grandes investidores tinham possibilidades de verem os seus boletins «premiados». E como a Inspeção de Crédito e Seguros conhece perfeitamente a capacidade e comportamento do mercado, é lícito aguardar-se que esta política venha a despertar o desejado interesse do pequeno investidor, o qual apenas deseja que o sistema não lhe seja totalmente desfavorável.

Por isso, não causará surpresa.

Continua na pag. 17



JESSICA

boutique
é moda

JESSICA

1920, 1930
modelos de
Milão
Paris
e Londres

**ABRE
DIA
10**

*ua castilho, 185A telef 654420 lisboa

GOVERNANTAS PARA LAVANDARIA

Necessita grande empresa do ramo Turístico-Hoteleiro, com instalações junto de Setúbal.

OFERECEMOS:

- Vencimento actualizado;
- Alimentação;
- Transporte entre Setúbal e o local de trabalho;
- Alojamento (se o preferir).

PEDIMOS:

- Experiência comprovada;
- Disponibilidade para trabalhar nos fins-de-semana;
- Bom comportamento moral.

Escreva para o Apartado 106 — Setúbal.

AOS NOIVOS OFERTA

Esquentador Vaillant 10 L.	2880\$00
Panela Pressão 6 L.	350\$00
Batedeiras Trituradoras ...	295\$00
Ferro Automático	195\$00

INFORME-SE COMO PODE TER
DE OFERTA UM ESQUENTADOR

ELECTRODECORADORA

Rua Saraiva de Carvalho, 120-B
(Frente ao Hospital Inglês)



O VELHO PORTO

Niepoort

sabe... a quem sabe

DISTRIBUIDOR NO SUL:

J. NUNES DA SILVA

LARGO RAFAEL BORDALO PINHEIRO, 27-29, 1.º
Telefones 380735 / 38 LISBOA - 2

Entre os progressos registados na medicina durante a última década, tanto do ponto de vista científico como no domínio das possibilidades de aplicação prática das novas conquistas, o campo das transplantações de órgãos humanos foi um dos mais beneficiados e, simultaneamente, aquele em torno do qual se gerou maior interesse: basta recordar a discutida personagem de Christian Barnard e o volume de informações que, a seu propósito, se divulgou sobre o assunto.

Em Portugal, uma nova alicha acaba de ser dada, que poderá «abrir renovadas e, mesmo, insuspeitadas possibilidades, não só quanto à sobrevivência de doentes, de outro modo irremediavelmente condenados a curto prazo, mas igualmente quanto à sua recuperação pessoal, humana e, até,

social», com a votação, na Assembleia Nacional, de uma proposta de lei que vem permitir, em determinados termos, a transplantação de tecidos ou órgãos de pessoas vivas.

Essa recuperação é entendida «dentro dos parâmetros definidos actualmente para a concepção da saúde como o mais

completo bem estar físico, mental e social dos indivíduos», de acordo com palavras pronunciadas na terça-feira, em São Bento, pelo deputado dr. Mendonça e Moura, cuja intervenção citamos mais acima.

Deste modo, vai passar a ser permitida a transplantação, para fins terapêuticos, de tecidos ou órgãos de pessoa viva, desde que não seja «contrária à moral ou ofensiva dos bons

costumes». A transplantação de órgãos de cadáveres — caso do coração — encontra-se já contemplada em lei anterior, respeitando portanto o novo diploma a cedência voluntária de uma pessoa viva a outra.

A transplantação terá de ser consentida tanto pelo dador como pelo receptor, e não poderá ser remunerada, muito embora se autorize o pagamento das despesas feitas pelo pri-

meiro, em consequência da intervenção clínica.

A lei restringe este tipo de transplantações aos centros clínicos regulamentados e autorizados pelo ministro da Saúde, punindo com prisão quem as efectuar fora desses locais, ou iniciar a intervenção cirúrgica sem os consentimentos exigidos.

A nova regulamentação não abrange, no entanto, nem as

transfusões de sangue nem as transplantações de pequenas superfícies de pele, ou outras intervenções semelhantes, que não comportam para o dador qualquer risco ou prejuízo real.

«Desde que não faça falta»

A cedência de órgãos do próprio corpo e sua implantação noutra pessoa, para além dos problemas de ordem clínica que necessariamente levanta, nomeadamente o da rejeição de quem o recebe tem colocado, também, diversos problemas de ordem moral, religiosa e, até, jurídica que, na elaboração da proposta de lei, foram tidas em conta, segundo relatou à Assembleia o dr. Mendonça e Moura.

Poderá o comum dos mortais encarar com certa relutância este tipo de transplantações? Neste sentido, recolhemos um depoimento, ao acaso, na rua.



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

MONTEPIO DOS SERVIDORES DO ESTADO

Rua Aurea, 49-5.º — Lisboa-2 — Telef. PPC 36 19 81

Aviso Pensão de Sobrevivência

O Decreto-Lei n.º 701/73, de 28 de Dezembro último, prorroga até 30 de Abril do ano corrente os prazos que, nos termos do Estatuto das Pensões de Sobrevivência, já tenham expirado ou venham a expirar antes dessa data.

1 — Avisam-se, portanto, os interessados de que podem requerer a sua inscrição no Montepio dos Servidores do Estado, até ao limite do prazo acima indicado, desde que se encontrem nas seguintes situações:

- subscritores da Caixa Geral de Aposentações, no activo ou na reserva, com mais de 55 anos de idade em 1 de Março de 1973, e que possam, com ou sem retroacção ou contagem de tempo anterior, perfazer o mínimo de 5 anos de inscrição naquele Montepio até ao limite de idade para a aposentação ou reforma.
- servidores no activo que só em razão da idade não estejam inscritos naquela Caixa e possam perfazer o referido mínimo até ao limite de idade para a aposentação ou reforma, se nela pudessem ter sido inscritos.
- subscritores da mesma Caixa que sejam contribuintes de outros fundos ou serviços, a cargo de organismos oficiais ou empresas públicas, igualmente destinados a assegurar a atribuição de pensões de sobrevivência, uma vez que possam também perfazer aquele tempo mínimo pela forma anteriormente referida.
- servidores que em 1 de Março de 1973 já se encontravam aposentados ou reformados pela Caixa Geral de Aposentações ou a aguardar passagem a estas situações, independentemente da idade que tinham naquela data.

2 — Também até ao dia 30 de Abril podem requerer a retroacção da sua inscrição pelo tempo já contado para efeitos de aposentação, caso ainda o não tenham feito, os contribuintes inscritos obrigatoriamente (art.º 4.º do Estatuto), bem como aqueles que já solicitaram a inscrição facultativa nos termos do art.º 5.º do mesmo diploma.

2.1 — Os que vierem agora solicitar a aludida inscrição por virtude do alargamento do prazo concedido pelo Decreto-Lei N.º 701/73 podem igualmente requerer a retroacção, no próprio requerimento da inscrição ou durante os seis meses seguintes, contados da data a que a mesma se reportar.

3 — Os contribuintes inscritos no Montepio dos Servidores do Estado até 1 de Março de 1973 e que nesta data se encontravam no activo, na reserva, ou na situação de aposentados, ou aguardando aposentação ou reforma, podem igualmente requerer, dentro do mesmo prazo, a adesão ao novo regime instituído pelo Estatuto (art.º 61.º), bem como a retroacção pelo tempo que tiverem de inscrição naquele Montepio e por qualquer outro já contado para efeitos de aposentação até ao limite de quarenta anos (art.º 63.º).

4 — Os requerimentos deverão ser apresentados no Serviço de que o servidor depende ou, se se tratar de servidores na situação de aposentados, reformados ou aguardando aposentação ou reforma, enviados ou entregues directamente no Montepio.

5 — Os herdeiros hábeis dos servidores que tenham falecido ou venham a falecer no período de 1 de Março de 1973 a 30 de Abril de 1974 — quer estes tenham ou não sido contribuintes do Montepio — podem requerer a inscrição, a retroacção e a aplicação do regime do novo Estatuto, desde que o óbito ocorra durante o prazo em que os falecidos, à face do mesmo Estatuto, as podiam ter requerido.

Os requerimentos dos herdeiros hábeis deverão ser enviados ou entregues directamente no Montepio no prazo de 18 meses a contar da data do falecimento dos servidores, devendo ser instruídos com os documentos necessários à prova do direito à pensão de sobrevivência.

LOJA DAS CAMISAS FILIPE NUNES

Fazendas, Sedas, Lãs e Meias Especialidade em Camisaria e Gravata

133. R. DA GRACA, 135 (Esquina da R. do Sol) Tel. 86 19 29 — LISBOA

JOALHARIA CUNHA

(J. N. CUNHA, LDA.)

OURO — PRATAS
JÓIAS — RELÓGIOS

Rua Aurea, 197 - 201
Tel. 32 07 30 — LISBOA

AMORTECEDORES

REPARO E RECONSTRUO
TODAS AS MARCAS,
COM GARANTIA
MENDES TEL. 76 84 23
R. Capitão
Ramires, 2-A
(Ao Campo Pequeno)

HERDADE

Entre Montemor e Évora, preço fixo 5.000 contos. Vendo ou troco por terrenos. Sou o próprio. Carta para Apartado 1.048 Lisboa-1.

GASOLINA

«Seu próprio interesse: insira no seu automóvel o Transder-Jet - caixa vazia - que, além de outras vantagens, lhe dará uma economia de gasolina.»

Consulte
SEFIREX
Rua Voz do Operário, 84, 1.º
Telefone 88 76 30 LISBOA

ABRE HOJE AO TRÂNSITO O VIADUTO DO AEROPORTO

Segundo um comunicado da Câmara Municipal de Lisboa, começa amanhã a funcionar parte da nova Via Rápida destinada a ligar a Avenida Marechal Craveiro Lopes à auto-estrada do Norte, com o objectivo de des congestionar a Rotunda do Aeroporto, actualmente saturada de veículos e onde a circulação se faz com extrema dificuldade e perigos constantes.

Como se sabe, têm estado a decorrer, na zona do Aeroporto de Lisboa, as obras de construção de uma Via Rápida que ligará directamente a Avenida Marechal Craveiro Lopes à auto-estrada do Norte, contribuindo decisivamente, ao que se espera, para melhorar as condições do trânsito de entrada e saída de Lisboa, descongestionando a zona da Rotunda do Aeroporto e facilitando ainda a ligação do centro da cidade com toda a área dos Olivais, Encarnação, Moscavide, etc.

Presentemente encontram-se já concluídos, além da maior parte das duas faixas de rodagem do novo arruamento,

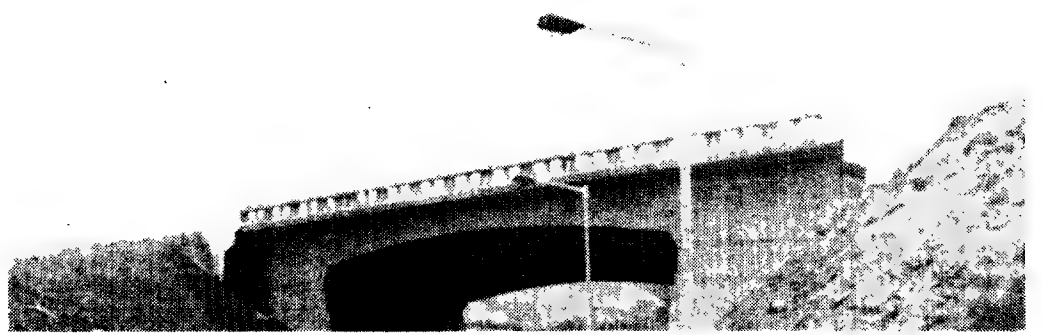
três dos quatro viadutos englobados na obra, destinados a evitar todos os cruzamentos de nível entre a via rápida e os outros arruamentos existentes ao longo do seu percurso.

O estado de adiantamento dos trabalhos permite que se possa já abrir ao trânsito amanhã toda a faixa ponte desta via desde a Avenida Cidade do Porto, a sul do posto abastecedor de combustíveis ali existente, até à Avenida Marechal Craveiro Lopes, incluindo o ramo de ligação à Avenida Gago Coutinho, junto da Rotunda do Aeroporto. A ligação da Avenida Cidade do Porto àquela faixa far-se-á através de um pequeno troço de arruamento

provisório, construído expressamente para o efeito.

A entrada em serviço desta parte da obra destina-se essencialmente a possibilitar a execução de certos trabalhos de acabamentos na faixa nascente da própria via rápida, mas terá simultaneamente um grande interesse para o público, visto permitir que uma grande parte da Avenida Cidade do Porto, entre a Rotunda do Aeroporto e o referido posto abastecedor, passe a funcionar desde já com um único sentido de trânsito (o de saída de Lisboa) afastando assim da Rotunda do Aeroporto uma percentagem importante do tráfego de entrada, que poderá dirigir-se directamente para o Campo Grande e zona ocidental da cidade, pelas novas Avenidas Marechal Craveiro Lopes e Marechal Carmona.

Prevê-se que esta importantíssima obra fique totalmente concluída e possa entrar em pleno funcionamento, em fins do próximo Verão.



REUNIU A ASSEMBLEIA GERAL DA AJEPT

No Lisboa Sheraton Hotel, reuniu a Assembleia Geral da AJEPT - Associação dos Jornalistas e Escritores Portugueses de Turismo — à qual compareceram os titulares dos corpos gerentes e um número elevado dos seus associados. Na mesa estiveram presentes os srs. Dr. Licínio Cunha e Fernando Andersen Guimarães, respectivamente presidente e vice-presidente da assembleia geral da associação.

A assembleia geral congregou-se com a distribuição do Prémio Nacional de Novela 1972 à vice-presidente da Direcção, Dr.ª Fernanda Botelho. As contas foram encerradas com saldo positivo — apenas contando com a quotização dos sócios. Proce- deu-se depois à eleição para preenchimento dos dois lugares de secretário da assembleia geral, tendo sido eleitos o Dr. Fernando Soromenho e

a Dr.ª Maria Helena Bellino Sacadura.

A assembleia decidiu enviar telegramas de agradecimento aos srs. Secretário de Estado da Informação e Turismo, Dr. Pedro Pinto e Director-Geral do Turismo Eng.º Alvaro Roquette pelo apoio dado à realização no nosso País em Outubro próximo do XIX Congresso da Assembleia Geral da FIJET.

sensacional!
UMA REVOLUÇÃO NO MUNDO DO TRICOT

EMPISAL-321

A ÚNICA MÁQUINA VERDADEIRAMENTE AUTOMÁTICA

A TRICOTAR: JACQUARD
e
ARRENDADOS

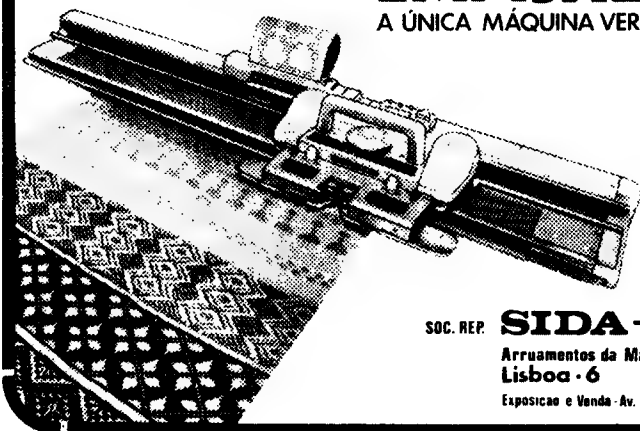
- Você só tem de conduzir o carro de um lado para o outro.
- Cartões perfurados actuando sobre 24 agulhas, que permitem uma infinidade de desenhos e de maiores dimensões.
- Fácil aprendizagem.

Representantes em Portugal:

SOC. REP. **SIDA - SUECA, Lda.**

Arruamentos da Matilha - Rua Nº2 - POÇO DO BISPO
Lisboa - 6 ... P.C.A. 385871 (8 linhas)

Exposicao e Venda - Av. FONTES PEREIRA DE MELO, 15-D Lisboa 1 tel. 533111.



MUTUALXX

COMPANHIA DE SEGUROS

S.A.R.L.

Rua Fernandes Tomás, 797 — PCRT0
Aven. Duque D'Ávila, 20-1.º — LISBOA

AUMENTO DE CAPITAL DE 9.000 PARA 30.000 CONTOS

SUBSCRIÇÃO DESTINADA A ACCIONISTAS

RATEIO DAS ACÇÕES SOBRANTES

Comunica-se aos Senhores subscritores que concorreram a este rateio que a atribuição das acções sobrantas foi feita mediante a aplicação do factor 0,0751587 sobre as acções antigas que possuíam.

Para liquidação das acções atribuídas e regularização das cautelas, deverão os interessados apresentá-las, até ao dia 17 do corrente, nos locais onde efectuaram as subscrições:

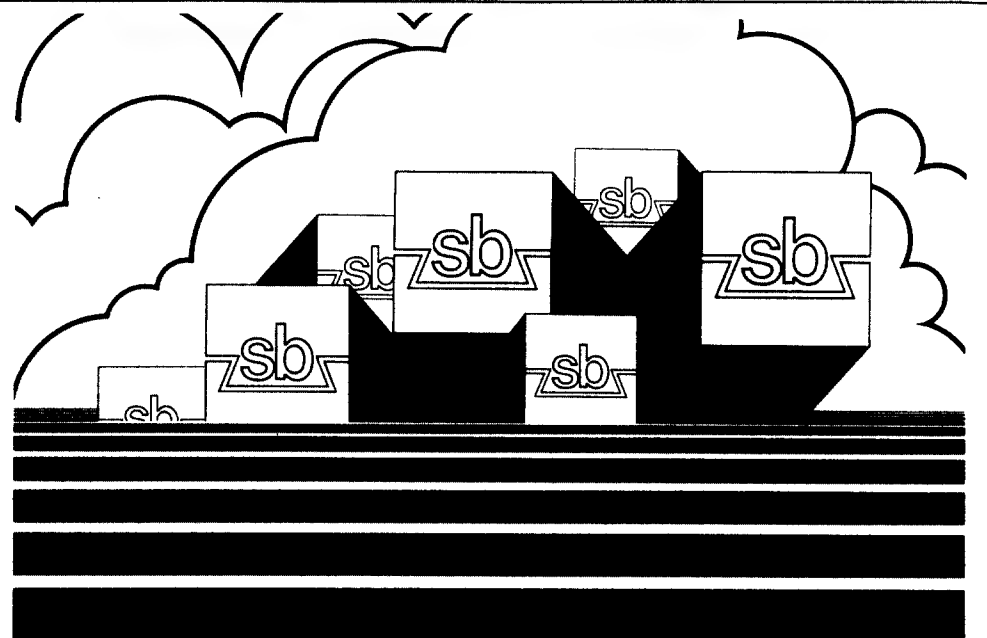
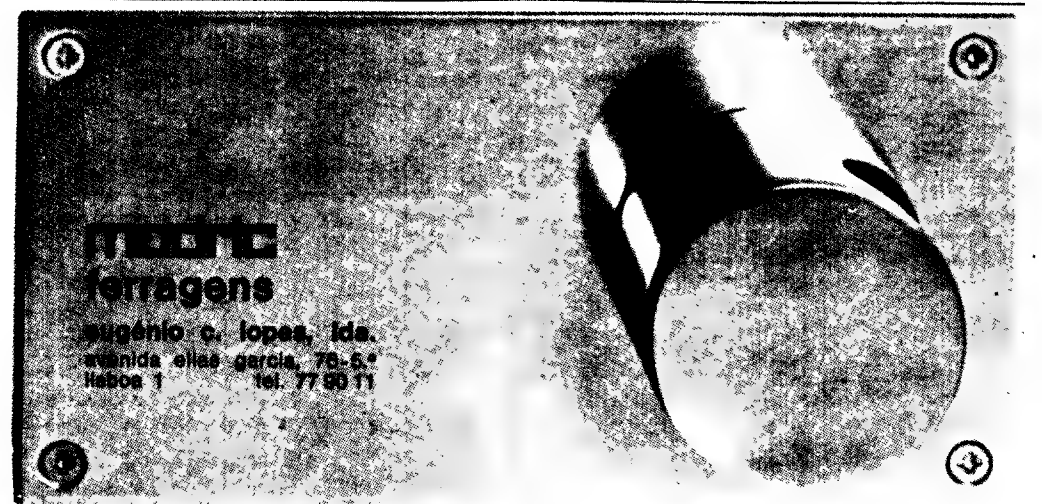
PORTO - Rua de Fernandes Tomás, 797

LISBOA - Av. Duque D'Ávila, 20-1.º

Aproveitamos a oportunidade para lembrar aos outros Senhores accionistas a necessidade de entregarem as acções ainda em seu poder, a fim de ser elevado o valor nominal e seladas em consequência da incorporação de reservas.

Porto, 5 de Abril de 1974.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO



Em 1974 equiparemos
os Apartamentos Planal no Algarve
e Realimo em Miratejo.
Os Hóteis Penta, Altis e Príncipe
em Lisboa, o Hotel Algarve e o ITI na Madeira.
O Palácio Presidencial do Malawi.
As Agências Bancárias Totta & Açores
em Alvalade, Sto. Amaro,
Vila Real de Santo António, Évora e Aeroporto.
Para isso os nossos gabinetes técnicos e
de Estudos Económicos
elaboraram programas de actuação
que permitiram aos restantes sectores
entrarem em laboração.

sousa braga
móveis e decorações, sarl

sb

SB-74-02

TEATRO BRASILEIRO NO VILLARET

No aeroporto da Portela desembarcou ontem uma caravana de sete elementos ligados ao teatro brasileiro. Bronzeados pela ardência do sol das praias cariocas deram uma nota estival numa Lisboa ainda com cara de Inverno. O colorido dos fatos, o exotismo dos adornos, o informalismo das presenças abriram brecha no nosso marasmo uniformizado. E apesar de uma noite mal dormida (o que quebrava um pouco os entusiasmos) aquele grupo revelou-se bem brasileiro.

Esta companhia reduzida integra os actores Miriam Pires, Norma Suely e Fernando Andrade de Almeida (que acumula o cargo de empresário), o

director de cena Alberto Guerra Machado, o encenador Odvalas Petti, o assistente de produção Moycir Antunes e Regina Guimarães, a produtora executiva. Com a equipa que vem representar ao Teatro Villaret «A Dama de Copas» e o Rei de Cuba», uma peça do autor brasileiro Temochenko Webbi, veio também a actriz Fernanda Meireles, filha da escritora Cecília Meireles.

A companhia que pensa estreitar o espectáculo no dia 16, tem uma formação recente: pouco mais de um ano de existência. Na qualidade de empresário, Fernando Andrade de Almeida levou à cena «A Mulher a Bordo», um musical americano dirigido por Eloi Araújo, «Hipólito de Eurípedes» e «A Dama de Copas».

Na confusão da chegada, muito apressadamente, travámos uma conversa com o encenador, Odvalas Petti, que se pronunciou, de uma forma vaga, sobre as características do

espectáculo pelo qual é responsável.

«Acho difícil catalogar a peça, mas de qualquer maneira posso acrescentar que se trata de um conflito entre duas personalidades típicas da sociedade brasileira. O autor Temochenko escreve para o povo e não para os intelectuais. Por isso o espectáculo desenvolve-se numa linha bastante epidérmica e em ritmo de 'boulevard'».

No trama da história urdida por Temochenko situam-se dois personagens com posições opostas: o operário que aspira uma ascensão à burguesia e o marginal que se interroga sobre a desumanidade do sistema.

Depois da estada longa em Portugal da companhia de Ruth Escobar, divulgadora de produtos de qualidade, requisitos da «idade de ouro» do teatro brasileiro, temos uma companhia jovem constituída dentro de certos condicionamentos estancadores da criação e a



A companhia brasileira ao chegar ao aeroporto

incógnita de um teatro sem definição.

A época do «Arena» de S. Paulo e do «Oficina», que morreram porque eram demasiado intervenientes, ainda não se apagou da nossa memória. Actualmente existe uma nova dramaturgia brasileira, cujos expoentes máximos são sem dúvida José Vicente e António

Bívar e de certo modo Leilah Assunção.

Gostaria de encenar em Portugal a peça «Fala Baixo se não eu Grito», de Leilah, e também um texto de António Bívar, o autor mais «underground» do Brasil (afirmou Odvalas Petti).

LEPETIT

SOCIEDADE QUÍMICA LEPETIT, S.A.R.L.

procura para ampliação dos seus quadros:

01 - CHEFE DOS SERVIÇOS DE PRODUÇÃO

para dirigir e coordenar a produção em colaboração directa com o Director Industrial.

Para esta função pretende-se um **LICENCIADO EM FARMÁCIA**, que goste de assumir responsabilidades no campo técnico e no da gestão de pessoal, com idade não superior a 35 anos e situação militar resolvida.

A experiência não é condição essencial.

Damos preferência a quem possuir bons conhecimentos de inglês.

02 - CHEFE DA SECÇÃO DE MANUTENÇÃO

para supervisionar, planear e realizar os trabalhos inerentes à reparação e conservação do material e instalações. A este posto de trabalho corresponde também a responsabilidade pelas ligações com as entidades oficiais para efeitos de controle de aparelhos e sistemas de segurança, bem como da gestão do armazém de sobressalentes.

Para o preenchimento desta função pretende-se um **TÉCNICO DIPLOMADO**, com conhecimentos de língua Inglesa, de idade não superior a 35 anos, e situação militar resolvida.

03 - AJUDANTE DE ANALISTA

para coadjuvar a chefe da secção de Injectáveis na preparação dos respectivos solutos.

Para este posto de trabalho pretendemos um diplomado com o curso de **AUXILIAR DE LABORATÓRIO QUÍMICO** e situação militar resolvida.

Oferecemos boas condições de trabalho e regalias sociais acima de média. Enviar respostas ao Serviço de Pessoal, Rua Rodrigues Sampaio, 97 em Lisboa, indicando «curriculum vitae» ordenado pretendido e a referência que corresponde a cada posto de trabalho.

ALCATIFAS - TAPEÇARIAS - NOVIDADES

e ainda um supermercado de verdadeiras maravilhas de sonho para o conforto da sua casa que também aprecia carinho, cuidados e atenções. FABULOSO SORTIDO DE TECIDOS PARA CORTINADOS E ESTOFOS. PAPEIS PINTADOS, CARPETES, TAPETES, MOSAICOS PLÁSTICOS, PLÁSTICOS, ADESIVOS DECORATIVOS, PASSADEIRAS NACIONAIS E ESTRAN- PLÁSTICOS, PAVIMENTOS E INDUSTRIAIS, GEIRAS, COLCHOES E VÁRIOS EXTENSIVOS PARA CORTINADOS E ESTOFOS. TOALHAS «VILEDANE» DE ESPUMA E DE MOLAS.

DECORADORES E ALCATIFADORES PRIVATIVOS DESTACAVEIS PARA TODO O PAIS



Fabricantes - Importadores - Armazenistas, que vendem também directamente ao público - RUA DE S. NICOLAU 5 A 13 - LISBOA-2. Telef. 36 04 75 - 36 67 63

TELEFONE 84 73 55 P. B. X.

Aguinaldo de Oliveira & Oliveira, Lda.

Compra e Vende

SUCATAS EM GERAL - TRAPOS E PAPEIS - AUTOMÓVEIS E PEÇAS USADAS E ARTIGOS MILITARES

ESTABELECIMENTO

Rua Gualdim Pais, 2 XABREGAS - LISBOA

ALGARVE

Mobiliário — Tecidos — Reposteiros
Algumas razões para nos visitar

- Modelos estudados para o ambiente Algarvio
- Tecidos cuidadosamente escolhidos
- Confecção de cortinados impecável
- Boa e experimentada assistência técnica
- Estudos completos do recheio e decoração sem qualquer encargo
- Orçamentos com chave na mão

CONFORTALIS — Mobiliário — Tecidos —
Decoração de Interiores

Rua do Comércio, 39 - Portimão - Tel. 24200

NA GUINÉ: COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS

BISSAU, 7 — (ANI) — Relativo ao período de 15 a 31 de Março, foi distribuído em Bissau o seguinte boletim informativo das Forças Armadas na Guiné:

«No seu esforço de vigilância das fronteiras e de segurança da população, as nossas forças desenvolveram intensa actividade operacional, tendo causado ao inimigo 37 mortos confirmados, 2 dos quais cubanos, capturado 2 elementos e apreendido 3 morteiros 120, 8 espingardas automáticas «Kalashnikov», 1 espingarda «Simonov», 1 lança-granadas Fogueira RPG-7 e 367 granadas de morteiro 120, além de outro material diverso e documentação. Desta actividade teve particular relevo pelos resultados obtidos uma acção desencadeada na região de Canque-lifá por tropas especiais africanas sobre um grupo inimigo que se infiltrara pela fronteira Leste e ainda a acção de perseguição a um grupo infiltrado pela fronteira Norte, levada a cabo por uma patrulha de fuzileiros especiais na área do rio Cacheu, conforme foi oportunamente noticiado.

«O inimigo orientou a sua actividade sobre as populações e guarnições no Leste e Sul da província, fundamentalmente através de flagelações à distância e levou a efeito algumas acções de terrorismo directo sobre populações, tendo provocado 4 mortos e 3 feridos civis. Procurou ainda interditar alguns itinerários por meio de emboscadas e de implantação de minas na sua maioria detectadas e levantadas pelas nossas forças.

«Em paralelo com a actividade operacional, as nossas forças continuaram em toda a província a apoiar os trabalhos constantes dos programas de desenvolvimento económico e de promoção social das populações. Neste contexto prosseguiram regularmente os trabalhos incluídos no planeamento da presente época dos quais se destacam os que estão a decorrer nas estradas Binta-Guidage, Jugudul-Bambadinda, Aldeia Formosa-Buba. No período, concluiu-se a asfaltagem da estrada Cufar-Catió e chegaram a termo as obras de construção das escolas de Pachê, lala, Nema, Antontinha e Pelundo.

No decurso da presente época seca foram já dadas prontas 426 casas cobertas de zinco, 10 escolas e 2 postos sanitários.

«Prosegue em Bissau o estágio para auxiliares sanitários frequentado por elementos do corpo de milícias.

«No âmbito da participação das populações no esforço de defesa é de salientar, no período, a formação de um novo contingente de soldados afri-

canos e o encerramento do estágio de minas e armadilhas, frequentado por especialistas africanos do corpo de milícias.

«Nos postos fronteiriços foi prestada assistência sanitária a 4 513 cidadãos dos países limítrofes, sendo 4 458 senegaleses e 5 guineanos. Apresentaram-se às nossas autoridades 12 combatentes inimigos armados. Regressaram a território nacional 82 elementos da população do interior deslocados para os países limítrofes.

«A província foi visitada no período pelo correspondente da BBC em Madrid, Normam Gent, que se deslocou a vários pontos do interior. Terminou a sua visita à província a sr.^a D. Cecília Supico Pinto, presidente do Movimento Nacional Feminino.

«Proseguem em Bissau os trabalhos da fase provincial do quinto Congresso do Povo da Guiné.

«No período, as nossas forças sofreram 11 mortos cujas identidades foram oportunamente comunicadas aos órgãos da informação.»

MÉTRICA METALÚRGICA DA LUZ, LDA.

Construções metálicas, Aluminios anodizados, Soldaduras

Estruturas e todos os trabalhos inerentes

PROJECTOS E ORÇAMENTOS GRÁTIS

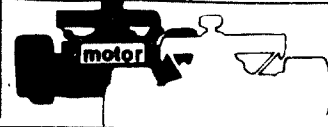
Quinta das Camareiras — Azinhaga do Serrado (à Luz)

Telefone 78 79 42 — LISBOA

CATÁLOGO DE LIVROS RAROS

Envia gratuitamente a «LIVRARIA ACADEMICA»

R. Mártires da Liberdade, 10 — PORTO



CABELEIREIROS

SECADOR

Euromatic-Donatella»

Mod. 174

Agora mais rápido, mais silencioso e o único com inversão de marcha automática, para evitar zonas frias

ACEITAM-SE TROCAS

GARANTIA— CINCO ANOS

Representante em Portugal:

M. L. ABRANTES

R. Artilharia Um, 22-r/c., Esq. - Tel. 652511 - Lisboa-2



VIVENDAS

A 10 minutos a pé da estação de Carcavelos, novas. Trata o construtor L. 539773 e 539774 escritório e 2475240 residência. Aceito terrenos em troca ou vendo.



Galerias
ROLDÃO

Móveis de estilo e clássicos, objectos decorativos, artigos fotográficos, TV, Rádios, Gravadores, Aparelhagem sonora «National»

Avenida Almirante Reis, 13-E — Telef. 50180

Ourivesaria Roldão

Ouro, pratas, jóias, grande variedade em Relojoaria Agência Oficial Omega e Tissot

Avenida Almirante Reis, 10 — Telef. 46530
METRO DO INTENDENTE

CASA ROLDÃO

Rádios, TV, gravadores, frigoríficos, máquinas de lavar roupa, loiça e de escrever «Brother», fotográficas, filmar, projectar e slides

Avenida Almirante Reis, 10-C — Tel. 562314

SAUDANDO OS LEITORES DO «DIÁRIO DE LISBOA» e, assinalando o seu aniversário

VAMOS A TODOS DAR OPORTUNIDADE DE ADQUIRIREM AS MELHORES CANÇÕES DOS MELHORES ARTISTAS MÚSICA PARA TODOS!

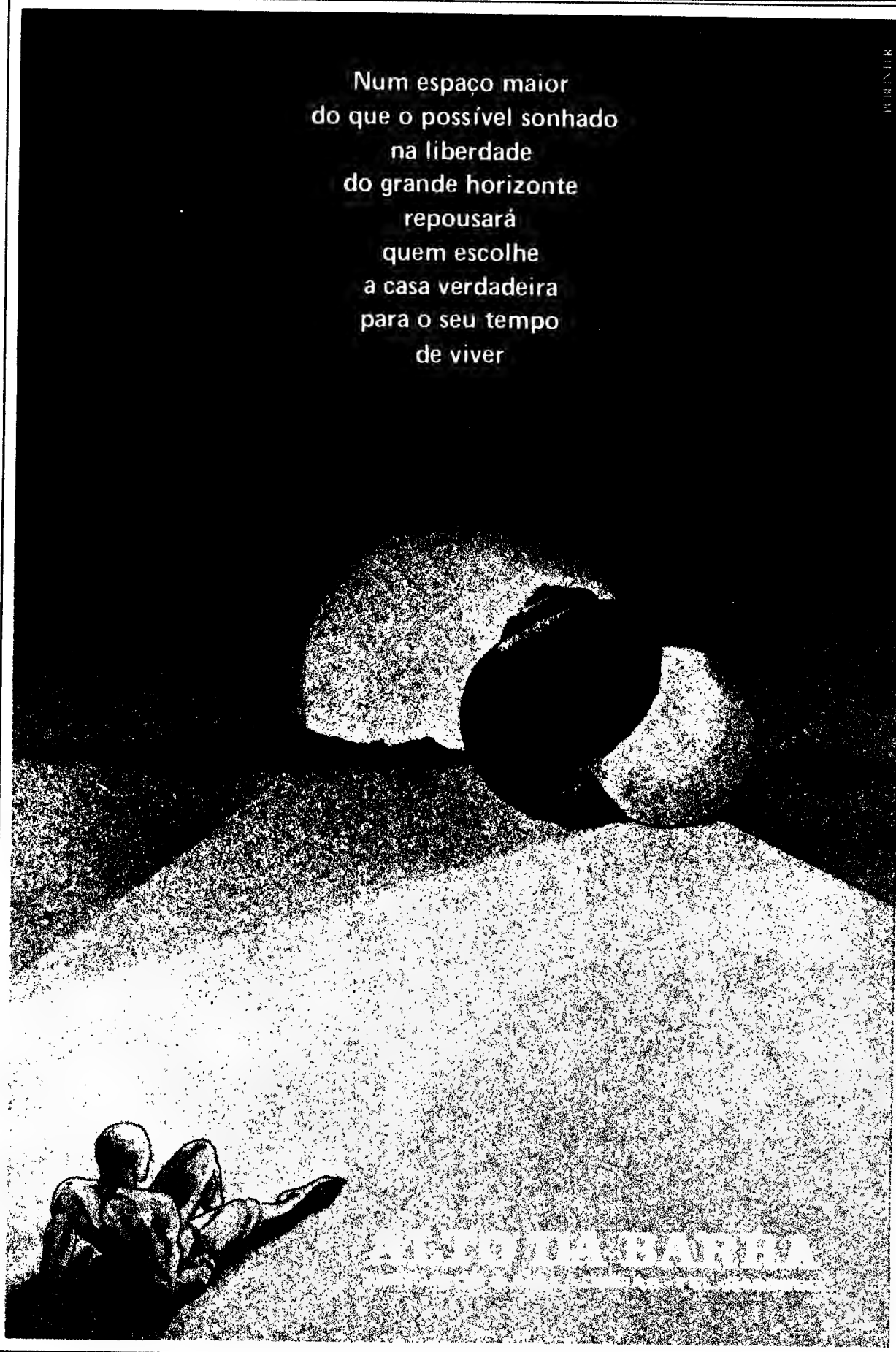
LEIA O NOME DE ALGUNS ARTISTAS DO NOSSO VASTO «STOCK»

Tony de Matos, Maria da Fé, Manuel de Almeida, Alfredo Marceneiro, Joaquim Cordeiro, Grand Funk, Uriah Heep, Credence Clearwater Revival, Canned Heat, Orquestra Mantovani, Santana, Janis Voplin, Spooky Tooth, João Gilberto e António C. Jobim, Paul Simon The Partridge Family, Paul's Linda McCartney, Rod Stewart, Chicago, Andy Williams The Beach Boys, Tom Jones, Cat Stevens, Carly Simon, Elton John, Tommy Bennett, Johnny Mathis, Led Zeppelin, Johnny Winter, Pink Floyd, Carpenters, Carole King, Neil Diamond, Procl Harum, Henry Mancini, Black Sabbath

CASSETTES E CARTRIDGES DESDE (imaginem!) 60\$00; DISCOS NOVOS DESDE 65\$00

RUA PASCOAL DE MELO, 7-B, 1.º, Esq. F. — LISBOA

Num espaço maior
do que o possível sonhado
na liberdade
do grande horizonte
repousará
quem escolhe
a casa verdadeira
para o seu tempo
de viver



O GRUPO SUECO «ABBA» VENCEU EM BRIGHTON

Milhões de pessoas puderam apreciar, ontem à noite, as canções dos representantes dos 17 países ao Festival da Eurovisão de 1974 que se realizou em Brighton, na Brã-Bretanha.

Nun Mercado Comum Alargado da canção comercial, venceu aquela que melhor soube apresentar o produto, ou melhor, a canção. Waterloo foi ganha desta vez pela Suécia. No campo de batalha, a lutar pelo primeiro lugar, esteve o conjunto The Abba formado por duas raparigas vestidas de uma forma bastante sui generis e por dois rapazes à moda do imperador. A encenação começou logo com o próprio director de orquestra, trajando à Napoleão, não se esquecendo mesmo do braço ao peito. A canção tinha ritmo, estava ali para ganhar e conseguiu-o com 24 pontos.

A Finlândia esteve representada por Carita e Alamele pois. Canção sem história. Seguiu-se a Inglaterra com Olivia Newton-John e Long Live Love. Rosto bonito, voz agradável e uma canção a lembrar Pupet on a string. Desta vez, porém, não conseguiu captar os júris. A Espanha deu-nos um conselho através da sua representação, *Canta e se feliz*, interpretada por Peret (também o autor). «Peret», autor de *El burrito*, escreveu uma canção no mesmo estilo e apresentou-se em Brighton com todo o seu salero e ritmo mas não chegou.

«Natati la Khaiai», por The Poogy Group, veio de Israel; «The first day of love», por An-

ne-Karine Strom e Bendik Singers, representou a Noruega, enquanto Marinella se deslocou da Grécia a Brighton para cantar «Krassi, Thalassa Ke T'Agori Mou». Três canções que desfilaram. Qualquer delas com muitos «lá-lá-lá-lá» que já não convencem ninguém.

O duo Cindy e Bert da Alemanha trouxeram «The summer melody». Interpretaram-na com muita ternura, olhando-se olhos nos olhos.

Presentes ainda a Jugoslávia com «Generation 42» pelo The Korn Group, o Luxemburgo com «Bye Bye I love you» por Ireen Sheer; o Mónaco com «Celui qui reste et celui qui s'en va» por Romuald; a Bélgica com «Fleur de liberté» por Jacques Hustin e ainda a Holanda com «I see a star» por Mouth e MacNeal, a Irlanda com «Cross your heart» por Tina e a Suíça com «Mein ruf nach nach dir» por Piera Martelli.

Paulo de Carvalho lá esteve com «E depois do adeus». Cantou bem e em português. Nos ensaios era considerado — dizem — favorito, mas só conseguiu três votos. Acontece-nos sempre o mesmo...

O festival encerrou com Gigliola Cinquetti representando a Itália. Vencedora em 1964 com «Non è tardi para amar», Gigliola trouxe uma canção também melódica, doce, «Se»,

e alcançou o 2.º lugar. Realmente «Se» não fosse a batilha de «Waterloo»... Em terceiro lugar classificou-se a Holanda com 15 votos. Quanto a Portugal, os três foram-nos dados

pela Suíça (dois) e pela Espanha (um). «E depois do festival» fica-nos a desoladora impressão de nenhuma das canções «ter ficado no ouvido».



Gigliola Cinquetti (Itália): o segundo lugar

A CRÍTICA DE MÁRIO CASTRIM

UM WATERLOO ONDE FALTOU CAMBRONNE

Desde 1963 que os telespectadores portugueses tomaram o gosto ao Festival da Canção. Foi na Dinamarca. Lá, com António Calvário, começou o calvário nosso, que não vale a pena estar a passar no «écran» da memória. Basta dizer que as nossas canções tiveram sempre um nível excepcional, quer no poema, quer na música, quer na interpretação.

Lá estivemos ontem em Brighton, cidade inglesa a qual, por informação de Artur Agostinho, sabemos que tem muito comércio de antiguidades (ah, bom, agora começamos a compreender porque aceitou aquelas cantigas...) e que lá, as pessoas pescam muito. A canção portuguesa acabou por pescar três cachuchitos. Fraca pesca. Ainda por cima, um era congelado. Mas não nos adiantemos.

A voz de Artur Agostinho vinha de longe, de longe. Não parecia vir da Inglaterra, mas da Lua. Para mais com suspeitas verdadeiramente lunáticas.

Por exemplo: a propósito da modificação introduzida pela BBC no sistema de votação, dizia ele: *Talvez mais tarde se venha a descobrir a razão da manobra tão estranha...*

Descanse Artur Agostinho. Não houve cabala montada contra ninguém. Os ingleses são práticos, *time is money* e além disso não estamos em tempo de se desperdiçar tanto tempo com votações. Alguém pensou o que representa, em televisão, uma hora parada a ouvir números?

Canções Ilusões...

Evasões...

Não vou aqui fazer uma história das canções concorrentes desde 1956. Basta, no entanto, dizer que o amor nas canções oficiais é o tema obrigatório. Por razões que até são marketingueiras: há que procurar o quantificador universal, ou o de maior âmbito possível. O quantificador *amor* é mais significativo que o quantificador *desporto*. O futebol e o rãguebi tem larga clientela, mas não se compara com a do *amor*.

E este ano?

Vem a Finlândia e canta: *Aquece-me, oh meu amigo, dá-me o teu calor...* Aqui o amor até surge com uma razão de ordem prática: sucedâneo do gasoil e do carvão como fonte de calor.

A Inglaterra esquece todos os seus problemas incluindo (é o máximo!) a irradiação do campeonato mundial de futebol. E gargareja a fria e húmida e feia Albion: *Amar é acariñar e partilhar o amor... o amor é igual para todos quando o espírito é a principal razão. Glórial Glórial Aleluia!* (Os mineiros voltaram ao trabalho. Vai haver carvãozinho. Aleluia! Glórial)

Canção-espectáculo bem organizada, à boa maneira ingle-

sa. Mas o género começa a fatigar.

A nossa vizinha Espanha veio com um optimismo a toda a prova: *Canta a alegria de viver. Canta e se feliz. Se ninguém te amar, não faz mal. Canta.*

Canta. Canta que logo bebes. Se feliz. Se possível, em Espanha, onde encontra locais maravilhosos. Vivóóóó turismo. A Espanha tem olhos. Não há turismo triste...

A Noruega: *Há que ter fé naquilo em que acreditamos* (ou vice-versa, não me lembro bem). *Como o nosso poder, cada dia é o primeiro dia de amor.*

Estes compreende-se até que falem de amor. Aquilo por lá faz frio que tem demónio. A divisa da Noruega da Eurovisão: *Polo Norte e polo amor...*

Grécia. Ah, Grécia!... Afinal, os gregos são pessoas que vivem no melhor dos mundos: *Sou feliz, porque tenho um pouco de vinho, um pouco de mar, o meu namorado...*

Aqui temos a felicidade à grega: o vinho para se esquecer, o namoro para se rir. Toda uma maneira de viver e de cantar.

Israel, bico calado quanto à desgraçada guerra com os árabes. É melhor não falar em coisas tristes: *Eu dei-lhe a minha vida, voltei para ela, voltei para ela e ninguém acredita quando eu digo que aprendi o significado da palavra nada.*

(Que é que tu querias, pá? Se calhar querias uma canção dedicada ao sionismo...)

A Jugoslávia é uma excepção com a sua canção *A Geração de 1942. A minha geração de 42 sobreviveu aos dias difíceis da guerra quando soldados desconhecidos e ferozes de súbito chegaram...*

Um conjunto banal com um bom solista. Estas canções sérias não pegam. E preciso rir! Rir! Rir!

A propósito de Waterloo (oh História, para quantas cousas tu serves!) diz pela voz de Abba: «Eu perdi, tu ganhaste, a guerra. Prometo amar-te para sempre. Como poderia eu recusar se sinto se sinto que ganho... quando perco!»

Indecentes, a plagiari Camões. O Júri não tomou isso em consideração. A sua vitória, como se costuma dizer, estava fora de todas as previsões. Afinal, eles que não tomaram aquilo a sério, mascarados e tudo foram os que levaram aquilo.

Estás vingado, Napoleão. Desta vez venceste em Waterloo.

O Luxemburgo com muitas tradições nestas andanças. Rismo e lirismo, perdão, olha o disparatado Ritmo e lirismo são os trunfos de Ireen Sheer. Assim: *Amo-te. Amo-te. E mesmo sabendo que tens um outro amor no teu pensamento, não deixarei de amar-te.*

Temos aqui uma grande fastida em germinação. Não há por aí quem lhe mande uma guitarra?

Lá veio o Mónaco, com o eterno bacará do amor: *Quando um amor acaba, aquele que fica é quem perde...*

(Ganhar, perder: o complexo da roleta).

A industriosa Bélgica, tão romântica afinal: *Era realmente um anjo que eu vi passar esta manhã? Volta para a Terra, flor da liberdade. Há muito para amar. Volta, flor da liberdade.*

Amor, pela segunda vez, não entra. Liberdade é a palavra-chave. Não se sabe bem qual liberdade. Há tantas liberdades dentro dela...

A Irlanda, puritana por vício histórico, veio contar-nos que há muitos corações quebrados por causa de uma mentira. Mentir? Fugas canhoto! Uma pequena aventura pode matar um grande amor.

Ai, Irlanda, Irlanda, como tu ainda tens tempo e disposição para cantar. Para cantar coisas destas!

Alemanha, ou melhor: a Alemanha Federal, confidencia-nos que *esta melodia de Verão não passa de um sonho, não se pense que este tempo de rosas não acaba.*

Não seas pessimista, Federal. Então que é isso? Assim desiludida e com o marco a valorizar-se?

Os cantões da Suíça uniram-se para gritar ao mundo, não a maravilha das suas montanhas e dos seus relógios mas os *sonhos nostálgicos dos dias idos doces e felizes recordações que torturam o seu coração*. Enfim, um amor limpo, asséptico, branquinho como tudo o que vem da Suíça.

Finalmente Portugal. O que nós sabemos. E tu que sabes e eu que sei... No entanto, aquela ovação foi reconfortante. Não ajudou para ganhar; mas ajudou para animar.

Quanto à Itália, houve o problema que todos conhecem. A RAI não transmitiu o Festival com a justificação de que a canção podia influenciar a votação sobre o divórcio.

A verdade é que a pobre da cançãozinha estava inocente: *Eu direi sim, todas as noites, tal como te disse daquela vez. Já nem me lembro do que aconteceu. Não sei se despertei ou se continuei dormindo, a sonhar com as tuas mãos nas minhas e correndo, correndo correndo até que a luz se tornou mais brilhante e eu outra vez te disse sim para experimentar uma emoção que jamais tivera.*

Não há, nem por sombras, uma intenção de divórcio, ou separação, ou coisa do género. Pelo contrário. A mocinha romântica está apaixonada, encantada, até diz que *sim*...

A pergunta na votação sobre o divórcio é esta *SIM* ou *NÃO*? Aquela palavra *SIM*, título da canção, aparece isolada, com uma força terrível, no pequeno, mágico «écran». A RAI sabe melhor do que ninguém o valor de uma imagem — e este simples pormenor (*uma palavra escrita no «écran»*) deve levar-nos a todos a meditar no poder da TV.

Só uma pergunta: a RAI tomaria a mesma decisão se a cantiga se chamasse *NÃO*?

Pergunto só por perguntar, está claro. Que eu, em questões de neutralidades, sou um desconfiado...

EPILOGO

Pronto. O festival acabou. A Suécia terá, nesta hora, o coração mais quente. Os outros... Bem, ou outros sentirão, cada um por si, as amarguras da injustiça.

Não faltaremos a regra. O nosso representante, Paulo de Carvalho, não podia fazer mais do que fez. A canção da televisão portuguesa não convencia pelo poema, embora se saiba que o português é uma das línguas mais faladas do mundo; a melodia, essa, com o seu saborzinho a Sinatra é isso mesmo: uma sinatrinha que já não pega. Ainda por cima, cançonetista português foi, com presença televisiva, de um primarismo a toda a prova. Comparado com os outros cançonetistas, era um verdadeiro colegial. Sem coro a dar-lhe suporte, estava ali abandonado, como um orfão infeliz. E depois aquela mão esquerda a dar a dar... Parecia um cançonetista em acção, não num palco europeu, mas na verbenha do Carcavelinhos.

Repito: não podia fazer mais do que fez, com ou sem braço esquerdo.

E agora? E depois do adeus? Ora, meus amigos: perder uma batalha não é perder a guerra. Continuaremos, graças a Deus, a cantar. A cantar bem alto. Não tarda muito tempo que tenhamos aquelas duas típicas suecas entre nós, no «Domingo à Noite» ou nos 25 *Milhões de Portugueses*.

Santo Deus! Já tínhamos a ginástica sueca; o bacalhau sueco; a «sueca» das cartas; temos ainda agora mais a canção sueca. Nisto de canções, aprenderemos muito para o ano quando formos a Estocolmo. Se lá formos. Tenho aqui um dedo mindinho a dizer que não. Bem vistas as coisas, nada temos a aprender com ninguém.

RESULTADOS DO FESTIVAL

BRIGHTON, 7 — (R) Um total de 170 jurados — 10 de cada país competidor — deram os seus votos pela rádio ligada ao local do festival — um histórico pavilhão real com 170 anos de existência.

Concorreram ao festival 17 países. A França retirou-se à última hora devido à morte do presidente Georges Pompidou.

A votação final foi a seguinte: 1.º, Suécia, 24 pontos; 2.º, Itália, 18; 3.º, Holanda, 15; 4.º, Inglaterra, Luxemburgo e Mónaco, 14; 7.º, Israel e República da Irlanda, 11; 9.º, Espanha e Bélgica, 10; 11.º, Grécia, 7; 12.º, Jugoslávia, 6; 13.º, Finlândia, 4; 14.º, Portugal, Alemanha Ocidental e Suíça, 3.

PROFISSIONAIS

TRATAMENTO DE ÁGUAS DE PISCINAS OFICIAIS

Necessita grande empresa, para as suas instalações junto de Setúbal

OFERECEMOS:

- Vencimento actualizado;
- Alimentação;
- Transporte entre Setúbal e o local de trabalho;
- Alojamento (se o preferir).

PEDIMOS:

- Disponibilidade para trabalhar nos fins de semana;
- Experiência comprovada;
- 4.ª classe como habilitações literárias mínimas.

Escreva para o Apartado 106 — Setúbal

Continuação da pag. 11

sa que mesmo antes da devolução de qualquer numerário mobilizado nestas duas subscrições, apareça uma terceira, já que não acreditamos que as duas subscrições tenham mobilizado muitos milhões.

Sorefame

A Sorefame, cujo papel tem

Últimas cotações efectuadas

SEGUROS

Alentejo	600\$00
A. Madeirense	1.900\$00
Atlas	2.000\$00
Bonança	18.200\$00
Com. e Ind.	80.000\$00
Lusitana	900\$00
Mundial	5.050\$00
Mutualidade	7.100\$00
Nauticus	600\$00
Pátria	30.700\$00
Port. Prev.	7.200\$00

BANCOS

Agricultura	6.300\$00
Algarve	4.400\$00
Alentejo	3.220\$00
Angola	6.200\$00
B. Irmão	10.550\$00
Crédito Predial	6.100\$00
Espírito Santo	12.800\$00
F. Magalhães	7.320\$00
Fomento	5.600\$00
BIP	11.100\$00
BNU	9.500\$00
BPA	18.000\$00
P. Magalhães	10.250\$00
P. Sotto Mayor	17.500\$00
Portugal	8.800\$00
Totta	10.200\$00

DIVERSAS

Intar	880\$00
Cidla	4.450\$00
Petroquímica	1.750\$00
Sacor	6.450\$00
Tabacos Port.	2.290\$00
Tabaqueira	13.600\$00
U. F. A.	1.050\$00
U. F. Farmac.	4.100\$00
S. C. C.	9.800\$00
Compal	1.050\$00
G. Pará	3.900\$00
I. P. Colónias	2.110\$00
Lisnave	13.650\$00
Mabor	13.500\$00
C. N. N. - n.	1.550\$00
Salvor	2.950\$00
Setenave	8.700\$00
Penina	7.500\$00



Friedrich Markl

MISSA DO 7.º DIA

Maria da Purificação Silva Lobato do Carmo Markl, Dagberto Lobato Markl, sua mulher e filho; Augusto Fernando Lobato do Carmo e sua mulher e mais família, participam que, amanhã, às 19.30 horas, na Igreja de S. Domingos de Benfica, será celebrada missa pelo eterno descanso do seu querido marido, pai, sogro, avô, cunhado e parente.

P. N. A. M.

sido objecto de poucas transacções no mercado paralelo vai iniciar, no próximo dia 10, a troca das cautelas referentes ao último aumento de capital pelos títulos definitivos.

Mercado Paralelo

O número de transacções no

mercado paralelo é cada vez mais insignificante. Mesmo assim, há quem aproveite a circunstância de os preços estarem convidativos para ir adquirindo papel, pois que não é de prever desvalorizações nas cotações actuais — antes se aguarda uma valorização. A grande incógnita reside em relação à criação eventual de

uma sessão de bolsa para a transacção de cautelas, resolução que julgamos muito salutar face ao desinteresse que o mercado de títulos está a criar. Ou pretende-se a existência de bolsas de valores amorfas? Aproveitamos, entretanto, para responder a um nosso leitor do Porto, informando-o de que, até ao próximo dia 15, poderá transaccionar as suas cautelas no mercado paralelo que funciona no exterior do recinto reservado à bolsa. Alguns bancos também adquiriram cautelas aos seus balcões, assim como há particulares interessados. Será tudo uma questão de preço. As sessões do mercado paralelo, em Lisboa, decorrem às mesmas horas das sessões da bolsa, às segundas, quartas e sextas. A Comundo tem feito 1.800\$00/1.900\$00, enquanto que a Açoreana tem sido transaccionada a 700\$00. O BIP continua a 10.000\$00 e a Euro-

minas é procurada a 4.000\$00. A Matur tem sido transaccionada a 3.100\$00/3.300\$00 e a Interhotel a 2.300\$00. A Secil já foi vendida a 9.000\$00.

A última semana

O movimento da última semana foi caracterizado por uma evolução bastante irregular. A tendência generalizada no sector bancário foi de desvalorização na maioria dos papéis, com excepção do BIP e Portugal que tiveram valorizações de 100\$00 e 300\$00 respectivamente. No grupo segurador, igualmente com comportamento irregular, notou-se o afrouxamento do Alentejo, que voltou aos 600\$00, enquanto que a Aliança Madeirense cedeu 200\$00 e a Atlas 5\$00. Por outro lado, a Pátria, com perspectivas de aumento de capital, teve uma mais-valia de 200\$00 e a Bonança ganhou 700\$00.

A Mutualidade, a cujo aumento de capital já nos referimos, valorizou-se em 100\$00. No grupo das «diversas» seguiram uma trajectória evolutiva a Compal (+15\$); a Petroquímica (+50\$00); a Tabaqueira (+100\$00); F. Ramada (+50\$00); Socel (+100\$00); e P. Celulose (+150\$00). No sector das «águas e electricidade» nota-se uma certa regularidade, aparecendo as C.R.G.E. a 414\$00, contra os 410\$00 da semana transacta. Aliás, este aumento não é de admirar pois o «gás e electricidade» está a fazer cobranças extra referentes a Agosto e Setembro de 1973. Com desvalorização operam a Siderurgia, Cimentos de Leiria, Grã-Pará, Portugal e Colónias, Mabor, Sacor e Salvor, entre outras. A verdade, porém, é que se tem processado elevado número de transacções. Com certeza porque a altura é considerada oportuna...

OFICINAS DE AUTOMÓVEIS COTAL

SERVIÇO OFICIAL
BLMC
E

TOYOTA

Rua Artilharia Um, 105-A
Rua dos Lusíadas, 113-A
Telefs. 683131/2/3
Telefs. 631057/8

MERCEDES
BMW
ROVER
VOLVO
MARCAS DA G.M.

TODA A TÉCNICA DE
ESPECIALIZAÇÃO, FERRAMENTA E PESSOAL
COMPETENTE

DAMOS ORÇAMENTOS
PRÉVIOS

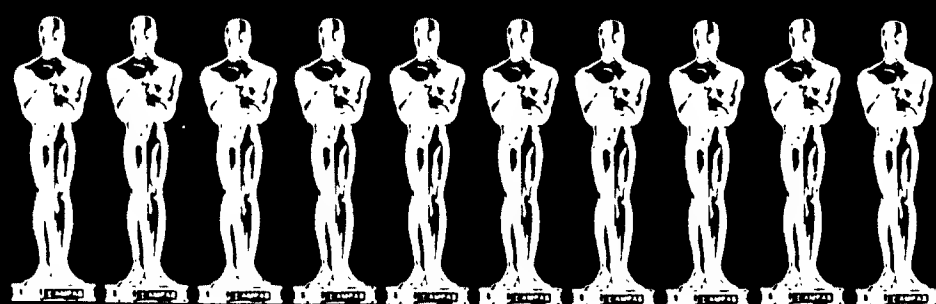
UM DOS SERVIÇOS
MAIS EFICIENTES E RÁPIDOS DE LISBOA

SERVIÇO INDEPENDENTE

SÁBADO ÀS 12 HORAS GANHE

10 MIL CONTOS

"TALUDA" DA PÁSCOA



10 ÓSCARES

THE STING

(A GOLPADA)

MELHOR FILME
MELHOR REALIZAÇÃO
MELHOR ARGUMENTO
MELHOR MONTAGEM
MELHOR MÚSICA
MELHOR DIRECÇÃO ARTÍSTICA
MELHOR GUARDA ROUPA

SAVE THE TIGER

MELHOR ACTOR

PAPER MOON

(LUA DE PAPEL)

MELHOR ACTRIZ SECUNDARIA

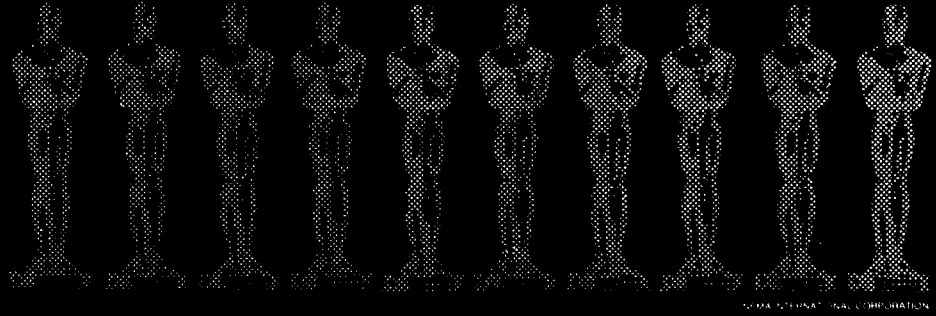
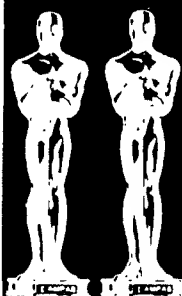
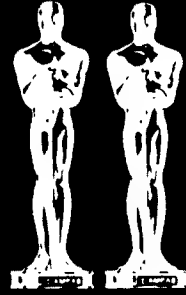
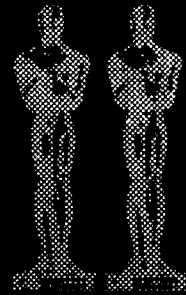
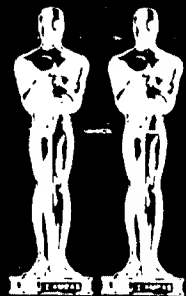
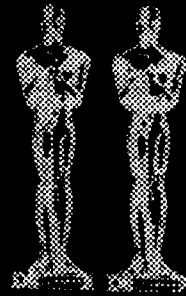
CRIS AND WHISPERS

(LAGRIMAS E SUSPIROS)

MELHOR FOTOGRAFIA

PROGRAMAÇÃO

LUSOMUNDO/SONORO



EDWIN MORGAN

Referia-me nas semanas anteriores à vocação oscilante deste poeta entre vários jeitos de escrita poética (do concretismo à poesia de protesto e à continuação de pressupostos do modernismo) sem que de indecisão entre os processos se tratasse, antes de uma como que afirmação da mudança, da experimentação conseguida nos diversos modos de proposta. Ficaram já apontados alguns aspectos da proposta concretista (que dele fazem, com Ian Hamilton Finlay, um dos influenciadores ingleses deste movimento internacional e internacionalista), da sua intervenção no âmbito daquilo a que se convencionou chamar a cena «pop» dos anos 60 e do modo particular como conjugou uma atenção à ciência e uma intenção de protesto que o seu tempo lhe pedia. Nesta última nota sobre a sua obra poética tentarei mostrar quer a sua utilização de formas tradicionais quer o modo como recupera manobras dominantes do modernismo inglês.

Das formas tradicionais é, sem dúvida, o soneto aquela que mais continua presa à vocação de exercício dentro de limites que os poetas gostam de provar ser capazes de realizar ou sentem a necessidade de praticar. Desde as suas origens na Itália dos princípios do Séc. XIII, a forma soneto viu-se periodicamente veículo de sucessivas opções dentro da literatura, encontrando adeptos mesmo nos períodos mais inovadores e nos poetas mais radicalmente antitradicionalistas: pense-se na renovação do soneto com os românticos, ou no modo como o praticaram poetas radicalmente não conformistas como, por exemplo, E. E. Cummings

ou Alvaro de Campos. Na mais recente poesia europeia, o soneto continua um local de confrontação entre técnicas e significações, como Jacques Roubaud, Denis Roche, Dylan Thomas, Philip Larkin, Carlos de Oliveira ou Jorge de Sena, entre tantos outros, comprovam. A última sequência, de «De Glasgow a Satúrnio», o último volume de Edwin Morgan, é precisamente um conjunto de dez sonetos chamados «Sonetos de Glasgow». A continuação e a recuperação de certas formas tradicionais na recente poesia é um sinal do contínuo equilíbrio precário em que a poesia se faz, o indeciso movimento entre a organização numa ordem com limites técnicos

e a organização na desordem ou, pelo menos, na ordem sem aparentes limitações do verso-livre ou do não-verso. E este espaço de indecisão, esta tensão que se não manifesta só entre várias obras mas dentro da mesma obra do mesmo poeta uma das plataformas mais elucidativas para a compreensão da poesia do nosso tempo.

Poesia cuja face os vários modernismos na Europa do princípio do século mudaram. E do modo como esse modernismo se especificou em Inglaterra (sobretudo pela teorização de Pound, e de Eliot) retoma Edwin Morgan dois aspectos cruciais (e cruciais porque fortemente re-jogados nestes princípios da década de 70). Como já havia dito na semana anterior, parecem-me ser o princípio de impessoalização da escrita poética e a ideia de emoção negativa (processo que, a partir da sua prática efectiva e suportada por uma teoria a partir deste momento, se verifica ocorrente já na história do literário até então. Destes modos a literatura passada vai sendo feita pela do presente).

O princípio de impessoalidade da escrita tem dois momentos fulcrais na história da literatura contemporânea em Inglaterra. Um é a aproximação do poeta ao camaleão por John Keats, numa carta de 1818: o poeta não tem identidade, deve deixar-se preencher no acto de escrita por objectos ou situações que vão fazer o

seu poema, tal como o camaleão toma a cor das coisas em que pousa. Outro é a noção de «objectivo correlativo» num ensaio de 1919 de T. S. Eliot: «um conjunto de objectos, uma situação, uma cadeia de acontecimentos que (...) sendo dados, evoquem imediatamente a emoção» desejada. Ambas as noções se erguem contra a poesia lírica que confunde emoção transmitida com projecção sentimentalista da subjectividade do poeta, ambas as noções se aproximam de uma concepção teatral da lírica que a aproximam do monólogo dramático. Daqui o surto de tantos poemas em que o poeta substitui o seu próprio eu por um «eu no texto» que é uma máscara sua ou uma personagem que faz liricamente funcionar. Dos «Dramatis Personae» de Browning, às máscaras de Cavafy e de Yeats, culminando nas personagens-poetas de Pessoa, a literatura europeia apresenta um sem número de exemplos desta situação. Edwin Morgan recupera-a em poemas onde à sua voz que faz o texto se substitui uma «voz no texto» que é a de uma personagem ou objecto que «fingidamente» o falam e se falam. Assim, Columba ou a Mãe dos poemas que traduzo (Columba, missionário irlandês na Escócia do Séc. VI; a Mãe, título de um texto de uma série de poemas em torno de uma rapariga que provoca um aborto e em que os vários «eus» de cada poema vão sendo um médico, o ho-

SONETOS DE GLASGOW — III

«Vêem esta casa para demolir?
Posso arranjar-lhes quartos, dois.
Setecentos e nada a pagar depois
porque não é legal. Estão a ouvir,

é pegar ou largar, mas. A posição
é simples, querem uma casa, pois
por oitocentos é vossa». E os dois,
mias cinco miúdos, aceitaram a omissão

das janelas com arames e sem vidros, do canal
cheio de humidade, das escadas a cair, a cheirar mal,
do fogão sem canos, dos ratos aos montões

— como os vândalos fartos de jogar,
de roubar casas vizinhas, de uivar,
disparar desinfectantes — a guinchar «Lucro de ladrões!».

A MÃE

Não faço ideia de quem seja o pai.
Fui empregada num hotel durante o Verão
nas Terras Altas, houve uma festa, e
fiquei bêbeda, deve ter sido então
mas não me lembra nada. Quando
me vi grávida quase enlouqueci,
parecia o fim do mundo.

O meu pai — era impossível,
ninguém faz ideia como ele é,
ter-me-ia expulsado certamente e
feito à minha mãe a vida insuportável
se é que o não era já.

Tentando descrevê-lo, é um homem
tanto permissivo como diabólico.
Lendo uma vez ao pequeno-almoço
sobre uma rusga por causa da droga
atirou uma cadeira pela sala
e praguejou até ficar roxo — praguejar
é bom e embebedar-se e partir cadeiras,
mas nada de sexo. Por vezes penso
como conseguia que eu nascesse
ou antes — como se recuperou disso.

— Perdão, isto é irrelevante.
Queria dizer que eu — que as minhas acções
não são muito boas, que as não defendo,
mas não podia ter um filho,
não podia mesmo, compreendem?
E nunca mais quero ter um,
foi o que me fizeram. Farta
de pensar, de remorsos, de desejo, de culpa.
Fui ficando tão cansada que vejo tudo
como tirado do ventre de outra,
quase tenho pena dela
até que lembro que é melhor
esquecer que a perda só foi minha.

CAIXA NACIONAL DE PENSÕES

CAMPO GRANDE, 6

LISBOA - 5

AVISO

Redistribuição de fogos do bairro de casas de renda económica de Abrantes

1 — Torna-se público que está aberto concurso pelo prazo de quinze dias a partir de 8.4.74, para redistribuição de 2 fogos vagos que constituem o bairro de casas de renda económica de Abrantes, e dos que venham a vagar no decurso dos dois anos de vigência do mesmo.

2 — As rendas a considerar, actualmente, são as seguintes:

Tipo III	450\$00
Tipo IV	500\$00

Relativamente aos candidatos que não sejam beneficiários de Instituição de Previdência, as rendas indicadas sofrerão um acréscimo, respectivamente, de 100\$00.

3 — A classificação dos concorrentes far-se-á de harmonia com o «Regulamento da Distribuição das Casas de Renda Económica» em vigor.

Dá-se preferência na classificação, aos concorrentes que sejam beneficiários (ou casados com beneficiárias) de Caixas de Previdência, e trabalhem, há mais de dois anos, nas freguesias que constituem o concelho de Abrantes.

4 — Os requerimentos de habilitação ao concurso por parte dos beneficiários da Previdência devem ser entregues até ao dia 22 de Abril p.º f.º nas respectivas Instituições de Previdência.

Os requerimentos dos restantes concorrentes devem ser remetidos dentro do mesmo prazo para esta Instituição.

5 — Todos os esclarecimentos podem ser prestados nas Caixas de Previdência ou solicitados a esta Caixa.

Lisboa, 7 de Abril de 1974.

A DIRECÇÃO

mem da lavandaria, a rapariga (a mãe), o seu pai, um carregador). Mas Edwin Morgan leva mais longe a «persona» que é o autor desses poemas seus, escolhendo criaturas não humanas e mesmo objectos: assim, temos um módulo lunar, um computador, os primeiros homens em Mercúrio (a falácia planetária e cibernetica de que falei na semana anterior), o monstro do Loch Ness, uma hiena, uma maça. Claro que a hipótese do «poeta camaleão» de Keats ou do «objectivo correlativo» de Eliot não é esgotada nestes processos (ele é apenas um dos modos como essas noções acabam por resultar), nem sequer, o que é necessário sublinhar, essas hipóteses conseguem abarcar e compreender a produção poética em geral ou a produção lírica em particular — são apenas formulações teóricas que operaram e operam uma radical alteração e influência nos processos de escrever e pensar a escrita.

O outro aspecto, intimamente ligado a este, é aquilo a que tentativamente se poderá chamar de «emoção negativa». Se a «voz no poema» não é a do próprio autor, este pode fazê-la falar, referir ou exprimir emoções que estariam longe das que ele próprio assumiria (processo a que nos acostumamos no teatro). Mas a «emoção negativa» pode ser

ainda um modo subtil de funcionamento da ironia: o autor expressa (dá voz emotiva) a sentimentos, opções ou afirmações de que está distante (no campo das ideologias, por exemplo) e o leitor terá de entender essa emoção como a negação dela. Claro que, para isso resultar, têm que os contextos do poema ou da obra do autor (no caso de um poema ser todo erguido dentro do mesmo processo) indicar ou insinuar a negatividade dessa emoção. (O poema «Família acrescentada» pode servir como exemplo disto). Claro que se tem visto muito leitor precipitado recusar um poema ou mesmo um conjunto de poemas organizado nessa ironia só porque não teve a distância crítica que este pressuposto exige, ou tendo-a, desconhecia o contexto contra que tinha de ler o poema ou a série que se lhe propunha. Nestas coisas, grandes são sempre a confusão e a vergonha posteriores. Quando a cegueira pessoal ou de grupo as deixam sentir.

NOTAS: Edwin Morgan nasceu na Escócia em 1920. Obras: «Starryveldt», Eugen Gomringer Press, 1965; «A second life», Edinburg University Press, 1968; «The horseman's Word», Akros Publications, 1970; «From Glasgow to Saturn», Carcanet Press, 1973. Penguin Modern poets n.º 15.

«O TRABALHO COM AMADORES É MUITO RICO E CRIATIVO»

diz João Guedes a propósito da encenação de a «Morte dum Caixeiro-Viajante» a representar pelos «Plebeus Avintenses»

É uma peça que, agora, me tem feito sofrer, porquanto a interpretei no TEP há cerca de 20 anos disse-nos o actor e encenador João Guedes, num intervalo dos ensaios da peça de Arthur Miller, «Morte dum Caixeiro-Viajante» que actualmente procede no grupo amador dos «Plebeus Avintenses».

Peça escolhida pela direcção da colectividade e proposta a João Guedes, diz-nos o conhecido actor que a mesma lhe interessa «não só porque continua a ter actualidade o problema do homem que envelhece e não encontra emprego, como porque aborda o problema dum sonhador, de um falhado (talvez por ser sonhador) que não consegue realizar os filhos e é vítima de uma engrenagem em que, estranhamente, os filhos podiam vir a realizar-se se a aceitassem. Todavia, estes ou se revoltam contra ele, revelando-se inadaptados, ou apneias se aproveitam dela mas sem esperança de a acreditarem».

João Guedes considerou também, importante e actual a

peça de Miller enquanto reflecte a situação de um homem «que sabe caminhar para o desastre total de que não se pode livrar e daí o roubo e a vaga mas inútil esperança duma salvação e, daí ainda o suicídio convencido de que dez mil dólares, ou dez mil dracmas, ou, ou escudos poderão lançar o filho numa carreira diferente da dele».

O actor diz-nos, também, ter tido a preocupação de actualizar os processos de encenação pois que não é possível fazer a «Morte dum Caixeiro-Viajante», nos mesmos moldes de há 20 anos. Assim, «não respeito as rubricas do autor e procuro fazer uma encenação que penso ser para amanhã. De qualquer modo, a minha encenação

tem um estilo que não é novo. Talvez seja demasiado expressionista, talvez tenha, penso eu, um impacto possível e isso é que eu queria fazer perante um espectador normalmente desinteressado».

Quanto aos actores, amadores, dos «Plebeus Avintenses», diz-nos João Guedes que «para grande espanto meu têm reagido com... espanto». O trabalho com amadores considera-o João Guedes como «muito rico e criativo: talvez porque estão mais puros, mais desinteressados, mais aptos a receberem idéias e a acompanhar a imaginação. Quanto ao facto de ser este um possível (único?) caminho do teatro, diz-nos: «Note que este caminho também não está livre de vícios e não é o único caminho a tentar porque há profissionais que têm a mesma pureza o mesmo sonho, a mesma ansiedade dos amadores». Quanto às condições em que esta actividade se desenvolve: «há profissionais e profissionais. Há os que amam a sua profissão e há os que a usam».

João Guedes refere-nos, ainda, um espectáculo com crianças, que a seu tempo será revelado, em que se procura dar àquelas todas as possibilidades de criação e de imaginação: «tenho a trabalhar um grupo de miúdos que estão a escolher uma peça da qual não sei absolutamente nada porque me recuso a saber. Eles é que sabem. Estão a fazer desenhos, a sua imaginação é enorme. Acredito neles como acre-

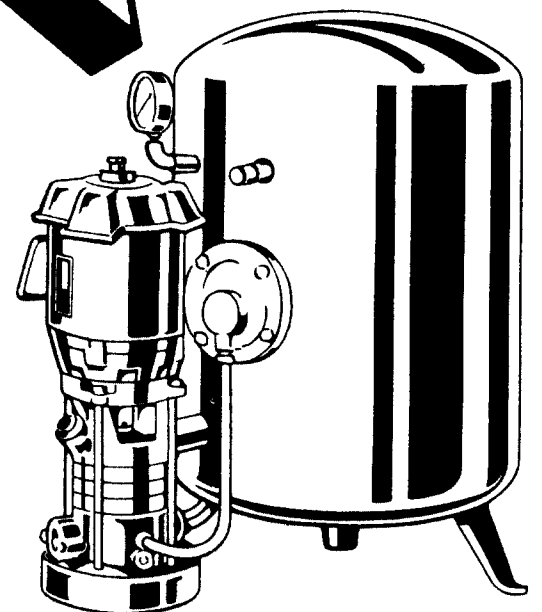
dito numa flor que está a nascer. Não posso dizer mais nada. Se é um processo educativo? Pois certamente que é, mas isso também não é novo. Já fizemos, na 1ª comuna».

E teatro no Porto, como o pensa, hoje, João Guedes? «O teatro no Porto é o teatro no Porto, como o de Lisboa é o teatro em Lisboa e o de Portugal é o teatro de Portugal. Que dizer, salvo uns grupos novos que têm sido ou estão a ser criados?»



BOMBAS GRUNDFOS

- * Funcionamento automático ou manual
- * Água sob pressão para todos os fins
- * Caudais de 2 a 36 m³/h
- * Pressões até 20 kgs/cm²
- * Execuções especiais para água quente e líquidos corrosivos



EUROVISÃO 1974

NORUEGA	— ANNE KARINE
GRÉCIA	— MARINELLA
JUGOSLÁVIA	— KORNÍ GRUPE
SUÉCIA	— ABBA
LUXEMBURGO	— IREEN SHEER
MÓNACO	— ROMUALD
HOLANDA	— MOUTH & MACNEAL
IRLANDA	— TINA REYNOLDS

distribuição
phonogram



Teatro
Maria Matos

HOJE
às 21.45 horas
«MORTE
DE UM CAIXEIRO
VIAJANTE»
de Arthur Miller
M/14
Bilhetes à venda
Tel.: 717017

Matinée aos domingos
às 16.00 h.
3.ª-feiras
Descanso da Companhia

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco de Borja, 24
Todas as noites
22 h
Dom. 16 horas
2.ª Descanso
DOROTEIA
De Nelson Rodrigues
Encenação de
Morais e Castro
Marc. Tel. 677299
G. D. Maiores 18 anos
Sub. Fundo Teatro

EMPRESA DE FERRAMENTAS E MÁQUINAS

PRECISA DE:

EMPREGADO DE ARMAZÉM C/ CONHECIMENTOS DO RAMO. DE PREFERÊNCIA C/ CARTA DE CONDUÇÃO. RESPOSTA C/ ORDENADO PRETENDIDO E DETALHES AO N.º 1065.

2.º MÊS — ÚLTIMO DIA

MAYER CINEMA (Antigo Terraço do Capitólio) Telef. 32 74 93

Teatro da Cornucópia

A Ilha dos Escravos e A Herança
de MARIYAN

Grupo C-14 anos Esp. Sub. F. Gulbenkian
HOJE, ÀS 17 HORAS E ÀS 21.30 HORAS

Apartamento-Algarve VENDE-SE

Praia da Rocha, 4 assoalhadas mais cozinha completa, ar condic. e bem mobilado. Telef. 2 42 00 PORTIMÃO (Sr. GAGO).

DISTRIBUIDOR

BONNEVILLE OLIVEIRA

PORTO

LISBOA

À VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

CERCA DE 200 CONCERTOS PARA 120 000 ESTUDANTES

José Atalaya abandonou em 1947 os estudos de Engenharia (I S T) tendo sido, até 1951, discípulo de Luís de Freitas Branco com quem estudou todas as disciplinas relacionadas com a composição (análise, estética e história da música) Fez a sua estreia como regente sinfónico em 1965, dirigindo uma orquestra por ele própria fundada, a convite do Instituto de Meios Audio-Visuais de Educação (I M A V E), hoje Instituto de Tecnologia Educativa. Na qualidade de bolseiro da Fundação Gulbenkian, e em missão de serviço da Emissora Nacional (onde chefiava a Secção de Música Sinfónica e de Câmara), estudou no Conservatório Cherubini, de Florença, onde concluiu o curso de direcção de orquestra na classe de Piero Bellugi Seguiu, também, cursos de aperfeiçoamento profissional na Alemanha (Prohaska), em França (Hans Swarowsky) e com Igor Markevitch

De há uns anos para cá, apresenta semanalmente na R.T.P. um programa de Educação Musical, em colaboração com o Instituto de Tecnologia Educativa, que tem vindo à conquista sucessivamente de um público mais vasto e interessado. E sobre este programa e outros aspectos que incide a entrevista que José Atalaya concedeu ao «Diário de Lisboa».

CR — Desde quando é orientador de programas de música na Radiotelevisão Portuguesa?

JA — Desde o início da própria R.T.P. Foi Pedro do Prado (com quem tenho a satisfação de trabalhar desde 1951 na E.N.) que me incitou a orientar, no serviço de música, sob a sua direcção, os primeiros passos da R.T.P., ainda na fase experimental (na Feira Popular, recorda-se?). Após dois anos convidaram-me a dirigir essa secção da televisão, mas não aceitei porque implicaria o abandono da Emissora Nacional.

CR — Mas então como surgiu o «Falando de Música» na R.T.P.?

JA — Já não era o responsável pelos programas musicais, da TV, mas, podia actuar como colaborador. O convite — que aceitei com bastante receio — partiu do Carlos Miguel de Araújo, hoje Director Geral da R.T.P. e do Marcelo de Moraes, que era então o director de programas.

CR — Com receio, porque?



DONA

**Cândida Th. Pimentel
de Beça Pires**

**PARTICIPAÇÃO
MISSA DO 7.º DIA**

Agostinho Joaquim Pires, Joaquim Manuel de Beça Pires e Maria das Neves Pizarra Ferraz Franco de Beça Pires, participam no falecimento de sua mulher, mãe e sogra, e que amanhã, dia 8, será celebrada por sua intenção, às 19.30 horas, Missa do 7.º Dia, na Igreja de São Sebastião da Pedreira.

AGÊNCIA BARATA

JA — O certo é que nunca fora professor nem tinha prática de falar em público. E eles pretendiam exactamente que eu falasse de improviso, diante das câmaras de televisão. A ideia estava certa, mas eu não me sentia preparado. Era em directo... A primeira vez (um programa sobre D. João IV) foi quase um fracasso. Até me faltou a voz. Mas as dificuldades têm o condão de me estimular, só de pensar que os meus «amigos» estão sempre à espreita...

CR — Mas tem muitos inimigos?

JA — Como toda a gente que trabalha. É natural. Mas têm-me ajudado imenso, porque me obrigaram a manter aberta uma consciência profissional absolutamente tranquila. Nunca me deixei arrastar para além dos limites que me impõem a mim próprio.

CR — Voltando ao «Falando de Música»...

JA — Devo referir que eu já experimentara, com bons resultados, suponho, uma técnica especial que consiste em «decompor» uma determinada obra para piano, violino, quarteto etc. Depois, durante a execução, na televisão, surgem, sobrepostas, legendas elucidativas.

CR — Mas essa técnica de televisão e de intenção didáctica foi anterior ao «Falando de Música»?

JA — Pois foi! Eu em miúdo gostava muito de inventar, de fazer qualquer coisa de diferente (o meu avô foi inventor de uma técnica de tecelagem, não registou a patente e morreu pobre...). Foi no programa «A construção da música» da R.T.P. que a apliquei pela primeira vez. Mas nessa altura eu não falava, escrevia textos que eram lidos pelos locutores.

CR — Como é que surgiu, depois, nos programas do Imave em colaboração com a RTP?

JA — Houve necessidade de suspender o «Falando de Música» porque, intretanto, o Imave iniciara a sua actividade didáctica na R.T.P. O dr. António Leônidas — que nem sequer me conhece pessoalmente — achou que o «Falando de Música» era afinal um programa susceptível de se ajustar aos seus propósitos pedagógicos, desde que mais sistematizado e integrado na orientação do Instituto. Aceitei o convite com muita satisfação, tanto mais que foi esse novo programa, «Educação Musical», do Imave (hoje Instituto de Tecnologia Educativa), que me conduziu à orquestra, quase sem eu dar por isso...

CR — Mas quando resolveu ser músico não era a direcção de orquestra o que lhe interessava fundamentalmente?

JA — Não, de modo nenhum. Eu pretendia ser compositor. Mas as primeiras obras (música sobre poemas de Eugénio d'Andrade) não me deram verdadeira satisfação artística (estão inéditas, apesar do próprio Freitas Branco se ter interessado por elas; iniciou-me nos segredos da instrumentação orquestral — do-as). Eram puro epigonismo, denunciavam muitas influências etc. Entretanto, o meu querido mestre (que, na verdade, muito me incitara a compor) faleceu. E como a minha invenção musical nada tinha de novo, de contagiante, fui adiando esses projectos.

CR — Mas pensa voltar à composição?

JA — Presentemente não. Mas não lhe escondo que me deu bastante satisfação um trabalho que fiz no laboratório de música electrónica, do Conservatório de Florença, com Pietro Grossi, enquanto estava a terminar o meu curso de direcção de orquestra naquela cidade. São «Variantes rítmicas sobre quatro sons sinusoidais», produzidas inteiramente sobre material obtido electronicamente. E estreadas, naquela cidade, por ocasião de um Congresso Internacional de Música Electrónica (em 1968). Foram das primeiras composições exclusivamente electrónicas feitas por um português. Depois, regressiei a Portugal — onde esses laboratórios não abundam — e estou mal apetrechados (a mim interessava-me muito a técnica electrónica com apoio ao computador) e entretanto começou a haver em Portugal quem se interessasse por essa técnica, com méritos superiores, certamente (refiro-me ao Filipe Pires, ao Peixinho, ao Emanuel Nunes) e voltei a «congelar» a minha actividade de compositor. Tenho tanta coisa a fazer... mal me chega o tempo para os concertos para jovens, para colaborar na organização dos concertos sinfónicos e de câmara da E.N., para fazer programas na televisão, para o I. T. E. E., às vezes ainda escrevo... Não devemos querer abarcar tudo, sobretudo quando outros podem fazer melhor do que nós.

CR — E acha que são positivos os resultados alcançados nos concertos para jovens transmitidos pela televisão e pela rádio?

JA — Concretamente, foram cerca de 200 concertos que permitiram um contacto vivo, em diálogo comunicativo e directo (e muito informal) com cerca de 120 000 estudantes surpreendidos, quase todos, no seu meio escolar. Basta que uma percentagem pequena (digamos 20 por cento) seja atraída para a música erudita, para que tanto o Instituto como eu sintamos que o caminho está certo. Além disso não podemos esquecer que, além desses cerca de 120 000, há outros milhares dispersos pelo País e que seguem semanalmente essas transmissões pela rádio (terças e sábados) e pela televisão (aos domingos). É uma acção regular, uma tentativa de valorização cultural que se dirige a vastas camadas sociais — crianças, estudantes, trabalhadores (iniciámos os «Concertos em diálogo» para a F.N.A.T.) e até susceptível de

interessar adultos de formação universitária que, de música pouco ou nada conhecem. Como sabe, até há bem pouco, a educação musical nas nossas escolas tem sido regida por processos antiquados. A música nem merecia nota, os professores não dispunham de um mínimo de material indispensável. Creio que tudo isso, na nova reforma, está a ser estudado. E o que ainda nos salva, presentemente, é o amor pela música de alguns professores. Eles fazem autênticos milagres...

CR — Também se realizam concertos para jovens, dirigidos por si, no Teatro de S. Carlos, aos domingos de manhã. Talvez por isso lhe chamem o «Bernstein português». Há imenso interesse por esses concertos.

JA — A propósito dessa designação, posso dizer-lhe que não me sinto nada feliz com a comparação. Mesmo que alguns o digam sem malícia, o certo é que fico sempre a perder. O Bernstein é um génio da direcção de orquestra e senhor de faculdades pedagógicas excepcionais. Ora se há tantos mestres a fazerem esse trabalho (em muitos países, como os Estados Unidos, a Holanda, a Rússia, as orquestras não obrigadas estatutariamente a fazer esse trabalho!) não faz sentido essa designação. Repito-lhe, fico sempre a perder com essa honrosa comparação. Além disso o que hoje faço com a orquestra, é o que fazia (antes de surgirem na televisão portuguesa os programas do Bernstein) com a música para piano, com a música para quarteto de cordas etc. Decompor e analisar a música em termos acessíveis a todos. O que fazia, afinal, como disse, no «Falando de Música» desde 1963.

CR — Como é que sentiu, então, a vocação para chefe de orquestra?

JA — Não a sentia, em 1965, quando comecei a dirigir. Preparei-me profissionalmente, no estrangeiro (porque em Portugal não se ensina direcção de orquestra) para um trabalho pedagógico, visto que verifico (não vou citar nomes) que os maestros, ao contrário do que sucede com bons pianistas, violinistas etc., não gostam que se lhes diga: repita este tema, agora com violinos, depois sem violinos etc. (isto diante dos seus músicos). Além disso o chefe de orquestra colocado entre o comentador e os instrumentistas quebra o ritmo do espectáculo nas exemplificações. O comentador (era esse o meu caso) deve reagir instantaneamente em função do diálogo com o público e deve poder responder-lhe imediatamente sem ter de perguntar ao chefe de orquestra se esta ou aquela exemplificação é possível. Mas não quis colocar-me diante de uma orquestra sem me preparar profissionalmente. Tanto mais que não possuía, como muitos regentes, experiência (utilíssima) de tocar em orquestras (como sucede com o Silva Pereira, por exemplo). Contudo, não obstante ter concluído o meu curso e ter estudado com excelentes profissionais (Swarowsky e Markevitch) foi no trabalho com a minha orquestra (a Orquestra Clássica Imave, constituída por excelentes e dedicados músicos da Orquestra Nacional) que verdadeiramente



mente aprendi a dirigir. Sem um instrumento não se pode aprender piano. E o meu instrumento é a orquestra.

CR — E, agora, sente essa vocação?

JA — Não lhe devo responder. A arte e a técnica de direcção de orquestra dependem em grande parte de factores de ordem psicológica. O acto de dirigir homens (e não só na música) não é um problema que se possa resolver com «habilidade» para o manejo da batuta ou para convencer o público com gestos bonitos e espectaculares. Trata-se em cada momento, no ensaio ou no concerto, da capacidade de convencer cada músico (alguns são grandes músicos!) a darem o seu melhor. Isso não se aprende para além de certos limites. Convencer o público pode não ser difícil. Uma crítica séria pode até não se aperceber das deficiências de um chefe de orquestra (às vezes as orquestras salvam os maestros e o melhor crítico não dá por isso porque, em regra, nunca estudou direcção de orquestra). Mas enganar os instrumentistas que tocam a mesma música com excelentes maestros — isso é impossível. É essa a grande batalha a vencer, aquela de que raros se podem orgulhar. Por isso, se alguém impuser a uma orquestra um determinado maestro essa orquestra está liquidada por melhores que sejam os instrumentistas. Veja o que se passa com a Orquestra de Paris. Primeiro o Charles Münch, depois nenhum outro francês foi considerado capaz de os submeter — foram buscar o Karajan e depois o Solti. É um problema muito sério. Por isso entendo que jamais se deve impor um maestro a uma orquestra (a título permanente) sem conhecer a sua opinião. Muitas orquestras escolhem os seus próprios directores titulares. A New Philharmonia elegeu o Klemperer, depois o Maazel, agora o Muti, etc.

CR — Foi-lhe certamente difícil subir ao «podium» no Coliseu para dirigir a New Philharmonia de Londres...

JA — Foi uma grande honra para mim, porque nunca tinha dirigido nenhuma orquestra estrangeira. Apenas a do I.T.E. (IMAVE), a Nacional (programa de estudo) e a Sinfónica do Porto. Todos nós, maestros, temos sempre a secreta esperança de, numa oportunidade feliz, estarmos diante de uma orquestra famosa e de sentir, nos rostos dos seus músicos na sua maneira de tocar, a sua reacção. É o mais difícil exame a que um artista se pode submeter, perante cerca de cem professores — todos eles músicos eminentes (como sabe, a Philharmonia de Londres é, com a de Berlim e poucas mais, considerada uma das

cinco melhores da Europa). Sobretudo se se trata de uma obra que conheçam bem, susceptível das mais variadas interpretações.

CR — E que peça escolheu para esse «exame»?

JA — Fui um pouco atrevido, embora consciente dos meus limites e das minhas possibilidades, como de resto tem acontecido outras vezes. Fui atrevido, porque escolhi Beethoven — o 4.º concerto e a 5.ª sinfonia.

CR — Reacções dos músicos, a tal batalha que considerava mais difícil?

JA — Sabem-no o Sérgio Varella Cid (que tocou comigo esse 4.º concerto), o Vasco Barbosa (que almoçou com o concertino, Desmond Bradley, logo após o concerto) e os que assistiram ao ensaio. Senti que joguei uma cartada perigosa, (como um bom amigo me disse), sobretudo pelo programa que escolhi. Se os não tiver convencido, nessa manhã de 3 de Março, não voltarei a dirigir-lhes. Eles regem-se a si próprios, até em relação aos maestros convidados. Só o futuro o dirá. Mas não posso deixar de estar profundamente grato ao Sérgio Varella Cid pela oportunidade que ele me deu de dirigir a New Philharmonia de Londres.

CR — Suponhamos — já que o não quer dizer — que «agarrar» bem essa oportunidade e que a reacção foi favorável. Abandonaria os concertos para jovens, a E. N. para se dedicar como Alvaro Cassuto, Manuel Ivo Cruz e outros regentes surgidos ultimamente, a uma carreira de chefe de orquestra?

JA — De modo nenhum! Dirigir Beethoven e tentar, pela palavra, desportar na criança, com os olhos vivos e inundados de felicidade, o amor pela música, é uma experiência única, incomparável. Os próprios músicos — da Orquestra Imave e que também tocam na Nacional — conhecem-na bem, até por eles próprios. O sentimento que somos capazes de enriquecer alguém ensinando-a a fruir os prazeres da música é qualquer coisa que ultrapassa a satisfação de dirigir um concerto em moldes habituais. Gostarei também de o fazer, sempre que isto me for proporcionado, mas não posso esquecer nem abandonar as alegrias que me têm dado os concertos para jovens, para operários, para todo o público de convertidos ao apelo de um Mozart, um Beethoven, um Stravinsky. Se me embranquecerem os cabelos a dirigir concertos para jovens, concertos em diálogo, numa escola, num ginásio, numa fábrica, numa modesta sociedade recreativa, sentirei-me feliz e plenamente realizado — como homem e como artista.

CARLOS RODRIGUES

Eis alguns dos programas que a TV transmitirá esta semana:

I PROGRAMA

HOJE

15.40 Tarde de Cinema
«Família em Lua de Mel» com Claudette Colbert, Fred Mc Murray e Rita Johnson. Uma viúva com três filhos casa e no dia do casamento surgem graves complicações.

22.05 Domingo à Noite
Participam Barbara Ruskin, Martine Clemencau, octeto de Sopros da Orquestra Filarmónica de Lisboa, Maria Dulce e Teresa Paula Brito, Mini Pop, Florbela e Norberto de Sousa e as atracções visuais Serge Lamay and Yaman, Migue Peris e o Ballet Domingo à Noite.

II PROGRAMA

22.00 Noite de Cinema —
«A Minha Gueixa», com Shirley Machaire. Realização de Jackie Cardiff.

SEGUNDA-FEIRA

I PROGRAMA

21.00 Imagens da Poesia Europeia O romantismo inglês: II Samuel Taylor Coleridge. Um programa pelo dr. David Mourão Ferreira.

22.05 McCloud «O Regresso de Butch Cassidy». Série policial com Dennis Weaver, J. D. Cannon e Terry Carter., realização de Barry Shear. Uma quadrilha, que parece ter saído do Oeste, comete vários roubos em Nova Iorque. As pistas da polícia complicam mais o caso. O chefe da quadrilha é o filho de Butch Cassidy...

TERÇA-FEIRA

I PROGRAMA

22.05 Noite de Cinema

Ciclo 3 mestres americanos. III Joseph L. Mankiewicz «O Caso Cicero» com James Mason Danielle Darrieux e Michael Rennie, realização de J. L. Mankiewicz. Um caso de espionagem passado durante a 2.ª Guerra Mundial

QUARTA-FEIRA

I PROGRAMA

21.00 Uma Família Vulgar
Mais um episódio com Henry Fonda e Janet Blair, realização de Herschel Daugherty. Um jovem ex-presidiário, protegido do sargento Smith, é apresentado a Cindy, filha do próprio sargento. Há entre os dois jovens uma atracção mútua, o que os pais não vêem com bons olhos, logo de princípio...

22.05 Os Actos dos Apóstolos Um filme de Rossellini com Edoardo Torricella (S. Paulo), Jacques Dumur (S. Pedro), Mohamed Konka (S. João). Co-produção das televisões da Itália, França, Alemanha e Espanha. A acção passa-se 50 dias, depois da morte de Jesus. Os apóstolos inspirados pelo Espírito Santo saem a falar ao povo de Messias. E a festa de Pentecostes...

QUINTA-FEIRA

I PROGRAMA

22.00 Os Actos dos Apóstolos II Um filme de Roberto Rossellini com Edoardo Torricella (S. Paulo), Jacques Dumur (S. Pedro), Mohamed Konka (S. João). Co-produção das televisões da Itália, França, Alemanha e Espanha. A jovem comunidade dos discípulos de Jesus estabelece-se. Cria-se uma espécie de hierarquia.

23.00 Transmissão Directa de Braga de parte da Procissão «Ecce Homo»

SEXTA-FEIRA

I PROGRAMA

21.00 Eurovisão via sacra. Transmissão directa de Roma das cerimónias da Via Sacra presididas por S. S. o Papa.

22.15 Os Actos dos Apóstolos III e IV
Filme de Rossellini com Edoardo Torricella (S. Paulo) Jacques Dumur (S. Pedro), Mohamed Konka (S. João) co-produção das televisões de Itália, França, Alemanha e Espanha. Há três anos, que o Senhor deixou os discípulos. João, Tiago e Pedro falam dos acontecimentos da Judeia, Galileia e Somaria. Paulo e Barnabé chegam a Antióquia depois de uma longa viagem. Paulo fala dos acontecimentos de Jerusalém e do Messias.

SÁBADO

I PROGRAMA

13.00 Concerto Oratória
«Lamentações de Jeremias» de E. Cavallieri. Soprano- Fernandoa Correia; baritono- José Oliveira Lopes; contralto- Isabel Malaguerira. Colaboração do Coro da Juventude Musical Portuguesa, direcção de Mário Mateus.

14.50 A Vida de Jesus
Uma criação que inclui cenas da Anunciação, Natividade, Sermão da Montanha, e ainda da Crucificação e Ressurreição de Cristo. Realização de Franz Wihmayr.

15.05 Tarde de Cinema
Bernadette de Lour-



Linda Evans e Stefanie Powers numa cena de McCloud

des (Il suffit D'aimer-1960) com Daniele Ajoret, Madeleine Sologne, Lise Delamare e Blanche Bruney. Daniele Ajoret foi premiada 4 vezes em Festivais Internacionais pela sua interpretação deste filme. É uma história da aparição da Virgem a Bernardette em Lourdes, numa versão francesa.

16.35 Auditório Musical
«Requiem» KV 626 de Mozart. Coro e Orquestra Sinfónica de Viena, direcção de Karl Böhm. Soprano- Gundula Janowitz; alto- Christa Ludwig; tenor- Peter Schreier; baixo- Walter Berry. Realização de Hugo Käch.

20.20 O Mundo à nossa Volta Um documentário sobre Pisanello, o famoso pintor de frescos do século XV. Mostra ainda a sala recentemente recuperada com os frescos de Pisanello, no Palácio dos Gonzaga em Mantua. Tradução de M. Manuela Furtado e Luiza Sabbo.

22.00 Os Actos dos Apóstolos A men-

sagem de Cristo chega a Atenas. Paulo desperta nos Gregos uma grande admiração. No entanto, eles não acreditam na ressurreição e Paulo vê-se forçado a abandonar o recinto.

TV INFANTIL

Hoje pelas 17 e 05, TV Infantil incluirá a rubrica «Vamos ao Teatro». Com representação da peça «Gata Borralheira». Numa realização de Correia Alves. TV Infantil apresentará, ainda na 2.ª, 3.ª e 4.ª-feira pelas 19 e 45, a série de desenhos animados «Oum o Golfinho Branco». Coordenação de Maria do Sameiro Souto.



Roberto Rossellini

MINISTÉRIO DA MARINHA

Direcção dos Serviços de Abastecimento

AVISO

Faz-se público que está aberto concurso para admissão de Serventes Especializados do quadro do pessoal civil do Ministério da Marinha (lotação da Direcção dos Serviços de Abastecimento).

As condições de admissão encontram-se patentes na Direcção do Serviço do Pessoal - 4.ª Repartição do Ministério da Marinha, e na Secretaria Central desta Direcção.

Direcção dos Serviços de Abastecimento, Alfeite, 19-3-74.

A BEM DA NAÇÃO
O DIRECTOR
Carlos Alberto Mota
Cap. m. g. AN

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

ASSIM TODOS PODEM COMPRAR!...

MOBÍLIAS
MAPLES
PAPÉIS DECORATIVOS
ALCATIFAS

TELEVISORES
GRAVADORES
GIRA-DISCOS
ALTA FIDELIDADE

MAQUINAS DE LAVAR
FOGÕES
ESQUENTADORES
FRIGORÍFICOS

CANDEEIROS
ASPIRADORES
ENCERADORAS
FRITADEIRAS

E TODA A GAMA DE ELECTRODOMÉSTICOS

M. L. FERREIRA — Av. da República, 54-B
Rua D. Estefânia, 48-A

**materiais
novobra**

PRÉ-FABRICAÇÃO

**PILARES
VIGAS
LAJES
PAINÉIS
PEÇAS
DIVERSAS**
INDUSTRIAS E DE FACHADA
EM BETÃO ARMADO, PRÉ-ESFORÇADO
OU BETÕES LEVES

CONSTRUA COM CONFIANÇA
CONSULTE OS NOSSOS SERVIÇOS TÉCNICOS

Fabricas em: Lisboa, Leiria, Lagoa, Guarda, Moita, Luanda

Stands de exposição em:
Faro - Largo de S. Luis, 3 - Tel. 24173
Aveiro - Rua Luis Cipriano, 19 - Tel. 25108
Evora - Largo das Portas de Moura, 11

Sede: Av. Estados Unidos da América, 100-5º Dto. - Lisboa-5
Telefones - Serviços Administrativos: 77 48 32 - 77 29 53 - Serviços Técnicos: 71 41 16/7/8 - 71 93 31/2

costa do sol
PORTUGAL



**AS SUAS FÉRIAS
E O SEU FIM-DE-SEMANA
CARCAVELOS-CASCAIS-GUINCHO**

A JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL, apresenta cumprimentos ao jornal Diário de Lisboa pela passagem do 53.º aniversário, e agradece todo o apoio que este jornal lhe concede em todas as realizações levadas a efeito.

POLÍCIA

MISTÉRIO TENSO NO CASO DO GUARDA MORTO NO AEROPORTO

A morte de um agente da P. S. P., ocorrida nas imediações do Aeroporto da Portela, polarizou esta semana as atenções gerais.

E isto porque estranhas circunstâncias rodearam o acontecimento, tornando-o, simultaneamente, labiríntico e tenso, aparatoso e invulgar.

Um caso apto a ser dissecado sob ângulos e perspectivas variadas e a permitir, nove dias decorridos, suposições desencontradas e mesmo especulativas.

Mas, concretamente, que an-

tecedentes funcionarão na base do acontecido, indaga-se de Norte a Sul deste País suspenso? E as hipóteses sobre as causas da mortal ocorrência logo brotam as mais díspares: ajuste de contas, tráfico de drogas ou talvez, e apenas, precipitação invulgar de vulgares ladrões de automóveis?

Por ora apenas se sabe que um homem morreu. O resto constitui penetrante enigma a que só o tempo, ou o acaso, ou a perícia dos investigadores poderão transmitir a solução adequada, se para tal existir mesmo uma solução racional e adequada.

A semana santa na Sé de Lisboa

Na Sé Patriarcal de Lisboa, iniciaram-se hoje as cerimónias litúrgicas da Semana Santa. Houve a bênção dos ramos, seguida de procissão e missa pontifical.

Presidiu aos actos o cardeal patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, tendo no cortejo religioso tomado parte os cônegos e beneficiados do Cabido, Irmandade do Santíssimo da Sé, alunos da escola de acólitos daquele templo e crianças do coro.

Terminada a procissão foi celebrada missa de pontifical.

Português obrigatório nos cartazes

PORTIMÃO — De acordo com uma deliberação tomada na última reunião semanal da Câmara Municipal desta cidade, sob proposta do arq.º Dias da Silva, os anúncios, cartazes e reclamos cujo licenciamento dependa daquele organismo terão de ser escritos em português. Sempre que se justifique a tradução noutra língua, esta será impressa em tipo de menor formato.

Até lá, António Moreira continuará a ser apenas um homem morto perante raros suspeitos até agora senhores concretos e correctos alibis.

E, neste impasse, o caso do assalto à agência do Banco da Agricultura, em Moscaide, passou para segundo plano na expectativa da massa de público interessada neste tipo de acontecimentos.

MANUEL GERALDO

Velha guarda casapiana

No Semi-Internato de Nossa Senhora da Conceição, ao Campo de Sta. Clara, decorreu hoje o tradicional almoço de confraternização da velha guarda casapiana. No repasto, que reuniu numerosas pessoas, tomaram também parte professores daquela instituição.

CONCERTO NO TRINDADE

Promovido pela Federação Nacional para a Alegria no Trabalho, a banda de música da Armada deu esta manhã um concerto no Teatro da Trindade.

AGÊNCIA SALGADO



FUNERAIS
TRASLADAÇÕES

A MAIOR ORGANIZAÇÃO

DO GENERO

8 FILIAIS

Sede — RUA DE SANTA MARTA, 43-A — Telefones: 4 82 58 / 4 82 60 / 4 87 24



somélar

SOCIEDADE MERCANTIL DE REPRESENTAÇÕES, LDA.

Artigos para o lar: Domésticos e Electrodomésticos * Bixelas e Bateria de Cozinha para a indústria Hoteleira * Sorimento completo de vidros e Cristais * Talheres * Artigos de Menage e de fantasia para Brindes.

DEPOSITÁRIO DA AFAMADA MARCA ALEMA METAL FORTEMENTE PRATEADO E CROMAGEM INOXIDÁVEL PARA A INDÚSTRIA HOTELEIRA



69, RUA DA VITÓRIA, 71 — TELEFONES 321274-30684 — LISBOA

SOC. DE CRISTAIS, LDA

25, R. DO ALMADA, 29 - PORTO

Telef. 21416

VIDROS

INSTALAÇÕES ROCHEDO

ESPELHOS

NO TEATRO MONUMENTAL

Calças, blusões e jazz

Mais uma vez Villas Boas, teimoso andarilho dos meios jazzísticos nacionais, realizou o seu festival de calças e blusões trazendo música como brinde. Tal como o ano passado, esta jornada de cultura produzida pela publicidade, aconteceu no Monumental, às dezoito e trinta perante uma sala a abarrotar de público jovem.

A condição essencial que dava direito a bilhete para assistir ao espectáculo era a apresentação da etiqueta das referidas peças de vestuário. Depois havia as «borlas» concedidas aos amigos e o gesto, de última hora, de deixar entrar toda a «malta», na disposição de aguentar a pé firme, a hipótese de ouvir Art Blackey, um dos nomes confirmados do jazz americano.

Durante a primeira parte, com enormes clareiras abertas na plateia, actuou um conjunto constituído por Marcos Resende (piano), Mike Britton (viola eléctrica), António Villas Boas (bateria), Luís Duarte (viola baixo) e Eduardo Loureiro (trompete). Na assistência

Porém, desta vez receberam fracas vaias contrariando um hábito arraigado no público que não morre de amores por aquele conjunto. E assim decorreu a primeira parte do programa: mole, sem incidentes, despercebida.

Após o intervalo que nos fa-

a comer sanduiches de fiambre como se estivessem tranquilamente acampados na relva de um parque. Insólita visão de gente desformalizada (no vestuário e na acção), em alto contraste com os sofás «dernier cri» e os candeeiros aerodinâmicos expostos no «foyer» do baleão superior. Não se viam peles, jóias e cabeças bem penteadas (cobertas de laca), mas sim jeans desbotados e cabeleiras em desalinho.

Soam ainda indecisos os instrumentos de «Art Blackey and Jazz Messengers» e o público corre a ocupar os lugares sem levar muito a sério as marcações. Senta-se onde pode e como pode, o que irritou (já é costume) as autoridades presentes e o chefe dos porteiros do Monumental.

Todavia as centenas de olhos concentrados no palco onde estão Art Blackey (bate-



O grupo de Art Blackey and Jazz Messengers, quando actuava no Monumental

do pela idade (convém não esquecer que ele é um dos «jazz-man» dos anos cinquenta), ostenta um riso franco e vestimentas em conflito com a moda actual. Aquela imagem extemporânea do negro do Mississippi apresentou ao público os seus músicos.

Neste ritual tradicionalista, o «leader», evidencia: o pianista pequenino e ágil, de calças pretas acetinadas e boné derubado sobre o lado esquerdo; o saxo tenor, de fato branco

vergando «blue jeans».

Os cinco músicos retomam os instrumentos e iniciam o diálogo. Muitos momentos de solos e uma desarticulação nos temas tocados.

Ao ataque do piano responde a bateria, bastante convencional. Entra em cena o trompete e depois o saxo. Retiram-se ambos e fica apenas o contrabaixo acompanhado, docemente, num sussurro quase imperceptível, pela bateria. O público bate palmas quando o trompete se debate em va-

riações e a bateria aumenta de intensidade.

No entanto aquela expressão de «jazz» carecia de garra e talvez de negritude. Os instrumentos não se desfaziam em gritos de cólera e a violência musical, ali, nunca se manifestou. Por isso o espectáculo terminou serenamente, sem aplausos vibrantes exigindo mais uns minutos de «Art Blackey and Jazz Messengers» no palco.

Já na rua ouviam-se comentários: para mim hoje só existiu o contrabaixo.



Os jovens aguardavam na entrada a sua «chance» para ouvir jazz

sobressaía a falta de entusiasmo por um grupo musical rotineiro e destituído de laivos criativos. De facto Marcos Resende e companhia nunca conseguiram aquecer qualquer plateia juvenil.

cultou outro espectáculo, bem mais vivo e interessante, com a malta no exterior do edifício do Monumental a tentar a toda a froça ludibriar os porteiros e os jovens sentados na alcatifa dos corredores do cinema,

ria), Carter Jefferson Jr. (saxo tenor), Stafford James (contrabaixo), Cedric Lawson (piano) e Olu Dara (trompete) evitaram os desvios de atenção. E não se registaram confrontos...

Art Blackey, um pouco pesa-

e óculos redondos que lhe emprestam um ar intelectualizado; o trompetista, um «cow-boy» negro, insolente, de casaco e chapéu de coiro castanho, colidindo com as botas vermelhas; o contrabaixo en-

ANDARES

SOC. CONST. ESPÍRITO SANTO & Ca. Lda.

TEM EM

LOCAL PRIVILEGIADO
BOA CONSTRUÇÃO
ZONA SAUDÁVEL

VEJA HOJE MESMO OS ANDARES EM CONSTRUÇÃO NA PRAÇA TIMOR-LOTE 3

LOURES

SOC. DE CONSTRUÇÕES ESPÍRITO SANTO & C.ª LDA.

Rua D. Carlos Mascarenhas, 17, 1.º — Telefones 68 35 99 e 68 98 14 — LISBOA

um ANDAR para si, numa NOVA URBANIZAÇÃO, que está construindo no melhor local de LOURES, junto do campo de futebol.

ACABAMENTOS
BEM CUIDADOS

Garza-Dicel
solução para si...

VEDETTE
PRESTÍGIO E BELEZA
com garantia de qualidade

Garza-Dicel • lisboa • porto • lameira • madrid

F. N. A. T.

CONCESSÃO DE VENDA DE GELADOS NOS CENTROS DE FÉRIAS E NO PARQUE DE CAMPISMO DA COSTA DA CAPARICA

A Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho aceita propostas até às 17 horas do dia 22 de Abril para a venda de gelados, durante a próxima época balnear nos Centros de Férias:

«Um Lugar ao Sol» na Costa da Caparica
«Marechal Carmona» na Foz do Arelho
«Dr. Pedro Theotónio Pereira» em Albufeira
«A. Corrêa d'Oliveira» nas Termas de S. Pedro do Sul
«Entre-os-Rios» Penafiel

e ainda no

«Parque de Campismo» da Costa da Caparica

O respectivo Caderno de Encargos será facultado na Secção de Abastecimentos — Calçada de Santana, 180, em qualquer dia útil das 10 às 12 e das 14 às 17 horas, exceptuando os sábados a partir das 13 horas.

A abertura das propostas será efectuada às 15 horas do dia 24 de Abril na Sede do Organismo.

Lisboa, 6 de Abril de 1974.

O PRESIDENTE DA Direcção

DÉCIMO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

a cargo do Notário licenciado
Abílio António Belo Tavares
Cadete

Certifico para fins de publicação que por escritura de 7 de Março de 1974, lavrada de folhas 10, verso, a 15, do Livro número C-91 de escrituras diversas deste Cartório, foi aumentado em 1 000 000\$00 — e fixado, por conseguinte, em 1 700 000\$00 o capital da sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, «Reproscan-Reprodução Gráfica, Limitada», com sede e instalações na Praça Rainha Santa, número quatro-A, em Lisboa, e alterado o pacto social, totalmente, pelo que o mesmo passou a ter a seguinte redacção:

ARTIGO PRIMEIRO

A sociedade continua com a mesma denominação de Reproscan — Reprodução Gráfica, Limitada, tem a sua sede em Lisboa, na Praça Rainha Santa, número quatro-A, freguesia do Lumiar, podendo estabelecer agências, sucursais ou outras dependências onde e quando os interesses sociais o aconselharem.

ARTIGO SEGUNDO

A sociedade, cujo início foi na data da sua constituição, (três de Janeiro de mil novecentos setenta e três), e que durará por tempo indeterminado, tem por objecto a elaboração de actividades complementares da indústria gráfica, nomeadamente,

fotolito, reproduções gráficas a cor ou a preto e branco, selecções de cor, bem como qualquer outro ramo que delibere explorar, observados os condicionamentos legais específicos porventura existentes.

ARTIGO TERCEIRO

O capital social é de UM MILHÃO E SETECENTOS MIL ESCUDOS, integralmente realizado em dinheiro correspondente à soma de três quotas, sendo uma de trezentos e cinquenta mil escudos, subscrita pelo sócio João Feliciano Pereira Macieira de Barros, outra, também de trezentos e cinquenta mil escudos, subscrita pelo sócio Jaime Fragoso de Almeida e uma outra, de mil contos, subscrita pela

sociedade Lisgráfica — Impressão e Artes Gráficas, S.A.R.L.

Parágrafo único:

Na subscrição de quaisquer novas quotas gozarão de preferência os sócios, na proporção do valor das quotas que, ao tempo possuírem.

ARTIGO QUARTO

Em caso de cessão de quotas, terão preferência aquisitiva, primeiramente, a sociedade, em segundo lugar os restantes sócios e, em terceiro lugar, outro adquirente eventual que a sociedade designe para o efeito.

UM — O sócio que pretenda ceder, no todo ou em parte, a sua quota, deverá comunicá-lo por escrito à sociedade e aos outros sócios, obrigando-se aquela a dias úteis depois do recebimento da comunicação, dando a todos os sócios restantes, conhecimento imediato da decisão tomada, seja ela opção, renúncia ou designação de terceiro adquirente, devidamente identificado.

DOIS — Os restantes sócios gozarão do direito de preferência até sete dias úteis após a resolução da sociedade, e se dois ou mais sócios quiserem usar do direito em causa, as quotas cedidas serão divididas entre eles, por acordo ou por rateio, tanto quanto possível proporcional às respectivas quotas.

TRÊS — Se o sócio cedente não receber tempestivamente qualquer comunicação da sociedade ou dos restantes sócios, poderá dispor livremente da sua quota, na forma da lei.

ARTIGO QUINTO

Em caso de falecimento ou interdição de algum dos sócios, a sociedade subsistirá com os sócios restantes e os herdeiros, sucessores ou representantes do sócio falecido ou interdito, que, no entanto, só participará da gerência a convite desta ou mediante deliberação em assembleia geral por setenta e cinco por cento dos votos.

ARTIGO SEXTO

Os sócios poderão fazer à caixa social os suprimentos de que ela carecer, sempre tanto quanto possível na proporção das respectivas quotas.

ARTIGO SÉTIMO

A realização pelos sócios de prestações suplementares poderá ser resolvida em assembleia geral por setenta e cinco por cento dos votos correspondentes às quotas em que então estiver dividido o capital social.

Parágrafo primeiro:

A assembleia geral em que essa deliberação for tomada, fixará o montante das prestações suplementares e o prazo dentro do qual os sócios ficam obrigados a entrar na caixa social com as respectivas importâncias.

Parágrafo segundo:

O reembolso das prestações suplementares será efectuado a todos os sócios ao mesmo tempo e em proporção igual, quer pelas reservas que haja na sociedade, quer por outra forma que vier a ser deliberada na assembleia geral e, em qualquer caso, nos precisos termos da Lei e dessa deliberação.

ARTIGO OITAVO

Todos os sócios ficam, desde já, nomeados gerentes, sem necessidade de caução e com retirada «pro-labore» a ser fixada por acta, sendo a sócia «Lisgráfica — Impressão e Artes Gráficas, S.A.R.L.», representada na gerência, por dois dos seus administradores em conjunto ou por qualquer deles isoladamente, se para tal autorizado por acta do respectivo Conselho de Administração.

Parágrafo primeiro:

As deliberações sociais serão tomadas por maioria simples

dos votos correspondentes às quotas em que então estiver dividido o capital social, salvo nos casos em que a Lei ou o pacto social exijam uma proporcionalidade diferente, compreendendo em todos os casos a cada quota um voto por duzentos e cinquenta escudos do capital respectivo.

Parágrafo segundo:

Nenhum sócio, por si ou como mandatário, pode votar sobre assuntos que lhe digam especialmen-: respeito, excluindo-se desta limitação as relações naturalmente decorrentes de actividades ou posições exercidas ou existentes com observância dos termos do artigo décimo primeiro deste pacto social.

ARTIGO NONO

Para obrigar validamente a Sociedade serão sempre necessárias, pelo menos, as assinaturas de dois gerentes, uma das quais necessariamente, de um representante da «Lisgráfica — Impressão e Artes Gráficas, S.A.R.L.», salvo em casos de mero expediente, em que bastará a assinatura isolada de qualquer deles, ou em actos para os quais tenha sido expressamente autorizada, por acta, a assinatura isolada de determinado gerente ou mandatário.

ARTIGO DÉCIMO

A Sociedade poderá constituir mandatários, nos termos e para os efeitos do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial, ficando obrigada pela assinatura desses mandatários, quando em conformidade com o respectivo mandato.

Parágrafo único:

E vedada a qualquer dos gerentes a outorga, por procuração ou subestabelecimento, ainda que condicional ou em nome próprio, de quaisquer poderes de gerência sem prévia concordância da Sociedade quanto aos poderes delegados e quanto à pessoa a quem tais poderes são outorgados.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO

Todos os sócios ou seus representantes poderão exercer livremente qualquer comércio ou indústria de natureza ou objecto similar aos da Sociedade, desde que tal exercício conste de escritura pública ou seja expressamente comunicado à Sociedade.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO

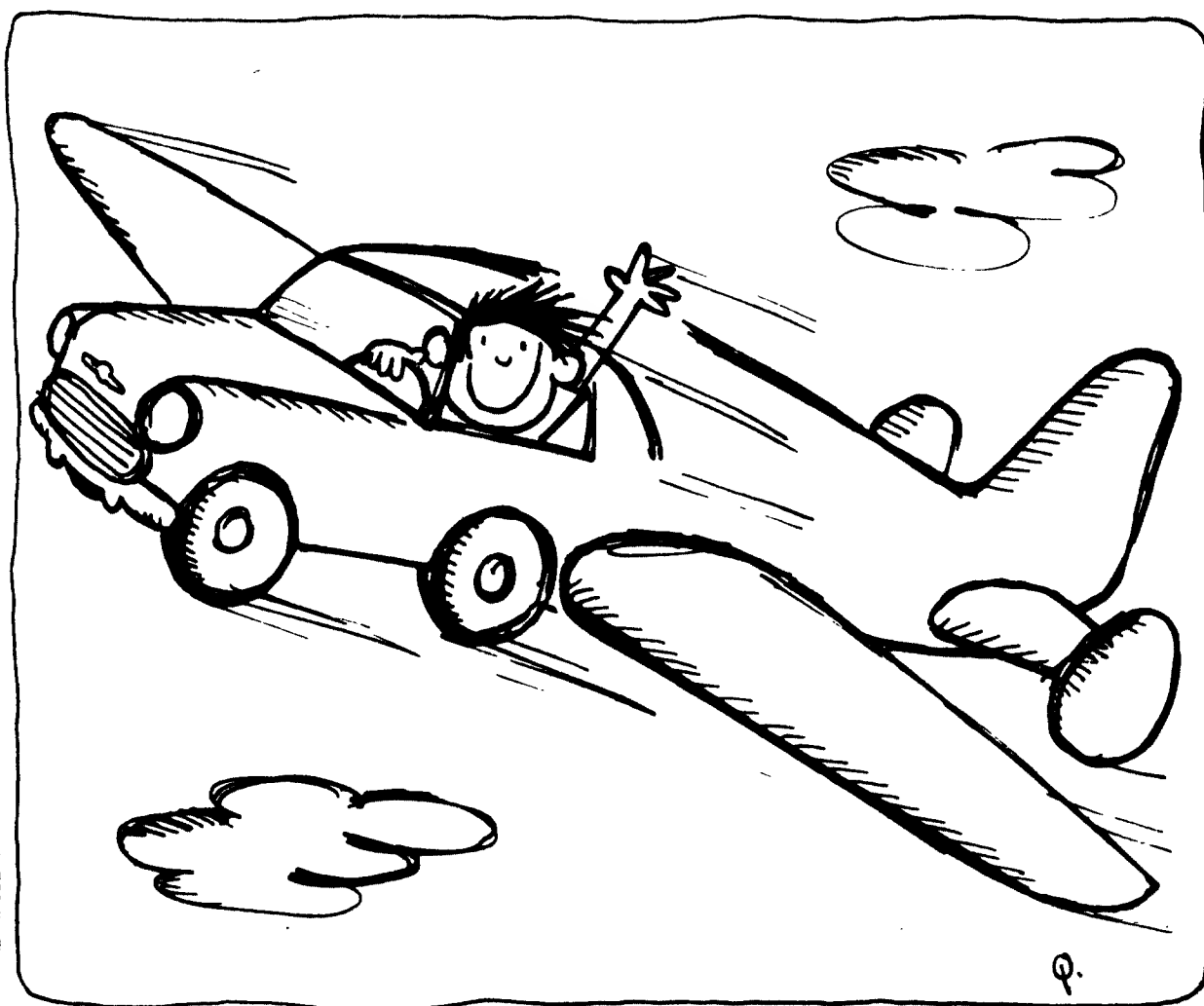
Fica eleito o foro de Lisboa para qualquer questão emergente entre a sociedade e os sócios.

Está conforme ao respectivo original
Lisboa, aos 11 de Março de 1974.

O Ajudante, (a) Maria Luisa Galveias Andrade

Viaje de AVISÃO.

O transporte mais rápido e eficiente do nosso tempo.



Avisão? Isso mesmo. Significa viajar de avião, chegar a qualquer sítio do mundo e ter lá um carro Avis (da marca que escolheu) prontinho a seguir. Ou ainda: Chegar num Avis — Tomar avião — Chegar — Ter lá outro Avis. Avisão. A solução de quem é eficiente e usa a nossa eficiência. Porque quem tem a visão de que neste mundo não há tempo a perder... Usa Avisão. Indispensável para ganhar tempo. Que não tem preço.

Consulte-nos ou peça informações ao seu agente de viagens.

AVIS

RENT A CAR

Alugamos automóveis. Servimos competência.

TUDOR

baterias

TUDOR

pilhas secas

TUDOR

EXERCÍCIO DE 1973

TRAÇÃO — Nuno Augusto A. Ferreira da Rocha, Presidente; Dr. João António Teixeira Cane-do, Administrador; Manuel Fer-reira Barbosa, Administrador; Emília Rosa Caetano Barbosa, Administrador; Sebastião Fer-reira Barbosa, Administrador.

Pág. 25

ÁRIES

(Para os que nasceram de 21 de Março a 20 de Abril)

AMOR A situação amorosa, a vida familiar e social podem sofrer alteração prejudicial motivada pela sua efervescência cuja causa principal gira à volta dos assuntos materiais. Tenha calma e não desespere com os acontecimentos.

DINHEIRO Disposição um tanto precipitada ou nervosa que poderá concorrer para causar prejuízos financeiros. Os resultados conseguidos nesta altura não satisfazem.

PROFISSÃO A vida profissional não terá interesse. As ideias e projectos que a sua imaginação anda a magiciar em relação a mudança de ambiente ou deslocação para o estrangeiro não encontram nesta ocasião o momento propício para esse efeito. Perigos de questões inesperadas com associados, pessoas das suas relações, colegas ou superiores.

SAÚDE Cuidado com acidentes de trânsito. Não ande abstracto em actividades de movimento.

TAURUS

(Para os que nasceram de 21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR Tempo equilibrado nos assuntos domésticos, problemas sentimentais e nas relações familiares e sociais. Dedique-se com mais interesse e atenção aos seus. Neste período terá a dita de pressentimentos certos. Propício aos projectos de casamento e sua celebração.

DINHEIRO Está numa boa fase para conseguir bons proveitos, para o que é indispensável que faça uso de toda a sua inteligência e demonstre com factos os seus conhecimentos.

PROFISSÃO Bom tempo para a profissão e indicado ao seu desenvolvimento. Aproveite as ideias para criações novas e seguir um rumo diferente de actividade. Reformas que podem conduzir a bons resultados que virão melhorar a sua posição social.

SAÚDE Cautela com pequenos acidentes ou ferimentos no trabalho ou mesmo ainda em simples distrações. Tensão a reumatismo.

GEMINI

(Para os que nasceram de 22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR Períodos como este há poucos na vida amorosa. Propício para efectuar visitas a parentes e amigos. Indicado também a passeios. As hesitações na presente semana podem prejudicar a vossa felicidade. Há perigos de percalços durante os passeios ou divertimentos.

DINHEIRO Bom para conseguir resultados monetários através de diligências junto dos familiares. Cuidado com as despesas excessivas pois há tendência, nesta altura, a gastos extraordinários.

PROFISSÃO Tempo em que se pode conseguir protecções que deem o seu apoio às suas actividades profissionais. Benefício para se estabelecer ou iniciar-se por conta própria. As sociedades feitas durante este período são bem sucedidas.

SAÚDE Disposição alegre e saudável. Os bons aspectos astrais revigoram o organismo.

CANCER

(Para os que nasceram de 22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR A sorte não vos favorece no aspecto amoroso. Há diminuição nas boas influências transactórias. Defenda-se e prepare-se para enfrentar desilusões. As amizades procederão com frieza e reserva.

DINHEIRO Financeiramente a semana apresenta-se sem interesse; conseguirá menos do que espera. As suas iniciativas serão contrariadas, mas não force os acontecimentos e procure equilibrar o orçamento.

PROFISSÃO Aborrecimentos na situação profissional. As coisas não lhe correrão como deseja. Possibilidades de fracassos nas suas «demarches». A ocasião não é oportuna para resolver e tentar tratar de assuntos importantes, resignar-se e esperar melhores dias.

SAÚDE No aspecto físico observa-se um certo desfavorecimento. Há tendência a indisposições, embora não sejam de carácter alarmante.

LEO

(Para os que nasceram de 23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR Acontecimentos agradáveis no lar, vida familiar harmoniosa e sem choques. Encontrará, mais facilmente do que pensa, a solução que procura. Portanto, no campo sentimental contará com novos elementos capazes de lhe proporcionarem um mais perfeito equilíbrio.

DINHEIRO Uma actividade resoluta e sistemática proporcionar-lhe-ia interessantes resultados. Bom período para a conclusão de negócios materiais ou profissionais em suspenso.

PROFISSÃO As suas ocupações profissionais tendem a absorvê-lo mais do que o costume. Na verdade, há indícios de grande actividade profissional sobretudo para aqueles que exercem uma profissão artística ou intelectual.

SAÚDE As suas condições físicas serão normais, durante o presente período, mas será conveniente que procure repousar o suficiente.

VIRGO

(Para os que nasceram de 23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR Excelentes perspectivas no que se refere ao lar, aos assuntos sentimentais, assim como às eventuais alterações a introduzir nesse domínio. Terá igualmente o ensejo de criar novas e úteis relações.

DINHEIRO Não confie nas promessas que lhe serão feitas a propósito de uma diligência financeira. Obterá ganhos resultantes de actividades diversas ou do domínio intelectual. Um assunto pecuniário em suspenso resolve-se agora de maneira absolutamente satisfatória.

PROFISSÃO Tudo parece correr favoravelmente no quadro dos seus assuntos profissionais, mas seria conveniente fazer o possível para que os resultados sejam sólidos e duradouros.

SAÚDE Tudo correrá bem durante esta semana, no que se refere ao seu estado de saúde.

LIBRA

(Para os que nasceram de 23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR O domínio afectivo parece trazer-lhe numerosas satisfações. Vida mundana igualmente muito em relevo, intensa. Aproveite a oportunidade mas não se entusiasme demasiado. Clara melhoria das suas possibilidades sentimentais e amorosas.

DINHEIRO Bom período para as iniciativas, especialmente para aquelas que se referem às finanças. Poderá estabelecer novas relações comerciais e fazer prosperar os seus negócios graças a uma hábil publicidade.

PROFISSÃO Excelente período; a sorte está do seu lado, especialmente sob o ponto de vista material e profissional. Receberá uma proposta muito favorável, neste campo, examine-a cuidadosamente antes de tomar uma decisão.

SAÚDE Não observamos influências contrárias durante esta semana, no que diz respeito ao seu estado de saúde.

SCORPIUS

(Para os que nasceram de 23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR Evite as discussões com parentes e sobretudo com as pessoas idosas, no campo familiar. Ideias e iniciativas pouco felizes no capítulo sentimental e afectivo. Não introduza alterações neste domínio antes de verificar se vale a pena, tendo em conta os desejos das pessoas interessadas.

DINHEIRO Vantagens substanciais obtidas graças a uma colaboração ou associação. No entanto não procure apressar a conclusão do negócio. As iniciativas relativas aos assuntos pecuniários parecem favorecidas, e darão resultados satisfatórios apesar de um pequeno atraso.

PROFISSÃO Os planos agora estabelecidos terão um desenvolvimento favorável no futuro; no entanto são prováveis alguns contratempos pelo que terá de dar provas de paciência.

SAÚDE Será aconselhável que use de todas as precauções, pois são possíveis algumas alterações de saúde, durante esta semana.

SAGITTARIUS

(Para os que nasceram de 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR Uma amizade tende a estabelecer-se na harmonia que lhe convém. Concentre os seus esforços na realização dos seus projectos afectivos e sentimentais. Observando as coisas de maneira objectiva conseguirá ver claro e fazer uma escolha judiciosa.

DINHEIRO Depois de um desenvolvimento um pouco lento, os negócios retomam a sua expansão e conseguirá obter o que deseja. Para progressos apreciáveis no quadro pecuniário; a sua maneira actual de ver as coisas valer-lhe-á muitos sucessos.

PROFISSÃO Aproveite a sua eficiência profissional actual para obter uma solução rápida para um projecto de trabalho a que atribui grande importância. As viagens gozam de influências favoráveis.

SAÚDE Período pouco favorável no que se refere ao seu estado de saúde, sendo sobretudo de recear algumas perturbações no estômago ou no funcionamento dos rins.

CAPRICORNIIUS

(Para os que nasceram de 22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR A adversidade toca-lhe à porta neste período. Os interesses sentimentais, o convívio doméstico e as relações sociais não serão famosos. Só com muita calma e espírito paciente poderá sair incólume da má influência.

DINHEIRO Os seus interesses financeiros serão contrariados. Para conseguir realizar algo terá de usar de muita perspicácia, pois a semana monetariamente é falsa.

PROFISSÃO Para resolver a sua vida profissional necessitará mais de sagacidade e subtilidade do que de sabedoria e inteligência. Não poupe os seus esforços, porque só com muita coragem e vontade poderá livrar-se de trabalhos.

SAÚDE Se se conformar com as vicissitudes da vida, neste período, a sua saúde nada sofrerá. De contrário os nervos sentir-se-ão.

AQUARIUS

(Para os que nasceram de 21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR A semana é excelente para pôr as coisas nos seus devidos lugares. Os assuntos familiares podem chegar a bom termo. Todo e qualquer ressentimento anterior com referência à pessoa amada encontrará neste momento a harmonia desejada.

DINHEIRO Período afortunado. A boa disposição percorrerá a sua quota para o êxito monetário. Boas perspectivas financeiras e propostas interessantes darão incremento aos negócios.

PROFISSÃO Trate de estabelecer contactos para uma actividade mais vasta. Bons pronunciamentos profissionais e facilidades no trabalho serão as consequências da posição aurea que atravessa.

SAÚDE No capítulo físico as coisas correrão bem. Os nativos deste signo que se encontrem doentes, sentirão alívios.

PISCIS

(Para os que nasceram de 20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR Os astros mostram-se benévolos quanto à sua correspondência particular, íntima, facilitando a realização de muitos dos seus desejos. Isso deverá dar-vos contentamento, os que têm interesses românticos poderão estabelecer novas amizades.

DINHEIRO Uma influência de adversidade em relação a este capítulo, mostrará surgirão aborrecimentos indesejáveis de actos impulsivos ou temerários. Tenha isso em consideração, quando tratar de problemas de dinheiro.

PROFISSÃO Faça apenas aquilo que se considera capaz de levar a cabo. Isto é, não queira realizar tarefas superiores às suas forças. Procure levar até ao fim qualquer trabalho que iniciar.

SAÚDE Sob o ponto de vista físico a semana apresenta-se favorável.

CAIXA NACIONAL DE PENSÕES

CAMPO GRANDE, 6
LISBOA - 5

AVISO

Redistribuição de fogos do bairro de casas de renda económica de Alvalade

1 - Forma-se publico que está aberto concurso, pelo prazo de quinze dias, a partir de 8.4.74, para redistribuição de 14 fogos vagos e dos que vaguem no decurso dos dois anos de vigência do mesmo.

2 - As rendas a considerar, actualmente, são as seguintes:

Tipo I	800\$00
Tipo II	900\$00
Tipo II-a	1100\$00
Tipo III	1000\$00
Tipo IV	1300\$00
Tipo IV-a	1800\$00
Tipo V	1500\$00
Tipo V-a	2000\$00
Tipo VI	2200\$00

3 - A classificação dos concorrentes far-se-á de harmonia com o «Regulamento da Distribuição de Casas de Renda Económica», em vigor.

Dá-se preferência na classificação aos concorrentes que sejam beneficiários (ou casados com beneficiários) de Caixas de Previdência, e trabalhem, há mais de dois anos, nas freguesias que constituem o concelho de Lisboa ou freguesias de Moscavide e Sacavém.

4 - Os requerimentos de habilitação ao concurso por parte dos beneficiários da Previdência devem ser entregues, até ao dia 22 do corrente nas respectivas Instituições de Previdência.

Os requerimentos dos restantes concorrentes devem ser remetidos dentro do mesmo prazo para esta Instituição.

5 - Todos os esclarecimentos podem ser prestados nas Caixas de Previdência ou solicitados a esta Caixa.

Lisboa, 7 de Abril de 1974.

A DIRECÇÃO

HORUS
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados. EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!

E AINDA muitas outras informações de grande interesse acerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis de segunda a sexta-feira das 14.30 às 20 horas.

Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA



**ATLANTICA
LINE
GÉNOVA**

EXPORTAÇÃO

Serviço expresso directo

LISBOA / USA / CANADA / LISBOA

IMPORTAÇÃO

Único serviço totalmente contentorizado com saídas e chegadas semanais.

Enchimento de contentores (grupagem) em dias fixos (6.ª-feiras) no Parque de Contentores da Matinha.

NAVIOS	Lisboa saídas	Boston	Nova York	Baltimore	Norfolk	Montreal Toronto St. John	Lisboa chegadas
Atl. Genova	15.4	22.4	23.4	24.4	25.4		3.5
Atl. Montreal	19.4		26.4	27.4		30.4	8.5
Atl. Livorno	30.4	7.5	8.5	9.5	10.5		18.5
Atl. Marseille	7.5		14.5	15.5		17.5	25.5

tempo do percurso Lisboa Nova York 6, 5 dias
acomodações para passageiros.

OS AGENTES GERAIS:



**SOGREAH COMERCIAL
OREY, ANTUNES S. A. R. L.**
Praça Duque da Terceira, 4 Tel. 36 60 56 / 36 22 86
Lisboa 2 Portugal

DESPORTO

Taça de Portugal

Farense, 5 — Lourosa, 1

Noutro dos jogos antecipados da jornada da Taça de Portugal, o Farense (da primeira divisão) eliminou o Lusitânia de Lourosa (da segunda) ao derrotá-lo por 5-1, na própria cidade de Faro.

Arbitrou Ismael Baltasar, de Setúbal, e as duas equipas alinharam:

Farense — Benje, Caneira, Almeida I, Violas (Almeida II) e Lampreia; Sério, Manuel José (António Luis) e Manuel Fernandes; Adilson, Mirobaldo e Sobral.

Lusitânia de Lourosa — Pedro, Tavares, Ramos, Seminário e Cardoso; Teixeira, João Cruz e Ezequiel (Pinto II); Lau-

rindo, Zenha e Cerqueira.

Marcadores: Cerqueira (aos 2 minutos), pelo Lourosa e Mirobaldo (60 e 65), Sério (66), Tavares (na própria baliza, aos 73) e Manuel José (aos 70).

OUTROS JOGOS

Para além da Taça de Portugal, disputaram-se, ontem dois jogos de juniores. Resultados: Sanjoanense, 1-Boavista, 0 e Moimenta da Beira, 2-Paços de Brandão, 3.

O Desportivo de Lourenço Marques eliminou o Zurique (ontem: 7-3)

Os hoquistas do Desportivo de Lourenço Marques conseguiram, ao bater em terreno helvético o Rollsport de Zurique, duplo êxito na eliminação inicial da «Taça dos Clubes Campeões Europeus». O desfecho fixou-se em 7-3, a favor dos laurentinos que, todavia, ao intervalo se encontravam em desvantagem no marcador (2-3).

Uma suprema reacção no tempo complementar proporcionaria a «arrancada» dos portugueses para uma vitória espectacular, somente ensombreada pela temporária expul-

são de Adrião (dois minutos fora do ringue).

Panagini, o famoso ex-internacional transalpino, que de sempenha actualmente as funções de director-técnico do Novara, assistiu ao jogo e, no final, acordou com os dirigentes do Desportivo de Lourenço Marques que a primeira «mão» da segunda eliminatória desta competição seja cumprida pelos dois clubes no próximo dia 20, em terras italianas. A segunda, evidentemente, ocorrerá mais tarde em Portugal Continental.

MEIRIM EMPRESÁRIO DE BOXE PROFISSIONAL

O boxe português vai ter novo sopro de vida: um grupo de entusiastas, com lugar preponderante para o treinador futebolístico Joaquim Meirim, alugou o Pavilhão dos Desportos (em Lisboa) para aí se efectuarem sessões em que as «vedetas» serão Carlos Anjos e Costa Rodrigues, já contratados pelo vencimento mensal fixo de cinco contos (litem ou não) crescendo-se a essa verba, por cada combate efectuado, uma garantia nunca inferior. Quer dizer: se um destes

«maiores» do nosso pugilismo se aguentar com três lutas em 30 dias, cobrará mais de 15 contos por mês, o que sempre será melhor que estar uma tarde sentado no café, ou diferente de andar pela noite a dar à língua nas «boites» mais fumarentas e poluídas.

Os espectáculos de boxe profissional já previstos têm datas marcadas: 11, 19 e 29 do corrente; 10, 17 e 31 de Maio; 7, 14, 21 e 28 de Junho. Aliás, o cartaz da primeira sessão já

se encontra elaborado: Carlos Almeida-Hernandez Bermejo (8 «assaltos» de 3 minutos), Costa Rodrigues-Huracan Gonzalez (outra luta em 8 «assaltos» de 3 minutos); Carlos Anjos-Pedro Coke (mesmo tempo de combate previsto) e o portuense Alcino Palmeira perante Carlos Santos (agora em 6 «assaltos» de 2 minutos).

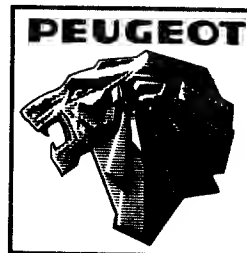
Esta organização em que Meirim intervém decisivamente vai reunir-se com a imprensa, para apresentar os «astros» que tentarão alterar o mar morto do pugilismo nacional, a tornar pela base após contínuos e violentos atentados por parte de quem mais o deveria incentivar para a subida...



MOCAR

SARL

SERVIÇO E PEÇAS



No prosseguimento das remodelações programadas — com vista a proporcionarmos aos nossos clientes uma maior eficiência — demos agora realização a mais uma das fases de expansão nos Sectores de Assistência e Venda de Peças passando a haver os seguintes pontos de apoio:

REPARAÇÃO MECÂNICA E VENDA DE PEÇAS

Instalação 1	R. D. Luis de Noronha, 40	— PEUGEOT (Todos os modelos)
» 2	Al. Linhas de Torres, 157-A	— PEUGEOT (Diesel)
» 3	R. Luciano Cordeiro, 77-A a 79-C	— ALFA ROMEO
» 6	Largo do Mercado - Cascais	— PEUGEOT e ALFA ROMEO

REPARAÇÃO DE CARROÇARIAS

» 7	R. Alfredo da Silva, Portela da Ajuda	— PEUGEOT e ALFA ROMEO
-----	---------------------------------------	------------------------

OS NOSSOS SERVIÇOS OFERECEM ENTRE OUTRAS, AS SEGUINTE VANTAGENS:

- Pessoal especializado pelo Centro de Treino da Mocar
- Trabalhos executados de acordo com os Tempos de Fábrica
- Oficinas bem organizadas e de vidamente equipadas com todas as ferramentas especiais
- Reparações com garantia
- Peças de origem a preço competitivo

A EXPANSÃO AGORA VERIFICADA E PRE VISTA NUM FUTURO BREVE PODE SER ASSIM RESUMIDA:

DESIGNAÇÃO	ANTERIOR	ACTUAL	FUTURA
OFICINAS DE ASSISTÊNCIA	5	5	5
QUANTIDADE DE LOCAIS DE TRABALHO	190	260	340
PONTOS DE VENDA DE PEÇAS AO PÚBLICO	3	4	5
ÁREA COBERTA PARA OFICINAS E PEÇAS	15 650 m ²	19 550 m ²	34 550 m ²
ÁREA TOTAL COBERTA—TODOS OS SERVIÇOS	21 470 m ²	25 300 m ²	51 300 m ²

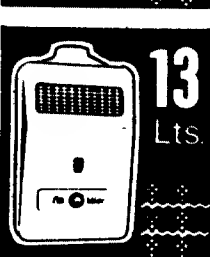
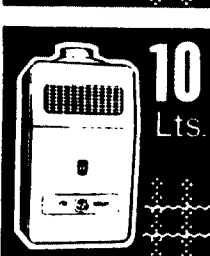
A QUEM DEVEMOS A NOSSA EXPANSÃO, MUITO OBRIGADO

MOCAR, S A R L

ESTES SÃO OS 3 MODELOS

DOS FAMOSOS ESQUENTADORES FRANCESES

ε.L.m.



DOTADOS DE SEGURANÇA TOTAL AUTOMÁTICA



• Para qualquer tipo de gás

• Para água com ou sem pressão

Agora...

COM DISPROGAZ (patenteado)

À VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L.
departamento electrodoméstico

LISBOA — Rua dos Douradores, 43, Telef. 361763

PORTO — Rua Pinto Bessa, 248 — Telef. 54136

MUDANÇA DE COMANDOS NO FUTEBOL

Na hora do adeus, a Direcção da Federação Portuguesa de Futebol tornou público o seguinte comunicado:

Na sua última reunião, a direcção que vai ser substituída nas funções que exerceu durante 25 meses, ao serviço da Federação Portuguesa de Futebol, cumpre o grato dever de apresentar cumprimentos de

despedida e a expressão do seu maior reconhecimento, às Associações, Clubes seus filiados e atletas, às Comissões Central e Regionais de Árbitros de Futebol e aos Árbitros seus filiados, e bem assim aos Órgãos de Comunicação Social, por toda a colaboração e gentileza que lhe foram dispensadas no exercício de tais funções.

NÓS SOMOS J. PIMENTA



LISBOA OLIVAIS

- JUNTO DA ESTACÃO DE CAMINHOS DE FERRO E A POUCA DISTÂNCIA DO AEROPORTO
- LOCALIZAÇÃO NUMA ZONA DE ACELERADA EXPANSÃO, NA LISBOA NOVA
- ACESSO DIRECTO A AUTO-ESTRADA DO NORTE
- BOM ENQUADRAMENTO URBANÍSTICO.
- EXÓTICA E AGRADÁVEL ZONA VERDE.
- CONSTRUÇÃO DE ÓTIMA QUALIDADE
- FÁCIL ESTACIONAMENTO DE VEÍCULOS.

APARTAMENTOS MOBILADOS

NOS MELHORES LOCAIS

PORTO QUELUZ | **CASCAIS** E COSTA DO SOL
MONTE ABRÃO | **ALGARVE** PRAIA DA ROCHA
CASTELO BRANCO E FIGUEIRA DA FOZ

Informações:
Queluz-Edifício Sede-Av. António Enes, 25-Telef. 952021/2
Lisboa-Praça Marquês de Pombal, 15-Telef. 45843-47843

AGENTES EM TODO O PAÍS

ATENÇÃO AOS HORÁRIOS PARA NÃO SE BATER COM O NARIZ NA PORTA...

Neste festivo domingo de Abril, nada mais convidativo para sair em passeio com a família ou enterar-se toda a santa tarde na poltrona da sala, que oferecem aos adeptos de futebol o insonso e pálido segundo fascículo de uma «coisa» rotulada de «Taça de Portugal», que é tudo menos competição honesta e leal entre todos os esgrimistas.

Já ontem o salientámos: como se pode acreditar na verdade de uma guerra em que os combatentes mais folgados apenas são chamados ao campo de batalha quando os peões do jogo já estão meio moribundos?

DISPARIDADE DE FORÇAS

Para cúmulo, veja o leitor como a soberana Federação do chuto oficial permitiu aquele esquisito calendário desta chamada «eliminatória», dividindo os jogos por seis horas diferentes ao longo de dois dias, talvez na mira de embolsar mais uns cobres, por força de meia dúzia de «ferrenhos» terem a tentação de comprar bilhete para dois encontros desencontrados no calendário. Uma «caça» pura à carteira do Zé Povinho, enquanto ele não se lembra de que amanhã acaba o prazo para pagar ao senhorio. E, sobretudo, o prolongamento do atestado desportivo cometido quando se concedeu beneplácito superior à «poupança» dos clubes da primeira divisão, resguardando-os de qualquer percalço que, em caso de eliminação «antes do tempo» ia fatalmente provocar desfalque no «bolo» federativo. A mesma história de sempre, velha como o Mundo: «ele» é tão bonito, o maganão...

Evidentemente que não é preciso ter uma inteligência ra-

ra ou privilegiada para perceber os esforços a que foram obrigados os clubes que não têm assento régio: sem embalagem para estas andanças, preocupados com os seus campeonatos (que já lhes dão água pela barba) são subitamente entregues ao cutelo dos carrascos que, semana a semana, profissionalizados ao mais alto grau, esgrimem de molde a ganharem «endurance» e a atingirem a «forma», quando os poezinhos das escalas secundárias já estão sem força, sem suplentes e, até, na maioria das vezes desmoralizados com os seus zeros consecutivos. Depois, ainda temos que ver o caminho que os «minorcas» percorrem para terem a sorte de, ao menos, fazerem uma randa decente uma vez por ano: porque o sorteio, pela primeira vez na «Taça de Portugal», se processa como deve ser, mas só beneficia um ou dois emblemas desbotados. Como se pode ver pela amostra, ao estender os olhos pelo plano de operações «sabiamente» ordenado pelo Congresso, pelas Associações, pela Federação. Numa palavra: por um ror de gente que, decerto, terá uma maneira muito sua de entender o autêntico significado de uma verdadeira competição deste jaez. E, no entanto (caramba!) bastava perguntar a um marítimo inglês como é que se faz lá por casa...

DETECTIVE PRECISA-SE

Mas, para a Federação-73 acabar displicentemente o seu mandato, só faltava pregar uma partida daquelas ao Atlético: atirar a rapaziada para uma viagem que está a ser um pouco menos que rocambolesca. Segundo a «Lusitânia» (e convém citar essa base informativa, não me apareça pela porta o falecido Conselho de Disciplina da Federação, a querer também suspender-me do emprego ou tirar-me umas «lecas» do bolso...), segundo a «Lusitânia» (repito), tudo está a dar para o torto na arrasante «tour» alcantarense: a recepção em Lourenço Marques foi fria, absolutamente contraditória com os costumes das gentes moçambicanas. Mais, ainda, com alicerces na mesma fonte: a Federação não comunicou à Associação Provincial de Futebol quando é que o Atlético chegava, pelo que os dirigentes moçambicanos não puderam, em devido tempo, tratar da hospedagem da equipa metropolitana.

Prossigue o relato da «Lusitânia», salientando que foi apenas às três da manhã (os jogadores estavam há um par de horas estendidos nos bancos do Aeroporto...) que uma funcionária da Deta conseguiu quartos para a embaixada no Hotel Polana, mas apenas para o dia de ontem (sábado) pois as marcações que o estabelecimento já possuía para hoje não lhe deixavam um só quarto livre. Agostinho Gil, dirigente alcantarense, não se escusou a declarar: não fora o respeito pelo público de Moçambique e regressávamos a Lisboa no próximo avião!

Por NEVES DE SOUSA

Pergunta-se, agora: quem defende o prestígio e a condição física dos jogadores do Atlético, quando todas as energias são necessárias para que Lisboa volte a contar a Tapadinha como sala de exibição de mais um clube lisboeta na primeira divisão?

Um pormenor: para que os alcantarense vejam como os pupilos de Fernando Mendes levam o seu trabalho a sério, basta dizer que, para não emperrarem os músculos, os briosos profissionais do Atlético treinaram, às quatro da manhã, no passeio fronteiro à aerogare! E, todavia, esta manhã iam cumprir mais de 1100 quilómetros de avião e em táxi-aéreo...

Para mim, suceda o que acontecer mais, o Atlético «já ganhou» a «Taça de Portugal».

PANORAMAS E RELÓGIOS

Enfim, resta dizer que, esmagado o Lourosa pelo Farense, os demais cotejos de ontem tiveram de ser cumpridos a tempo de toda a gente ir a correr para casa, já cansada do prolongamento em «Vidal Pinheiro»: Paulo de Carvalho, lá de Brighton era o homem da noite.

Para hoje, portanto, bastará desenrolar a lista de «showzinhos» e reparar bem nas horas para que estão previstos, não vá haver confusão e chegar-se a um portão de estádio já depois do espectáculo ter dado o triste pio...

Logo, vamos a isto: às 15 horas, teremos o Avintes-Portimonense (no Parque Silva Matos, em Vila Nova de Gaia) e o Boavista-Marítimo, no Bessa. Sessenta minutos depois, como segundo prato do lanche, toca a escolher no rol: Nacional-Barreirense (no Funchal), F.C. do Porto-Lusitânia (Antas), CUF-Moxico (Lavrado), Textáfrica-Atlético (será que os lisboetas vão chegar a tempo a Vila Pery?...), Paços de Brandão-Belenenses (muitos festejos aos «azuis» do Restelo, que nunca tinham estado tão perto daquele terreno), Olhanense-Leixões (no Padinha), União de Tomar-Juventude (Municipal tomarense), Beira Mar-Montijo (Aveiro), Famalicão-Vitória de Guimarães (Mário Wilson de visitante) e Vianense-Benfica (a loucura que será hoje um passeio pelas ruas de Viana do Castelo...)

A noitinha (21 horas) suando por todos os poros, os jogadores do Oriental vão ter de correr durante um mínimo de 90 minutos, perante o Bissau e Benfica. E, para encerrar o domingo da bola pontapeada, digamos ainda que o Desportivo das Aves-União de Lamas e o Sanjoanense-Penafiel foram antecipados à ronda da segunda divisão a que competiam legalmente. O leitor mais perspicaz poderá explicar-nos o porquê da coisa?

ESTABELECIMENTOS

J. B. FERNANDES, S. A. R. L.

COMUNICAM QUE, POR MOTIVO DAS SOLENIDADES RELACIONADAS COM A SEMANA DA PÁSCOA, ENCERRARÃO TODOS OS SEUS SERVIÇOS NA QUARTA-FEIRA, DIA 10, À HORA HABITUAL, REABRINDO NA SEGUNDA-FEIRA, DIA 15, ÀS 9 HORAS.

PECHINCHAS Black & Decker

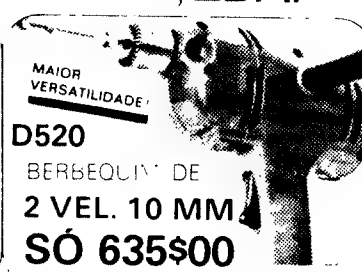
em ALFREDO A. MOREIRA, LDA.



D500
BERBEQUIM DE
1 VEL. 10 MM
SÓ 450\$00



SUPER-JOGO MINI-PREÇO
D590
super-jogo em casa plast...
- Porta-cabo
- Serra circular
- Lâmina
- Suporte horizontal
- Carilho de troca
- Robo o de esmer
(o veio adapt...
A escolha
c. berbequim D500S (10 mm 1 vel.) só 1220\$00
c. berbequim D520S (10 mm 2 vel.) só 1400\$00



MAIOR VERSATILIDADE
D520
BERBEQUIM DE
2 VEL. 10 MM
SÓ 635\$00

Marque as ofertas que deseja adquirir. Recorte todo o anúncio, meta num envelope e mande para:

ALFREDO A. MOREIRA, LDA.
Rua Ferreira Borges, 18 - LISBOA
Telef. 66 21 46 66 86 56

Querem enviar-me a cobrança as ofertas assinaladas pelo preço total de 500 mais 20\$00 para portes

Nome
Morada

O MAIOR VENDEDOR
Black & Decker
EM PORTUGAL

VENHA JA, JA, JA! A OFERTA É LIMITADA!
ALFREDO A. MOREIRA, LDA
DEMONSTRAÇÕES EM QUALQUER DAS NOSSAS DUAS LOJAS

RUA FERREIRA BORGES, 18
LOJA «HOBBY» NO DRUGSTORE
APOLO 70 - AV. JULIO DINIS, 10-A
TELEF. 77 40 94

OXFORD BATEU CAMBRIDGE

A equipa de Oxford ganhou a clássica regata no Rio Tamisa, a 120.ª disputada entre remadores da Universidade de Oxford e da Universidade de Cambridge, pondo termo a seis triunfos consecutivos dos rapazes de Cambridge.

CASCAIS ÁGUAS FURTADAS

Decorado, fogão de sala, 3 divisões, próx. à estação Estoril. Aluga-se 3500\$00. Resposta ao n.º 1062.

SPORTING, 4-VITÓRIA DE SETÚBAL, 2

LUZES E SOMBRA
NA QUALIFICAÇÃO DO SPORTING

Como nas circunstâncias temporais em que foi disputado o jogo, houve luzes e sombra na qualificação do Sporting, para a fase seguinte da Taça de Portugal, e no seu triunfo de 4-2 sobre o Vitória de Setúbal. Sombra no entardecer do belo dia de sábado e na transposição do dia para a noite; sombras, ainda e bem negras, no modo como se comportou a defesa dos «leões», especialmente os centrais Bastos e Alinho, acompanhados, neste aspecto, por Damas. Luzes, no esplendor do quarteto atacante formado por Marinho, Chico, Dé e Dinis, tão fortes como as vindas do alto dos potentes projectores.

Mas porque, em noite de sombras e luzes, estas foram mais fortes que aquelas e como o Vitória também teve os seus momentos de penumbra (depois de ver reduzido o seu «team» a 10 unidades, apenas) a qualificação do Sporting acabou por se afigurar mais do que merecida.

Recordações de domingo...

Começou o Sporting, em grande estilo, como fizera dias antes contra o Benfica. Marinho conseguiu isolar-se, havia apenas quatro minutos de jogo, penetrar na grande área e oferecer o golo a Dé, como Dé oferecera a Nelson a oportunidade do 2-1, no domingo passado. Como então, a oportunidade, flagrante, perdeu-se porque Dé demorou a ajear a bola e quando rematou tinha uma barreira humana pela frente.

Depois, o árbitro anulou (muito bem, quanto a nós) um pretensão golo de Marinho, obtido em fora de jogo e em dois golpes súbitos do Vitória a defesa «leonina» sofreu um golo e viu uma bola bater na trave em lance que poderia ter arrumado o jogo.

Primeiro o golo. Havia 11 minutos de prélio e a bola saltou no meio campo entre José Maria e Alinho. O defesa hesitou, deixou o adversário ganhar o lance e começou a recuar à sua frente. José Maria abriu para a direita a Octávio, este ganhou terreno, entrou na área e disparou para o golo quando Damas saiu da baliza para tentar deter Octávio.

O ataque do Vitória rasgava clareiras, a defesa do Sporting

cedia por todos os lados. Alinho e Bastos não estavam lá. Uma surtida de Jacinto João pela ponta esquerda deixou Manaca pregado no solo, enquanto o cruzamento partia para a cabeça de José Maria. Toque seco, bola na trave e Baltasar a salvar sobre o risco.

Poderia ser o fim do Sporting e a sua defesa não justificava mais. A recordação dos cinco golos do Benfica pairava pelo estádio.

Até que o ataque da casa acordou, Vagner empunhou o facão da resistência e o vento mudou para os da casa.

Faca de dois gumes

Era nítido que o Vitória estava preparado para cortar as vagas atacantes do Sporting com faltas longe da área. Assim matava o jogo, cortando a sequência dos lances dos da casa. Simplesmente, essa faca tinha dois gumes e um deles feriu gravemente o «team» dirigido por José Augusto.

Um desses livres, aos 25 minutos, deveu-se a rasteira de Mendes a Marinho, junto ao risco limite da grande-área. Vagner simulou o remate, desequilibrando a barreira mas deixando para Manaca. O remate do número dois do Sporting fortíssimo, por alto, entrando junto à trave e restabelecendo a igualdade.

Ainda o Vitória não respirava, não transcorreria um minuto, e segundo golo era cedido por Torres.

Paulo Rocha abriu para Marinho, na ponta direita. O extremo fêz até à grande-área, de onde tirou um centro atrasado a meia altura. Dé, que acompanhava o lance no lado oposto,

lançou-se em prancha e cabeceou para dentro da rede, a um metro do solo. Um golo «à la Yazalde», ou seja, similar ao que o argentino rubricou no domingo.

Al se resolveu a contenda. Pelo golo e o estímulo que constituiu e pela expulsão que se seguiu, de Carlos Cardoso, por exagerar nos seus protestos, junto do fiscal de linha, reclamando fora de jogo de Marinho.

Em 14 anos de futebol é a primeira expulsão que sofreu, disse-nos o correcto capitão do Vitória. Foi malcriado para com o árbitro porque ele já o fora antes para comigo, em duas ocasiões. Há limites para tudo e até um santo se exaltava. Ante a malcriadez do árbitro eu atingi o meu limite como ser humano. E explodi.

Quanto a nós, o jogo «acabou» aqui. Matine recuou para defesa central e Câmpora trocou o ataque pelo meio-campo, tirando poder de recuperação aos sadinos, já em desvantagem. Octávio ainda enviou ao poste uma recarga a nova asneira de Alinho (tirou a bola das mãos de Damas para aliviar, de cabeça, para alguns metros à sua frente), mas nem a entrada de Torres para o lugar de José Maria, depois do intervalo, pôde virar o rumo aos acontecimentos.

Embora a discussão da eliminação estivesse ultrapassada quanto a nós, e o golo de Chico, logo aos dois minutos da segunda parte, ainda mais acentuava esta ideia, isso não significa que o jogo, como futebol, tenha terminado. Pelo contrário.

O Vitória veio para o ataque, jogando tudo por tudo. O Sporting prosseguiu na senda do golo, parece que disposto a lavar a nódoa de domingo passado.

E assim que Duda atira contra o corpo de Damas uma fulgurante escapada de José Torres até à linha de cabeceira, é assim que o mesmo Torres obtém o segundo golo da sua equipa após cruzamento de Octávio, que Damas deixou passar em frente dos olhos e é assim, ainda, que Marinho atira ao poste a sequência de novo

O vencedor acaba por estar certo, pois foi aquela que mais labutou para atingir os seus intentos, frente a uma equipa que desenvolveu melhor futebol, é certo, mas que encontrou na defensiva encarnada uma barreira segura e de difícil transposição.

Jogo no campo Eng.º Vidal Pinheiro.

Árbitro: Porém Luís (Leiria).

As equipas: Salgueiros: Quim; Jorge, Braga, Mendes e Acácio; Reis, Elvino e Nelito; Serrão, Montelro e Vitor.

Académica: Melo; Brasfemes, Belo, Zé Freixo e Simões; Vitor Campos, Norton e Vala; Gregório, António Jorge e Costa.

Ao intervalo: 0-0. Marcadores: (Vala (59 e 116 m.), Serrão (69 m.) e Montelro (95 e 107 m.).

Substituições: No Salgueiros, Zé da Costa entrou para o lugar de Nelito, e na Académica, Norton e António Jorge foram substituídos por Pinho e Daniel.

FERNANDO PASSOS

Por DANIEL REIS

lance envolvente do ataque do Sporting.

Aos 22 minutos o resultado final foi fechado com um lampejo de génio do quarteto atacante dos «leões», no lance mais belo da noite de futebol de ataque vivida, ontem, em Alvalade. Para que o golo fosse o corolário lógico do trabalho do quarteto «leonino», todos os seus componentes entraram no lance. Dinis ganhou a bola e entregou-a a Dé. Este prosseguiu a ofensiva para lançar o esférico dentro da área, sem opositores, para Chico. O centro avançado recebeu, parou num compasso de espera soberano, deixou vir a defesa sobre si e lançou Marinho que corria do lado direito. O remate frontal não se fez esperar, sem apelo para o «keeper».

De imediato saíram Damas («Resentiu-se de uma lesão na virilha e por isso perdeu alguns cruzamentos que pareciam ao seu alcance»), explicou-nos Lino, no final do jogo e Paulo Rocha, para entrarem Botelho e Joaquim Rocha.

O Sporting estava qualificado para a fase seguinte da Taça (eliminatória numa só mão a realizar dia 28 deste mês) e era, apenas, tempo para os comentários.

Como o de Francisco Nascimento, «big boss» do departamento de futebol do Vitória, verdadeiramente descontente com o jogo e, sobretudo, com o seleccionador nacional José Maria Pedrito que utilizara quatro elementos do Vitória no encontro com a Inglaterra:

— Acho muito louvável que se tivessem poupado os jogadores...

ALGORAL — SOCIEDADE AGROPECUARIA DO ALENTEJO E ALGARVE, LDA.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 4 de Fevereiro findo, lavrada de folhas 93 a 95 do livro de notas n.º C-474, do 12.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do Notário Lic. Manuel da Silva Jordão Curado, foi elevado o capital social da sociedade «ALGORAL — SOCIEDADE AGROPECUARIA DO ALENTEJO E ALGARVE, LIMITADA», com sede em Lisboa, de quinhentos mil escudos para setecentos e cinquenta mil escudos, ou seja em duzentos e cinquenta mil escudos, aumento que foi subscrito e já realizado em numerário, pelo Sr. Manuel António Baptista Macara, que assim é admitido como novo sócio, na referida sociedade, e em consequência foi substituída a redacção do artigo terceiro do respectivo pacto social, pela seguinte:

TERCEIRO

O capital social é de setecentos e cinquenta mil escudos, correspondente à soma de três quotas iguais de duzentos e cinquenta mil escudos cada, pertencentes uma a cada um dos sócios: Victor Manuel de Sousa Coelho, Eng.º Renato Jerónimo Moreado Bernardino, e Manuel António Baptista Macara, que foram integralmente realizadas em dinheiro.

Está conforme.

Lisboa, quatro de Março de mil novecentos e setenta e quatro.

O Ajudante,

José Fernando Pereira Pires



Um grande golo de Dé (o segundo do Sporting) mereceu estas manifestações de regozijo por parte dos seus colegas

dores do Sporting para o importante embate de quarta-feira, mas nunca à custa do Vitória, que jogava com os guias da classificação, três dias depois. O Sporting, que deve ter os melhores futebolistas portugueses, pelo menos marcha à frente em todas as competições, só deu um elemento à selecção; nós demos quatro e nem, ao menos, merecemos os favores de uma das três substituições que se fizeram na Luz.

Por isso digo que nós comecemos a perder na quarta-feira anterior.

Em relação aos intervenientes no jogo, temos a dizer que Octávio foi o patrão, enquanto teve fôlego (depois dele quebrar, quebrou o meio-campo do Vitória). Matine actuou desastrosamente na cobertura da sua baliza, Jacinto João só se viu num ou noutro lance e os demais elementos do Vitória foram impotentes para remar contra o futebol atacante do Sporting, para mais em inferioridade numérica.

No Sporting, espectacular exibição do quarteto atacante («Era para descansar mais jogadores mas a lesão de Nelson, no treino e a evolução do marcador impediram-me», disse Lino), fracasso rotundo de Bastos e Alinho e boa estreia

de Paulo Rocha. O treinador Lino garantiu que o moço mereceu outras oportunidades, de tal modo corresponde. O próprio jogador desculpou-se. Acusei nervosismo de entrada, para acabar um bocadinho melhor. Estava cansado e por isso pedi para ser substituído.

..Assistência para além de meia lotação, bom tempo, arbitragem de Moreira Tavares, do Porto.

Equipas: SPORTING — Damas, (Botelho) Manaca, Bastos, Alinho e Baltasar; Vagner, Paulo Rocha (Joaquim Rocha) e Dinis; Marinho, Chico e Dé.

VITÓRIA DE SETÚBAL — Joaquim Torres, José Lino, Cardoso, Mendes e Rebelo; Matine, Octávio e José Maria (José Torres); Câmpora, Duda e Jacinto João.

GOLOS: Manaca, Dé, Chico e Marinho, pelo Sporting, e Octávio e José Torres, pelo Vitória. Foi expulso Carlos Cardoso, capitão do Vitória de Setúbal.

Basquetebol

VITÓRIA DO BENFICA SOBRE O SPORTING

Como havíamos aqui previsto, o Benfica bateu, com facilidade (e expressão), o Sporting, no jogo de ontem da 19.ª jornada do Campeonato Metropolitano da 1.ª Divisão de Basquetebol. Os «encarnados» prosseguem no comando, prestes a renovar a conquista do título. O B.P.M. foi vencido pelo Académico e agravou a sua posição, relativamente à despromoção, ficando, agora, isolado no antepenúltimo posto. Barreirense e Vasco da Gama, batidos pelo Algués e Académica, são os últimos. A CUF, que ho-

je defronta o Sangalhos, no Barreiro (18 e 15) e o Ginásio, que enfrenta o F. C. do Porto, nas Antas (18 e 15) mais o Académico constituem o «trio» do qual sairá a 4.ª equipa a despromover, juntamente com o B.P.M. (provável), Barreirense e Vasco da Gama (certos).

Os resultados dos jogos de ontem: Benfica, 102-Sporting, 59; B.P.M., 58-Académico, 64; Vasco da Gama, 59-Académica, 98 e Algués, 69-Barreirense, 48.

ANTÓNIO ABEL

SALGUEIROS, 3 - ACADÉMICA, 2

E outros golos ficaram por marcar

Encontro verdadeiramente emotivo aquele que ontem se disputou no campo Eng.º Vidal Pinheiro, entre uma equipa da II Divisão (o Salgueiros) e uma outra da primeira (a Académica). Emotivo porque, pelo menos durante a primeira parte e muito embora os estudantes tudo fizessem para segurar o jogo no meio do terreno, os «encarnados» do Norte, através da sua irrequietude e melhor adaptação ao pelado, souberam impo-se a um adversário que, de antemão, se apresentava favorito.

Pois os pupillos de Quaresma, através de um futebol rápido souberam e muito bem, ir à frente e criar ocasiões soberanas de fazer funcionar o marcador, o que só não aconteceu por manifesta falta de sorte e pela exibição brilhante que Me-

lo efectuou.

Era, portanto, demasiado enganadora a igualdade que se verificava no final do primeiro tempo, mas o vencedor havia de ser encontrado, tendo, no entanto, para isso sido necessário jogar o prolongamento, já que no final dos 90 minutos as equipas mantinham a igualdade. Aliás a traduzir exactamente aquilo que havia acontecido ao longo destes quarenta e cinco minutos, no decorrer dos quais cada uma das equipas marcou um golo, notando-se uma melhor aplicação e também força de vontade, por parte dos nortenhos. E talvez aqui residisse o facto de terem conseguido eliminar uma Académica, que ainda há bem poucos dias víramos «bater o pé» ao F. C. do Porto, no estádio das Antas.

ESTÁDIO
JOSÉ ALVALADE1.º Jogo das meias finais da
TAÇA DAS TAÇAS
SPORTING -
F. C. MAGDEBURG

PREÇOS

Senhas de camarotes ...	250\$00
Bancada central	250\$00
Bancada lateral	180\$00
Superior	100\$00
Geral	50\$00
Sócios	35\$00

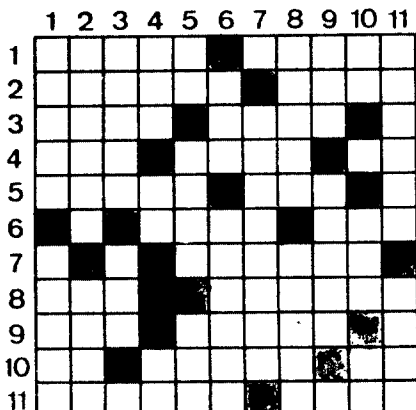
Bilhetes à venda no Estádio José Alvalade e na Agência A. B. E. P. nos Restauradores
Espectáculo para maiores de 10 anos

palavras cruzadas

COM PROVERBIO
PROBLEMA N.º 10747

HORIZONTAIS:

- 1 Visão. Pura.
- 2 Frutos da amoreira. Braços de mar.
- 3 O mesmo que fura-bucho (ave). Teça.
- 4 Andar. Grande cão de fila. Letra grega.
- 5 Curas. Cólera.
- 6 Dois mil e quatro em romano. Filtra.
- 7 Velhos.
- 8 Executa. Guarnece de asas.
- 9 Enguia. Levantara.
- 10 Em a. Ardor. Crença.
- 11 Poisar no mar o avião. In-vulgar.



VERTICAIS:

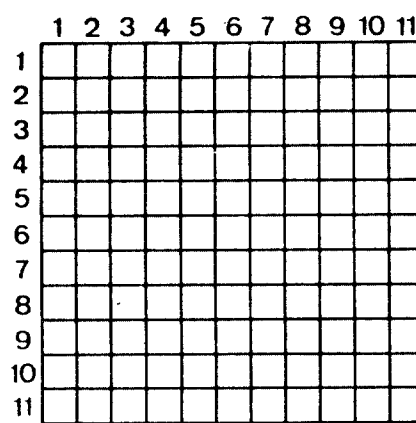
- 1 Trancas. Apura.
- 2 Sacrificar. Lavram.
- 3 Pertencente ou referente ao Sol. Ensejo.
- 4 Prefixo que designa três. Amónio (s.q). Bromo (s.q).
- 5 Em partes iguais. Doença que dificulta a respiração. Pedra de altar.
- 6 Um dos pontos cardeais. Aspirar.
- 7 Furiosas.
- 8 Paixão (fig). Curar.
- 9 Fecha as asas para descer mais depressa. Assanha.
- 10 Basta. Sufixo que designa abundância. Frâncio (s.q).
- 11 Intima. Mãe de Rómulo e Remo.

Resolva com inteligência este problema?
Procure agora em segundo passatem o PROVERBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6905

HORIZONTAIS:

- 1 Nome de Homem. Contração da preposição de com artigo definido.
- 2 Voejar. Zombaram.
- 3 Pega. Nome antigo da nota musical do
- 4 Neste lugar.
- 5 Vazia. O mais. Nome de homem.
- 6 Charruas.
- 7 Nome científico do pato. Ave também conhecida por fura-bucho.
- 8 Criança francesa célebre pelo seu heroísmo. O mesmo que beirado.
- 9 Azeite.
- 10 Pronome demonstrativo. Queimo.
- 11 Pronome reflexo. Transpirado. Preposição e artigo definido.



VERTICAIS:

- 1 Largo de Lisboa. Descer-ras.
- 2 Fieira. Cidade da Galileia. Catedral.
- 3 Rente. Aves trepadoras.
- 4 Folha de ferro estanhada. Pega. Artigo definido.
- 5 Rogo. Preposição latina que designa movimento.
- 6 Poetisa portuguesa nascida em Vila Viçosa e autora de «Charneca em Flor».
- 7 Estrépite de desmoronamento. Ecoes.
- 8 Inspirar. (fig). O mesmo que leitão (peixe).
- 9 Sufixo que designa estado. Romancista português autor de «O Primo Basílio».
- 10 Interjeição de dor. Tosta.
- 11 Estimul. Pronome demonstrativo. Elemento grego de composição de palavras que exprime a ideia de ovo, ovulo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10746

HORIZONTAIS:

- 1 Ronda. Cobra.
- 2 Irar. Caos.
- 3 Eco. Pia. Uma.
- 4 Va. Ar. Balas.
- 5 Suga. Amio.
- 6 Maganão.
- 7 An. Salas. Cr.
- 8 Natas. Isola.
- 9 Am. Arar.
- 10 Manha. Arara.
- 11 Araos. Raras.

VERTICAIS:

- 1 Riev. Panama.
- 2 Orcas. Nanar.
- 3 Nao. Um. Tina.
- 4 Dr. Aqasah.
- 5 Pragas. As.
- 6 Fi. Al.
- 7 Abanar. Ar.
- 8 Oc. Amassara.
- 9 Bailio. Oras.
- 10 Romao. Clara.
- 11 Asas. Mearas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6904

HORIZONTAIS:

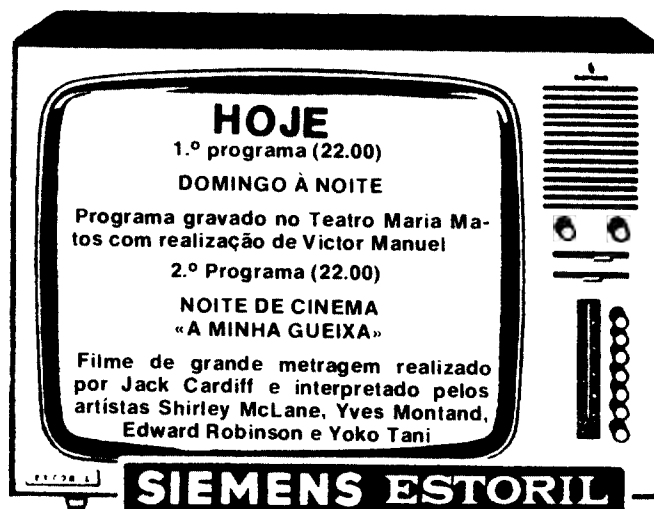
- 1 NADA. Una. SE.
- 2 Elaram. Leal.
- 3 Li. Amara.
- 4 Danca. An. As.
- 5 Ona. Zera.
- 6 An. FAZ. Ti.
- 7 Amada. Atear.
- 8 Rol. Reu.
- 9 Es. Miram. Ab.
- 10 Nena. Opina.
- 11 Amoras. Orai.

VERTICAIS:

- 1 Neldo. Acena.
- 2 Alaram. SEM.
- 3 Da. Ninar. No.
- 4 Araca. Donar.
- 5 Ama. Fali.
- 6 Uma. Na.
- 7 Ra. Zerao.
- 8 Algoz. TEMPO.
- 9 Ea. Aleu. Ir.
- 10 Sa. Aria. Ana.
- 11 Elisa. Rabao.

Proverbio: SEM TEMPO NADA SE FAZ

televisão



HOJE

1.º Programa
1.º Período

- 12.30 Abertura e Missa de Domingo
- 13.10 O Dia do Senhor
- 13.55 Hoje pode ver
- 13.45 Telegiornal 1.ª edição
- 14.00 Em defesa do consumidor
- 14.20 Logo à noite
- 14.50 O Mundo a nossa volta
- 15.40 Tarde de cinema. Família em Lua de Mel
- 17.05 TV Infantil
- 18.00 Domingo desportivo 1.ª edição
- 19.30 Telegiornal 2.ª edição
- 19.45 Poly em Espanha
- 20.00 TV 7
- 21.00 Dr. Simone Locke
- 21.30 Telegiornal 3.ª edição
- 22.00 Domingo à noite
- 23.40 Domingo Desportivo 4.ª edição
- 00.10 Telegiornal 4.ª edição
- 00.20 Fecho

2.º Programa

- 20.30 Abertura e As Solteironas
- 21.00 Do la Si
- 21.30 Telegiornal 3.ª edição
- 22.00 Noite de cinema. A Minha Guerra
- 23.30 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período

- 12.45 Abertura e desenhos animados
- 13.00 Beatles Show
- 13.15 Vivendo o futuro
- 13.15 A Família Partridge
- 13.45 Telegiornal 1.ª edição
- 14.00 Logo à noite
- 14.25 Fecho

2.º Período

- 19.00 TV Educativa. Língua Portuguesa
- 19.25 O Diário das Fabulas
- 19.30 Telegiornal 2.ª edição
- 19.40 TV Infantil. Oum-O Golinho branco
- 20.30 TV Palco
- 21.00 Imagens da poesia Europeia
- 21.30 Telegiornal 3.ª edição
- 22.05 McCloud
- 00.15 Telegiornal 4.ª edição
- 00.20 Meditação e fecho

2.º Programa

- 20.30 Abertura e desenhos animados
- 20.45 Beatles Show
- 20.45 Em defesa do consumidor
- 21.00 A Família Partridge
- 21.30 Telegiornal 3.ª edição
- 22.00 Sabe quantas igrejas há em em Óbidos?
- 23.00 Música para olhar
- 23.30 Fecho

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava limpo o vento era fraco e havia neblina em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	11º
P. DOURADAS	7º
COIMBRA	10º
PORTALEGRE	11º
LISBOA	12º
FARO	18º
FUNCHAL	15º

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA:

Máxima: 20,5º

PENHAS DA SAÚDE:

Mínima: 0,8º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar: 14,5º
Atmosfera: 12,8º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
4.18 4,2 m	9.59 0,5 m
16.40 4,1 m	22.16 0,6 m

Dia 8

5.01 4,1 m	10.36 0,6 m
17.20 4,1 m	22.55 0,7 m

Dia 9

5.41 4,0 m	11.12 0,8 m
17.59 4,0 m	23.33 0,8 m

PREVISÃO GERAL ATÉ
AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado; vento fraco.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

AMANHÃ

NAScer ÀS 7.13
OCASO ÀS 20.06

DIA 6 DIA 14 DIA 22 DIA 29

northair

Ar condicionado

Com

northair

é sempre

PRIMAVERA



LUIZ BANDEIRA, L.º

LISBOA AV. DO BRASIL, 33-1.º B e C TEL. 76 26 50
PORTIMÃO R. J. J. RODRIGUES DE FREITAS, 33 TEL.
FUNCHAL R. DO HOSPITAL VELHO, 38 TEL. 2 84 33
LUANDA AV. COMBATENTES, 68-B-70 CX. P. 1 06 89

rádio

EMISSIONA 1.º Programa

15.30 Resumo do programa tarde desportiva. Rádio desporto. Futebol relato e informações dos jogos da 5.ª eliminatória da Taça de Portugal. Atualidade desportiva.

18.30 Música sem palavras.

19.05 Novidades em discos. Texto e selecção de Paulo Medeiros.

20.00 Jornal da noite. êxitos em paradas.

21.00 Rádio desporto.

21.30 Variedades no estúdio.

22.00 Teatro das comédias. Co-ração a dois de Guy de Foissy numa tradução e adaptação de Eduardo Jacques.

22.29 Música portuguesa.

23.05 Sol e toros.

23.30 De um dia para o outro por Fernando Garcia.

00.00 Junção (entrada do MF 1 de Lisboa) sinal horário.

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Rádio Universidade.

00.00 Junção com o 1.º programa.

2.º Programa

16.00 Noticiário. onda musical.

18.00 Concerto de domingo (1.ª parte).

19.07 Lieder-op 40 (Schumann).

19.16 Concerto de domingo (2.ª parte).

20.00 Jornal da noite.

20.30 Concerto grosso Op. n.º 3 em do maior (Geminiani).

20.40 O homem e a sociedade pelo dr. Ferreira de Almeida.

21.00 Recital pela pianista inglesa.

Marguerite Wolff.

Os madrigalistas de Praga dirigidos por Miroslav Venhoda em tres motelos de Tomas Luis de Victoria.

21.30 Que quer ouvir? programa elaborado por Margarida Brandão.

23.00 Emissão em línguas estrangeiras.

01.15 Fecho.

Programa Estereofónico MF 2

15.30 Audição integral de O anel dos Nibelungos 2.º acto da Ópera - Siegfried (Richard Wagner).

16.48 Septeto em sim bemol maior - Stop Septet (Berwald) Mem-bros do octeto de Viena.

17.15 Sinfonia Londres (Vaughan Williams) orqu. filarm. de Londres, dirigida Sir Adrian Boult.

18.00 Concerto BWV 1052 em re menor para cravo e orquestras (Bach).

18.30 Junção com o 2.º Programa.

21.00 Música ligeira variada.

22.00 Oratorias de Bach e Haendel.

23.22 Música de piano de Schumann e Ravel.

23.58 Música de câmara.

00.28 Música sinfónica.

01.00 Fecho.

Emissor de Miramar

14.45 Tarde desportiva.

17.02 Auto rádio.

17.45 Presença coimbra.

18.02/21.00 Norte da dia educação desportiva.

21.02/24.00 Genérico.

21.04 Viagens na nossa terra.

21.30 A voz da esperança.

22.02 A ruído da verdade.

22.16 Hora do templo.

22.30 Em destaque.

23.04 Clube da juventude.

Radio Renascença

14.30 Boa viagem.

14.50 Panorama.

17.30 Emissão 28.

18.05 Zona azul.

18.20 Palvra do dia.

18.25 Terço e missa.

20.05 Zona verde espaço ocupado pela família.

20.35 Intervalo.

21.05 Suplemento especial.

22.00 Quando o telefone toca.

22.30 Programa dos socios.

23.05 A 23.ª hora.

EMISSIONES ASSOCIADAS DE LISBOA

Radio Peninsular

Das 06.00 as 08.00 das 10.00 as 12.00 e das 22.00 as 02.00

Clube Radiofónico de Portugal

Das 08.00 as 10.00 e das 17.00 as 19.30

Rádio Graça

Das 12.00 as 14.30 e das 19.30 as 22.00

Rádio Voz de Lisboa

Das 14.30 as 17.00

LISBOA

TURNO G 1
(Alé às 22 horas)

ALCANTARA
Bairro, Rua Prior do Crato 25 (Tel. 651321). Biotfar Rua D. João de Castro 27-B (Tel. 638824)

ALVALADE
Zil, Avenida da Igreja 9-D (Tel. 71780). Roma, Avenida de Roma 85-B (Tel. 772466)

AREIRO
Imperial Av. Guerra Junqueiro 30-B (Tel. 726860)

AVENIDA LIBERDADE
Fernandes, Rua de S. José 187 (Tel. 326476)

AVENIDAS NOVAS
Alcantara Av. da República 74-A (a Entrecampos) (Tel. 771379)

BAIRRO ENCARNAAO
Ascenso Praça do Norte 11-A (Tel. 31216)

BENFICA
Lavinha, R. eng. Paulo de Barros (ex R. C. projectada à Rua da Casquinha) 28-A (Tel. 708242). Alegria Est. de Benfca 180-A/B (Tel. 780511)

CAMINHOS DE FERRO
Frazão R. da Cruz de Santa Apolonia 90-92 (Tel. 847019)

CAMPOLIDE
Pinto, Rua de Campolide 11 (Tel. 682610)

CAMPO GRANDE
União, Rua Saraiva de Carvalho 145-F (Tel. 663643)

CHELAS
Banha Est. de Chelas 173-175 (Tel. 382241)

ESTEFANIA
Mundial Largo D. Estefânia 9 (Tel. 45578)

LAPA
Eduardo Cesar, Rua das Trinas 102 (Tel. 662631)

LUMIAR
Douro Alam Linhas Torres, 93-A/B (Tel. 791131)

S. MAMEDE
Albano, Rua Escola Politécnica 59 (Tel. 326750)

S. SEBASTIAO DA PEDREIRA
S. Sebastião Largo S. Sebastião Pedreira, 1-9 (Tel. 48642). Sousa Martins, Rua Sousa Martins 25 (ao Matadouro) (Tel. 553468)

TURNO G 2
TODA A NOITE

AJUDA
Moura Travessa da Memória 55 (Tel. 630944)

ALVALADE
S. João de Deus, Rua Pedro Ivo 1-A/B (Tel. 725140)

ANJOS
Confiança Avenida Almirante Reis 48 (Tel. 821653)

AREIRO
Garantia Av. Padre Manuel Nobrega 5-A/B (a P. do Areiro) (Tel. 727300)

AVENIDAS NOVAS
Vale Av. Marques de Tomar 45-49 (Tel. 773043). Dalva, Avenida Duque de Avila 125 (Tel. 45225)

BAIRRO DA LIBERDADE
Salutar R. B. 75-A/B (Tel. 683694)

BAIXA
Azevedos, Filhos Praça D. Pedro IV 31 (Rossio) (Tel. 327478-A)

BENFICA
União Est. de Benfca 592 594 (Tel. 700092)

CAMPO DE OURIQUE
Lobel, Rua Infancia 16 98-B (Tel. 688807)

CASTELO
Ziler, Rua S. Tome 54-56 (Tel. 862835)

ESTRELA
Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo 66-B (Tel. 666971)

LUMIAR
Central do Lumiar, Rua do Lumiar 77 (Tel. 790480)

OLIVAIS

Olivaes, Rua Alvas Oliveira 19 (Tel. 311237)

PICHELEIRA
Luzmar, Rua João de Almeida Costa 18-A (Tel. 728395 e 7207703)

POÇO DO BISPO
Freitas, Rua Zofimo Pedroso 11-13 (Tel. 381136)

REGO
Baptista, Rua Francisco Tomas da Costa 3-A a 3-C (Tel. 771873)

SANTO AMARO
Correia de Azevedo, Rua Luis de Camões 42-B (Tel. 638625)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS

Aimada Nho, Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 212070)

CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade, R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2432034)

OEIRAS
Central, R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058)

PARADE
Aisir, Av. Gago Coutinho — B. das Caixas de Previdência (Tel. 2472948)

S. JOÃO DO ESTORIL
S. João (Tel. 261186)

ESTORIL
Marques dos Santos, R. Ferreira J. A., 15 (Tel. 260116)

CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Tel. 280078). A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019). Flama, R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485). Confiança, Av. D. Nuno Alvares Pereira, 15-A (Tel. 938149)

DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523)

QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117). Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123)

CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181)

MEM MARTINS
Quimia, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)

SINTRA
Misericórdia, L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391)

COLARES
Abreja (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Vista, 8 (Tel. 224250)

ALMADA
Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (Tel. 2760565)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fatima, Est. Nacional, 221-B (Tel. 224141)

BARREIRO
Moderna, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (Tel. 2073443)

COVA DA PIEDADE

Rainha Santa, Est. das Barrocas, 50-A (Tel. 2760182)

MOITA
Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)

MONTIJO
Montepio, R. Almirante Reis, 93 (Tel. 230035)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 93 (Tel. 230035)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)

SETUBAL
Lisboa, R. Dr. Paulo Borba (Tel. 22248). São, Av. Portela (Tel. 22709)

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

8.º TURNO

SUB TURNO A
Bonfim (do), Rua do Bonfim, 73. Guerra, Rua Costa Cabral, 43. Guimarães, Rua de Francos, 37. Lemos e Filhos, Ld.ª, Pr. de Carlos Alberto, 31. Liga Ass. Soc. Mútuos, Rua do Bonjardim, 286. Porto, Rua Padre Cruz 146.

SUB TURNO B
Henriques, Praça da Batalha, 64-A. Moreno, Ld.ª, Largo de S. Domingos, 44. Sani, Rua do Paraíso, 214. Serpa Pinto, Rua de Serpa Pinto, 645. Vasques, Rua das Condominhas, 794.

COIMBRA

TURNO L
S. Sebastião, Rua António Jardim, 5. Silar, Rua Ferreira Borges, 1. Paiva, Praça do Comércio.

ROXI (T. 48560)

14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Colorido
O FILME DO ANO
O MAGNÍFICO (LE MAGNIFIQUE)
O filme de Philippe de Broca com Jean-Paul Belmondo e Jacqueline Bisset

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos) Colorido
Barbra Streisand, Robert Redford
«O NOSSO AMOR DE ONTEM»

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
25.ª semana! Eastmancolor
Grupo D (18 anos)
«O PORTEIRO» Bernard Le Coq, Maureen Karwin e Michel Calabru.

CONDES (T. 322523/326710)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Colorido
Jean-Paul Belmondo e Jacqueline Bisset. O filme do ano! O MAGNÍFICO (LE MAGNIFIQUE). O filme de Philippe de Broca

CASINO ESTORIL (Tel. 262421)
15.30, 18.30 e 21.30
Technicolor Grupo C (14 anos)
«A AMANTE DE NELSON» com Peter Finch e Glenda Jackson

ESTÚDIO APOLO 70 (Tel. 783319)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos) Technicolor
Um dos dez melhores filmes do ano «AMERICAN GRAFFITI» (Nova Geração) de George Lucas. Hoje às 24.00. Cowboy à meia-noite. Grupo D (18 anos) «RIO LOBO» de Howard Hawks, com John Wayne.

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo C-14 anos)
Eastmancolor «CANTINFLAS AS ORDENS DE VOSSELENCIA»

O filme AS ORDENS DE VOSSELENCIA é projectado sem complemento Tardes infantis. Grupo A (6 anos) Hoje e Amanhã às 18.30 LIVRE CO-

MO O VENTO. A vida de um rapaz num estranho e misterioso mundo

ALVALADE (Tel. 717480)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Eastmancolor Grupo A (6 anos)
Marie Laforet «O PEQUENO POLEGAR» Um filme de Michel Boisrond. (Metro Alvalade)

RESTELO (Tel. 610275)
17.00, 21.30
Grupo D (18 anos)
5.ª semana! Colorido
Anthony Quinn em «OS DETECTIVES»

IMPERIO (Tel. 555134)
15.15 - 18.30 - 21.30
Grupo D (18 anos) Enrico Maria Salermo, Santa Berger, ESCÂNDALO DE BATA BRANCA. Realização de Luigi Zampa (Metro Alameda)

BERNA (Tel. 776098)
15.15, 18.30 e 21.45
17.ª Semana Todd-ao 35 mm
Grupo C (14 anos)
O filme de Norman Jewison
«JESUS CRISTO SUPERSTAR»

LONDRES (Tel. 731313)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
6.ª semana! Grupo D (18 anos)
Uma festa fabulosa. Grande Prémio do Juri de Festival Cannes 1973
«O CONVITE» (L'invitation) o filme de Claude Goretta

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
15.00 - 17.00 - 19.00 - 21.45
(Grupo D-18 anos) 5.ª Semana Eastmancolor
Françoise Fabian, Jean Luc Bideau, Jane Birkin «PROECÇÃO PRIVADA»

ROMA (Tel. 727778)
15.30 - 18.30 - 21.45
Colorido Grupo D (18 anos)
Barbra Streisand, Robert Redford O NOSSO AMOR DE ONTEM

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15, 18.15 e 21.45
2.ª semana! Eastmancolor
Scope Grupo B (10 anos)
Lee Van Cleef, Peter O'Brien
«O GRANDE DUELO»

ROYAL (Tel. 865037)

15.00 - 21.00 Grupo D (18 anos) LA GRIMAS E SUSPIROS Em complemento FOGO CRUZADO

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 18.15 e 21.30
Sydney Chaplin NÓS TAMBÉM SOMOS ITALIANOS. Grupo D (18 anos) Amanhã às 18.30 um filme de Bernardo Bertolucci. A ESTRATÉGIA DA ARANHA c/ Giulio Brogi e Alida Valli

S. JORGE (Tel. 54153/54154)
15.15 - 18.15 - 21.30 Grupo B (10 anos) Espectacular êxito em 4.ª semana! Ele aí está! Terence Hill! E AGORA CHAMAM-SE MAGNÍFICO

ODEON (Tel. 326283)
15.15-18.30 e 21.30
(Grupo B-10 anos)
Ria à tarta com Alfredo Landa e o atrevido miúdo Ahu! «O DELICADINHO NA MARINHA» em pequeno de 6 anos sabia mais de amar de que as mulheres sabias e os homens de génio.

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30, 18.30 e 21.45
Eastmancolor Grupo D (18 anos)
Peter Sellers Charles Aznavour
«O FORTIM» (Metro Alameda)

CINEARTE (Tel. 660446)
15.30, 21.30
Panavision Technicolor
Grupo D (18 anos)
Tamara Dobson, Selly Winters
«CLEOPATRA JONES»
Hoje às 18.30 Grupo A (6 anos)
Tarde infantil «OS MALUCOS DA CASERNA»
Les Charlots.

VOX (Tel. 720808)
15.15, 18.30 e 21.45
Technicolor Grupo D (18 anos)
Para além das fronteiras do fantástico. «TERROR DE LOBISOMEM» com Kerwin Mathews e Elaine Devry

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.30, 18.30 e 21.45
3.ª semana! Colorido
Grupo D (18 anos)
A obra-prima de Nagisa Hoshima
«CERIMÓNIA SOLENE»

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15, 18.30 e 21.45
(Grupo A-6 anos)
Technivcolor Walt Disney apresenta DUMBO o Grande Programa da Páscoa

PATHE (T. 821933)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido
Uma admirável história de amor! AMO-TE ROSA (I LOVE YOU ROSA) Prémio Fémina-Bélgica Realização de Moshe Mizrahi Com Gabi Oterman e Michel Bat-Adan Metro Arroios

AVIZ (Tel. 47163)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Eastmancolor
Cantinflas AS ORDENS DE VOSSELENCIA

EDEN (T. 320768)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Eastmancolor
Cantinflas AS ORDENS DE VOSSELENCIA

RESTELO (Tel. 610275)
17.00 - 21.30
(Grupo D-18 anos) 5.ª semana! Colorido. Anthony Quinn em OS DETECTIVES. Hoje às 00.15 Sessão de riso (Grupo D-18 anos) Technicolor DOUTOR. AGORA E QUE SÃO ESAS

CARLOS ALBERTO
21.30 (14 anos)
«Até os Anjos Comem Feijões»

RIVOLI
21.30 (6 anos)
«Vencedores Vencidos»

OLIMPIA
21.30 (14 anos)
«Até mesmo os Anjos Comem Feijões»

VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«O Boxeur chinês»

BATALHA
21.30 (14 anos)
«Até os anjos comem feijões»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.30 (6 anos)
«A Bela Adomercida»

SOUSA BASTOS
21.30 (18 anos)
«O Porteiro»

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«A Grande Bronca»

TIVOLI
21.30 (10 anos)
«Jerry, ama seca»

Outros espetáculos

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Albergue Noturno»

LAURA ALVES
16.00 (18 anos)
«Os Porquinhos da Índia»

A.B.C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Com parra nova»

MARIA VITÓRIA
20.45 (18 anos)
«Ver, Ouvir e... Calar»

CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«A Menina Alice e o Inspec-tor»

CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«Doroteia»

TEATRO DA CORNUCÓPIA
21.30 (14 anos)
«A Ilha dos Escravos» e «A Herança»

MARIA MATOS
21.45 (14 anos)
«A Morte de um Caixeiro Viajante»

VARIADAES
21.45 (18 anos)
«Uma Rosa ao Pequeno Almoço»

TRINDADE
21.45 (14 anos)
«Sábado, Domingo e Segunda»

LISBOA/Cinemas

OLIMPIA
19.00 (10 anos)
«Tarzan e as Amazonas»

PARIS
21.30 (18 anos)
«Os Detectives»

PROMOTORA
21.00 (10 anos)
«Sansão e Dalila»

JARDIM CINEMA
21.00 (10 anos)
«A Grande Valsa»

CINE MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«A Rapariga Invencível»

SACAVEM
21.00 (10 anos)
«Os Malucos da Caserna»

ALHANDRA
Salvador Marques
21.45 (14 anos)
«O Hotel da Barafunda»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (10 anos)
«Cantinflas faz-tudo»

PARADE
Royal
21.15 (14 anos)
«Os Justiceiros»

ESTORIL
Casino
15.30 18.30 e 21.30 (14 anos)
«A Amante de Nelson»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«Liberdades Femininas»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (14 anos)
«A sua volta e a morte»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«O homem que veio da noite»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«O Misterioso Mr. Mackintosh»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (10 anos)
«As aventuras de Rabi Jacob»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (14 anos)
«Chamaram-lhe Aleluia»

PORTO/Teatros

S. JOÃO
21.45 (18 anos)
«O ovo»

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Simplesmente Revista»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Jesus Cristo Superstar»

ÁGUA D' OURO
21.30 (6 anos)
«DUMBO»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«O Último Comboio»

TRINDADE

ENTREPOSTO FRUTEIRO NO PORTO DE LISBOA

Foi assinada a escritura da constituição provisória da empresa de Economia Mista denominada Sociedade de Entrepostos Frigoríficos, S.A.R.L., a qual tem como objectivo construir e explorar entrepostos destinados ao manuseamento e recolha de produtos hortofrutícolas em portos e aeroportos nacionais, bem como qualquer actividade industrial e comercial conexa com o seu objectivo principal.

Foram outorgantes, nesta escritura, representantes do Governos dos Estados e Províncias Ultramarinas e Junta Nacional das Frutas, entidades que subscrevem 10 por cento do capital da Sociedade, reservando-se 90 por cento para o sector privado constituído pelos produtores, exportadores e importadores, metropolitanos e ultramarinos de produtos hortofrutícolas e ainda pelas empresas nacionais transportadoras marítimas e aéreas.

A primeira actividade da Sociedade será a construção e exploração do entreposto fruteiro no porto de Lisboa, em regime de concessão outorgada pela A.G.P.L.

Infra-estrutura do maior interesse para a economia frutícola nacional que permitirá um tráfego de cerca de 180 000 tons. de produtos hortofrutícolas e cuja localização está prevista na zona de Santa Apolónia, terá um cais de 300 metros de comprimento que permitirá a atracação simultânea de dois navios.

De referir as principais vantagens oferecidas pela entrada em funcionamento do entreposto: carga e descarga mais rápida dos navios, donde resultará uma maior utilização destes, permitindo a redução dos custos de frete o que compensará o possível aumento de encargos de estiva e de movimentação, determinados pela melhoria de serviços proporcionados pelo terminal.

A participação do sector privado será concretizada mediante subscrição pública a ser aberta, em breve, através de instituições bancárias, após o que terá lugar um conjunto de acções visando o início da construção do referido entreposto.

Encerra-se na Gulbenkian o «Dia Internacional do Livro Infantil»

Integrado nas celebrações do «Dia Internacional do Livro Infantil», contos das escritoras Maria Cecília Correia e Matilde Rosa Araújo são lidos esta manhã na Fundação Calouste Gulbenkian (às 10 e 30 e 11 horas). À tarde, às 16 horas, haverá uma sessão de cinema oferecida a todos os visitantes da exposição de livros que será encerrada a seguir.

O eng.º Alvaro Roquette secretário-geral da S.E.I.T.

O eng.º Alvaro Roquette, director-geral do turismo, foi nomeado secretário-geral da secretaria de Estado da Informação e Turismo, lugar que era desempenhado pelo dr. Caetano de Carvalho actual secretário de Estado da Informação e Turismo.

À procura de petróleo no mar

No próximo dia 17 realiza-se, às 11 horas, no Palácio Foz uma sessão de cinema documental para apresentação do filme «A procura de petróleo no mar». A iniciativa pertence às administrações da Shell e da Shell Prospek Portuguesa as quais oferecem depois um bebereje e vários convidados.

Recepção nas fronteiras aos emigrantes

Como habitualmente procede nos períodos em que trabalhadores portugueses vêm passar férias ao País, o Secretariado Nacional da Emigração fez já deslocar para as fronteiras de Vilar Formoso, Irún Equitânia equipas de acolhimento constituídas por pessoal médico, inspectores, assistentes sociais e enfermeiras.

Além das referidas equipas, o Secretariado conta ainda com a colaboração da Direcção-Geral das Alfândegas, a

qual determinou as providências necessárias a que a passagem nas fronteiras se efectue com as possíveis facilidades.

Esta vasta operação de acolhimento aos emigrantes, que decorre até ao dia 13, alcançará tanto maior êxito quanto mais colaboradores se mostrarem os próprios interessados, aos quais tem sido dado amplo esclarecimento dos objectos que beneficiam da isenção de direitos alfandegários.

BARCOS RUSSOS, JAPONESES E ESPANHÓIS PESCAM NA COSTA ANGOLANA

LUANDA (L.) — Cerca de meia centena de barcos de pesca espanhóis operam actualmente na costa angolana, segundo informa a revista «Pesca e Navegação», do Instituto dos Industriais de Pesca.

A frota espanhola é oriunda dos portos de Cadiz, Galiza,

e Huelva e dedica-se sobretudo à captura de marisco, actuando muito próximo das águas territoriais portuguesas.

Por outro lado, é importante a presença de barcos pesqueiros da União Soviética e do Japão nas proximidades da costa de Angola.

O capitão Vilalobos chefe de gabinete do secretário do Estado da Informação e Turismo

O capitão Vilalobos, que se tornou especialmente conhecido através de palestras que tem feito na televisão, foi nomeado chefe de gabinete do secretário de Estado da Infor-

mação e Turismo em substituição do dr. Gil Costa que partiu para Luanda, para assumir o cargo de presidente do conselho de Administração da Radiotelevisão de Angola.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

OURO-JÓIAS
PRATAS-RELÓGIOS

RUA DA PRATA, 257 — Telefone 32 14 31
LISBOA - 2



SLOT MACHINES · SALA DE JOGOS
ACESSO LIVRE A
MAIORES DE 21 ANOS

TODOS OS DIAS
DAS 15 AS 3 HORAS

MARTINE
CLEMENTEAU

REPRESENTANTE DA FRANÇA NO EUROFESTIVAL 1973
JOE WALDYS
ET LIBERD

ILUSÃO E MAGIA

LIDIA RIBEIRO com RAUL SILVA
e NOBRE COSTA

LES BALLETS
DE
JEAN GUELLIS

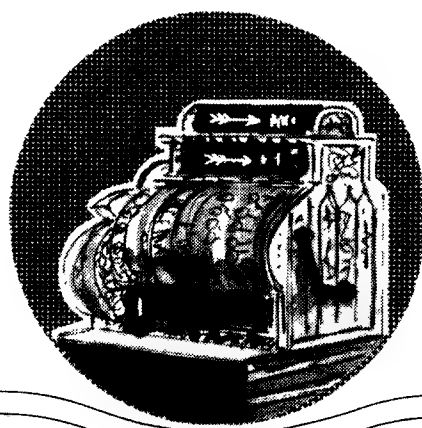
FERRER TRINDADE e sua orchestra
M.S. AFFAIR ORPHEUS QUARTET

BAMBI BROWN
SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23.30 H
Grupo C
Maiores de 14 anos
NO WONDER BAR A 10 H Maiores de 21 anos

PROTEJA O SEU NEGÓCIO DE ALTO A BAIXO SEGURO DE LOJA

Novo seguro da Comércio-Indústria estudado especialmente para comerciantes. Bastante económico em função dos riscos que cobre:



incêndio, assalto, quebra de vidros,
inundações, tremores de terra, lucros
cessantes, responsabilidade civil e
outros riscos.
Garantia dos valores de substituição.

CONSULTE A

COMÉRCIO · INDÚSTRIA



segura, realmente!



Esta foi a casa do dr. Joaquim Manso, doada para Museu Etnográfico e Etnológico

INAUGURAÇÃO PARA BREVE DO MUSEU DR. JOAQUIM MANSO

**Assinada na Nazaré
a escritura de doação
da casa que foi
de Joaquim Manso**

NAZARÉ, 12. — Foi hoje assinada a escritura de doação da casa que foi de Joaquim Manso, fundador do «Diário de Lisboa», e de que era actualmente proprietário o importante construtor civil Amadeu Gaudêncio.

A cerimónia de hoje, primeiro passo para a transformação em Museu Etnográfico e Arqueológico da casa que foi de Joaquim Manso, foi presidida pelo governador da Nazaré, dr. Eurico de Castro e Silva, e pelo dr. Amadeu Gaudêncio, construtor civil.

A ideia da criação de um Museu Etnográfico e Arqueológico na Nazaré surgiu pela primeira vez em 1955 nas colunas do «Diário de Lisboa» através de um artigo do pintor Abílio de Matos e Silva.

O apoio a esta sugestão (telegramas e cartas) foi enorme. Nesse mesmo ano, criava-se naquela vila a Liga dos Amigos da Nazaré. No seu plano de acção, figurava precisamente a instalação de um Museu Etnográfico e Arqueológico. Que se passou depois?

O dr. Eduíno Borges Garcia, numa confe-

rência que proferiu no Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, no Museu Nacional de Belém, em 1970, e subordinada ao tema **Antecedentes do Museu Etnográfico e Arqueológico dr. Joaquim Manso**, conta em determinada altura: **O sonho cresce e surge um plano grandioso para a construção de um edifício do tamanho desse sonho. Matos e Silva abandona a Nazaré, mas o sonho permanece em Eurico de Castro e Silva e, até à sua morte, em Dezembro de 1969, não deixa de insuflar entusiasmo ao seu**

corpo doente. Todas as desilusões causadas pelo desinteresse dos outros, não chegam para abatê-lo.

Finalmente em 1966, prossegue o orador, o grande obstáculo é vencido: Amadeu Gaudêncio promete oferecer uma casa para instalar o museu.

**O NOME DO AMIGO:
JOAQUIM MANSO**

O dr. Joaquim Manso, fundador e director do «Diário de Lisboa», esteve muito ligado à Nazaré e pertilhou sempre a criação de um museu na-

queia vila.

Sob a orientação de Amadeu Gaudêncio, construtor civil, edifica uma casa no Sítio. Sempre que tinha algum tempo disponível, o dr. Joaquim Manso deslocava-se à Nazaré para descansar. Mas o tempo começou a escassear e o dr. Joaquim Manso pensou em desfazer-se da casa. Numa entrevista concedida ao nosso jornal, em 13 de Fevereiro de 1968, Amadeu Gaudêncio conta como comprou a casa:

Foi na varanda da ca-

MUSEU DR. JOAQUIM MANSO

Continuação da primeira página

Assinada na Nazaré a escritura de doação da casa que foi de Joaquim Manso

NAZARÉ, 12 — Foi hoje assinada a escritura de doação da casa que foi de Joaquim Manso, fundador do «Diário de Lisboa», e de que esta actualmente preside o Dr. Amadeu Gaudêncio.

A escritura de doação foi assinada por Amadeu Gaudêncio, presidente do Grupo dos Amigos do Museu, e por Joaquim Manso, fundador do «Diário de Lisboa», e de que esta actualmente preside o Dr. Amadeu Gaudêncio.

sa, num cair de tarde doente, que o dr. Joaquim Manso atirou a primeira arremetida:

Você é que me devia ficar com a casa.

O amigo olhou-o de soslaio e nem respondeu. Outras vezes se falou nisso e Amadeu Gaudêncio procurou dissuadi-lo. Um dia, porém, Joaquim Manso foi mais imperativo:

Você tem de ficar com a casa. Dá-me por ela cem contos.

Está bem. Eu fico-lhe com a casa por 125 contos.

A transacção fez-se. A anos de distância, Amadeu Gaudêncio declarou:

A casa foi sempre do dr. Joaquim Manso. Nunca foi minha. No Sítio foi sempre, para todos, a casa do dr. Joaquim Manso. A minha é aquela que está além. Como casa do dr. Joaquim Manso continuará. Foi só para isso que eu a comprei. Ninguém da minha família a utilizou.

Desde que deixou de ser proprietário, o dr. Joaquim Manso voltou ainda mais uma vez à casa que fora sua. Amadeu Gaudêncio e os Amigos da Nazaré promoveram-lhe uma homenagem no dia 25 de Março de 1956. Joaquim Manso viria a falecer em 11 de Setembro do mesmo ano.

CONCRETIZAÇÃO

Se em 1966, Amadeu Gaudêncio tinha prometido a casa para o Museu, em 1968 esse seu gesto torna-se realidade. A casa oferecida foi precisamente a de Joaquim Manso, doada, então, ao Ministério da Educação Nacional.

A 12 de Novembro do mesmo ano, com o Decreto-Lei n.º 547/70, foi criado oficialmente o Museu Etnográfico e Arqueológico dr. Joaquim Manso.

Passados 13 anos sobre o artigo de Abílio Matos e Silva, no «Diário de Lisboa», estava fundado o Museu. Era a concretização de uma antiga aspiração da Nazaré e a homenagem a um amigo.

O APOIO AO MUSEU

Paralelamente às dili-

gências para a cedência da casa para a instalação do Museu, nasce a ideia da formação do Grupo dos Amigos do Museu, cujos Estatutos foram aprovados, mais tarde, por despacho ministerial de 10 de Outubro de 1968.

O dr. Eduíno Borges Garcia foi o primeiro director, mas por motivo de doença pediu a demissão algum tempo depois. Actualmente, ocupa o cargo de conservador-adjunto do Museu Etnográfico e Arqueológico dr. Joaquim Manso.

A vida do Grupo dos Amigos do Museu não tem sido muito activa. A falta de tempo e a dispersão dos elementos da Direcção foram os motivos. Porém, dentro de dias tomará posse a nova Direcção, a qual tem à frente o brigadeiro Augusto Remígio. Em conversa com o actual secretário da direcção, dr. Palmério Carepa Isaac, foi-nos manifestada a esperança de serem agora alcançados os objectivos da instituição: Promover conferências e exposições; adquirir pelos seus próprios recursos ou com a cooperação de outras entidades, objectos e documentos que se considerem úteis para a valorização do Museu; incentivar estudos sobre Lendas, História, Arqueologia e Etnografia local, assim como uma publicação destinada à divulgação das colecções do Museu.

Espera-se que a citada dispersão dos elementos da Direcção não constitua de futuro um entrave à vida desta instituição,



DR. Carepa Isaac: Esperemos que os objectivos do Grupo sejam alcançados em breve

até porque o artigo 7 dos Estatutos do Grupo declara que A Direcção pode funcionar com três membros. Na ausência do Presidente e do vice-presidente, presidirá o vogal mais idoso.

Para quando a abertura do Museu? — pergunta-se. Segundo nos disse o dr. Borges Garcia, conservador-adjunto do Museu dr. Joaquim Manso, o dr. Saavedra Machado, actual conservador e director, está a desenvolver todos os esforços no sentido de acelerar os trabalhos de restauro e adaptação. Entretanto, continua-se a juntar peças destinadas ao Museu. A uma das salas foi

atribuído o nome de «Joaquim Manso». Nessa sala vão figurar objectos pessoais do fundador do «Diário de Lisboa». Espera-se que exista uma só sala para arqueologia local; algumas para etnografia e duas salas de pintura e ainda uma biblioteca.

Quanto ao jardim, que circunda a casa, deverá ser utilizado como repositório de velhos barcos nazarenos, evitando o desaparecimento das antigas embarcações dos pescadores da Nazaré. Tudo está a processar-se para a abertura do Museu dr. Joaquim Manso num futuro breve. A Nazaré precisa dele.



Outro aspecto da casa do dr. Joaquim Manso

Suplemento de Aniversário

SUMÁRIO

	Pág.
INAUGURAÇÃO PARA BREVE DO MUSEU DR. JOAQUIM MANSO	1
AEROPORTO, conto de Maria Judite de Carvalho.....	3
BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS. SOBREVIVÊNCIA DIFÍCIL, por Josué da Silva ..	4
NA BAIXA DE LISBOA, AS RUAS SEM TRÂNSITO AFECTAM O COMÉRCIO? ..	5
BERKELEY — 74, por A. Villaverde Cabral.....	6
ANDRÉ MALRAUX E «O JOGO TRÁGICO DE FANTOCHES»	7
AS «ALDEIAS» DE LISBOA, por Armando Pereira da Silva	9
NEM O COMBOIO LHE VALEU, de Fernando Dacosta	10
O ASCENSOR, texto de Urbano Tavares Rodrigues	12
PERSPECTIVAS — A VIRAGEM HISTÓRICA, por Nuno Vieira	13
O CAFÉ, por Calvet de Magalhães	15
EMIGRANTES, ESSES DESEJADOS, por Manuel Geraldo	16
EU NÃO POSSO COMPRAR O MEU IRMÃO, reportagem de Pedro Alvim	17
O HUMOR (SEGUNDO MIRANDA) NÃO É PARA FAZER RIR, entrevista de José Gomes Bandeira	19
OS PASSAGEIROS CLANDESTINOS DA CIDADE, por Lourdes Féria	24
TEMPO DE VERTIGEM, TEMPO DE CALMANTES, por Torquato da Luz	24

AEROPORTO

Ela corria como louca naquele imenso chão brilhante onde outros corriam também, em todos os sentidos, a caminho de todas as portas encantadas que abriam os seus braços de vidro às criaturas, a caminho de todos os corredores. As pessoas levavam malas, grossos casacos no braço, óculos escuros, empurravam velozes carrinhos metálicos. Um homem escorregou, caiu, ninguém teve tempo para o ajudar a levantar-se. Porque todos obedeciam à voz divina, enorme, aterrorizadora, ininteligível também, como todas as vozes divinas, que devem ser religiosamente escutadas, ainda que não entendidas pelos mortais, interpretadas depois, mais tarde, ao longo dos séculos, porque aquilo que dizem é sempre sujeito a interpretações várias. Sabia-se, porém, ela sabia, e os outros, que correr era necessário e que a voz divina os incitava a fazê-lo. Por isso também não se deteve quando o homem deslizou em todo aquele brilho, caiu, para ali ficou entornado, um homem tão alto e forte, que podia, de resto, fazer por ele?

A minúscula máquina de tempo, no seu pulso, parara numa altura qualquer, não sabia, era costume coisas assim acontecerem-lhe. Como todas as máquinas. As lâmpadas fundiam-se, as resistências estalavam, partiam-se. Mas o que fazia aos relógios?, perguntavam-lhe. Nada. Enfim, sabia lá. Era como se a recusassem, se o contacto com ela lhes desagradasse e pusessem os joelhos à boca, teimosos de silêncio. Por isso andava tantas vezes atrasada, e agora, também, e então corria, arfava, doíam-lhe as pernas, tinha medo de escorregar como o homem a quem ninguém, ela por exemplo, ligara importância. Todos iam partir, depois chegar a um lado qualquer onde eram (ou não) esperados. A pressa, porém, era a mesma.

O chão estreitou, levava-a só a ela, havia um corrimão que seria possível tocar se alguma das suas mãos estivesse livre, o que não era o caso. Sentia as pernas a tremer. O seu elemento era a Terra e, mais ainda, a terra firme, a terra

quieta e protectora sob os seus pés. O tapete rolante inquietava-a, era um prenúncio de asas, uma ameaça daquilo de perder a responsabilidade de si própria, de ter de se entregar por inteiro, corpo e bens (recusando-se ao mesmo tempo), a alguém que não conhecia, que não podia ver, e também a uma máquina capaz, de um momento para o outro, de a recusar como as outras máquinas do seu dia-a-dia.

O tapete acabou e ela achou-se de novo a correr — como lhe era possível — por aquele solo sumptuoso de mármore rosa, que reflectia as luzes quase solares e também as grossas sombras das colunas do templo. Havia letreiros que a guiavam, e ela seguia-os sem parar, sem hesitar, e tinha o coração grande, cada vez mais inquieto, era como se o visse, embora em movimento, naquela gravura a cores, no liceu, azul do lado esquerdo, vermelho do direito. «Meninas, vamos à circulação! Se-o-ma-ra!». Ela levantava-se devagar, com esforço, melhor, com relutância, dizia baixinho que a pequena circulação em que o sangue venoso... que a grande circulação em que o sangue arterial...

Lá longe, no alto, a voz divina trazia de novo a verdade aos mortais, indicava-lhes o percurso, sugeria-lhes a velocidade, marcava-lhes o objectivo a atingir. Agora, porém, entre as divinas palavras, algo de conhecido, mas inesperado, chegou aos seus ouvidos, e era Bo-go-tá. Ela então parou, perdida, indecisa, porque não tinha nada a ver com Bogotá, e a dúvida instalou-se de chofre no seu espírito crente. Seria afinal outro o seu caminho?

Era aquele, o seu tempo é que estava errado, tinha parado com o relógio. A jovem azul celeste e ouro das informações, oiro o cabelo, os botões e as asas, azul a roupa, azuis os olhos, disse que o avião, o dela, já tinha partido havia um quarto de hora. Assim, sem comentários. Mas depois outras duas jovens iguais aquela, três gotas de água, surgiram e as três segredaram coisas, disseram meu Deus, tinham olha-



res dramáticos. E ela ouviu — viu? — por entre a amálgama das palavras, a palavra «acidente». Logo depois, seis olhos de água (ou de céu) fitaram-na como quem dá, silenciosamente parabéns. Como quem se espanta com a sorte de certas criaturas.

De súbito tem os pés assentes na terra. Como lhe convém. Porque possui, segundo o seu signo, sangue frio, reage com inteligência, e a sua atitude é definida pela lógica e pela razão. Leu-o ali e além, sempre. Finadas as vozes, e a urgência de correr. Deixou-se cair no primeiro banco que encontrou, um simples banco. Incapaz de raciocinar. Incapaz de o fazer. Porque era como se tivesse, lá em cima, sobre as nuvens, explodido, e os pedaços de si andassem aqui e além a esvoaçar.

Quanto à alma, se alma havia, ainda não tinha, pelos vistos, encontrado abrigo, e ela, por mais que fizesse, não a encontrava. Era um corpo mole, uma casca, para ali.

Um homem alto e gordo, coxeando, sentou-se na outra ponta do banco, olhou para ela.

«Também não chegou a tempo?» perguntou numa voz incerta, de altos e baixos.

Ela disse: «Também não».

O homem não sabia. E estava irado. O «chauffeur» do táxi tinha tido a culpa, dera uma volta enorme. O trânsito tinha tido a culpa. Depois escoregara, caíra, ninguém o tinha ajudado, uma corja. «Ninguém pensa em ajudar ninguém, estão-se nas tintas. E o transtorno que me faz, tinha um encontro de negócios logo à chegada. O meu neto faz

anos. Enfim» — suspirou — «parte outro avião daqui por duas horas».

Ela não lhe disse o que sabia, até porque, de repente, não tinha forças para dizer coisa nenhuma. Correrá tanto... Correrá? Estava perplexa. Disse ao homem: «É uma maçada, eu também... mas estava a pensar noutra coisa. Não, não correrá, não podia correr. Andara, isso sim, demasiado depressa para o seu pobre coração doente. Que tinha que ter muito cuidado, diziam-lhe há anos, dissera-lhe ontem aquele médico a quem viera consultar porque amava a vida, era feliz, e desejava prolongar o mais possível a sua estadia no mundo. Que tinha que ter muito cuidado, que tinha, enfim, que viver o mais ao de leve possível. «Nem cá nem lá, doutor?» O médico

sorria: «Compreendeu perfeitamente. Isso. Nem cá nem lá».

O homem gordo levantara-se, andava como um leão na jaula. Não sabia, ainda não, que era um sobrevivente. Logo, quando soubesse, ia sentir-se feliz, ia dizer aos do encontro de negócios, ia dizer ao neto...

Sentada no seu último lugar deste mundo, ela, cada vez mais invertebrada e esquecida, pensou «Sa-mar-can-da». Mas não reflectiu sobre o caso, não havia tempo a perder em coisas tão desnecessárias e soltas, sem cor, sem significado até. Que queria dizer sa-mar-can-da? Disse — ou pensou — António, mas também não insistiu. Era um nome longe, longe, e ela sentia-se extraordinariamente cansada. O mais ao de leve possível. Nem cá nem lá, era isso.

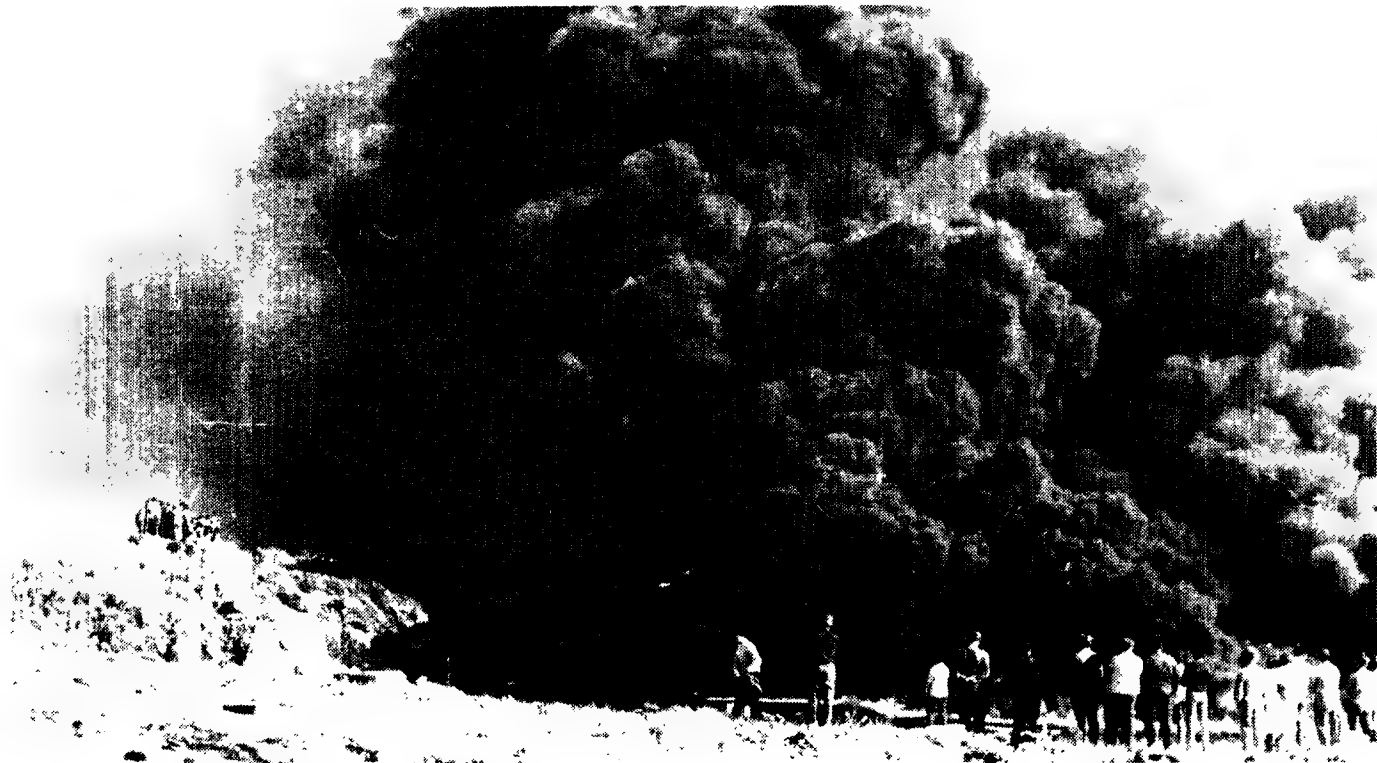
BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS: SOBREVIVÊNCIA DIFÍCIL

Existem em todo o País trezentas e tantas corporações de Bombeiros Voluntários (incluindo as dos arquipélagos da Madeira e dos Açores) que vivem em situação pouco menos que desesperada no que concerne a fundos, sem os quais não lhes será possível manterem a sua capacidade de manobra global no apoio às populações das zonas em que estão integradas e, pior, sem os quais a sua sobrevivência corre sério risco.

Naturalmente que há um subsídio oficial, mas, em boa verdade, ele é absorvido na sua quase totalidade pelas corpo-

rações de Sapadores do Norte e do Sul ao ser distribuída desta maneira: 40 por cento para os Sapadores de Lisboa, 20 por cento para os Sapadores do Porto, e 40 por cento para as trezentas e tantas agremiações de Voluntários.

Se tivermos em conta os gastos com a conservação do material, instalações, etc., facilmente se verificará como se tornou precária a existência das corporações de Bombeiros Voluntários, existência a todos os títulos mais do que preciosa, duma utilidade que não necessita de elegias. Pouco se conhece da actividade desses magníficos agrupamentos, cujos elementos, sem nada receberem em troca, a não ser a satisfação do dever cumprido, sacrificam horas de descanso, bastante da sua vida familiar e, não raras vezes, até a própria vida. Lá de longe em longe, decanta-se muito liricamente a «valentia dos admiráveis soldados da paz», sem que no entanto nos lembremos que os organismos por eles (voluntários) constituídos, não podem sobreviver só com palavras. Daí que não admire o cada vez mais difícil recrutamento de pessoal, visto que nada há



que estimule as pessoas a dedicarem-se a uma causa que parece, aos poucos e poucos, ir sendo esquecida por quem de direito.

UM TRABALHO INSANO

Para se avaliar o trabalho que pesa sobre os ombros dos componentes de cada uma dessas corporações, recorremos aos tópicos que nos foram fornecidos pelos Bombeiros Voluntários de Carcavelos e que nos dão exemplo bem frisante

do volume de tarefas a que estão sujeitos (ao contrário do que muita gente pensa) os membros de tais agrupamentos. Os números que vamos mostrar referem-se à actividade dos B.V. de Carcavelos no ano de 73. Ora repare-se.

Serviços de fogo: 108. Serviços de saúde (transporte de acidentados, doentes e parturientes): 590. Reboques: 122. Prevenções: ao cinema local e outros espectáculos: 399. Inundações: 1.

Pode ser que estes

números totais não digam grande coisa. Mas se lhes juntarmos os parcelares, já nos aperceberemos melhor da insana actividade dos Bombeiros Voluntários de qualquer região. Deste modo, para os fogos, e no que respeita a Carcavelos, tiveram de ser percorridos 1190 quilómetros, somaram-se 904 horas de serviço e houve que contar com o concurso de 164 unidades. Para os serviços de saúde, contabilizaram-se 27 570 quilómetros, com 1260 horas de serviço e o recurso de 1228 unidades. Para os reboques, os carros da corporação rolaram 3567 milhas, somando as horas 247 e o pessoal empregue foi de 247 unidades. Juntem-se-lhe mais 74 horas de serviço para diversos, incluindo (ainda acontece, infelizmente) três chamadas falsas para incêndio. Nas prevenções gastaram-se 1188 horas, através de 677 unidades empregues. Embora não parecendo, a verdade é que isto deu tanto como 11 horas de serviço diário por cada unidade. Se pensarmos que o Bombeiro Voluntário é um homem que tem de trabalhar para comer como qualquer outro, não lhe sendo permitido tirar proventos do seu trabalho como bombeiro (os prémios, quando os há, não passam duma gota

de água no oceano das suas necessidades) chegaremos sem dificuldade à conclusão de que, para além dos riscos que as intervenções deste tipo comportam, o volume de trabalho destes homens é tremendo. Pois apesar disso, são os grandes esquecidos das boas-vontades de quem deve ter em conta o que representa para o País o bombeiro voluntário ou, noutro sentido, o que representará de catastrófico se, como se adivinha, muitas das corporações do género deixarem de existir por falta de possibilidade de subsistência.

Ha, portanto, um apelo (o dos Bombeiros Voluntários) que devia ser ouvido.

JOSUÉ DA SILVA



Santa Catarina tomada pelo amor

O mostrengo que está no fim do mar, quem é que o há-de amar? Ninguém, respondeu o romeiro. Mas o mostrengo que está no Jardim de Santa Catarina, ama-o uma menina. Quem poluiu, quem riscou o meu jardim?, indignou-se o jardineiro, olhando aquele amor pespegado no banco, a branco. No entanto, como amei, não há-de amar ninguém, respondeu a menina, escondendo-se com medo da mãe. Mãe há só uma e às vezes bate. Teve um rebate o coração do guarda. E por mares nunca dantes navegados mandou tocar a finados por Santa Catarina, fulminada por uma menina, que ousou escrever amor num sítio onde só é lícito assentar o «sim senhor». (Foto de Rui Pacheco).



As ruas sem trânsito afectam o comércio?

A Baixa pombalina, de arruamentos rectilíneos, há muito que deixou de poder comportar a intensidade do tráfego moderno, preparada como estava para o trânsito de escassas carruagens, cavaleiros e peões — estes mais numerosos.

Podia-se, pois, passear nas ruas da Baixa antes do advento das carruagens motorizadas. As damas e os gentis-homens deambulavam pacatamente nos passeios, contemplavam as montras, entravam numa ou noutra loja.

Depois, Lisboa, a exemplo de outras metrópoles, foi invadida pelo automóvel e a ausência de amplos locais para estacionamento levou a que o trânsito passasse a processar-se num autêntico pandemónio, com os carros arrumados nos passeios e os peões relegados para as ruas onde disputam com os automóveis o direito de se poderem deslocar.

Durante a época das festas natalícias este ambiente atingia as raíças do paradoxismo pelo que as entidades municipais decidiram, no intuito primordial de beneficiar o comércio, encerrar algumas artérias ao trânsito rodoviário naquele período e todos os comerciantes concordaram com a medida.

Simplemente, a partir do último Natal, algumas ruas ficaram definitivamente encerradas o que motivou, na altura, grandes protestos por parte dos proprietários das lojas bem como dos empregados. O argumento era que sem trânsito automóvel as vendas iriam decrescer.

AS ARTÉRIAS ENCERRADAS

São sete as artérias paralelas que



Gente atrai gente, friso o gerente de uma sapataria, José Ratinho, que não acha muito correcta a medida aprovada pela Câmara de Lisboa

intersectam perpendicularmente as ruas que ligam o Rossio com a Praça do Comércio. Destas, apenas três estão abertas ao trânsito (Rua de S. Nicolau, Rua da Conceição e Rua do Comércio). As quatro restantes, vedadas com grades móveis, servem para os automóveis, dos empregados que trabalham naquela zona, estacionarem.

Terá aquela decisão camarária afectado o comércio local?

A primeira impressão seria que, a exemplo do que foi feito noutras cidades do estrangeiro, os comerciantes reagiriam mal no princípio para verificarem mais tarde que os benefícios eram compensadores, e os possíveis clientes preferiam as ruas onde as viaturas não circulavam.

Verificar-se-ia o mesmo em Lisboa, passados quase três meses de uma experiência peregrina?

Fomos ver. Na firma M. V. da

Fonseca Lda., na Rua da Vitória, cujo ramo de actividade são os artigos de «ménage» atendeu-nos a empregada Palmira Figueiredo Norberto que começou por dizer:

— Isto prejudicou todas as ruas. Mas o que é pior são os carros em cima dos passeios e junto às montras que não deixam os clientes ver a mercadoria — e indicava os casos flagrantes que se passavam junto à porta da loja. Agora desde que estejam bem estacionados não faz diferença nenhuma.

Quisemos saber se se registara uma quebra nas vendas?

— Uma quebra propriamente dita é certo que houve. Mas pouco posso acrescentar pois os artigos estão bastantes mais caros do que anteriormente e, portanto, o volume de receitas manteve-se. Agora o número de clientes é que diminuiu.

UM PASSO ATRÁS NAS VENDAS

Na rua seguinte, a da Assunção, fomos recebidos pelo gerente da sapataria Lisbonense, José Ratinho, que fez o ponto da actual situação.

Há quem diga que o encerramento das transversais ao trânsito está a prejudicar o comércio, mas em particular não posso dizer nada pois os meses de Janeiro Fevereiro e Março são os mais fracos de negócio. Na época de Natal, essa medida está absolutamente certa — e indispensável! Fora desses períodos acho que é forçar perfeitamente a nota já que se transforma num espaço completamente desaproveitado.

Refere a seguir que o que não estava certo anteriormente era o estacionamento dos automóveis em cima dos passeios e acrescenta:

Se a Câmara tinha interesse em acabar com o estacionamento ainda vá. Mas com o trânsito é que não se compreende muito bem pois tanto o automóvel como o táxi passa por aqui e deixa o cliente.

Aliás, como frisou, é precisamente às horas de menos comércio, cerca das dez horas da manhã, que se verifica já uma saturação de viaturas, devido em grande parte aos carros dos empregados na Baixa que ficam estacionados a esmo.

E o senhor José Ratinho continua:

A fraqueza sazonal do negócio, autêntico passo à retaguarda para depois se fazer o negócio da Páscoa, é uma constante de todos os anos. Por outro lado os preços aumentaram substancialmente, mas não há qualquer dúvida que a medida da Câmara sempre afecta um bocadinho. O cliente procura as suas comodidades e a circulação, neste caso, ajuda. Direi mesmo que o estacionamento não prejudica desde que não seja feito em cima dos passeios.

Gente atrai gente, segundo o nosso interlocutor. É uma questão psicológica a que o comércio precisa de atender. Referiu também o facto de a clientela estar a emigrar para os bairros da periferia da cidade onde encontra bons estabelecimentos sem estar sujeita às limitações do trânsito. (Muitas pessoas por exibicionismo gostam de utilizar o seu automóvel quando vão às compras).

A concluir, segundo o senhor José Ratinho, o ideal seria criar condições de estacionamento e de circulação: no caso de não poder existir o estacionamento, pelo menos a circulação; durante a época do Natal, em que se verifica um movimento anormal, então sim, interditar em algumas das ruas.

Antes de partirmos levou-nos à janela do seu gabinete e exclamou:

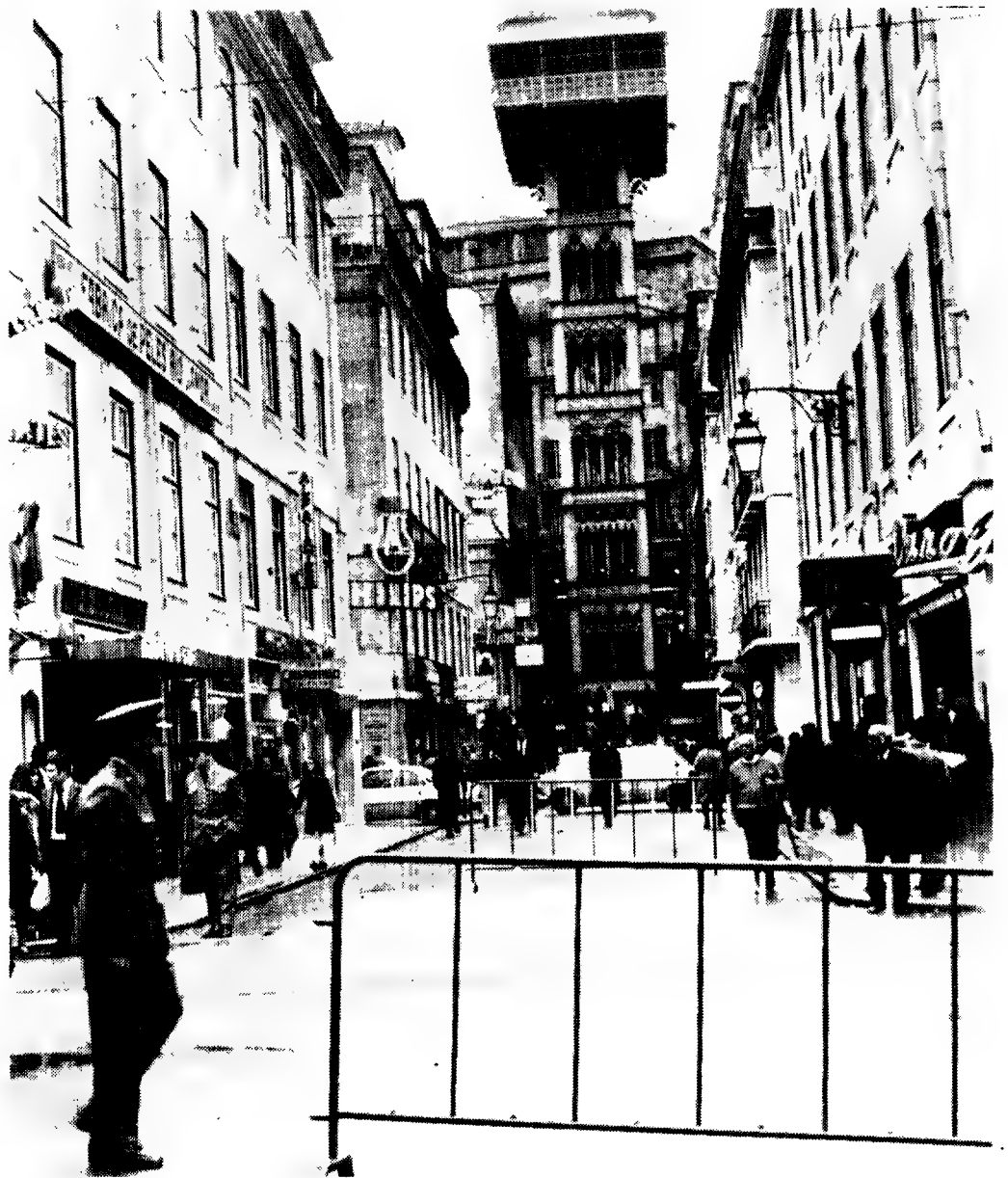
— Como se pode ver esta rua está praticamente deserta, a não ser a partir das cinco e tal quando as pessoas começam a sair dos respectivos empregos.

UMA RUA DIFERENTE

Mais adiante, a Rua de Santa Justa, dominada pelo elevador, apresentava um aspecto concorrido e, aí, as opiniões dos comerciantes já diferiam por completo.

Fernando Baião, sócio-gerente da firma Tecidos de Santa Justa, um dos que contactámos, sentenziou a sua opinião, enquanto através das montras se viam os possíveis clientes a contemplar as mercadorias expostas.

A rua sem trânsito não está mal. O que é preciso é os automóveis não estacionarem aqui. Agora, com as grades, as pessoas já circulam melhor e não temos notado qualquer quebra nas vendas, talvez por estarmos mais próximos do Rossio onde há mais movimento.



A Rua de Santa Justa apresenta um aspecto livre, desimpedido. As pessoas circulam à vontade. Já o mesmo não sucede nas outras transversais à Rua do Ouro, onde os espaços livres são aproveitados como parques de estacionamento. Para aquela utilidade mais valia que estivessem abertas ao trânsito

Divergem pois os pontos de vista. Para alguns a decisão prejudicou, para outros não está mal. Entretanto, talvez se tornasse ne-

cessário fazer um inquérito pormenorizado nas zonas afectadas e em função dos resultados obtidos decidir pelas resoluções que estivessem

de acordo com os anseios dos comerciantes, principais interessados.

T. R.

OBRECOL

OBRAS E CONSTRUÇÕES, LDA.

CONSTRUÇÃO CIVIL

CONSTRUÇÕES INDUSTRIAIS

ESTRUTURAS DE BETÃO-ARMADO

OBRAS PÚBLICAS

RUA JOAQUIM ANTÓNIO DE AGUIAR, 41 - 4.º D.

TELEFS. 58362 - 530922

LISBOA-1



Indiferentes aos fiéis de Krishna (ao centro e ao fundo), os estudantes passam na praça mais concorrida do «campus» de Berkeley.

BERKELEY 74

A. Villaverde
Cabral

Aqueles ali são os «freaks» (os monstros, os abortos) — assim falava um dirigente estudantil do «campus» de Berkeley da Universidade da Califórnia, apontando para um grupo de fiéis de Krishna que cantava. Longe vão os dias da grande agitação de 1968 quando, no entender de alguns, começou a grande vaga de movimentação que iria ficar célebre sobretudo pelo que se passou, em Maio, no parisiense Bairro Latino.

Para os estudiosos da coisa estudantil e para os saudosistas da coisa passada, Berkeley é mais do que o maior «campus» da Universidade estadual da Califórnia; é mais do que o conjunto de «colleges» mais célebre dos Estados Unidos, depois de Harvard e Yale; Berkeley é um símbolo.

Aos saudosistas faria um grande mal visitar o calmo, belo e bem policiado «campus» da amena cidade de Berkeley. Os estudiosos, porém, talvez fizessem bem em aprofundar na Universidade de hoje o que se passou há seis anos (ou foi há 60?).

Quando lá estive, no princípio de Março, a Primavera despontava já no Estado Dourado, alcinha por que é conhecida a Califórnia, não sei bem se por ali ter tido lugar uma corrida ao ouro, se pelo clima agradável, mediterrânico, se pelo facto de ser hoje o Estado mais rico da riquíssima União americana. Belo dia de sol. Um calorzinho agradável a contrastar com os nevoões de Nova Iorque e o vento gélido de Chicago.

Para os estudantes mais

conscientes — se assim se pode falar — as experiências colhidas nos finais da década de 60 não foram completamente em vão. Para muitos, fica-se com a impressão de que nunca ouviram falar de tal. Para a grande maioria, esses anos não são mais do que um sonho mais ou menos pré-histórico.

Aqueles que meditam sobre a condição do estudante, que concorrem às eleições nas organizações estudantis (as quais têm uma concorrência muito, muitíssimo, diminuta: cerca de 300 elegem os representantes de cerca de 30 mil), esses pensam que a agitação dos finais da década passada lhes deu maior influência:

«Temos mais influência. Ganhámo-la nos finais dos anos 60. Falamos com os congressistas, com os homens que representam a área em Washington. E eles ouvem-nos».

O jovem que assim falava viu as suas palavras apoiadas pelo presidente da Associação de Estudantes que foi mesmo mais longe:

«As pessoas sentiram-se frustradas com os resultados da agitação».

A ideia geral, segundo se pode saber numa visita bem rápida, parece ser a de que o melhor é não dar nas vistas nem se preocupar muito com o que se vai passando. Assim se chegará ao fim do curso sem grandes problemas.

Conversa puxa conversa e os estudantes com quem falei lá foram dando a sua opinião sobre o que se tinha passado. Em princípio «pensávamos que éramos o centro da sociedade», «que podíamos modificar a sociedade a partir do «campus». Mas, ao que parece, ou Marcuse não está certo ou, pelo menos não deve ser interpretado à letra. Depois da derrota, palavra dura mas que descreve a sensação sentida por muitos, descobriu-se que afinal os estudantes não eram o centro do mundo. Chegou-se mesmo à conclusão, talvez clara para muitos que estavam de fora, de que «a generalidade das pessoas, ou não tinha qualquer ideia ou opinião a respeito do movimento dos estudantes, ou considerava esses estudantes como uns privilegiados que se davam ao luxo de não estudar, enquanto a tal generalidade das pessoas continuava a pagar os seus impostos».

Nos E.U.A., país onde o «tax payer» é muito considerado como instituição: num país onde a iniciativa privada é deificada; num país onde mal se entende o que será um sistema de assistência médica governado pelo Estado; num país destes, a acusação que se fazia aos estudantes era grave. Na verdade eles eram privilegiados. No sentido em que, de facto, o dinheiro dos contribuintes era o sustentáculo fundamental do ponto de vista financeiro do ensino que recebiam. Tão privilegiados, é certo, quanto o Exército, por exemplo, contra o qual nunca se levantaram acusações tão drásticas.

Eleito o governador Regan, (Cont. inua na pág. XV III)

PRATAS ANTIGAS
OURO E JÓIAS

LARGO MANUEL EMÍDIO DA SILVA, 9-C
LISBOA 4 — PORTUGAL
Telefone 78 30 92

MAISON LOUVRE

VESTUÁRIO PARA BEBÉ
E CRIANÇA

CONFEÇÃO PRÓPRIA

ROSSIO, 106

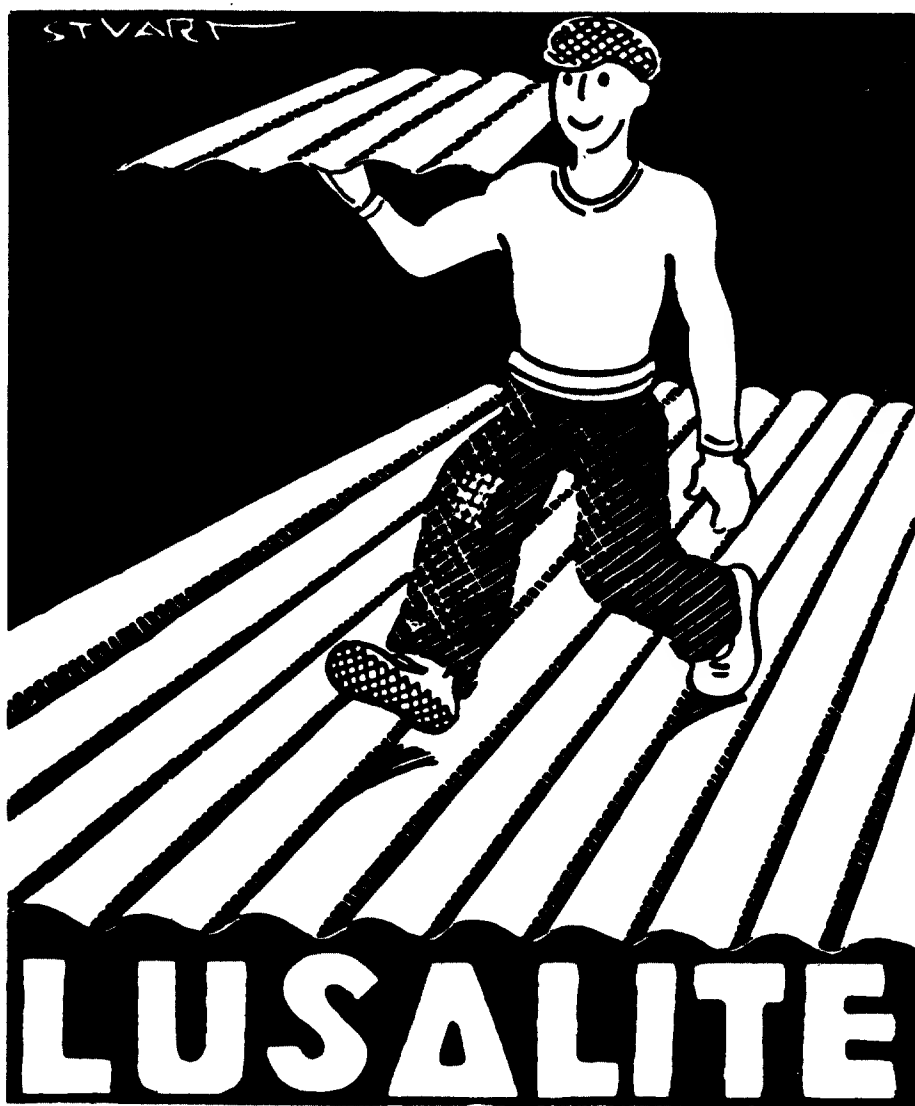


W. A. SARMENTO, LDA.

JÓIALEIROS
1870-1870

RUA ÁUREA, 251
LISBOA

T. 32 67 74



LUSALITE—Sociedade Portuguesa de Fibro-Cimento, S. A. R. L.

SEDE E FÁBRICA: CRUZ QUEBRADA

Escritórios: Rua de S. Nicolau, 123 — LISBOA-2 — Telef. 322091/5

QUINTÃO

FORNECEDOR DO ESTADO, ORGANISMOS CORPORATIVOS, HOTEIS, TEATROS, CINEMAS E DAS MELHORES RESIDÊNCIAS PARTICULARES

APRESENTA A MAIOR COLEÇÃO DE TAPETES
CARPETES E ALCATIFAS

QUINTÃO

É UMA CASA ESPECIALIZADA

RUA IVENS, 30 • LISBOA • TELEFONE 3 58 37



ANDRÉ MALRAUX

e "o jogo trágico de fantoches"

Redactor-chefe durante uma hora ... do «Jornal Inesperado» da R.T.L., André Malraux demonstrou, no sábado 9 de Março, que continuava a ser um espectador atento, lúcido, às reacções mordentes da sua época:

Não houve Europa, nem a há; não há política americana; não há solução à vista para o conflito do Próximo Oriente; Soljenitsyne é uma figura admirável, porém, o Governo soviético agiu de uma forma magistral, etc.

Eis, seguidamente, extractos deste jornal que foi apresentado por Julien Besançon.

Faz-lhe falta a política, o Poder?

... E o que menos falta me faz neste mundo. Não sei o que é o poder. Já lhe disse ontem que as pessoas falam sempre do Poder porque a França é um país em que se anda fascinado pelo Poder porque se é fascinado pelo abuso do Poder. O que encanta as pessoas é o belo prazer. Sonharam com o infinito de Luís XIV, porquê? Porque ele se deitava com a florista. Isto, é cinema, e o cinema deslumbra-as. Porquê? Porque passam o seu tempo nisto, a sonhar. Querem brincar ao Gato das Botas.

Somente acontece, infelizmente, uma coisa: quando se tem um verdadeiro poder, não se pode exercê-lo senão com seriedade e, então, isso não é nada agradável, é grave. E se se quiser exercer outro, é porque se tem um ideal. A ideia de que se governa verdadeiramente para mandar fazer carreiras a maravilhas na Comédie Française é uma ideia pelo menos cômica. Não se vê o general de Gaulle a conseguir êxito à custa de Brigitte Bardot...

Aliás, não tenho tido relações com o Poder. Tive relações com o facto de poder servir um homem pelo qual tinha uma admiração que todos conhecem. E ele foi, por uma série de circunstâncias, qualquer coisa de absolutamente imprevisível e inesperado no destino do meu país. Tentei servi-los, a ele e ao meu país, tão bem quanto pude. Acredito não o ter feito demasiado mal, e eis tudo. E um episódio da minha vida, que já teve outros.

Em todo o caso, jamais pensaria na palavra poder. Mudar a cor de Paris não dá a sensação de um poder. Fazer casas de cultura ... se tivesse visto Grenoble, um caso sério ... não dá a sensação de um poder. Penso que houve na minha família alguns marinheiros e acredito ter tido, ao fazer as casas de cultura, o prazer que eles tiveram ao colocar os seus barcos dentro de garrafas. Olharam-nos durante muito tempo, amavam-nos muito.

AS RELAÇÕES DOS ESTADOS UNIDOS COM A EUROPA

A Europa, em primeiro lugar, é coisa que não existe, nem nunca existiu. E o último dos grandes mitos. E uma mancha cor-de-rosa no mapa e, depois, decide-se que há uma Europa porque houve cristianidade; a

cristianidade era uma coisa séria. A Europa é um sonho, e é um sonho tanto para os europeus como para os outros.

Porque temos assistido a esta situação extremamente cômica que a revista que defendia a ideologia europeia era, sabe tão bem como eu, financiada pelos americanos. Os americanos imaginam que se poderia fazer uma Europa pelos métodos que permitiram a criação dos Estados Unidos! Primeiramente, os Estados Unidos eram um pequeno país, eram uma Austrália. Em segundo lugar, tinha, o que é bastante sério, um adversário comum. Fez-se os Estados Unidos contra a armada britânica. Se amanhã houvesse um adversário comum, que se chamasse Rússia, o que não parece muito provável, ou que se chamasse um país da Ásia, então, haveria talvez uma possibilidade europeia. Porém, a ideia de que se vai tornar a fazer uma Suíça, é uma ideia com a qual as pessoas brincam, como sempre fizeram com os sonhos do Gato das Botas.

Portanto, a primeira coisa a fazer, seria saber por que técnica actual e adaptada às condições reais se pode estabelecer alguma coisa sem precedente, que não pode ser uma imitação da Suíça ou dos Estados Unidos, que se chama Europa, com a vontade de fazer a Europa Ocidental. O problema é total. E sublinho que falo de técnica, que não pode ser questão de fascismo, porque o fascismo não era uma técnica, era uma política. Compreendamo-nos bem, eu procuro métodos e não ideologias políticas. Sobre os que têm o espírito europeu contra a América, bem se sabe o que aconteceu, e é perfeitamente desilusório. Quanto à situação actual, existem naturalmente conflitos de interesses, porém, quando Kissinger emprega a palavra *leadership*, o que quer dizer isto?

«Uma direcção», para não falar «franglês», uma direcção económica, quer dizer, a direcção reconhecida pelos associados. Neste momento, não se trata exactamente de associados. Trata-se de saber se o dinheiro continuará a ser ganho pelas companhias americanas ou não. Como se quer que haja um *leadership* de pessoas que estão em vias de se dizer: «E a mim que cabem as notas de banco, não a ti». E uma verdadeira brincadeira. E eu acabo com o *leadership* ... o *leadership* foi sério quando

em função de uma acção determinada. (...)

Passa-se algo de extremamente curioso com os Estados Unidos: é o primeiro país da história que se terá tornado o mais poderoso do mundo sem o ter procurado ser. Porque é perfeitamente verdade que nunca houve vontade de conquista política dos Estados Unidos. Houve episódios, porém, isto não conta. Não terão entrado nas grandes guerras

voluntariamente, delas tiraram poucos meios políticos, não procuram tirar vantagens dessas guerras.

O Tratado de Versalhes e o Tratado de Trianon, valem o que valem, mas não é verdade que os Estados Unidos tenham tirado a maior fatia. Então, em resumo, foram senhores do mundo por terem querido vender o melhor possível o que produziam.

E um facto completamente novo, que nunca tinha acontecido. E a consequência, é que eles nunca tiveram verdadeiros desígnios históricos. Eu diria, naturalmente com um pouco de humor, que não há política americana: há cinco ou seis políticas americanas, porque há na América grandes potências; e estas potências, geralmente económicas, e não só, têm determinados desígnios.

OS REIS DO PETRÓLEO

— Mesmo que os reis do petróleo voltassem à sua política, já não poderiam alumiar os lampeões do ano 2000.

A esta intervenção de Henri Marquet, André Malraux responde:

Eles já falaram em alumiar algumas velas. Porque, finalmente, se o que eles consi-

Continua na página seguinte

coração jovem... mesmo depois dos 40?

Você pode ter passado dos 40 anos, levar uma vida agitada e possuir um coração jovem. Para tal, é indispensável cuidar da alimentação, ter uma dieta adequada. Saudável. Rica em gorduras poli-insaturadas. Estas, ao contrário das saturadas, ajudam a reduzir o nível de colesterol sanguíneo, cuja elevação está intimamente ligada ao desenvolvimento da aterosclerose, o que pode significar risco para o coração e artérias.

BECEL... PORQUÊ?

- BECEL possui o mais alto teor de ácidos gordos poli-insaturados (50 a 55 %) das margarinas existentes no mercado. A proporção daqueles ácidos em relação aos saturados é superior a 2:1;
- BECEL, inteiramente vegetal, é constituída em cerca de 85 % da sua fase gorda, por óleos de girassol e/ou cártamo;
- BECEL é vitaminada, de fino sabor, rigorosamente pura e isenta de sal.

A próxima vez que visitar o seu médico... peça-lhe a sua opinião sobre Becel! Becel ajuda a conservar a juventude do seu coração. Use Becel no pão e nos cozinhados!

becel
MARGARINA ESPECIAL



Becel é vendida na Holanda, Bélgica, Alemanha, Dinamarca e Brasil.

o bater saudável do seu coração

LINTAS 73-BL-05

ANDRÉ MALRAUX

Continuação da pagina anterior

deraram, se o regresso aos 7 dólares tivesse lugar, qual seria o resumo de todo este caso? As grandes companhias possuíam imensas reservas. Decidiu-se que o petróleo custaria muito mais caro. Este petróleo, comprado a muito bom preço, foi vendido aos consumidores, pelas companhias, a preço muito elevado. Se as companhias o voltassem a comprar a 7 dólares quem é que teria sofrido? O consumidor. Quanto ao problema nuclear, este não se levantará. (...) Eu queria, muito simplesmente, para os nossos auditores, pôr o dedo no «quem se engana?». Quando falei de fantoches, o pobre automobilista, esse, certamente quando paga a sua gasolina mais cara apercebe-se disso. Mas nós fizemos, também, um certo número de balanços, como se chama a isso, de previsões sobre a sociedade de petróleo, e eu tenho a sensação de que, verdadeiramente, no que diz respeito a encontrar indícios, será melhor ir procurá-los algures.

Quanto ao problema em si mesmo, a rendição à energia nuclear é inevitável. Por que esperámos tanto tempo? Porque, como se sabe, poderíamos estar em dia e, em certos domínios, estamos atrasados em relação à Índia. (...) Falamos de uma política nuclear do Ocidente, digo, e bem, Ocidente e não Europa, pois, compreendo neste grupo os Estados Unidos. Quem controlava seriamente as investigações e os trabalhos para o estabelecimento das centrais? As grandes companhias de petróleo. Ora, ela não tinha um

interesse capital em ver a chegada da nuclear. Aconteceu que, como facto absolutamente imprevisível para elas, de repente, os árabes começaram a protestar: «Mas nós queremos muito mais dinheiro!»: então, foram apanhadas de improviso, pois, a boa política teria sido ter já as suas centrais para responder aos árabes: «Pois, bem, guardem o vosso petróleo!». Porém, neste caso, não teriam conseguido levar a cabo a brilhante operação que acabam de realizar. Por consequência, tinham, sem dúvida, corridos riscos calculados. Então, o que os nossos auditores deviam compreender, é isto: no dia em que tivermos as centrais nucleares instaladas, o petróleo começará a baixar de preço. Por que é o petróleo tão poderoso? Porque se deu conta que, de princípio, a energia nuclear custaria mais cara do que o petróleo. Então, ao fim e ao cabo, mais valia utilizar o petróleo. Existe o mesmo problema com o carvão: abandonou-se o carvão porque o petróleo custava menos caro. Se o petróleo ficasse fora de preço, pois, bem, tínhamos de ter outras fontes de energia, digamos, para simplificar, diversas. Agora, cá estamos, a operação foi feita uma vez, os outros compreenderam: haverá do lado ocidental reflexos de defesa. E, se se quiser recomendar, como se anuncia, estamos tranquilos, pois, nada se passará.

Isto é suficiente, com uma complexidade suplementar. Acredito que, para bem compreender, deveríamos começar por Israel.

(...) Os europeus tomaram muito a peito a questão de Israel através das simpatias ou das antipatias. Isto parece-me um bom meio para não compreender nada de nada.

Qual é a realidade do problema do Estado de Israel? Primeiramente, havia o Império Otomano. Antes do mais, não esqueçamos que no tempo de Napoleão o Império Otomano era uma das maiores potências do mundo (...) Tendo o Império Otomano entrado na guerra ao lado dos poderes centrais, é batido e, nos tratados que se seguiram à guerra de 1914, as antigas colónias otomanas passaram para o controlo aliado... (...) De colónias otomanas que eram, tornam-se colónias aliadas. A Grã-Bretanha, que dispõe do mandato sobre a Palestina, decide fazer da Palestina a terra de acolhimento esperada pelos israelitas há já muito tempo.

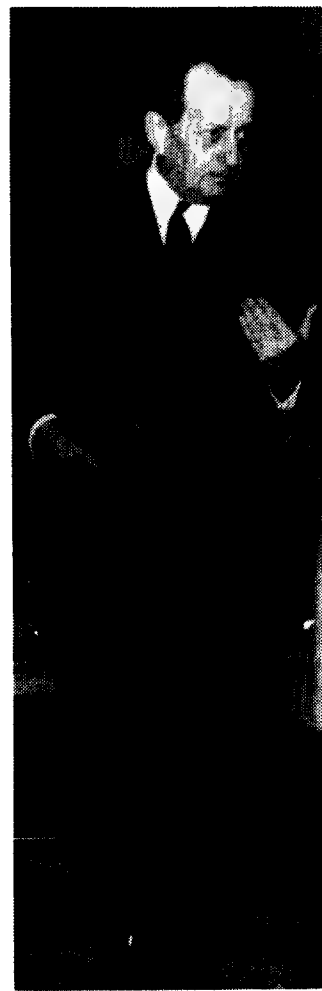
No momento em que a Grã-Bretanha fez isto, era ela a maior potência do mundo. (...) Dispunha de meios colossais, e por isso estava por detrás da Palestina, atrás da qual estava o deserto, atrás do deserto havia a Índia e, do outro lado, havia o Mediterrâneo Oriental com um Egipto mais ou menos em poder da Inglaterra. Por consequência, quando a Inglaterra disse que dava a sua garantia a Israel, fez algo de excessivamente sério. E Israel nasceu, Israel pôde viver.

O drama actual é que o império britânico não manteve esta garantia por mil razões das quais nem vale a pena falar, e o único país bastante poderoso para a dar, seria os Estados

Unidos. Ora, os Estados Unidos não a darão; falo, não de simpatia, porque eles mostram simpatia por Israel, não de auxílio, porque eles ajudam Israel. Falo de garantia formal, aquela que a Inglaterra tinha dado. Não o farão porque a sua política interna não o permite. Então, a posição real dos Estados Unidos é «como podemos nós ajudar o mais possível um povo que queremos ajudar, tendo em conta, também, as condições dos adversários, isto é, não pondo a espada na balança?»

Perante isto, o jogo russo é perfeitamente claro. Escreve-se quantas vezes forem necessárias que os russos querem a destruição de Israel. Os russos não têm deixado de procurar moderar os árabes relativamente a este assunto; porque, os russos têm igualmente interesse em que a situação no Médio Oriente, aquilo a que eu chamaria a situação balcânica, continue tal como está; o desaparecimento de Israel tiraria-lhe todos os trunfos. Por isso não têm vontade de intervir, aquilo a que se chama intervir, quero eu dizer militarmente, nessa região. Por consequência, o que se passa é exactamente o que eles podem desejar.

Além disso, disse-se que as conclusões actuais eram um trunfo para os Estados Unidos e um desastre para a Rússia; eu desejaria saber em quê? Que queriam os russos? Queriam voltar a passar pelo Canal de Suez. Os senhores são jornalistas, sabem tão bem como eu que se vai proceder à reabertura do canal. Por conse-



se vai matar ou não um certo número de infelizes.

Tudo isto é, tenho-o dito e digo sempre, um espectáculo de fantoches trágico, porque não há solução para ele.

O CASO SOLJENITSYNE

Soljenitsyne é, incontestavelmente, uma figura admirável, mas penso que o Governo soviético agiu de uma maneira magistral. Eu pensava que ele fosse banido e não tinha, de maneira nenhuma, a certeza de que a mulher e os filhos se lhe juntassem. A partir do momento em que a mulher e os filhos se reuniram a ele, Soljenitsyne, cuja força era dizer o que dizia, ao encontrar-se nas mãos da polícia de Estado e sabendo que se encontrava, vai tornar-se um emigrado que diz coisas em si mesmo importantes. Na minha opinião, não há nenhuma mediocridade comum entre estas duas coisas. Emigrados de um grande carácter, há-os em todo o lado, não apenas da Rússia. E uma atitude muito nobre, mas não é forçosamente uma atitude muito importante. A atitude do mártir, o homem que punha a sua vida, e mais do que a sua vida, em jogo, e que, encontrando-se nas mãos daqueles que poderiam tornar-se carrascos, continuava a falar; isto era, isto exibiu um poder incendiário que nenhum outro exibirá. Em todo o caso, ele não podia fazer melhor daquilo que fez: acreditou numa verdade, acreditou que deveria testemunhá-la. Comprometeu a sua vida, repito, mais do que a sua vida, para o testemunhar.

ETERNIZE OS SEUS MOMENTOS LIVRES

Nos seus momentos de lazer, vividos ao contacto com a natureza, leve consigo a companhia estimulante de um RITZ



COMPANHIA DOS ALGODÕES DE MOÇAMBIQUE

S. A. R. L.

CAPITAL: 150 000 000\$00

ORGANIZAÇÃO INTEIRAMENTE PORTUGUESA

SEDE

Namialo — MOÇAMBIQUE

DELEGAÇÃO

Av. António Augusto de Aguiar, 25, 2.º - Dt.º

LISBOA

AS "ALDEIAS" DE LISBOA

Lisboa foi, durante séculos, uma grande concentração de aldeias interligadas de forma mais ou menos harmoniosa. Aldeias, no sentido de comunidades restritas, embora não fechadas, de gentes de fora. Centro macrocéfalo que é, a capital do País funcionou e funciona, agora cidade grande que se expande e expulsa para os arredores aqueles que vão perdendo a capacidade de resistir ao assalto das actividades económicas como entro natural de atracção das gentes da «paisagem».

Há, porém, quem resista. Ao mesmo tempo que a floresta de cimento armado vai tomando conta de todos os espaços e recantos; quando o genocídio das árvores começa a preocupar, outras pequenas comunidades, por natureza errantes, encaixam agressões sucessivas e mantêm-se com a cidade bem à vista. Trabalhadores que ainda demandam os empregos servindo-se das pernas que remédio são conhecidos por essa estranha, incómoda e perigosa gente das

barracas. Nas charnecas e nas colinas circundantes, nos campos vagos e na bela serra de Monsanto, nascem e morrem todos os meses aglomerados espontâneos para onde as pessoas transportam, desde logo, o possível dos seus hábitos ancestrais.

O QUE É UMA ALDEIA?

Para esta gente vinda do meio rural, a vagagem é um exercício diário, a capacidade de resistência um hábito secular, o poder de adaptação uma forma de vida.

A falta de electricidade ou de água canalizada não constituem óbices: um tecto é o bastante. Um ponto de partida. A base instável mas base que acolhe a esperança de uma vida melhor.

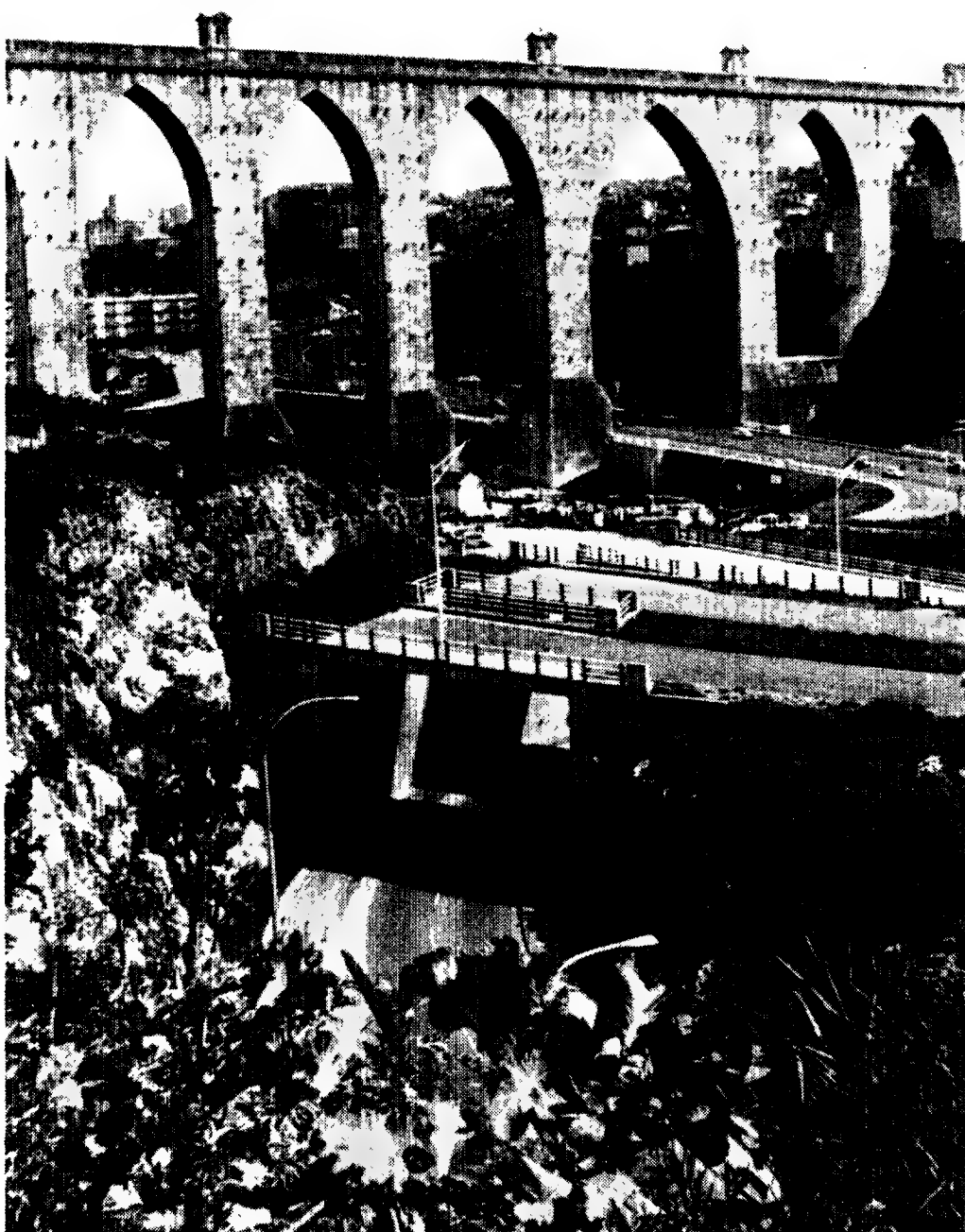
Culpá-los é não os compreender. E não reconhecer a realidade da sua vida quotidiana nas origens. E não atinar com as raízes da sua história. Não há povo mais corajoso que o rural português.

O povo dos campos portugueses sempre respondeu procurando o pão onde ele existe: nas terras conquistadas ou abandonadas, nas fábricas que os acolham, em todas as actividades possíveis, aqui ou no estrangeiro. Responde às crises com a sua capacidade de viver.

Tudo isto reside na aparente sonolência das nossas aldeias. Reside nos homens que estão ou nos homens que faltam; na rua principal ou nas quelhas íngremes solaradas; na extensão silenciosa dos campos onde o pão existe, nasce e cresce sem se verem os homens.

AS ALDEIAS DE LISBOA

Assim se justifica a visita rápida a uma das «novas» aldeias de Lisboa. Não já as dos bairros tradicionais no centro vital da cidade; não já as dos novos locais de expansão, como Campo de Ourique ou outras; não já os «velhos» bairros da Liberdade ou da Serrafina; nem, exactamente, os bairros chineses



A cidade à vista

ou o Casal Ventoso, as azinhagas ou a Curraleira. Apenas um pequeno centro agarrado à serra de Monsanto,

bem virado ao sol, com a opulência do Ageduto das Aguas Livres e os prédios de muitos andares do bairro de Campolide à vista; e as vias rápidas de auto-estrada, o roncar constante de motores, a ponte sobre o Tejo como paisagem.

Não tem nome global a aldeia que a nossa fotografia mostra. São «vilas», á boa maneira alfacinha: vila do Correia, vila do Ferro, baptizadas com o nome presumível dos senhores de vários conjuntos de habitações pobres. Ali vivem famílias numerosas: a tal rua «principal», com lojas, cafés, todo um pequeno comércio de sobrevivência; e escadas, roupas estendidas, entulheiras, inscrições nas paredes com frases claras mas siglas misteriosas, hortas em sucalças ou no meio da floresta: tudo isto em aproveitamento clandestino da superfície livre, dos passeios na serra, da faculdade (?) concedida de as crianças andarem descalças e de barriga à

mostra, de conviverem na rua, de ficarem sós enquanto os pais trabalham sabe-se lá onde.

Apesar de tudo o que os senhores vêem, as rendas não são baratas diz-nos uma moradora, mãe de vários filhos de tenra idade, à espera de outro. Há casas que custam mais de um conto de reis.

Os filhos vão à escola? Vão. Mas têm de atravessar «a auto-estrada» (vias de acesso à ponte), passar sob um túnel, subir a Campolide. Sem transportes, a pé, num risco permanente.

«Aldeia» espontânea, como tantas outras, tem os dias contados. Uma futura zona nobre da cidade não a consentirá. O Município já avisou, esperando-se a transferência das famílias para um bairro melhor.

E este um desafio constante, na batalha dos homens pelo direito à habitação. As «aldeias» de Lisboa, apesar de «espontâneas» não nascem por acaso.



Uma «aldeia» de Lisboa: os contrastes da capital

NEM O COMBOIO LHE VALEU

A notícia sobre a sua morte chegou-me do hospital, pelo telefone, passou-me pelas mãos, pela máquina de escrever e foi parar no fim da manhã ao cesto dos papéis. Ele não tinha importância para ocupar quatro centímetros que fossem no jornal desse dia, dia de acontecimentos grandes, multinacionais, explosão de um Boeing, conferência de um presidente, violação de um cessar-fogo.

Era apenas um nome de 43 anos de vida, que alinharei em meio linguado, atenção, em diagonal entre relógios e telexes, e outras notícias multiplicadas, dispersas, que o mundo parecia resfolegar a essa hora, irritado talvez pelo gesto daquele sujeito insignificante que o repudiara em definitivo.

Atirara-se há pouco para debaixo do comboio, incapaz de aguentar mais sabe-se lá o quê. Os motivos da sua morte ficaram com ele e nem necessitavam, afinal, de ser muito grandes, muito especiais (para os outros), pois são já miúdos os casos de pessoas tragadas pelos carris das linhas do Estoril e de Sintra.

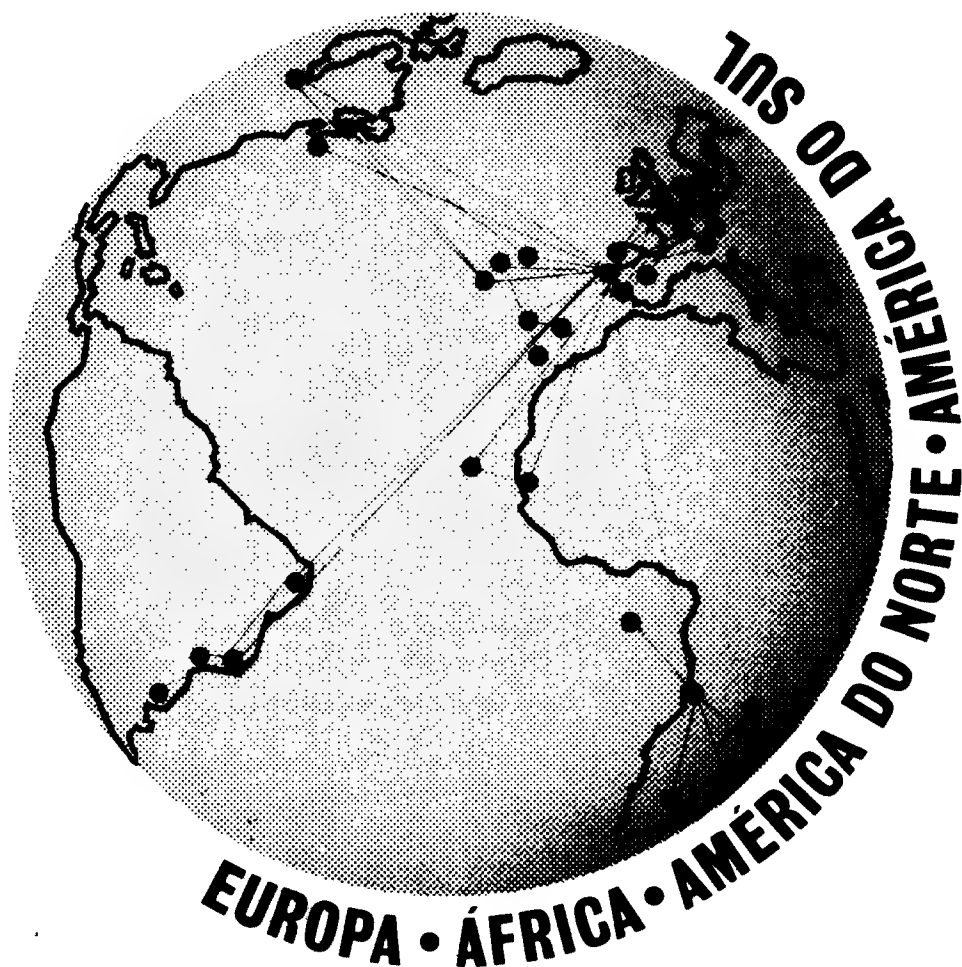
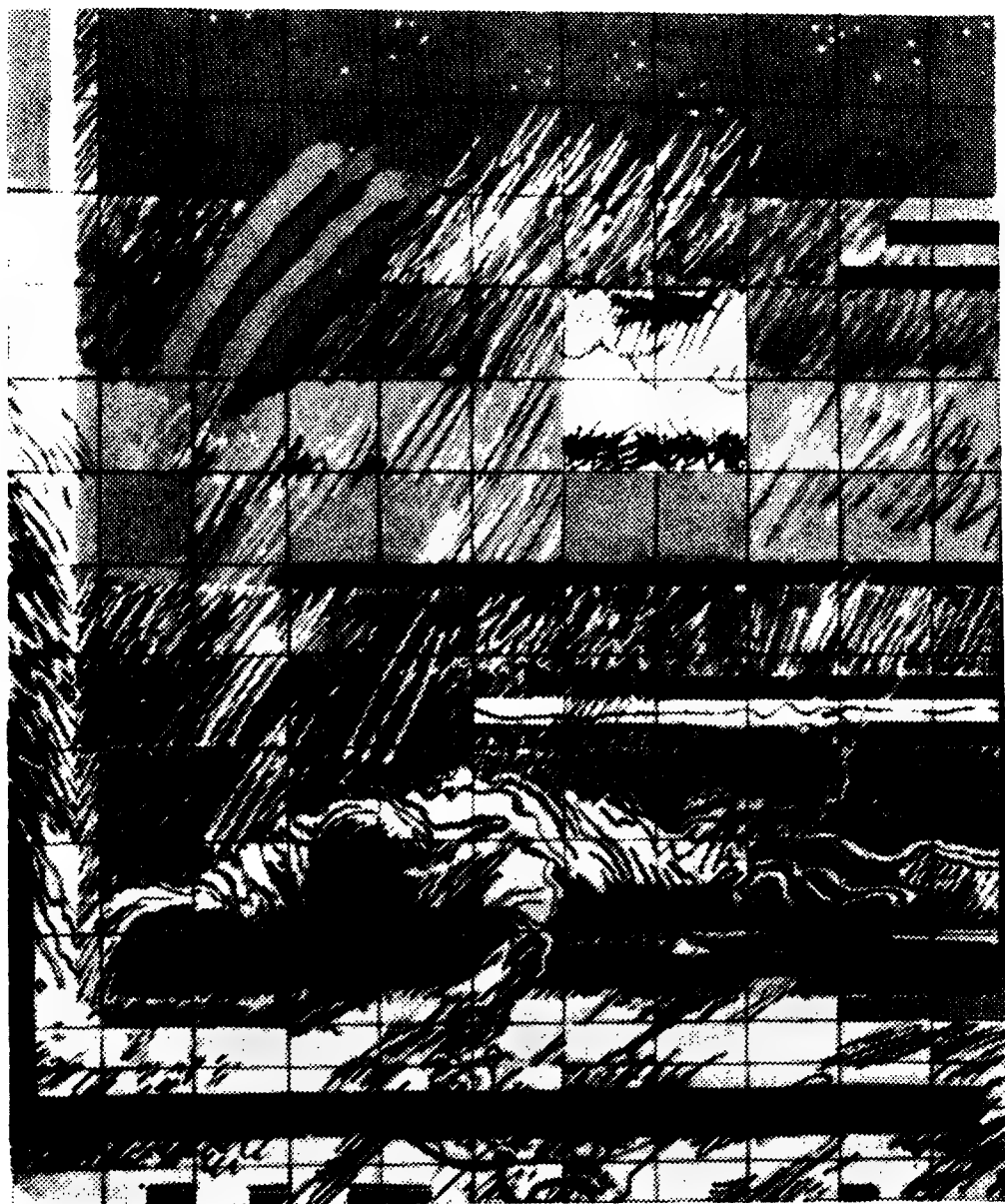
A sua morte era a única coisa de interesse na sua vida. Era o único mistério. De casa, da família, o telefone nada mais me conseguiu do que

Por FERNANDO DACOSTA

o esvair de uma estupefacção lacrimosa e resignada. Muito bom marido, muito bom pai, muito bom empregado, muito bom homem, muito bom... O coração aberto pela dor, a saudade súbita, o remorso (já) insinuado. O costume. Meia dúzia de linhas, que um homem morto é menos que um Boeing deles, que uma conferência de presidente, que uma guerra retomada. E, neste caso, um simples corpo desmembrado e desconhecido, sem história, sem testamento.

Deito fora a folha de papel amassada. Tudo terminou de facto para ele, meu quase conhecido de ocasião e de obrigação. O seu «destino» foi nascer, morrer e ser esquecido. Indiferentemente. Nem o comboio lhe valeu. Ali estava na morgue e no cesto, duplamente assassinado/desprezado, lixo de uma comunidade e duma secretária sem merecimento para os da sua (não) importância.

Ao fim do dia a família levou-o e a mulher-a-dias despejou o caixote. Foi um minúsculo desperdício duma manhã em que um Boeing explodiu, um presidente deu uma conferência, um país agrediu outro.



TAP
TRANSPORTES
AÉREOS PORTUGUESES

UMA COMPANHIA QUE CRESCE EM TERMOS DE FUTURO

EUROPA Lisboa
Porto
Faro
Funchal
Porto Santo
São Miguel
Terceira
Santa Maria
Madrid
Paris
London
Brussels
Geneva
Zurich
Frankfurt
Dusseldorf
Amsterdam
Copenhagen
Las Palmas

ÁFRICA Sal
Bissau
São Tomé
Luanda
Beira
Lourenço Marques
Salisbury
Johannesburg

AMÉRICA DO NORTE New York
Boston
Montreal

AMÉRICA DO SUL Recife
Rio de Janeiro
São Paulo
Buenos Aires

TURISMO MAIS EMPREGOS

Turismo

1971



900

EMPREGOS DIRECTAMENTE TURISTICOS

1972



1800

EMPREGOS DIRECTAMENTE TURISTICOS

1973



2500

EMPREGOS DIRECTAMENTE TURISTICOS



10000

NUMERO DE EMPREGOS TOTAL

TORRALTA
EVOLUÇÃO
EMPREGOS

(EMPRESAS
COM PARTICIPAÇÃO TORRALTA)

TURISMO PARTICIPAÇÃO ACTIVA NA ECONOMIA PORTUGUESA/TORRALTA

O ASCENSOR

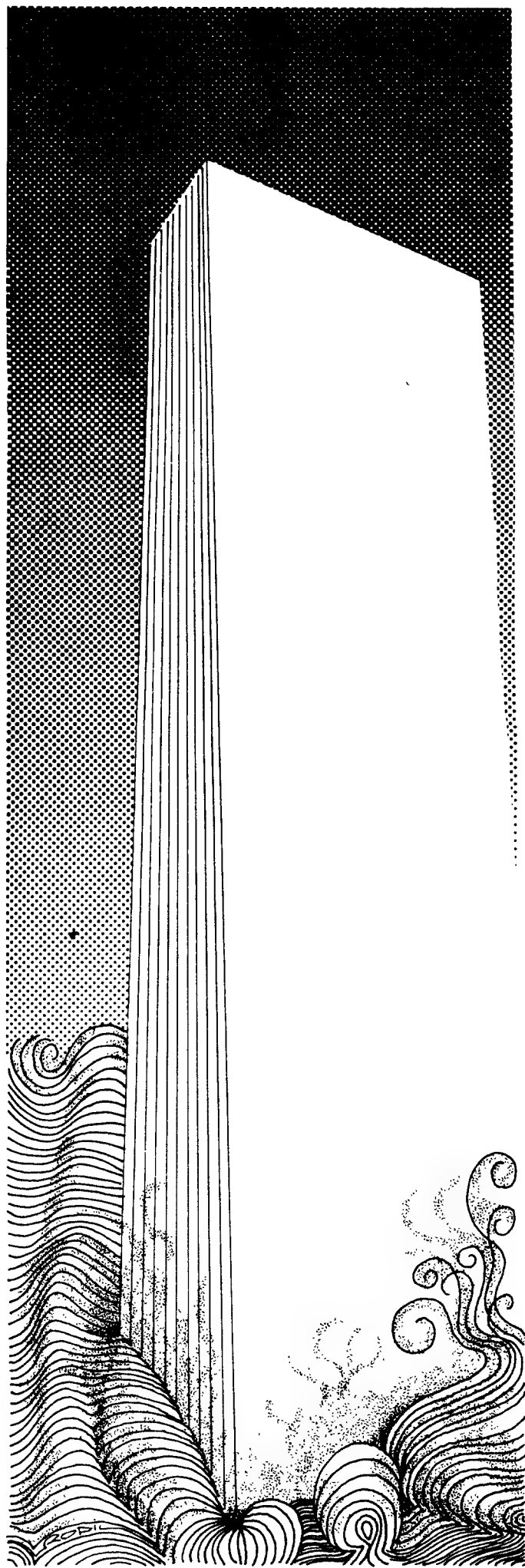
Nunca, nem mesmo em Nova Iorque, ao que me lembro, tinha entrado num ascensor assim. É lento, crispado, revestido de antracite; tem, às vezes, síncopes na subida, e quedas bruscas. O meu quarto fica no 15.º andar. É pequeno: só a cama, a mesa, uma cadeira e o banco em cima do qual a mala ficou aberta, com a cor mediterrânica das minhas roupas naquele universo cinzento. A casa de banho cheira muito a desinfetante.

Tenho comido bem, sem audácias gastronómicas; e, quando posso, erro pelos parques tracejados a branco e ferrugem, olho as estátuas enérgicas das praças. Vi um casamento popular, cheio de mini-saias com flores e botas altas, sair dançando de um café e levantar voo pela rua. Era lindo: o triunfo do arabesco, os ícones de véu e ritmo branco, os rostos de bronze dos soldados. Os frisos da vida correm pelas praças, onde o ar é seco e azul. Constroem-se muitos edifícios, todos eles sólidos e talvez um pouco uniformes, mas cada qual pressinto com secretas motivações. Passou por aqui uma guerra e a existência recomeçou com um sabor forte e honrado. Mas estrangeiro.

A cidade, esquadriada como uma maquete, alastra-se numa espécie de enorme bacia lisa e varrida arduamente pelo vento, sempre à noite mobilizada e que traz das montanhas que nos rodeiam algum reflexo de neve.

Na **boite** aparecem equilibristas de madeira, articulados, com **maillots** de cetim negro, cantoras de voz rouca; e a música **pop**, que os jovens saboreiam em movimentos escondidos, (tão alegres, ou ingénuos, como há muito eu não notava) sobe à altura do estrondo.

Finda a máscara autêntica colectiva, máscara que sangra de tão sincera, mas que se gasta com o an-



DESENHO de Manuel Rodil

dar das horas, subtraída a minha verdade de comunicação àquela ronda de muitos idiomas, boa noite em negro, em branco, em amarelo, reencontro a gaiola fria, porosa e cruel: o ascensor.

Para onde vai?, para onde vamos?, em que botão carregar? Não há instruções em sobrescrito selado, este horrível ascensor é um objecto caris-

mático. Ou não? Porque desce então insolitamente para pisos onde ninguém o aguarda? porque oscila assim, a ponto de sentirmos o abismo nas mãos?, a que impulso vergado e secreto obedecemos o seu peso e contrapeso?

«Amar a própria morte», reconsidero. «Amar o mundo é amar a própria morte, o para além da morte, o que estamos semeando e é já morte, a nossa morte, para fecundar os outros».

Lento, lento, sobe o ascensor, esquecido dos andares que vão caindo. Passou o oitavo, passou o décimo oitavo, passou o vigésimo quinto. O ascensor rompeu decerto, suave e silenciosamente, o tecto sem luz (o alfabeto convulso dos grandes anúncios é em baixo). Tudo foi protelando até hoje. Agindo, sim, mas protelando o essencial. Lutando até, ao lado do povo ou pelo projecto de povo, chorando mesmo, não por mim mas em mim, ao ver partir os carros com grades que me levavam os companheiros a quem acenava um adeus de dez minutos, dez horas, dez anos. Amando e, contudo, protelando o encontro decisivo com o meu rosto complexo e dilacerado, a mais verdadeira imagem de mim, a do último segundo, com as marcas de algumas virtudes e dos vícios (muitos) do mundo que recuso, com os estigmas do masoquismo e da intranquilidade permanente, com toda esta ânsia de amor que carregava quase criminosamente e em pureza. Há-de haver um espelho, diferente dos outros espelhos, para eu enfim me olhar neste ascensor que não pára.

Apalpo-me, no preciso momento da queda, e percebo que neste espaço de que perdi o uso não tenho rosto, deixei há muito de o ter: só me ficaram os gestos aprendidos e a dor que sinto na carne que foi...

A VIRAGI HISTÓRIA

A maioria dos países árabes exportadores de petróleo decidiu finalmente levantar o embargo dos fornecimentos aos Estados Unidos, o qual quase seis meses antes fora imposto em consequência do apoio norte-americano a Israel, durante a guerra do Yom Kippur, em Outubro de 1973. A decisão árabe foi tomada numa reunião em Viena da OPAEP, a Organização dos Países Árabes Exportadores de Petróleo, após indícios de que os EUA exerciam pressão para a retirada israelita do território sírio ocupado. Aliás, o petróleo foi utilizado desde Outubro pelos árabes como arma económica e política para isolar Israel e levar nomeadamente Washington a cessar a ajuda ao Estado judaico.

Assim, assistiu-se primeiramente à retirada das forças israelitas da margem ocidental do canal de Suez e depois dos pontos da margem leste daquela via marítima onde ainda se mantinham, o que tornou possível ao Egipto anunciar para este ano a reabertura do canal, encerrado desde a terceira guerra israelo-árabe, de Junho de 1967, a famosa Guerra dos Seis Dias.

É portanto evidente a

eficácia dessa arma, utilizada numa altura em que se agravava a chamada crise da energia em quase todo o Mundo. O seu alcance foi tanto maior quanto, depois da entrada em vigor do embargo, as relações entre os Estados Unidos e os seus aliados europeus deterioraram-se a olhos vistos, devido à divergência de interesses no que diz respeito a assegurar os fornecimentos de petróleo. Nem os nove países membros do Mercado Comum Europeu escaparam aos efeitos devastadores da competição provocada pelas medidas árabes, calculadas precisamente para dividir as nações consumidoras de «ouro negro» e torná-las mais dóceis.

IMPASSE POLÍTICO

As maiores nações europeias ocidentais, já a braços com a inflação e com outros problemas, de natureza económica e social, viram-se repentinamente, no final do ano passado, numa situação particularmente embaraçosa, devido à sua dependência pouco menos que total de fontes petrolíferas exteriores, apesar do desenvolvimento da exploração do «ouro



Camboja: à margem da «coexistência p.

A black and white photograph showing a tank in the background and a large pile of debris or rubble in the foreground. The tank is positioned on a dirt road, and the debris is a large, dark, irregular mass in the lower half of the frame.

백성애상 조상하교
남북여의 승화

조선혁명의 불의배
조선혁명의 불의배

반공으로 총화 하여
김일성도장 분쇄하자

조선혁명의 불의배
조선혁명의 불의배

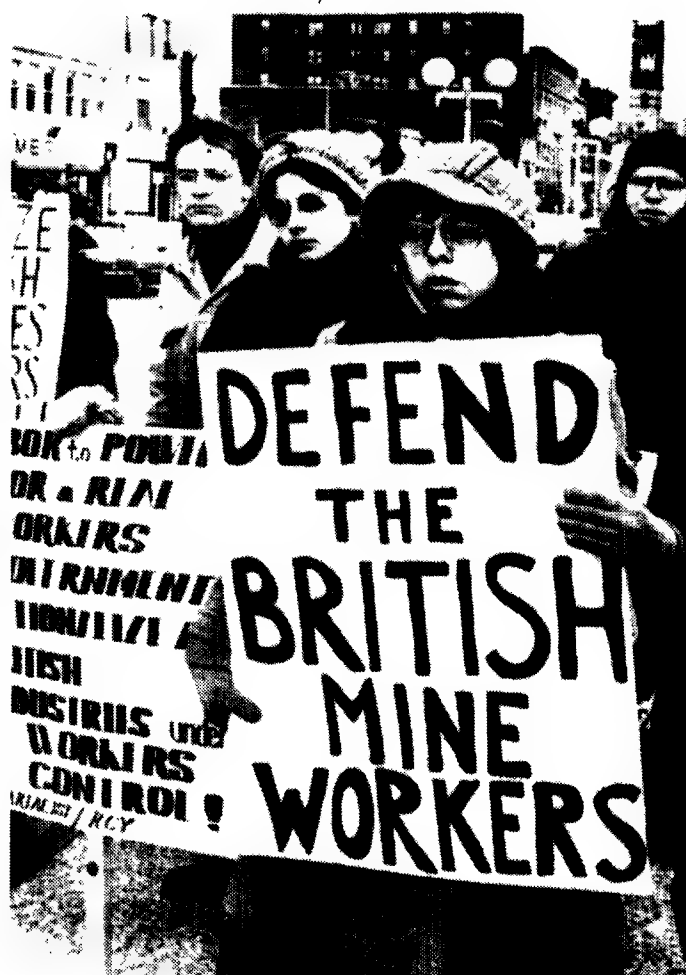
조선의 독립을 위하여

«Ostpolitik» de abertura a Leste, do chanceler galardoado com o Prémio Nobel da Paz, não se mostrou suficientemente decisiva para dar à República Federal Alemã margem apreciável de manobra no xadrez político europeu. A Itália, mais do que nunca, provou ser sinónimo de impasse político e tão-pouco as pequenas nações escaparam à deterioração das condições económicas, que projectaram sobre o mundo ocidental a sombra de uma recessão.

Recriminações e advertências, feitas em especial pelo presidente Richard Nixon, pelo secretário de Estado Henry Kissinger e pelo vice-presidente Gerald Ford, visaram particularmente na Europa Ocidental o Mercado Comum, transformado pelo seu alargamento e fortalecimento

Semelhante eventualidade inscreve-se num período de aparente viragem na História Contemporânea, à qual talvez não sobreviva o entendimento russo-americano, tendente, através da «coexistência pacífica», a garantir a divisão do globo em duas gigantes cas esferas de influência. O aparecimento de blocos regionais poderosos como o que os árabes tendem a constituir, sob a chefia heteróclita do presidente egípcio Anwar Sadat, do rei saudita Façal e do

Continua na página seguinte



Pacífica

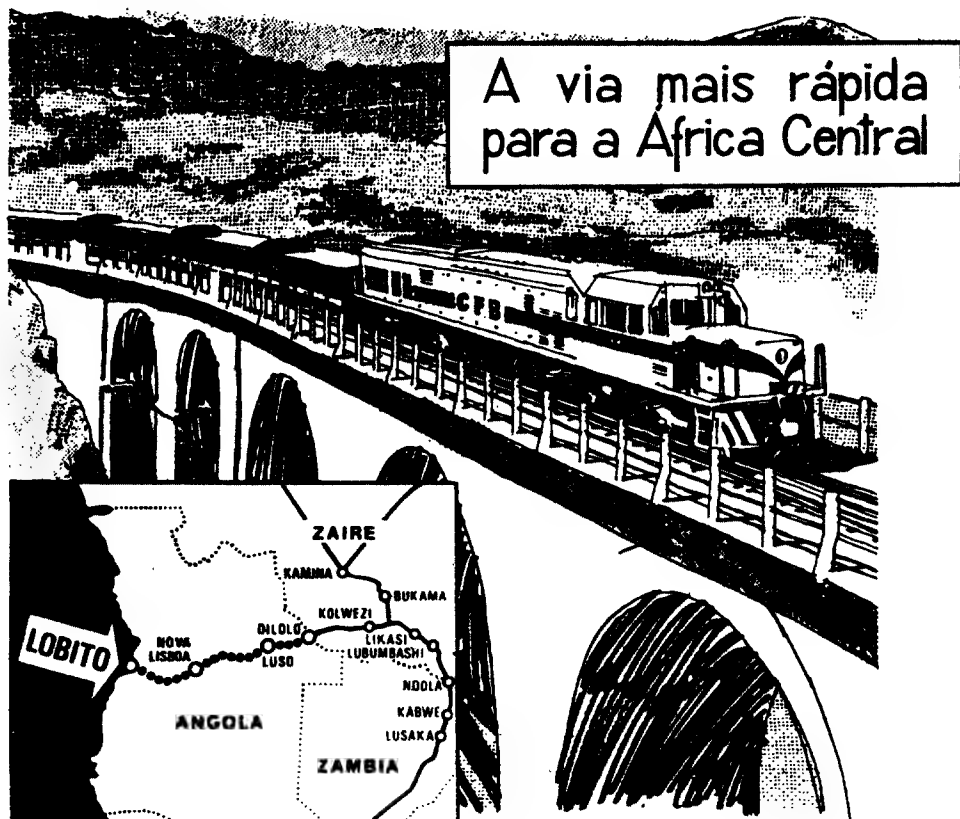
QUALIDADE E BOM GOSTO

MEIAS
SEXY-BAS
COLLANTS
SEXY-PARTY

**LINHA
SEXY**
uma criação



CAMINHO DE FERRO DE BENGUELA



A via mais rápida para a África Central

SEDE E ADMINISTRAÇÃO - RUA DO ATAÍDE, 7 - LISBOA
DIRECÇÃO-GERAL EM AFRICA - C.P.32 - LOBITO - ANGOLA

AMONIACO PORTUGUÊS S. A. R. L.

PRODUTORES DE

SULFATO DE AMÓNIO
ÁCIDO SULFÚRICO/OLEUM
OXIGÉNIO
HIDROGÉNIO

AZOTO
AMONIACO
AMÓNIA
CINZAS DE PIRITE

ÁCIDO NÍTRICO
NITRATO DE AMÓNIO
ADUBOS COMPOSTOS

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EM EXECUÇÃO — NA METRÓPOLE

Linha de ácidos e adubos (Estarreja — III Fase)

Investimento	410 000 000\$00
Situação actual do projecto	Em construção
Entrada em serviço	2.º semestre de 1974

Linha Petroquímica de Aromáticos (Estarreja — IV Fase) — TNT e Anilina

Investimentos previstos	275 000 000\$00
Início dos trabalhos	1974
Data de conclusão	24 meses

Linha Petroquímica de Aromáticos (Estarreja — IV Fase) — Políamidas, Poliésteres, Ftalatos e outros

(em conjunto com a SACOR)	
Investimento previsto	Superior a 2 500 000 000\$00
Início dos trabalhos	1974
Data de conclusão	36 meses

— EM ANGOLA

Projectos CAALA e LOBITO

Investimento previsto	1 000 000 000\$00
Data de conclusão	2.º semestre de 1976

PRODUTOS: Sulfato de amónio, Ácido sulfúrico, Fosfato monoamónio, Superfosfato concentrado, Adubos compostos binários e ternários

Sede — Rua Silva Carvalho, n.º 234 — LISBOA - 2 — Telef.: 68 21 72/5
65 60 41/3
65 24 30

Telex: 12 525 AMPORT P — Telegramas: AMONIACO/Lisboa

Fábricas — Estarreja
Telex: 22 576 AMESTA P — Telegramas: AMONIACO/Estarreja

Delegação em Angola — Av. Paulo Dias de Novais, 89-5.º, Dt.º — Luanda — T.: 7 23 48/7/8

Fábricas — Caála (Nova Lisboa — ANGOLA)

A viragem histórica

Continuação da página anterior

chefe de Estado líbio Muammar Gaddafi, desafia a ordem internacional da qual as superpotências tendiam a tornar-se garantes. E o exemplo do petróleo representou um precedente quanto ao uso das matérias-primas como armas do Terceiro Mundo contra as nações ricas do Hemisfério Norte do planeta, dependentes de fornecimentos a baixo preço dos países pobres. Aumentando os preços e graduando as quantidades de matérias-primas exportadas para as nações industrializadas estes poderão tentar reduzir o fosso entre os dois mundos económicos. O cobre é outro exemplo das possibilidades do Terceiro Mundo, o qual conta com a ajuda dos países socialistas, em especial da União Soviética e da China, como está a suceder no Médio Oriente (Egipto, Síria, Iraque) e na África Oriental (caminho-de-ferro entre a Tanzânia e a Zâmbia).

No que respeita à China, continua a ser um caso à parte, em que a preocupação da revolução permanente é a nota dominante. A campanha contra Lin Piao e o filósofo Confúcio, pareceu o começo de uma segunda revolução cultural, destinada a evitar a consolidação de novas classes no Poder. Na URSS, a expulsão do discutido escritor Alexandre Soljenitsyne simbolizou o conflito entre o partido e uma «intelligentsia» que não se coíbiu de criticar o sistema. Os acontecimentos nos dois países e a persistência do diferendo entre Moscovo e Pequim contribuíram entretanto para aumentar a confusão ideológica na esquerda, que só não foi mais aproveitada pelas potências capitalistas devido às suas próprias contradições e à crise da chefia «yankee» aprofundada pela perda de prestígio de Nixon, ameaçado de impugnação por causa do es-

cândalo Watergate.

O período de aparente viragem histórica que estamos a viver coincidiu por outro lado com crescentes dúvidas sobre os benefícios do desenvolvimento industrial e tecnológico e com o medo originado pelo alarmante progresso da poluição e pela explosão demográfica, que faz prever para o ano 2000 mais de sete mil milhões de habitantes na Terra. Advertências sombrias de futurólogos acerca dos recursos limitados do planeta, receios exteriorizados pela FAO de que a produção alimentar mundial não esteja a acompanhar o aumento populacional, a fome que se abateu sobre diversos países africanos e a alta geral do custo de vida, reflectindo-se numa inflação galopante que em alguns casos atingiu 20 e mesmo 30 por cento, teceram um quadro de problemas fundamentais afectando toda a Humanidade.

E esse envolvimento total é de molde a caracterizar daqui por diante a História.

LAGOS & IRMÃO

IMPORTADORES DE ALGODÃO EM RAMA

Sede

LUANDA—Angola—Rua João de Barros, 26

Delegações

LISBOA — Avenida António Augusto de Aguiar, 25-1.º

MATOSINHOS — Rua Sousa Aroso, 528

TELEGRAMAS—SOGAL

Escola de Condução ROLÃO

DE
DOMINGOS SOUSA ROLAO

- LIGEIROS E PESADOS
- MOTOS E TRACTORES
- AMADOR E PROFISSIONAL

A ÚNICA ESCOLA COM TRACTORES DE INSTRUÇÃO EM LISBOA

TODA A DOCUMENTAÇÃO REFERENTE A AUTOMOBILISMO

AGENTE DA COMPANHIA DE SEGUROS «METRÓPOLE» E PNEUS «MABOR»

Garagem e Oficina
13-A, R. DR. SILVA TELES, 13-B LISBOA RUA TENENTE ESPANCA, 4-A
Telefs. 76 04 48 - 77 36 76 (Esquina com a Av. de Berna)

O CAFÉ

Como se sabe, o Estoril, a chamada agora «Costa de Lisboa», anda infestada de estrangeiros e é bem natural que acudam aos cafés das Arcadas. Se eu tivesse dúvidas acerca da espoliação sistemática de que é vítima indefesa e constante toda essa gente desprevenida, desconhecadora dos nossos hábitos, dir-mo-ia o facto que ainda recentemente se passou comigo num desses cafés.

Nestas minhas idas ao Estoril que não dista donde moro, entrei pela primeira vez num desses estabelecimentos e pedi um café. E como habitualmente faço, depus na mesa os dois escudos e meio da «tabela». O criado, no entanto, recolheu o dinheiro com gesto desabrido, visivelmente agastado, fazendo mesmo saltar na palma da mão as moedas, como para indicar que a esmola não estava à altura da sua cobiça de rapinante calejado. Fiz-me desentendido, e colhi a lição. Naquela casa é que decerto nunca mais entrarei e mormente quando nela me servirem possivelmente algumas das alimpaduras de porão que se escoam no mercado por baixo preço.

E fiquei a pensar se semelhante mercador soubesse o que é café da Arábia Feliz, de Timor, de Santo Antão de Cabo Verde, da Libéria, de S. Tomé ou de Ribeirão Preto, bebido na origem, sabendo-se como se planta, como se amanha, como se colhe, como se prepara, finalmente, para chegar à Europa...

Em Lisboa, onde foi preciso que dois brasileiros fazendeiros de Campos, os irmãos Telles viessem ensinar os lisboetas a beber café puro... esses lisboetas costumados a engolir a teriaga servida por galegos no velho Martinho, feita de grão torrado, corado com açúcar mascavo queimado na chapa do fogão...

Não há assim sessenta anos que os portugueses conhecem café puro, e a maioria deles ainda continua a

consumir os famosos «lotes» das mercearias em cujas misturas não falta abundante quantia de cevada torrada e a indefectível peste da chicória para dar côr, causadora de graves perturbações do estômago e dos intestinos.

Tão certo é como o paladar degenerado dificilmente se cura.

Ora desde menino me habituei a saborear café puro e do mais raro, recebido de uma roça de Santo Antão, que cotava a par do célebre café vindo do porto de Moca, no Mar Vermelho, e que a minha mãe torrava com insuperável perícia, juntando-lhe uma fava de cacau e em cima uma colherada de manteiga quando de dentro do torrador entrava a evolar-se um ténue fumo azulado, depois moía, lançava no saco de baetilha e infundia logo que a água da chaleira levantava fervura, trazendo-me à cama amorosamente com algumas bolachas do Bom Sucesso.

Ai! as inimitáveis bolachas da pequena fábrica do Bom Sucesso, que ficava num recanto do Largo da Princesa, muito delgadas, estaladiças e saborosas como outras nunca houve e que por fatalidade desapareceram de todo, como de vez se sumiram os pãezinhos saloios de Meleças, os **croissants** amanteigados e folhados do Ribeiro da Silva, da Rua do Sacramento, os pastéis de verdadeira nata de leite de Belém, do Simões Raposo, feitos à vista de quem quisesse vê-los, as queijadas de queijo fresco da Sapa, a lampreia de ovos de Évora, os pastéis de Santa Clara, o gordo e generoso confeitiro Rosa Araújo que morreu quase pobre, mas deixou ligada à sua memória a Avenida da Liberdade e a traça das futuras avenidas novas que iriam dar à sua dilecta Lisboa o seu mais espansivo, quando presidia a uma das mais notáveis vereações camarárias da cidade, livremente eleita pelos munícipes. E surto de progresso

como esse nunca o teve maior Lisboa!

Com a demolição do velho Passeio Público e o rompimento da Avenida da Liberdade transformou-se por completo a vida lisboeta. A pouco e pouco todos se foram habituando a ir passear na Avenida e quem quisesse conhecer Lisboa iria ali numa bela tar-

de de Inverno quando as carruagens e as vitórias balançavam nos seus coxins lindas figurinhas de mulher, os cavaleiros de fraque e chapéu de coco trocavam belos ginetes, os elegantes guiavam com aprumo os seus **phaetons** e **charrettes** e os peões de ambos os sexos arrastavam, sob as olaias e acácias desfolhadas, o luxo do vestuário no rigor da moda. Lisboa orgulhava-se da sua Avenida, que estava para ela como a Castellana estava para Madrid, o

Prater para Viena ou a Porta Venezia para Milão

Tristemente, também essa Avenida entrou há muito no crepúsculo, como tudo que era bom, saudável, característico de Lisboa desapareceu por completo, sem deixar sequer no seu lugar novos ou melhores produtos.

Os pastéis de Belém, como as queijadas de Sintra, apenas existem hoje por uma antiga reputação, aguentando-se na credulidade pública pelo

impulso adquirido no anúncio e por uma espécie de condescendência na saudade. Mas são produtos falsos, que nada têm a ver com os do passado. Eles bem se oferecem por verdadeiros mesmo nas tabuletas, mas nada de mais enganoso. Os pastéis de Belém falseia-os uma papa açucarada de farinha tingida de açafraão e as queijadas da Sapa em vez de queijo fresco levam massa de miolo de pão como disfarce...

Continua na página seguinte

os cimentos
cimentam
o desenvolvimento
do país!



A EMPRESA DE CIMENTOS DE LEIRIA, S. A. R. L. é, em Portugal, a precursora da moderna indústria cimenteira. Produzindo cimentos da mais alta qualidade, introduziu, no País, o primeiro forno rotativo e dispõe, actualmente, de uma capacidade de produção de 850.000 toneladas anuais.

A EMPRESA DE CIMENTOS DE LEIRIA, S. A. R. L., com uma actividade diversificada em vários materiais de construção, tem sido a fornecedora de obras da maior importância, como: estradas, pontes, aeroportos, barragens, portos de mar, etc.

A EMPRESA DE CIMENTOS DE LEIRIA, S. A. R. L. mantém uma actividade industrial que se identifica com o desenvolvimento da construção do nosso País.



EMPRESA DE CIMENTOS DE LEIRIA, S.A.R.L.

Rua Braamcamp, 7 - Lisboa 1 Telef. 5 91 61/66

PORTO DE LISBOA

CONTENTORIZAÇÃO



O ACTUAL TERMINAL DE CONTENTORES DE SANTA APOLÓNIA, INCLUIDO NO PROGRAMA DE CONTENTORIZAÇÃO DO PORTO DE LISBOA, DISPÕE, NUMA PRIMEIRA FASE, DUMA ÁREA DE TERRAPLENOS DE 25 000 M² E ESTÁ EQUIPADO COM DUAS POTENTES GRUAS PORTA-CONTENTORES (35 T E 38 T) E OUTROS MEIOS MECÂNICOS ESPECIALIZADOS PARA A MOVIMENTAÇÃO DESSAS UNIDADES DE CARGA

NA SEGUNDA FASE DE CONSTRUÇÃO, A INICIAR MUITO EM BREVE, A CAPACIDADE DE RECEPÇÃO DO TERMINAL SERÁ MAIS QUE DUPLICADA

ADMINISTRAÇÃO-GERAL DO PORTO DE LISBOA — CAIS DO SODRÉ

★

LISBOA - 2

SANTOS & SILVA VIEIRA, LDA.

IMP. — EXP.

BRINQUEDOS — ARTIGOS PARA CARNAVAL
DECORAÇÕES E FOGOS DE ARTIFÍCIO

Rua da Boavista, 14-16 — Telefone 323906
LISBOA - 2

PRONTO A VESTIR VENDIDO
COM FACILIDADES DE PAGAMENTO

ARMANDO SOARES, LDA.

Fundada em 1943

RUA PASCOAL DE MELO, 64, 2.º, Dt.º — Tef. 48692
— LISBOA —

Papelaria COSTA

(CASA FUNDADA EM 1836)

226, R. da Prata, 228 — LISBOA — Tel. 32 64 48
LISBOA

OURIVESARIA

CASA DAS BENGALAS

PRATAS — JOALHARIA — FILIGRANAS
TAÇAS DESPORTIVAS

RUA DA PRATA, 87-91 — TEL. 32 02 56 — LISBOA



ELETRICIA, LDA.

MATERIAL ELÉCTRICO
CANDEEIROS
ABAJURES
ELECTRODOMÉSTICOS
RÁDIO
TELEVISÃO

RUA DE SANTA JUSTA, 87

Telefs.: 36 34 46 / 32 12 21 — Lisboa-2

OURIVESARIA SALGADO

OURIVESARIA - JOALHARIA

GRANDE SORTIDO EM PRATAS — RELÓGIOS
DAS MELHORES MARCAS — FILIGRANAS
REGIONAIS — JOIAS DO MAIS FINO GOSTO

COMPLETO SORTIDO EM OURO

Rua do Ouro, 87 — Telef. 36 91 23 LISBOA

CASIMIRO

INTERCOIFFURE

Rua Nova do Almada, 64, 1.º Dt.º

Telef.: 3 40 38 — LISBOA

English Spoken
On Parle Français
Man Spricht Deutsch

Secção de Beleza
Hotel Tivoli
Avenida da Liberdade

EMIGRANTES ESSES DESEJADOS

Talvez a crise de trabalho, que corre por essa Europa industrializada, traga este ano emigrantes de retorno à região de Moura, de forma a atenuar um pouco a escassez de mão-de-obra que, há anos a esta parte, vem atingindo quase mortalmente a actividade azeitoneira.

Esta a esperança dos grandes proprietários daquele concelho, considerado o maior centro olivícola do Alentejo. Derradeira esperança para que os frutos não venham futuramente a apodrecer entre os torrões humedecidos ou na copa das árvores.

Receio generalizado, expresso nas palavras de um lavrador com quem, intencionalmente, estabelecemos contacto: — A industrialização deste género de tarefa agrícola não vingou. As máquinas idealizadas para o varejo da azeitona estão longe de cumprir a missão para que foram criadas. Ferem as árvores e não podem funcionar em áreas de declive acentuado ou onde o plantio não se processou simetricamente. Só os homens podem cumprir, de forma satisfatória e rentável, este tipo de trabalho. Mas os homens rareiam mesmo com o pagamento de altas jornas. A princípio ainda apareciam grupos migrantes de «ratinhos» ou de «avieiros», porém, nos últimos anos, nem tal fenómeno tem ocorrido. Posto isto, só nos resta a esperança de que a crise de emprego, agora registada em alguns países da Europa, transporte até nós rurais emigrados. Caso contrário, teremos mesmo de ir para o arranque maciço da oliveira. Com grande pesar nosso e consequente prejuízo para a região em particular e para o País em geral.

Assim, e pelo que nos foi dado constatar, em face da falta de braços, arrancam-se sobeiros, azinheiras e oliveiras. Desnuda-se o Alentejo.

MANUEL GERALDO

O CAFÉ

Continuação da página anterior

Perdeu-se de todo a antiga probidade covarda que ignorava como se burla na genuidade do produto e no roubo do peso. Se o café deixou de ser a tibórnia dos galegos ou a **carocha** dos cafés de **lepes**, nem por isso se serve em muitas casas a infusão de semente torrada das nossas mais afamadas rubiáceas de Timor ou de África, e muitos portugueses há que não distinguem ainda um café excelente do mais inferior do Ambriz.

Mas para quem conheceu sempre o que é café puro, a mesa requintada, viveu grande parte da vida em cidades onde se cultivava o paladar como se cultivava o espírito, saboreou bastantes vezes o **café noir** servido no Maxim's da Rue Royale ou no Grand Ve-four da Rue Beaujo-

lais, em Paris, no Château de Madrid de Villefranche ou em La Bonne Auberge de La Brague, bebeu um **café con panna** na Hostaria dell'Orso ou no Capriccio de Roma, provou um Koffie vindo de Samatra no Vijff Vliegen ou no King Long de Amesterdão ou mesmo um Kaffe no Den Glydene Freden de Estocolmo, se deliciou, finalmente com o melhor café brasileiro tomado em companhia do alentado Schmidt o «Rei do Café» na sua grandiosíssima fazenda de Ribeirão Preto, com que compassível piedade pode olhar para uma mesquinha quitanda onde a solécia de uns gusanos comerciais julgam embairar e que se servindo-lhes um café de baixo preço pelo de melhor origem... e por demais servido por criados empregados ávidos de gorgeta.

UM ÓLEO DE NEVES ANTUNES ENCONTRADO EM VALENÇA DO MINHO



O óleo de Neves Antunes fotografado pelo nosso camarada Rui Pacheco

“EU NÃO POSSO COMPRAR O MEU IRMÃO” !

O quadro a óleo que acompanha esta prosa é da autoria de Neves Antunes, pintor que nasceu em Monção, tempos depois da implantação da República, e que pouco tempo andou por esta Lisboa de tanta gente, de tanta coisa, de tanta alegria e tristeza. O quadro foi encontrado, em óptimo estado de conservação, na cave de um armazém de azeite de Valença do Minho. Encontrava-se precisamente atrás de um lagar que há muito não era utilizado — e quem o descobriu foi um moço de lavoura.

Entregue o quadro ao proprietário do lagar, António Esteves Secundino, em breve ia parar às mãos de um conservador de museu da cidade do Porto, que, reconhecendo a assinatura de Neves Antunes, se fez com ele para Lisboa. Pode dizer-se, desde já, que o ex-conservador não tinha em mente dinheiro com o quadro na capital, iludin-

Reportagem
de PEDRO ALVIM

do a boa-fé de Secundino. Na verdade, quando o proprietário do lagar lhe passou o óleo para as mãos, o ex-conservador logo lhe disse da possibilidade de vir a receber um quantitativo determinado pelas autoridades artísticas do País.

«Leve-me lá isso. O que tiver de acontecer, acontecerá» — disse o azeiteiro de Valença do Minho, completamente alheio às artes, e muito entretido, na ocasião, em reparar o lagar inutilizado pelo tempo.

Ora, na realidade, aconteceu uma coisa deveras estranha. Só não damos nomes porque assim nos foi pedido e porque também o ser-se discreto (pelo menos na nossa opinião) é um modo de compreensão para com certas coisas desta vida de todos nós. Adiante, porém.

Exibido o óleo de Neves Antunes perante alguns «marchands» lisboetas, todos (com excepção de um) se pronunciaram pela autenticidade da obra. Em face de tal, o ex-conservador português, já fatigado pela idade, encarregou dois desses «marchands» de contactar as autoridades do País para que o património artístico passasse a englobar o óleo de Neves Antunes.

Mas os dois «marchands», lisboetas finos, e tendo no sangue outros propósitos, levaram o quadro a determinada individualidade para que esta o adquirisse por alto preço.

Logo que a alta individualidade deu com os olhos no quadro recuou até ao reposteiro da parede, levou as mãos às sobranceiras e, desatando em grande choro, disse assim para os dois «marchands»:

«Eu não posso comprar o meu irmão!»

Companhia Portuguesa Rádio Marconi

Concessionária Nacional de Telecomunicações Via Rádio e Cabos Submarinos

Serviços Telegráficos, Telefónicos e Fototelegráficos
Circuitos directos com as Ilhas Adjacentes, Províncias
Ultramarinas e Estrangeiro

Centrais Telefónica e Telex do Serviço Intercontinental
Comunicações Permanentes com a Navegação
Serviços especiais de Aceitação e Distribuição
de Telegramas

CENTRO DE TELECOMUNICAÇÕES DE LISBOA

e Estações em:

SESIMBRA — CARNAXIDE — ALFRAGIDE — VENDAS NOVAS — PORTO — FUNCHAL e PORTO NOVO (Madeira) — PONTA DELGADA — PRAIA e SAL (Cabo Verde) — LUANDA — LOURENÇO MARQUES — DILI (Timor)

LISBOA

Administração e Escritórios: Praça Marquês de Pombal, 15-3.º/8.º — Telef. 534191/4

Serviços de Exploração: Rua de S. Julião, 131 — Telef. 35551/2 (Reclamações e Informações)

Telef. 34531 (telegramas telefonados) — Telef. 34564 (pedidos de estafeta) Telex 9961 (telegramas por telex)

FUNCHAL

Avenida Arriaga, 7-9
Telef. 20011

PORTO

Praça Almeida Garrett, 27
Telef. 25680

PONTA DELGADA

Rua Açoriano Oriental, 39-A
Telef. 26333/5

Peca nos locais acima indicados o folheto
«INDICAÇÕES ÚTEIS E TABELAS DE TAXAS»
que a C.P.R.M. oferece aos utentes dos seus
serviços TELEGRÁFICOS, FOTOTELEGRÁFICOS,
TELEFÓNICOS e TELEX

ESTAS PEQUENAS LENTES



CONSTITUEM A MAIS AVANÇADA TÉCNICA ÓPTICA
SÃO INTEIRAMENTE MOLES (FLEXÍVEIS)
PROPORCIONANDO AS SEGUINTE VANTAGENS:

- PERFEITO RENDIMENTO DE VISÃO
- UTILIZAÇÃO DURANTE LONGAS HORAS CONSECUTIVAS
- NENHUM RISCO DE PERCA

OCULISTA DE CAMPO DE OURIQUE
RUA SARAIVA DE CARVALHO, 189 — Tel. 668627
LISBOA

Indústrias Térmicas Nunes Correia, S.A.R.L.

AR CONDICIONADO



REFRIGERAÇÃO

LISBOA — R. do Alecrim, 29
PPCA - 30901

PORTO — R. da Firmeza, 482
Tel. 28034

OURIVESARIA NOGUEIRA & SOUSA, LIMITADA

OURO — PRATAS — JÓIAS

Rua Braamcamp, 74 — Tel.: 47807 — LISBOA

ARTIGOS PARA BRINDE

Grande variedade a preços muito acessíveis
Casa Regional da

ILHA VERDE

Rua Paiva de Andrada, 4 (ao Largo do Chiado)



BERKELEY - 74

(Continuação da pág. VI)

as coisas começaram a modificar-se. A Universidade pertence ao Estado da Califórnia.

«Antes de Reagan, pagavam-se uns 50 dólares por ano para estudar em Berkeley. Agora são à volta de 700. Para se conseguir um grau de bacharel tem de se pagar 2800 dólares» — afirmou a presidente da Associação.

De um privilégio, o de uma certa igualdade de oportunida-

des, os estudantes de Berkeley passaram para outro.

Este factor não é, no entanto, muito valorizado pelos estudantes como razão para o actual estado do movimento estudantil.

Atribui-se, sim, grande importância ao termo do envolvimento directo de militares americanos na guerra do Vietname. Realistas, eles pensam hoje que não foi a guerra em si que influenciou a movimentação da década de 60. Foi a

perspectiva que milhares de jovens tinham de ir lá parar: de ir para um guerra pela qual ou nada sentiam ou à qual se opunham. Essa oposição, porém, nunca os teria feito mexer uma palha se fossem outros a combatê-la. Hoje, sem guerra, os estudantes de Berkeley não encontram, enquanto um todo, qualquer razão para se unirem e lutarem.

A atitude prevalecente, dizem eles próprios, é a de «cepaticismo» em relação à «socie-

dade americana». «Nos anos 60 era-se mais optimista». Mas os estudantes fartaram-se de «bater com as cabeças na parede» (banging the heads ag of ainst the wall).

De toda esta situação uma estudante tirou uma conclusão ainda mais contraditória com o espírito dos anos 60 do que o gozo e desprezo em relação aos «abortos»:

«Estamos à espera que venha uma Administração melhor». A espera!

DEFINITIVAMENTE
SACOR
molygrafite

você já o conhece...



o único
com resultados sensacionais
oficialmente comprovados
nos três mais rigorosos testes
a que até hoje
um óleo foi submetido

não hesite !

SACOR
molygrafite

DEFINITIVAMENTE

O HUMOR "SEGUNDO MIRANDA" NÃO É PARA FAZER RIR

Não é o humor que vai resolver as coisas, mas é importante que as pessoas sejam capazes de fazer humor e de o apreciar quando ele denuncia o ridículo e a mentira das situações.

São palavras do humorista Miranda que quase todos os dias, desde há vinte anos, assina um ou vários desenhos num diário português. Isso bastaria para lhe conferir um lugar de relevo no apagado meio do nosso desenho humorístico. Actualmente é colaborador da «Hermão Lobo», que publica regularmente desenhos seus. Há menos de um ano reuniu num volume («Contrabando Clandestino») cerca de uma centena de desenhos, na sua maioria inéditos.

Miranda publicou os primeiros «bonecos» no jornal «Os Rídiculos», tinha então uns 15 anos.

Era uma brincadeira, fazer um boneco, muitos bonecos. Um fulano está na aldeia, está no Porto e atira bonecos para Lisboa e há aqueles apoderados que dispõem duma colaboração certa. Depois quando esta falta metem um boneco ou outro, é assim...

— Em que altura entrou para o «Jornal de Notícias»?

— Entrei no ano em que fui à inspecção. Entrei para fazer bonecos desportivos. Não, não fui convidado, foi encostado a uma pessoa, há vinte anos.

— Não era então o tipo de desenhos que faz hoje?

— Houve sempre uma evolução, tanto no tipo como na crítica. No princípio era assim um «engraçadinho», como se costuma dizer. De resto comeci a imitar, tentava, o Stuart Carvalhal que era então um nome importante. Depois fui fazendo várias misturas até que caí neste tipo de bonecos, o actual, que não sei se é original ou não, mas que as pessoas identificam como sendo do Miranda.

— Nota-se nestes seus desenhos o lugar importante que é reservado às palavras dentro do balão...

— E intencional. Quero dar importância à legenda. O boneco não sai disto. Na legenda é que eu tento dar certa força.

— Isso tem alguma coisa a ver com as suas condições de trabalho, com a necessidade de fazer muitos desenhos?

— É um desenho, como é que dizem?, talvez industrializado. Eu tenho que usar o mesmo tipo de boneco e dou então mais cuidado aos caixilhos trabalhados a fim de salientar as palavras. Não é uma coisa decorativa, é chamar a atenção para alguma coisa que se diz ou que acontece.

— Geralmente essas palavras estão ligadas a problemas da actualidade, a coisas que são notícia no momento...

— Pois trata-se de bonecos para um jornal diário. Entro com isso na velha coisa da contradição...

— ... que é nítida nos seus desenhos.

— ... seja um político que fala, seja outra coisa, basta olhar à nossa volta, as contradições são flagrantes e resultam humoristicamente. Há que atentar outros aspectos que estão por detrás de tudo isso. É a velha história que deu o desenho do tractor e do automóvel, começámos pelo automóvel e

veitar todos os momentos mas a verdade é que a imaginação está sempre deserta para o que nos rodeia e é difícil afastar a nossa intenção e, vá lá, o nosso humor.

— Voltando aos aspectos do seu desenho, por exemplo aquele do ensino do português em Nova York. Com dois símbolos, a palmatória e o «livro único» fez uma síntese cujo significado e profundidade todos apreendem. Portanto, um sentido crítico com um mínimo de recurso às palavras, as suas habituais legendas trabalhadas. Não acha que assim é maior o impacto, como proposta de reflexão aos leitores?

— Bem, o ideal seria fazer desenhos assim. Mas estou «hipotecado» a um tipo de leitor de um determinado jornal e a um processo de trabalho. Esse desenho deu lugar a telefonemas, pessoas que admiraram. Mas não será o desenho para essas pessoas que até telefonam?... Há outras realidades e isso é dramático e é importante. Suponha que lhe dizem «vamos lembrar do estivador que também tem direito a ler o jornal»... A que conclusão terá ele chegado, com esse desenho? certamente gostou mais de uma grosseria que eu tivesse feito na semana anterior sobre a falta de bacalhau.

— A palmatória é um símbolo e é uma recordação para muita gente...

— Mas também é verdade que eu assim talvez não pudesse fazer os cinquenta bonecos que tenho de fazer por mês.

— Mas não é só uma questão de quantidade...

— Mas é uma preocupação que se me põe todos os dias. Para quem vou desenhar? Para os fulanos do «Piolho» ou do «S. Lázaro» ou para os que trabalham na parte industrial da Via Rápida? Os primeiros até sabem o que é humor, até têm possibilidades de pagar um bom álbum, em francês, sei lá... Mas eu estou preocupado com outra gente. É um problema.

— Existe portanto, na sua comunicação através do desenho, o problema de saber a quem interessa levar o humor, a crítica...

— Assim como há a questão de fugir ao engraçadinho, ao boneco que ajuda a manter as coisas. É a isso que tento deliberadamente fugir. As pessoas ainda não leram o Redol, andam entretidas com o «Simplesmente Maria» e estão já a servir-lhe o Abelaira... Podem pensar que eu estou a ver a cultura como uma volta a Portugal em bicicleta, vamos todos ler o Redol e depois no dia seguinte de manhã partimos para outro lado... Não é isso. Lembro-me dum colóquio em que um fulano do canto da sala acusou outro de ter «perdido o eléctrico» por não ter percebido. Ora o problema que se me põe é o de saber por que é que as pessoas perdem o eléctrico, pois lá que perdem não há dúvida... Isto liga-se ao modo como entendemos a cultura. Enquanto presenciar outras coisas estarei ocupado com outra gente.

— A sua intervenção com o desenho é também o modo de encarar uma realidade concreta?

— Para mim o jogo está viciado à partida. Não posso



dizer estou-me nas tintas, vou desenhar o que me trás «prestígio» dentro duma certa camada. Os bonecos são o meu pensamento e a minha coerência.

— É uma opção, pois.

— Exactamente. Mas, por outro lado, também sou «comandado» pela necessidade de fazer para um jornal bonecos que correspondam aos dias tais e tais. Há que conciliar a maneira de pensar e um trabalho certo para um determinado jornal.

— Que pensa deste tipo de crítica pelo desenho em Portugal?

— Não sei, estamos talvez no a, e, i, o, u, se cathar só no a, e, i...

Está a ver eu espero ainda pelas estradas... Alguém interessado no desenvolvimento duma nação devia possibilitar a existência dum jornal humorístico independente. É preciso desenvolver também a capacidade crítica e a imaginação. Não é isso a Educação? Ao fim e ao cabo a escola é uma eternização de padrões.

Olhe, reaparecem o jornal «Os Rídiculos», vi e fiquei decepcionado. Até porque já há em Portugal a «Hermão Lobo» e é uma vergonha. Quando digo que devia haver um jornal desses independentes não estou a fazer humor...

— Mas até parece...

— Talvez... Se olharmos para o que se passa aí ao lado, na Espanha, talvez se conclua que vamos mesmo ter necessidade dum jornal humorístico em condições. Parece-me uma coisa solicitada pela inteligência.

— Quer dizer que uma certa evolução do País, tornará necessária a possibilidade crítica. Acredita nessa possibilidade? Num certo sentido essas coisas contradizem-se.

— Pois é, mas é a salvaguarda de uma certa inteligência. Há a necessidade de qualquer coisa como o tolinho da terra que, afinal, diz as verdades e que a vida não é assim... O nosso futuro será a arte feita por computador, como já se diz?, daquelas coisas todas iguais como no «Fahrenheit 451»? Já seria possível encontrar nessa arma terrível que é a televisão motivo para muita crítica e muito humor...

— Que pensa de algumas experiências de humor pelo

desenho que já se vêem em alguns jornais?

— Mas é tão pouco!... Os jornais estão ainda de olhos fechados...

— Eu diria que não...

— Eu falo neste aspecto, não vejo os jornais dar atenção a isso. Lembro-me quando era garoto, de uma página de humor no «Janeiro». Mas humor português, é isto?, dois indivíduos a uma esquina um diz uma coisa outro diz outra? Parece-me que vou fazer uma coisa no «Notícias», fazer com que apareça gente, incentivar estas coisas.

— Atendendo ao tipo de noticiário (sobretudo local) e ao tratamento que lhe é dado, no jornal onde publica os desenhos, você às vezes aparece um pouco como um disfarce...

— Mas ao fim e ao cabo é o «Notícias» que publica o Miranda. Não sei se era possível dizer a sério o que eu digo a brincar...

— Como julga que os portugueses interpretam os humoristas?

— Não sei, mas olhar para o humorista como uma pessoa que está a dizer mal, que está a destruir, ajuda a fazer uma ideia... Mas vamos passar pela necessidade do humor, por um certo sentido crítico sobre a maneira como está a ser construída a sociedade. O humor não é para fazer rir. Fala-se agora em «grupos» e o problema é saber a que grupo pertencemos. Já não é o grupo desportivo... É o sentido de crítica destas coisas que nos falta.

— Mas há humor em Portugal, ou não?

— (Parece que já estamos ambos mesmo a fazer humor...) Mas como funciona esse humor que se diz? É o da «revista», carregado, as mais das vezes de segunda intenção? Trabalha-se com a segunda intenção, reticências... É consequência de um tipo de educação. É o homem da rádio, é o da televisão, servem o prato de que «o público gosta», que faz dar saltos na cadeira e acabou-se...

— O que é essencial no humor?

— Sei lá, eu vejo duas coisas: o poder de crítica e a imaginação, sem rebaixar a inteligência. O contrário disso redundaria em empobrecimento nosso.

Entrevista recolhida por JOSÉ GOMES BANDEIRA

é isso que tento salientar. É como aquele fulano que vive à minha frente e onde vou buscar o leite de manhã, não tem horário nem nada. As 5 horas já anda ali a trabalhar e ao domingo vê passar os carros que vão para o passeio... Estas coisas entram pelos olhos dentro.

— Como é que trabalha?

— Mais ou menos todos os dias, da maneira como estou a colaborar no jornal. Ao sábado e ao domingo vejo-me obrigado a dar saída a quatro ou cinco bonecos e então já posso respirar um pouco mais.

— Ocupa-lhe muito tempo?

— Nem por isso. Tenho sempre muita coisa registada, notas num cadernito. A fazer qualquer coisa, mesmo na actividade profissional, sou desenhador de arquitectura, as ideias aparecem e vou tomando notas. Bem, é-se obrigado a apro-

OFICIALIZADO O ENSINO DE PORTUGUÊS em escola de Nova Iorque

Portaria conjunta dos ministros dos Negócios Estrangeiros e da Educação Nacional, publicada ontem no «Diário do Governo», estabelece ao abrigo de disposições legais, que «seja oficializado o ensino básico de português ministrado na Escola Primária Portuguesa de Luis de Camões, em Nova Iorque, Estados Unidos da América».



Um exemplo do humor de Miranda

GASOLINA

JÁ REVIU O SEU CARRO?
ENTÃO VÁ A AVENIDA ELIAS GARCIA, 22-A
E VISITE A
FITAUTO

CAMBISTA TESTA

CÂMBIOS
LOTARIAS
TOTOBOLA



Se quer festa
jogue no TESTA

74, Rua do Arsenal, 78 — Lisboa-2



**MATERIAL
DE
RASTO**

CORRENTES — ROLETOS — SPR KETS
PARAFUSOS — VEIOS

PARA TODOS OS TRACTORES

CONSULTE A:

SIPEMA

LISBOA — RUA DE ARROIOS, 87-A
Tel fs. 53 46 30 e 4 68 94
BEJA — RUA DO VALE, N.º 13
Telef. 2 35 60

CERVEJARIA FAROL



de **MENDES & PINTO, LIMITADA**

VINHOS • CERVEJAS • MARISCOS

LARGO COSTA PINTO, 1 — TEL. 2765248
CACILHAS

CASA DOS TAPETES DE ARRAIOLOS

— Sempre em «stock» do melhor que se fabrica.
Todas as medidas e cores.
— Executam-se encomendas nos mais curtos prazos.
Alcatifas de todas as qualidades.
Capachos de Cairo e Esparto.
Restauros, Limpezas Franias.
Lãs e telas para tapetes de Arraiolos e de Beiriz.
RUA DA IMPRENSA NACIONAL, 116-E

Móveis Janel

MODELAR ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO
DA DECORAÇÃO DO LAR

R. Rodrigues Sampaio, 76-A—Telefone 51695—LISBOA

Caixa de Crédito Caucionado

Empréstimos sobre tudo que ofereça garantia
SIGILO — RAPIDEZ — SEGURANÇA

88, 1.º, RUA DA ASSUNÇÃO TELEF. 325334

TAPETES

FABRICAMOS
PARA TODOS OS
TIPOS DE VIATURAS

desde **150\$00**

PORTA-BAGAGENS

«APOR»

O JÁ FAMOSO PORTA-
BAGAGENS EM
DURO-ALUMINIO



**G U E D E S
& GUEDES, LDA.**

Rua de Santo António
(à Estrela), 39-A
Lx.º 3 — Tel. 67 38 70

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida **PAPELARIA FERROS** vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.

DIABÉTICOS

Sabeis, com rigor, os grammas de açúcar que tendes, usando

GLUCURINA

Frasco (20 análises)-32\$50
" (50 ")-53\$50

Só o frasco de 20 análises contém o respectivo estojo Pedido de literatura:

Pestana & Fernandes, Lda.
R. da Prata, 153-2.º, Lisboa
Porto: Rua do Almada, 83-2.º-F

pelaria
pampas

PELES — MALAS
GABARDINES
ARTIGOS
DE VIAGEM
ULTIMOS MODELOS

R. DA CONCEIÇÃO

DÃO FELICIDADE

Os anéis de Pedido, as Alianças de Casamento e de Compromisso das

OURIVESARIAS

**BARATEIRO
DE S. DOMINGOS**

Rua Barros Queirós, 56

E

SANTO ANTÃO

R. Portas de St.º Antão, 44

O JOÃO PADEIRO

ESPERA POR SI!



RESTAURANTE «O RETIRO»

IMPÉRIO DO MARISCO

AV. MARGINAL, TEL. 280232 — CASCAIS

VISCONDE DA LUZ

RESTAURANTE — BAR — ESPLANADA
CERVEJARIA — CASA DE CHÁ

JARDIM VISCONDE DA LUZ
AVENIDA MARGINAL, TEL. 280232 — CASCAIS

ALVES RIBEIRO, LDA.

Avenida 28 de Maio, 49-A
Telef. 77 15 12 e 76 18 60
Lisboa-4

**EMPREITEIROS
DE
OBRAS PÚBLICAS
E
CONSTRUÇÕES CIVIS**



GALVÃO
ELEGÂNCIA
E QUALIDADE
MALAS • PELES
ARTIGOS
DE VIAGEM

R. Augusta - LISBOA

«ESTALAGEM MUCHAXO»

Praia do Guincho

CASCAIS-PORTUGAL
Telefone 2869221
2869342

MAGNIFICAMENTE
SITUADA NUMA
DAS MAIS BELAS
PRAIAS DE PORTUGAL E A MAIS OCIDENTAL DO CONTINENTE EUROPEU.
VIVEIROS PRÓPRIOS
QUARTOS COM CASA DE BANHO
PISCINA
COM ÁGUA DO MAR



**ELECTRO
LISBOA
LIMITADA**

MATERIAL ELÉCTRICO — RÁDIO — T. V.
EQUIPAMENTO MUSICAL — DISCOS
REPARAÇÕES ELÉCTRICAS

RUA AUGUSTA, 246, 248

Telefones: 32 05 68 - 32 53 84

OS PASSAGEIROS CLANDESTINOS DA CIDADE DESEMBARCARAM NO ROSSIO

Voz off: com os cabelos longos (e desganhados) os trajos convencionais contrariando estereótipos, os adornos abusivos no «soi-disant» das convenções, eles desafiavam a «normalidade» dos cidadãos padronizados.

Eles e os pombos misturam-se no Rossio indiferentes aos transeuntes que correm apressados para os empregos ou para a euforia obsecante do consumo. Falam pouco, riem muito e quase sem ruído afirmam-se como presenças de equilíbrio na paisagem morta. Não agredem nem perturbam a harmonia da Natureza. No entanto recebem a agressão dos olhares, das palavras, dos gestos...

E apercebem-se de tudo. «Inscientes!», gritam os políticos. «Loucos!», comentam os homens tranquilos. «Escória de malandros!», afirmam os bons chefes de família. Os guardiões da hipocrisia não se pronunciam mas agem.

Porém o velho mundo espreita-os com os seus dogmas, os seus mestres-do-bem-pensar, os seus futuros presidentes, os seus truques constantemente renovados, a sua cultura, a sua técnica avançada.

De um lado a aventura do presente sem passado nem futuro; do outro o passaporte para a responsabilidade. A «reprise» da sociedade recusada espera-os travestida de cifrões.

E depois, jovens do universo vocês que queimaram bandeiras e territórios delimitados, como conseguem romper o cerco? Por enquanto limitam-se a existir, a estar, a ser. Estratégias e táticas pertencem ao arsenal dos outros.

EXISTIR

Eles são jovens. De idades variáveis entre 14 e 25 anos. A sua origem dilui-se na oção do tipo de vida. Marcam encontros nos festivais de música, nas estradas, no silêncio das praias isoladas, no Rossio (às vezes).

Na tentativa de escape ao soturno ambiente das escolas, à triste automatização dos empregos, ao sereno conforto do meio familiar, tornam-se passageiros clandestinos na cidade. Conhecem-se todos e comunicam através de uma linguagem inventada. Geralmente sabem coisas sobre Jerry Rubin. Ab-

bie Hoffam, Allen Ginsberg e Kerouak. Gostam de jazz e rock. Da filosofia oriental. Das cores vivas brilhando nas pedras dos colares que expõem, na entrada do metro.

O melhor que há a fazer é partir...

Diz um rapaz loiro de cabelo erizado, que costuma parar junto da estátua do Rossio. Já que fica longe porque não transferir do Dam para Lisboa? Por issoos «freaks» portugueses resolveram tomar o Rossio. Depressa perderam o entusiasmo. A realidade caiu-lhes aos pés.

Muita malta acha Londres melhor que Amsterdão. Eu penso de maneira oposta. No fundo tudo depende da seriedade das autoridades. Passei um tempo na Holanda e gostei daquilo.

Ao rapaz loiro chamam-lhe Parístenes (porque se parece com Cristo). Nome que ele adoptou. Apenas um reparo: o rapaz loiro não é nada místico. Temos falta de stíctos para nos reunirmos. Não nos deixam sossegados. Daí a atitude de muitos que acham melhor partir.

Muitas vozes off: proibido pisar a relva, proibido amar, proibido dormir na rua, proibido a violação da propriedade privada. E mais proibições ameaçam os nossos eros. Então Parístenes? Quem estuda ou trabalha não pode ser

freak.

Um outro jovem frequentador do Rossio, registado como Victor, mas conhecido por Ferdie King, pois tem pele negra e o sorriso igual ao do cantor de «blues» intervém na conversa.

Seguir, seguir. As pessoas deviam ser donos das suas vidas e fazer o que lhe apetece. Que interessa chegar aos quarenta anos imitando a vida dos pais?

Se há alguns que assumem a recusa outros ainda hesitantes arriscam a marginalidade em «part-time». Por medo? A educação actua sobre a espontaneidade natural e aniquila as intenções. Os cordões umbilicais não se cortam facilmente.

Gostava de viver um estilo de vida em comum... os políticos nunca transformaram nada.

Então Parístenes, que propões? Os heróis das bandas desenhadas saltam cá para fora, vírgula, inevitavelmente.

Se houver um grande número de malta a abanidar o sistema dos políticos eles são obrigados a transformar o mundo ou então desaparecem do mapa. Entretanto basbaques mórbidos de curiosidade, olham os jovens sentados na praça. Mudos, acusadores, desdenham a nesga de liberdade.

Mesmo no Dam aparecem turistas só para ver a malta. Aqui agredem-nos com palavras jogadas mas quando estamos muitos abstem-se de comentários.

ESTAR

Eles possuem a lucidez exacta. Todavia não vêm com propostas definidas - isso seria o salto para a estratificação.

Nós travamos um duelo com a sociedade de consumo. A malta freak não alinha nos formigueiros nem nos currais.



Parístenes só acredita nos marginais em tempo inteiro

Passada o tempo dos mitos, ultrapassadas as modas fáceis e portadoras de ilusões entrou-se no jogo do concreto. É o caso das comunas. Elas prosseguem lá fora, nos Estados Unidos sobretudo (onde existem para cima de duas mil) o seu trabalho de transformação paciente mas radical das relações e dos comportamentos. Toda a actividade social actualmente é parcelizada e parcelizante, ninguém soube ainda ligar globalmente a revolta sexual à política, à psicanálise e à ecologia.

Em Portugal experiências comunitárias, deram os primeiros passos. No entanto a não disponibilidade dos indivíduos que as constituíam e a inconsistência dos desejos contribuíram para a morte dessas tentativas isoladas.

Fátima, uma rapariga de 21 anos, que acabou o curso de

guia turística (profissão nunca exercida) esteve em várias «comunas». Guarda recordações boas; e também más.

Em certo aspecto aquilo foi bom mas vi que nem toda a gente pretendia o mesmo. Vendíamos artesanato e tínhamos um atelier em conjunto. Nessa altura convivíamos bastante no Rossio. Do núcleo inicial só restam duas ou três pessoas, visto que os outros partiram para o estrangeiro. Depois surgiu gente muito esquisita: os pseudo-freaks, os chamados farmácias-ambulantes... gente completamente oca.

Fátima pensa seriamente na retirada. Não da marginalidade escolhida. De convívio com os tais pseudos, do Rossio, do folclore.

Não gosto disto. Estou a ver esquemas a mais. No entanto tive uma boa experiência numa comuna do Campo de Santana instalada num prédio a cair aos bocados. Havia lá malta (portuguesa e estrangeira) que conseguiu fazer qualquer coisa...

Finalmente, e essa foi a pior, estive numa espécie de comuna em casa de um casal instalado onde vivia gente muito frustrada. As pessoas davam-se mal e aproveitavam-se uns dos outros.

Como reagia Fátima, uma das raras mulheres entre os homens, nesse ambiente?

A malta nem sequer era muito malialva. Havia uma série de ondas e paranoias. Eram capazes de passar uma noite a falar... E sobretudo eram muito violentos...

Um diálogo curto:
- Repudias a violência?
- De todas as maneiras...
- E se utilizarem a violência contra ti?
- Não me defendo...
- E se essa violência for física?
- Talvez reaja...

SER

Eles, os jovens vestidos de jeans texanos e sacos ao ombro comprados na Feira da Ladreria, resistem no século do industrialismo. Sonham com o regresso à tribo e anunciam outra etapa na vida do homem. Carlos procurou na simplicidade provinciana um pouco da-

quilo que gostaria de ser. Com outros, como ele, partiu para Odesseixe, o limite da fronteira do Alentejo-Algarve, na conquista de ar puro.

Foi um grupo da Amadora que arrancou para lá. Alugámos uma casa por duzentos escudos mensais. Sem dinheiro tentámos outra forma de vida: apanhávamos os percebes que vendíamos aos restaurantes; à noite comíamos a metade dos percebes e a parte vendida traduzíamos em aguardente de medronho. Éramos uma comuna de rapazes porque as miúdas portuguesas...

Reticências significativas. E um tom de voz aberto à pergunta que pensas das miúdas portuguesas? Depressa se desenrola a crítica sumária.

Estão sempre condicionadas às famílias. As miúdas da mamã não interessam a ninguém e as outras, com a mania de freaks, são tão parvas como as da mamã.

Carlos atira a deixa:
- Que aconteceu à comuna de Odesseixe?

- Acabou. A maioria dos meus companheiros deram o salto para a Bélgica.

- Como se processavam as vossas relações?

- De uma relação harmoniosa...

- Porque decidiste entrar nessa onda da comuna?

- Suponho que se trata de uma evolução natural. Uma pessoa toma conhecimento das ideias e vai na onda.

- Porque recusas a vida «normal»?

- Porque é aborrecida e monótona e além de mais impõe uma automatização às pessoas.

- Que pensas fazer no futuro?

- O que me apetecer...

- És livre?

- Não sou mas gostava de ser.

- Como defines a sociedade ideal?

- Na luta por uma sociedade ideal...

Acabrunhados pelo quotidiano eles buscam a fuga. Querem restituir ao mundo o estatuto de paraíso perdido. E ao homem a sensibilidade destruída em séculos de história.

LOURDES FÉRIA



Os freaks portugueses quiseram fazer do Rossio uma réplica ao Dam de Jmesterdão

SOCEL

SÓCIEDADE INDUSTRIAL DE CELULOSES, S. A. R. L.

PRESTÍGIO DA EMBALAGEM



ESTUDO, CONCEPÇÃO E EXECUÇÃO
DE TODOS OS TIPOS DE EMBALAGENS
EM CARTÃO CANELADO

PRANCHAS E BOBINAS

PASTAS PAPELEIRAS DE PINHO E
EUCALIPTO, CRUAS E BRANQUEADAS

PAPEL KRAFT

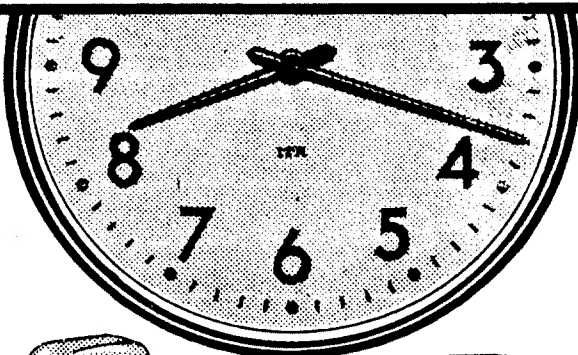
Sede: RUA CASTILHO, 90-5. — LISBOA — Tel. 48896
Serviços Comerciais: Tel. 54155/6/7/8
Instalações Fabris: Mitrena — SETUBAL

REPORTAGE

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS

LISBOA: Rua do Telhal, 8-1.º

Tel. 362508/9



ITR

EQUIPAMENTOS DE CONTROLE
DE TEMPO

RELÓGIOS DATADORES, DE PONTO, CUSTOS,
MÃO DE OBRA ETC.

ANTERIORMENTE
COMERCIALIZADOS
SOB A MARCA IBM

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
J. GONÇALVES LDA.

R. BRAAMCAMP, 15A
TELEF. 533270 - 47006 - LISBOA



EQUIPAMENTO GERAL PARA NAVIOS
DESTINADO A:

CONSTRUÇÃO	NAVEGAÇÃO
ILUMINAÇÃO	PROTEÇÃO
ISOLAMENTO TÉR-	E SEGURANÇA
MICO ACÚSTICO	PROPULSÃO
LINGAGEM	SOBRESSALENTES
E ESTIVA	SERVIÇO AUXILIAR

Sociedade Luso Elétrica Limitada
LISBOA ★ PORTO



CONFECÇÕES

Ribalta

PARA HOMEM E SENHORA

LANIFÍCIOS NOVIDADES

Tel. 87 42 53

RUA DOS FANQUEIROS, 199

ANTÓNIO MOREIRA RATO & FILHOS, LDA.

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
CIMENTO «TEJO»

TUBOS DE GRÉS — AZULEJOS — LOIÇAS SANITÁ-
RIAS — MÁRMORES E CANTARIAS

FIBROCIMENTO «NOVINCO»

Telefones: 66 08 79 - 66 37 08 - 66 15 68

Telegramas: R A T O F I L H O S

Avenida 24 de Julho, 54-G — LISBOA

A Cafeeira, Lda.

CASA CHINESA - CASA CHINESA BAR
- CAFÉ RIBATEJANO - MONTE CARLO

Armazém: Rua dos Sapateiros, 213-215 — T. 32 85 65

Escritório: Rua dos Anjos, 13-4.º-Dt.º

Telefs. 4 96 61 e 56 28 85 — LISBOA

AUTO RECANTO DE CANEÇAS

De: FRANCISCO PEDRO



MECÂNICA — CHAPA — PINTURA — ESTOFADOR
LARGO ANTÓNIO DUARTE SACA VEM

Telefone 92 08 29

CANEÇAS



LUCILAR

Artigos Eléctricos
**BORBA, PEREIRA
& RODRIGUES, LDA.**

Armazém de Material Eléc-
trico, Candelários, Artigos
Sanitários, T. S. F., T. V.,
Frigoríficos, Instalações de
Luz, Água, Gás e Aque-
cimento

Rua de S. José, 173
Telefs. 32 45 22 e 36 83 36
LISBOA-2

CASA TIROL

RUA DA PRATA, 70
É A CASA QUE MAIS
BARATO VENDE BEBI-
DAS E QUEIJOS NA-
CIONAIS E ESTRAN-
GEIROS E MERCEA-
RIAS FINAS

Sapataria ORION

Sempre as últimas
novidades para

SENHORA e HOMEM
Rua Garrett, 42—LISBOA

DINHEIRO

Empresta-se ao juro da lei
sobre todos os artigos que
ofereçam garantia

Compra e vende antigui-
dades, ouro, jóias, etc.
JOSÉ MAYER HERD.

Telefone 32 28 81
RUA DO LORETO, 18

PANGIAUTO

Compra, vende e troca
automóveis

Amplas facilidades
AV. PANGIM, N.º 11-C
AMADORA

STAND

Carvalhauto, Lda.

Compra, Vende, Troca
Novos e Usados

Gerência de:
A. CARVALHO
Av. João Crisóstomo, 41 A
Tel. 54534 LISBOA



KISSINGER E OS "NOVE"

Terá Kissinger puxado um pouco de mais pelo fio da solidariedade atlântica? Não terá forçado a nota, declarando que os Estados Unidos, enquanto potência mais forte do mundo ocidental, não devem recear afirmar o seu *leadership*, vilando à carga com o seu pedido de ser associado a todas as decisões dos Nove? O certo é que Jobert parece sentir-se agora um pouco menos só entre os seus colegas da C.E.E., quando manifesta o seu mau humor perante as pressões do «grande irmão».

Os alemães, assombrados com as censuras que lhes são dirigidas, tiveram que lembrar que o secretário americano tinha já sido largamente informado pelos seus cuidados das intenções europeias sobre um diálogo euro-árabe. Mesmo na imprensa holandesa, normalmente erguida contra a política de Paris, se lê que, afinal de contas, a França é mais europeia que a América do Norte e que a ideia de uma cooperação entre o Velho Continente e o Mundo Árabe não é assim tão má: é o que anota, por exemplo, o semanário socialista *Vry Nederland*. E foi provavelmente num gesto de mau humor contra a Comunidade no seu conjunto, e não apenas relativo a França, que Washington pediu o adiamento da reunião a dez no decurso da qual deveria ser trabalhada a declaração conjunta CEE-E.U.A.

Sem dúvida, seria um erro a diplomacia francesa começar desde já a cantar vitória. Nada indica que a opção fundamental sobre o «atlantismo» — reafirmado pelos outros países na

cimeira passada de Washington — tenha sido modificada.

Todavia, os oito «partenaires» da França não entendem por isso que solicitações demasiadas prementes dos Estados Unidos os levem a pôr em questão os progressos módicos mas indiscutíveis realizados nestes últimos meses em matéria de cooperação política.

E, em compensação, mais duvidoso que os «partenaires» de Jobert o sigam no terreno eminentemente delicado em que ele penetrou aos microfones de Europa 1, afirmando que fazia passar a «dignidade» da França à frente da manutenção ou não das tropas americanas na Europa, presença dita por Jobert «não fundamental». Para a maior parte dos europeus, e para os alemães em primeiro lugar, a presença destas tropas é condição *sine qua non* da segurança; o próprio Pompidou tinha declarado em Reykjavik que esta presença lhe parecia de extrema importância. As afirmações do ministro dos Negócios Estrangeiros francês constituem portanto uma inovação. Esta não apenas quadra melhor com a política de independência procurada pela França como deverá contribuir para clarificar um debate essencial.

Das duas uma, com efeito: a) Ou os Estados Unidos mantêm tropas na Europa por razões da sua própria segurança e interesse. Foi neste sentido que se pronunciaram recentemente Hartmann, encarregado das questões europeias no departamento, e o próprio Kissinger. Mas nesse

caso é aos Estados Unidos que cabe determinar a natureza da sua presença e de pagar os respectivos custos.

b) Ou então esta presença é uma caridade consentida aos europeus. E um pouco o que deixam entender os mesmos

responsáveis americanos quando querem «trocar» as garantias de segurança por facilidades noutros domínios. Neste caso, vê-se mal como poderá a C.E.E. defender a sua autonomia relativamente aos Estados Unidos.

Câmara Municipal de Lisboa

6.ª Repartição — Informação, Espectáculos e Turismo

PUBLICAÇÕES TURÍSTICAS

MONOGRAFIAS DE ARTE E TURISMO: «O Tejo», por Mário Pires; «Parque Municipal de Turismo e Campismo», por Janine Quintin e João Pina Vidal; «Miradouros de Lisboa», por João Pina Vidal; «Jardins de Lisboa», por Natércia Freire; «Alfama», por João Pina Vidal. Ao preço de 7550 cada.

Outras publicações:

«Lisboa - Roteiro Turístico» — ao preço de 12550
«Lisbonne et son charme» — » » 25500
«Lisbona e suoi incanti» — » » 25500



AUTO

JOAQUIM
SIMÕES
NUNES, LDA.

Automóveis

Compra Vende Troca

— ACESSÓRIOS —

Agentes das BATERIAS HAGEN, SEGUROS, etc.
STAND E Acessórios

Av. General Roçadas, 36-C/D — Tel. 846618 — Lisboa

CASACOS DE ANTILOPE E CABEDAL



PREÇOS DE FABRICA

Com as ideias mais actuais da moda, apresentamos variadíssimo sortido em casacos de antilope e cabedal, sobretudo, blusões, camisetes, safaris, etc. Tanto para homem, senhora e jovens

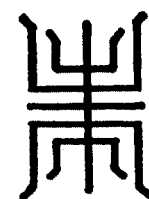
ÚNICA NO GÉNERO QUE EXECUTA POR MEDIDA, TRANSFORMA e LIMPA TODA A CONFEÇÃO DE ANTILOPE E CABEDAL

N A V A M A R
É FÁCIL COMPRAR
CASA ESPECIALIZADA

EXCLUSIVOS

LISBOA:

RUA JOÃO DAS REGRAS, 3, 3.ª-ESQ.
(à Praça da Figueira, antiga Rua do Amparo)
EM COIMBRA: RUA DA SÓFIA, 111-113



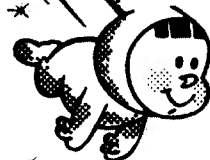
EXÓTICA

Especializada em arcos de cânfora
Todos os artigos de arte oriental

Av. de Roma, 48-A

Telefone: 71 53 99

COMO QUE POR ENCANTO***



OS SEUS BOLOS VÃO FICAR MARAVILHOSOS

COMO SE FOSSEM FEITOS
PELO MAIS CONHE-
GRADO PASTELEIRO,
E TAMBÉM MUITO
ECONÓMICOS COM A

COBERTURA

Regiroa



CASA AFRICANA



PRIMAVERA VERÃO

ÚLTIMAS NOVIDADES
EM

PRONTO A VESTIR

PARA

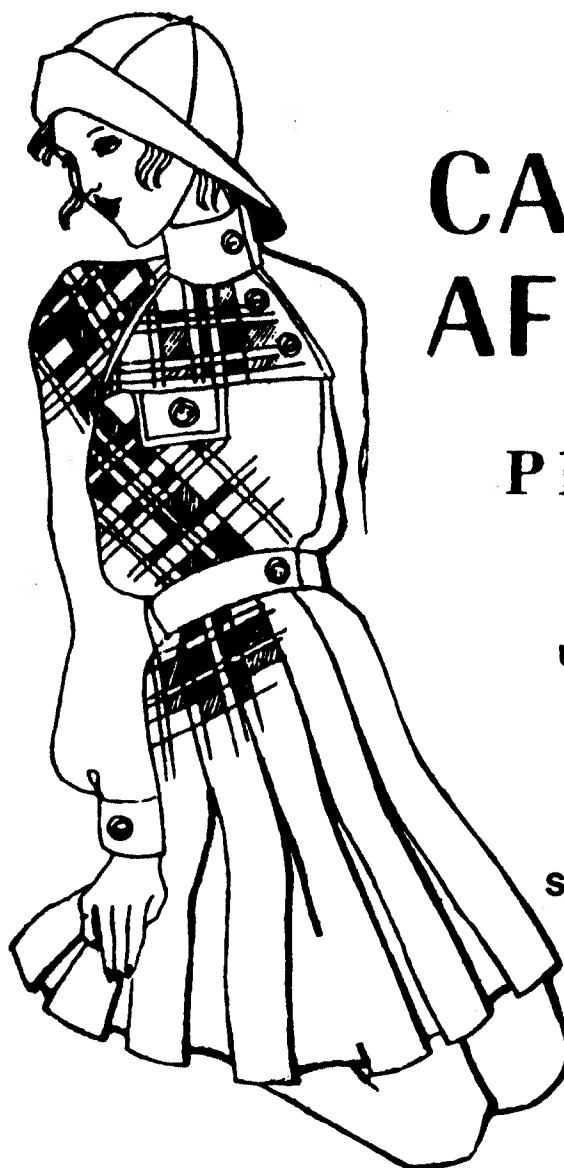
SENHORAS — HOMENS

E CRIANÇAS

TECIDOS A METRO

SEDAS — Lãs

ALGODÕES



TEMPO DE VERTIGEM TEMPO DE CALMANTES

Texto de
TORQUATO DA LUZ
Fotomontagem de
RUI PACHECO

O inegável aumento do consumo de calmantes que tem vindo a verificar-se nos últimos anos entre nós está, segundo especialistas, directamente relacionado com a agitação da vida moderna, geradora de ansiedade. Tal consumo não atingiu em Portugal, possivelmente, os números que as estatísticas referem para outros países. Mas mesmo sem sairmos do círculo dos nossos conhecimentos pessoais, é incontestável notarmos serem cada vez mais os indivíduos que dizem ingerir, no acto de se deitarem, a ilusão «tábua de salvação» que lhes dará direito a uma noite sem sobressaltos.

Sem o comprimido ser-me-ia impossível viver. Já experimentei, por duas ou três vezes. O resultado é ter sonos breves, pesadelos e, no dia seguinte, um enorme mal-estar, com dores de cabeça, sensação de desequilíbrio, vertigens, etc. — diz-nos F. G., de 42 anos, casado, residente em Lisboa.

Foi o médico que lhe aconselhou esses comprimidos ou toma-os por iniciativa própria? — perguntámos.

A farmácia só os vende mediante receita médica, o que acho muito bem. Já falei ao médico nos possíveis inconvenientes desta habitação. Considerou-os de somenos e julga possível contrariá-los. Por mim, que já os tomo vai para dez anos, penso que facilmente deixarei os comprimidos até ao fim da vida.

O caso de F. G. é vulgar. Segundo nos contou, não houve, no entanto, a motivação directa das insónias. Dormia bem, mas sentia-se deprimido. O médico prescreveu-lhe então os comprimidos tais. Habitou-se. Mais vulgar é, ainda, o caso do indivíduo ameaçado pelo espectro das noites em claro e que então, recorre aos soníferos. Insónia é, etimologicamente, a ausência de sono. Há insónias motivadas por causas físicas (dores, febre, dispneia, etc.). Nas psicoses, a insónia é típica da depressão (acordar muito cedo, angustiado), da excitação maníaca (sono curto, intranquilo, despertar agitado), confusão mental (alteração do ritmo do sono-vigília, estados intermédios de turvação da consciência, com onirismo). E há insónias causadas por encefalopatias (encefalites, alterando com sonolência; lesões do diencefalo).

Segundo Barahona Fernandes, nas neuras há uma falsa insónia (receio hipocríndico ansioso de não dormir), ou dificuldades de adormecer, sono intranquilo, etc. As intoxicações (anfetamina, café e outros estimulantes) podem ocasionar insónias. (Cf. Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, vol. X, p. 1538).

«TUDO COMEÇOU...»

Tudo começou quando,

um dia, na praia, perdi os sentidos. Logo nessa noite, não consegui dormir. Ao levantar-me, estava tonto. Isto foi aí uns dois anos antes de ir para a tropa. Queixei-me ao médico de insónias. Receitou-me os comprimidos e passei a dormir bem — disse-nos J. Almeida, de 29 anos, gerente comercial, pai de duas crianças. E continuou:

Mas no primeiro dia de serviço militar, ao chegar à cama verifiquei que estava exausto e que talvez pudesse passar sem aquilo. Andei por fora dois anos e nunca tomei calmantes. Sinto-me bem e nem quero pen-

Numa acepção genérica, pode dizer-se que calmante é o medicamento que atenua qualquer função anormalmente excitada, diminuindo a irritabilidade celular. Em terapêutica é o medicamento que actua ao nível do sistema nervoso central, diminuindo a excitabilidade psíquica (sedante) ou a dor (analgésico).

A ansiedade encontra-se em vários estados mórbidos, tais como a melancolia, ausência alucinatória, epilepsia, histeria, morfismo, etc. Pode predominar numa forma de melancolia — melancolia ansiosa — caracterizada por um sentimento de angústia e terror, determi-

além de protegerem em relação ao «stress» psíquico, completam a terapêutica pelos antidepressivos, podendo combinar-se com esses medicamentos, como outros psicofármacos, cujo efeito exaltam e em certa medida aceleram. Tomados à noite, antes de deitar, actuam como indutores do sono, que assim se torna muito semelhante ao sono fisiológico.

DESAJUSTAMENTO

O médico verifica que as pessoas têm problemas de desajustamento social e, para lhes dar uma ajuda imediata, vê-se obrigado a recetar os ansiolíticos. Claro que pode fazê-lo um pouco

te facto, entre outros, o aumento do consumo de ansiolíticos.

A reacção ao fármaco é diferente para cada caso, para cada indivíduo, para cada situação. Em geral, as pessoas recorrem aos ansiolíticos não porque sofrem de insónia pura, mas porque precisam de contrariar a angústia que decorre das condições de vida na sociedade actual. Não se trata, pois, propriamente, do desejo de dormir, mas da vontade de descansar, de esquecer.

Acerca da habituação, a nossa entrevistada referiu o incorrecto uso que normalmente se faz do termo, sublinhando que a habituação

e a experiência humanas. Os peixes lutadores, sob a influência da reserpina e do meprobamato, não só deixam de lutar, como fogem. Pelo contrário, os barbitúricos deprimem o peixe mas não alteram a sua vontade de lutar, quando atacado.

As pesquisas sobre o uso das drogas não podem, de forma nenhuma, ser tidas por conclusivas; mas parece aceitar, em princípio, que os sedativos deprimem as funções mentais. No entanto, aparentemente, os novos tranquilizantes trazem a paz sem perda de consciência.

Não, não sinto quaisquer problemas por tomar o calmante todas as noites — diz-nos E. P., de 25 anos, solteiro, estudante universitário. Falhas de memória? Já falei nisto ao médico. Aliás, quem as não tem? Pelo contrário, sinto-me muito melhor. O comprimido à noite dá-me muita confiança, muito autodomínio. Não sei o que poderia fazer sem ele.

E conta-nos:

Tenho uma úlcera duodenal. Comecei a tomar comprimidos por causa dela, não porque sofresse de insónias.

Um dos sintomas neuróticos mais comuns é o estado de medo contínuo. Ao contrário do medo normal, que é uma reacção antecipada a futuros problemas. É a este que, em psicologia, se chama vulgarmente «ansiedade».

A ansiedade pode ser fraca ou intensa, ocasional ou contínua. Quando é fraca, mas contínua, chama-se preocupação. Quando é fraca, mas contínua, chama-se preocupação. Quando é ocasional, mas intensa, pânico.

Jamais tomara qualquer coisa do género, mas quando o meu filho foi para fora comecei a ter insónias, dores por todo o corpo e, ao mesmo tempo, uma estranha sensação de instabilidade — revela-nos D. Maria B., de 45 anos, professora particular, casada. Acrescenta:

Fui ao médico, que me receitou... (diz a marca dos comprimidos). Passei a dormir sossegada; às vezes, a princípio, sentia, durante o dia, um certo cansaço. Sabia que, se me deitasse, dormiria. Mas, sempre reagi e, actualmente, embora continue a tomar o comprimido todas as noites, esses sintomas desapareceram.

As pessoas normais acham a preocupação justificada. Os psiquiatras não podem negar que o mundo possui perigos e desconfortos visíveis e invisíveis. Está certo, portanto, tomar precauções contra os acontecimentos, inevitáveis ou prováveis. «No entanto, recuar antecipadamente esses acontecimentos não só é inútil como prejudicial» — diz-se na obra atrás citada.

Se algumas conclusões se quisessem tirar deste apressado apontamento, uma delas não deixaria de ser a de que os ansiolíticos são um preço (entre muitos outros) que pagamos pelo duro tempo em que nos é dado viver.



sar em voltar aos comprimidos.

A generalidade das pessoas com quem falámos manifestou, aliás, certa «má vontade» contra os soníferos: dizendo não poderem passar-se eles, ambicionam vir a libertar-se de tal «escravização». Não constituindo um grupo farmacológico definido, os calmantes compreendem os sedativos clássicos (brometos, valeriana, etc.), os tranquilizantes (meprobamato, fenotiazinas, reserpina, etc.), os hipnóticos em doses moderadas (barbitúricos, hidrato de cloral, metiprilona, etc.), os analgésicos do grupo da morfina e os antipiréticos (ácido acetilsalicílico, etc.). Numerosas especialidades farmacêuticas são formadas por associações destas drogas.

nando movimentos desordenados; daí o nome de melancolia activa que também lhe é dado por alguns autores.

Muitos directores de empresa, chefes, indivíduos a quem, em suma, estão confiados cargos de certa responsabilidade apresentam sintomas de «stress» psíquico. Daí o recurso aos ansiolíticos, os quais, suprimindo ou excluindo os factores emocionais, eliminam as predisposições para as doenças com origem emotiva ou psico-reactivas. Os médicos habituaram-se a receitá-los, porque, designadamente, a sua acção auxilia a exploração psíquica no domínio da psicoterapia.

Os doentes, por sua vez, experimentam uma melhoria da disposição de espírito. Com efeito, os ansiolíticos,

inconscientemente; mas, na maioria dos casos, sabe por que o faz. Aliás, os ansiolíticos não têm, em princípios, acções secundárias graves — afirma-nos um médico de clínica geral, também especializado em cardiologia.

E a habituação? — perguntámos.

O médico não desconhece que, com os ansiolíticos, não vai curar. Mas o aspecto da habituação não parece muito relevante, porque é cada vez maior a gama de drogas no mercado.

Por sua vez, uma médica psiquiatra interna de um dos estabelecimentos hospitalares especializados de Lisboa, depois de nos delcarar que «o problema é muito complexo», manifestou a opinião de que «toda a situação social actual gera a ansiedade», atribuindo a es-

é a dependência total e absoluta do fármaco, a impossibilidade de se viver sem ele, a sensação que a pessoa tem de que tudo, absolutamente tudo, será capaz de fazer para o conseguir, se lhe faltar.

E, salientando uma vez mais que o problema «não pode ser tratado superficialmente, mas sim em todas as suas implicações de natureza científica e social», acentuou que, em todos os casos, a ingestão de ansiolíticos deverá fazer-se sob constante vigilância médica.

AUTODOMÍNIO

No seu livro «Introdução à Psicologia», Abraham Sperry e H. S. Gill referem que as drogas tranquilizantes (ataráxicos) afectam o comportamento animal, assim como o comportamento